

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULINE PEIXOTO IGLESIAS VARGAS

TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO
BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA (2013-2021):
A PERSPECTIVA DOS GINASTAS

CURITIBA

2021

PAULINE PEIXOTO IGLESIAS VARGAS

TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO
BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA (2013-2021):
A PERSPECTIVA DOS GINASTAS

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Educação Física, no Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro.

CURITIBA

2021

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas
(Giana Mara Seniski Silva – CRB/9 1406)

Vargas, Pauline Peixoto Iglesias

Trajectoria esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (2013-2021) : a perspectiva dos ginastas. / Pauline Peixoto Iglesias Vargas. – Curitiba, 2021.

185 p.: il.

Orientador: André Mendes Capraro.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Ginástica artística. 2. Ginástica olímpica para homens. 3. Atletas olímpicos. 4. Olimpíadas. I. Título. II. Capraro, André Mendes. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (22. ed.) 796.44

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **PAULINE PEIXOTO IGLESIAS VARGAS** intitulada: "**TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA (2013-2021): A PERSPECTIVA DOS GINASTAS**", sob orientação do Prof. Dr. ANDRÉ MENDES CAPRARO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 16 de Dezembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
16/12/2021 17:33:41.0
ANDRÉ MENDES CAPRARO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
20/01/2022 14:13:09.0
IEDA PARRA BARBOSA RINALDI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

Assinatura Eletrônica
19/01/2022 15:21:15.0
FERNANDO MARINHO MEZZADRI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
16/12/2021 18:13:55.0
MARYNELMA CAMARGO GARANHANI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
17/12/2021 00:37:00.0
MAURICIO DOS SANTOS DE OLIVEIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO)

*Ao Bruno, que me proporcionou a incrível
experiência de ser mãe de atleta.*

AGRADECIMENTOS

A carreira acadêmica é, assim como a trajetória esportiva, um fenômeno multidimensional, permeada de singularidades e influenciada pelo ambiente. No meu caso específico, eu diria que demasiadamente apoiada pelas pessoas ao meu redor.

Bom, o atleta precisa de suporte nas atividades diárias para assim permanecer treinando. No meu caso, meu esposo, Neimar, ofereceu tal apoio diariamente, nesses mais de seis anos de tripla jornada (professora, estudante e mãe). Do silêncio na casa aos finais de semana às refeições elaboradas com carinho depois de longas jornadas de estudo, ele sempre esteve lá. Não tenho palavras para agradecer o suporte logístico e emocional que ele me proporcionou nessa jornada.

Aliás, nosso menino, que nem se lembra “como era a mãe antes dos estudos”, já é um adolescente. Ele que me oportunizou a experiência incrível de ser mãe de atleta, que me traz questionamentos nunca pensados antes. Bruno, muito obrigada por iluminar e alegrar todos os nossos dias.

A minha família foi a principal responsável pelo suporte emocional para enfrentar os desafios da vida acadêmica. Exatamente como para os atletas! Por isso, meu muito obrigado a minha mãe, Thelma, que vibrou desde o início e esteve sempre disposta a ajudar e facilitar o meu dia a dia. A minha irmã, Priscila, que, mesmo com a distância física, sempre esteve próxima e curiosa acerca dos meus estudos. Além delas, aos sogros queridos, Neiva e Leo, meu sincero agradecimento.

Todo atleta precisa de um treinador. Pois bem, eu tive o André. Ele que acreditou num talento (que nem eu sabia que tinha), orientou, corrigiu e guiou a minha carreira acadêmica. Serei eternamente grata por ele direcionar os meus estudos com toda a sua sabedoria, competência e respeito.

A escrita acadêmica, por vezes, é solitária. Da mesma forma que o treinamento de um atleta de uma modalidade individual, como a ginástica. Com isso, a equipe se torna fundamental! Meu muito obrigado aos integrantes do grupo de estudos, Maria, Ivo, Laís, Jonathan, Bia, Nath, Canedo, Joana, Elo, Angela e Leo. Eles que leram atentamente cada parte dessa tese e contribuíram com questionamentos e provocações.

O que seria do ginasta sem a banca arbitragem? Pois bem. Agradeço aos professores da minha banca, Nelma, Ieda, Maurício e Mezzadri, os quais auxiliaram sobremaneira na construção e análise desse trabalho, desde a etapa de qualificação.

Devo um agradecimento especial aos ginastas participantes da pesquisa, Zanetti, Nory, Chico, Caio e Bisteca. Meninos de ouro que me receberam com sorriso no rosto, sem pressa e com a maior humildade. Suas narrativas me ensinaram muito além do campo acadêmico.

Por fim, agradeço pelas oportunidades que tive na vida. Estudar na UFPR com certeza foi uma delas, desde a graduação em 2000. Fazer parte do Inteligência Esportiva certamente é uma experiência incrível que me possibilitou aproximar os conceitos acadêmicos da prática. Ter condições estruturais para me dedicar ao doutorado foi fundamental. E, por fim, cruzar com pessoas especiais com as quais compartilho essa tese.

RESUMO

Tendo em vista a recente ascensão dos ginastas brasileiros, a presente tese teve por objetivo compreender aspectos da trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (GAM), participantes das principais competições internacionais da modalidade nos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro e para Tóquio (2013-2021). Para tanto, foram estabelecidos sete objetivos específicos, os quais tornaram-se artigos da pesquisa em formato *multipaper*, tendo como fio condutor a trajetória esportiva. Os dois primeiros artigos analisaram e revisaram a produção bibliográfica sobre a GAM e a trajetória esportiva de ginastas, respectivamente. A análise da produção acadêmica descreveu a reduzida literatura específica acerca da GAM, encontrou os principais pesquisadores da modalidade, destacou a *Science of Gymnastics Journal* como a principal revista da área, e identificou que temáticas relacionadas aos aspectos sociais, históricos e políticos da GAM são pouco exploradas. A revisão sistemática, por sua vez, apontou aspectos emocionais que influenciam na trajetória esportiva, tais como apoio parental e a relação com o treinador. Observou-se questões relacionadas à estrutura física e ao financiamento como fundamentais para a continuidade do atleta em formação. Os estudos seguintes descreveram a iniciação esportiva, o apoio parental, a relação interpessoal com o treinador e o apoio financeiro recebido por ginastas da seleção brasileira de GAM (Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto e Lucas Bitencourt). Os dados foram coletados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com cinco atletas que representaram o Brasil nos Campeonatos Mundiais de Ginástica Artística e Jogos Olímpicos dos ciclos olímpicos do Rio de Janeiro (2016) e de Tóquio (2021). O último artigo debruçou-se na principal política pública para o desenvolvimento do esporte brasileiro, o Programa Bolsa Atleta. A análise dos contemplados pela categoria Pódio apontou que os auxílios financeiros são essenciais para o atleta permanecer no treinamento e corroborou com as narrativas dos atletas que indicaram a lógica meritocrática do Programa. Portanto, conclui-se que a trajetória esportiva dos atletas de GAM foi, no início, fortemente influenciada pelos pais, incentivada por profissionais de educação física que atuaram no sentido de identificar e encaminhar talentos, financiada especialmente pelo Bolsa-Atleta, e continuada em locais com estrutura física adequada e treinadores capacitados, com os quais os atletas mantêm boa relação. Ao chegar na elite esportiva, outros incentivos financeiros foram incorporados, porém, nota-se uma sobreposição de ações que utilizam recursos da União.

Palavras-chave: Esporte de elite. Esporte Ginástico. Carreira esportiva. Ginástica para homens. Jogos Olímpicos.

ABSTRACT

Considering the recent rise of Brazilian gymnasts, this thesis aimed to understand the sporting trajectory of the athletes of the Brazilian men's artistic gymnastics team (MAG), participating in the main international competitions of the sport in the Olympic cycles for Rio de Janeiro and Tokyo (2013-2021). For this purpose, seven specific objectives were established, which became research articles in multi-paper format, having the trajectory of the sport as a guiding principle. The first two articles analyzed and reviewed the literature on MAG and the sport's trajectory of gymnasts, respectively. The analysis of academic production described the limited specific literature about MAG, found the main researchers of the sport, highlighted the Science of Gymnastics Journal as the main journal in the area, and identified that themes related to social, historical, and political aspects of MAG are little explored. The systematic review, in turn, pointed out emotional aspects that influence the sports trajectory, such as parental support and the relationship with the coach. Issues related to the physical structure and financing were observed as fundamental for the continuity of the athlete in training. The following studies described sports initiation, parental support, the interpersonal relationship with the coach, and the financial support received by gymnasts from the Brazilian MAG team (Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto, and Lucas Bitencourt). The data were collected from semi-structured interviews with five athletes who represented Brazil in the World Artistic Gymnastics Championships and Olympic Games of the Rio de Janeiro (2016) and Tokyo (2021) Olympic cycles. The last article focused on the main public policy for the development of Brazilian sport, the *Bolsa Atleta*. The analysis of those covered by the Podium category pointed out that financial support is essential for the athlete to remain in training and corroborated the narratives of the athletes who indicated the meritocratic logic of the Program. Therefore, it is concluded that the sporting trajectory of MAG athletes was, in the beginning, strongly influenced by their parents, encouraged by physical education professionals who worked to identify and forward talents, financed especially by *Bolsa Atleta*, continued in places with a physical structure appropriate and capable coaches, with whom the athletes maintain a good relationship. Upon reaching the elite of the sport, other financial incentives were incorporated, but there is an overlap of actions that use federal resources.

Keywords: Elite sport. Gymnastic Sport. Sports career. Men's gymnastics. Olympic Games.

LISTA DE GRÁFICOS

ARTIGO 1

GRÁFICO A1.1 – QUANTIDADE DE ARTIGOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO	44
GRÁFICO A1.2 – DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS POR ASSUNTOS.....	46

LISTA DE QUADROS

INTRODUÇÃO

QUADRO 1 – PRINCIPAIS RESULTADOS DOS GINASTAS BRASILEIROS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA PEQUIM (2008).....	19
QUADRO 2 – PRINCIPAIS RESULTADOS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA LONDRES (2012)	20
QUADRO 3 – PRINCIPAIS RESULTADOS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA O RIO DE JANEIRO (2016)	21
QUADRO 4 – PRINCIPAIS RESULTADOS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA TÓQUIO (2021).....	22
QUADRO 5 – TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES A RESPEITO DA GA (ATÉ NOVEMBRO DE 2021)	29
QUADRO 6 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	38
QUADRO 7 – ADEQUAÇÕES DA TRANSCRIÇÃO	39

ARTIGO 1

QUADRO A1.1 – PRINCIPAIS AUTORES E FILIAÇÃO	44
QUADRO A1.2 – PERIÓDICOS QUE MAIS PUBLICARAM SOBRE GAM	45

ARTIGO 2

QUADRO A2.1 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM A ANÁLISE DE CONTEÚDO	61
QUADRO A2.2 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA OU PERSPECTIVA CULTURAL	63
QUADRO A2.3 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM HISTÓRIA ORAL E OUTROS MÉTODOS DE ANÁLISE	64

ARTIGO 3

QUADRO A3.1 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	83
--	----

ARTIGO 4

QUADRO A4.1 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	102
--	-----

ARTIGO 5

QUADRO A5.1 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E BREVE BIOGRAFIA
ESPORTIVA..... 116

ARTIGO 7

QUADRO A7.1 – ATLETAS DE GAM CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA
PÓDIO (2014-2020) E PRINCIPAIS RESULTADOS 154

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 6

TABELA A6.1 – RECEITAS DA CBG ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2019 (VALORES EM MILHARES DE REAIS)	140
TABELA A6.2 – DESPESAS DA CBG ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2019 (VALORES EM MILHARES DE REAIS)	141

LISTA DE SIGLAS

ABT	–	Academia Brasileira de Treinadores
AGITH	–	Associação de Ginástica Artística Di Thiene de Pais e Mestres
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBC	–	Comitê Brasileiro de Clubes
CBG	–	Confederação Brasileira de Ginástica
CCE	–	Comissão de Ciência e Educação
CEF	–	Caixa Econômica Federal
CEP/IH	–	Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas
CEPELS	–	Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade
CM	–	Campeonato Mundial
COB	–	Comitê Olímpico do Brasil
CONEP	–	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CPB	–	Comitê Paralímpico Brasileiro
CT	–	Centros de Treinamentos
DMSP	–	Developmental Model of Sport Participation
FIG	–	Federação Internacional de Ginástica (<i>Federation Internationale de Gymnastique</i>)
GA	–	Ginástica artística
GAF	–	Ginástica artística feminina
GAM	–	Ginástica artística masculina
GR	–	Ginástica rítmica
HEA	–	<i>Holistic Ecological Approach</i>
IE	–	Inteligência Esportiva
JCR	–	<i>Journal Citation Reports</i>
JO	–	Jogos Olímpicos
PAAR	–	Programa de Atletas de Alto Rendimento
PBA	–	Programa Bolsa Atleta
PBAP	–	Programa Bolsa Atleta Pódio
PPGEF	–	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
SJR	–	<i>SCImago Journal Rank</i>
SNEAR	–	Secretaria Nacional de Esportes de Alto Rendimento

- SPLISS – *Sports Policy factors Leading to International Sporting Success*
- UEL – Universidade Estadual de Londrina
- UEM – Universidade Estadual de Maringá
- UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

PRÓLOGO	16
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 OBJETIVOS.....	23
1.2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE TRAJETÓRIA ESPORTIVA	24
1.3 PROJETO DE PESQUISA INTELIGÊNCIA ESPORTIVA.....	26
1.4 PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL	27
1.5 FORMATO DA TESE	33
1.6 APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS DA COLETÂNEA	35
1.7 AS ENTREVISTAS	37
2 ARTIGO 1 - O PERFIL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA A RESPEITO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA A PARTIR DO <i>WEB OF SCIENCE</i> E <i>SCOPUS</i>	41
2.1 INTRODUÇÃO.....	41
2.2 METODOLOGIA.....	42
2.3 RESULTADOS	43
2.4 DISCUSSÃO.....	46
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53
3 ARTIGO 2 - A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	57
3.1 INTRODUÇÃO.....	57
3.2 METODOLOGIA.....	58
3.3 RESULTADOS	59
3.4 DISCUSSÃO.....	67
3.4.1 Infraestrutura	67
3.4.2 Suporte Financeiro.....	68
3.4.3 Apoio Parental	70
3.4.4 Relação Treinador-Atleta	71
3.4.5 Preparação para o Pós-Carreira	73
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	75

4	ARTIGO 3 - A INICIAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA (2017-2021)	81
4.1	INTRODUÇÃO.....	81
4.2	MATERIAIS E MÉTODOS.....	82
4.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	84
4.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	94
5	ARTIGO 4 - O APOIO PARENTAL NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA	100
5.1	INTRODUÇÃO.....	100
5.2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	102
5.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	103
5.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	111
6	ARTIGO 5 - A RELAÇÃO COM O TREINADOR NA TRAJETÓRIA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA	115
6.1	INTRODUÇÃO.....	115
6.2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	116
6.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	118
6.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS	127
7	ARTIGO 6 - O SUPORTE FINANCEIRO NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DOS ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA	132
7.1	INTRODUÇÃO.....	132
7.2	METODOLOGIA.....	133
7.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	134
7.3.1	O suporte financeiro no início da carreira esportiva.....	134
7.3.2	O Programa Bolsa Atleta.....	135
7.3.3	Programa de Atletas de Alto Rendimento	138
7.3.4	A Confederação Brasileira de Ginástica e os clubes	140
7.3.5	Os patrocínios privados	143
7.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	144

REFERÊNCIAS	145
8 ARTIGO 7 - RESULTADOS DOS ATLETAS BRASILEIROS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA PÓDIO	149
8.1 INTRODUÇÃO.....	149
8.2 ESTUDO DE CASO EXPLORATÓRIO COM BASE EM EVIDÊNCIAS	151
8.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	153
8.4 RESULTADOS	154
8.5 DISCUSSÃO.....	161
8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	166
9 CONCLUSÃO.....	170
REFERÊNCIAS	176
ANEXO I – Comprovante de publicação - Artigo 1.....	182
ANEXO II – Comprovante de publicação - Artigo 2.....	183
ANEXO III – Comprovante de publicação - Artigo 6.....	184
ANEXO IV – Comprovante de publicação - Artigo 7.....	185

PRÓLOGO

Aprendi com a história oral que os indivíduos narram as suas experiências vividas a partir de marcos pessoais. Pois bem, a minha história de vida (até aqui) está pautada na ginástica.

Aos seis anos de idade, comecei a praticar a então ginástica olímpica. Ali da escolinha já admirava as atletas mais velhas e me encantava com as acrobacias típicas da modalidade. Depois de algum tempo, migrei para a ginástica rítmica (GR); na época, era novidade na escola e a professora estava recrutando meninas para formar a equipe escolar.

A prática da GR, quando criança, me oportunizou experiências incríveis: participar de inúmeros festivais, hospedar em alojamentos (sempre muito divertido), conhecer atletas e treinadores de outras cidades, viajar dentro e fora do estado etc. Além disso, treinar ginástica me ensinou princípios inerentes ao esporte, tais como: responsabilidade; disciplina; alimentação saudável; e tantas outras coisas.

Por isso, não foi difícil fazer a opção por continuar envolvida com a ginástica. Aos 17 anos, entrei no curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) com a intenção de ser treinadora de GR. Nessa época eu já arbitrava competições estaduais e comecei a estagiar na área. Foram quatro anos em que em todos os trabalhos da universidade eu dava um jeito de focar na ginástica.

Depois de formada, alcancei meu objetivo inicial, atuei como treinadora de GR e experienciei outras facetas do esporte. As dificuldades de ser mãe e esposa numa profissão financeiramente instável, além das inúmeras deficiências que apresentei como treinadora, me impulsionaram para mudar de área de atuação.

A ginástica de novo! Como professora escolar atuei com as diferentes modalidades ginásticas e precisei aprender formas pedagógicas de ensinar. Isso me levou à docência... adivinha? Ginástica!

Ensinar a ensinar é uma tarefa complexa e apaixonante! Diante da certeza de que essa seria a carreira que eu iria trilhar, busquei a formação acadêmica necessária. No mestrado, tive a oportunidade de estudar o esporte escolar, numa perspectiva histórica. Obviamente a ginástica estava lá! Aliás, foi um trabalho de memória em que eu estava completamente envolvida com o objeto. Enfim, tive a oportunidade de mostrar outras perspectivas da prática de esporte em escolas que era tão criticada na época de minha graduação. Bom, voltar para os corredores da UFPR foi a realização de um sonho, por isso, não queria perder nenhuma chance. Foi assim que veio o doutorado...ah, o doutorado!!!

Lembro-me bem quando o André me apoiou para estudar a ginástica. Que felicidade! Tantas facetas a serem exploradas, porém algo repetidamente me incomodava: como pode esses meninos da ginástica conquistarem tantos feitos num país com pouca oferta e, em algumas regiões, até preconceito com a prática para homens?

Pois é! Senti isso na pele aqui na capital paranaense, sob duas perspectivas. Uma enquanto docente, em que a maioria dos calouros somente reconheciam Diego Hypólito da Ginástica Artística Masculina (GAM), e muitos demonstravam preconceito com relação à prática da ginástica para os meninos. Por outro lado, como mãe. Meu filho Bruno praticou GAM desde os quatro anos e aos nove foi obrigado a parar por não ter local que desenvolvesse a modalidade para meninos com cunho competitivo, ainda que o local que ele treinava oferecesse equipe de competição para as meninas. Na escola, todos admiravam as acrobacias que ele executava, mas, no festival de ginástica, ele foi o único menino dentre cerca de 200 crianças participantes.

Ora, tal inquietação pessoal, ao lado da oportunidade de fazer parte do Inteligência Esportiva, me impulsionou a construir esta tese, a qual foi marcada por surpresas, dificuldades e oportunidades, as quais apresentarei a seguir.

1 INTRODUÇÃO

Ouro em Londres-2012 e prata na Rio-2016, Arthur Zanetti participou na madrugada dessa segunda-feira (2/08/21) de sua terceira final consecutiva das argolas. Sabendo que a concorrência pela terceira medalha olímpica seria enorme, o ginasta decidiu arriscar. Executou uma série mais difícil e brilhou, praticamente sem cometer erros no aparelho. Na saída, no entanto, acabou caindo após um triplo mortal grupado e ficou fora da briga pelo pódio, em oitavo lugar. (PINHEIRO, 2021, não paginado).

Arthur Nory é campeão mundial em Stuttgart: Arthur Nory voou em acrobacias de grande dificuldade para arrancar o título em Stuttgart com uma nota 14,900 pontos, deixando para trás o croata Tin Srbic (14,666) e o russo Artur Dalaloyan (14,533). Bronze no solo da Olimpíada do Rio, o brasileiro conquistou uma medalha em seu principal aparelho. Ele já havia sido quarto colocado no Mundial de Glasgow, em 2015, mas em um cenário totalmente diferente do de Stuttgart. (REBELLO; GUERRA, 2019, não paginado).

O sucesso alcançado nos Jogos Pan-Americanos de Lima 2019, com a conquista de três medalhas de Ouro, colocou o Sargento Francisco Barreto Junior, da Ginástica Artística, entre os grandes nomes do esporte no continente. O militar foi eleito como o melhor atleta Pan-Americano na cerimônia da primeira edição do 'Panam Sports Awards' no dia 13 de dezembro, em Fort Lauderdale, nos Estados Unidos (EUA). (MATHEUS, 2019, não paginado).

O Brasil encerrou a sua participação no Pan-Americano de Ginástica Artística (2021) da melhor maneira. Neste domingo, último dia de competição na Arena Carioca 1, no Rio, Caio Souza foi o destaque brasileiro ao conquistar três medalhas de ouro - argolas, barras paralelas e salto. (CAIO..., 2021, não paginado).

O Brasil garantiu mais uma vaga para os Jogos Olímpicos de 2020 nesta segunda-feira. Quem alcançou este feito foi a equipe masculina de Ginástica Artística, que participa do Mundial de Ginástica, realizado em Stuttgart, na Alemanha. [...] A boa performance deixou os brasileiros cheios de esperança. Com o transcorrer da competição, a equipe formada por Arthur Zanetti, Caio Souza, Arthur Nory, Lucas Bitencourt e Francisco Barreto teve a certeza de que permaneceria no top 12 olímpico. (AGÊNCIA BRASIL, 2019, não paginado).

Conforme foi possível observar nos enxertos acima, os atletas brasileiros de ginástica artística masculina (GAM) vêm se destacando no contexto esportivo mundial, chamando a atenção da mídia e dos pesquisadores a respeito do desenvolvimento da modalidade no Brasil. Ao percorrer a história desse esporte, observa-se que a primeira participação brasileira em Campeonatos Mundiais (CM) ocorreu em 1954 (PUBLIO, 2006), e, em Jogos Olímpicos (JO), na edição de Moscou (1980). No entanto, verificou-se que a GAM passou a ter expressão no cenário internacional a partir da década de 2000, quando a nação passou a disputar finais nas principais competições internacionais (OLIVEIRA, 2010).

O marco do início da ascensão brasileira internacional, especialmente da GAM, foi a quinta colocação de Diego Hypólito na prova de solo no CM de Ginástica Artística (GA) em

2002, na Hungria. Até aquele momento, nenhum brasileiro havia se classificado para uma final mundial na modalidade¹. No ano seguinte, Diego Hypólito finalizou a mesma competição em quarto lugar no solo e em sétimo no salto. Naquele ano, o atleta Mosiah Rodrigues, por ser (à época) o melhor ginasta brasileiro individual geral², conquistou a vaga para representar o Brasil nos JO de Atenas (2004). Desta forma, o Brasil voltou a ter representante na modalidade nesse megaevento esportivo. Ainda no ano de 2004, o atleta Diego Hypólito consagrou-se campeão da Etapa Final da Copa do Mundo na prova de solo.

Conforme é possível observar no Quadro 1, a seguir, a ascensão do país na modalidade foi evidente no ciclo olímpico³ seguinte, e, ainda que centrado nos resultados individuais de Diego Hypólito, é possível identificar o progresso da modalidade como equipe (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009).

QUADRO 1 – PRINCIPAIS RESULTADOS DOS GINASTAS BRASILEIROS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA PEQUIM (2008)

Competições	Aletas	Resultados
CM de 2005 Melbourne (Austrália)	Diego Hypólito	1º lugar – solo
	Mosiah Rodrigues	23º lugar – individual geral
CM de 2006 Århus (Dinamarca)	Caio Costa, Diego Hypólito, Luiz dos Anjos, Michel Conceição, Mosiah Rodrigues e Victor Rosa	18º lugar – por equipe
	Diego Hypólito	2º lugar – solo
		5º lugar – salto
CM de 2007 Stuttgart (Alemanha)	Diego Hypólito, Mosiah Rodrigues, Victor Rosa, Arthur Zanetti, Luís Augusto dos Anjos e Danilo Nogueira	17º lugar – por equipe
	Diego Hypólito	1º lugar – solo
JO de 2008 Pequim (China)	Diego Hypólito	6º lugar – solo

FONTE: a autora, baseado em Oliveira (2010)⁴ e Federation Internationale de Gymnastique (FIG, 2021).

¹ Na modalidade feminina, os primeiros resultados significativos em CM foram em 2001 com Daniele Hypólito (prata solo) e em 2003 com Daiane dos Santos (ouro no solo).

² Disputa na qual somam-se as notas obtidas nos seis aparelhos da GAM (solo; salto sobre a mesa; cavalo com alças; barras paralelas; barra fixa; e argolas).

³ De acordo com a Carta Olímpica, o período de quatro anos civis consecutivos entre Jogos Olímpicos é chamado de Olimpíada (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2021). No entanto, optou-se pelo termo ciclo olímpico pois indica o período de preparação dos atletas. Na GA, cada ciclo é composto por três CM, sendo que no ano olímpico não há realização de CM, apenas etapas de Copas do Mundo.

⁴ A Federação Internacional de Ginástica (FIG) disponibiliza os resultados das competições a partir de 2007.

Em pesquisa detalhada que retratou os resultados dos ginastas brasileiros em Copas do Mundo⁵, CM e JO no mesmo período, Oliveira (2010) já apontava um futuro promissor para a modalidade e destacava o atleta Arthur Zanetti. Ele que se tornou o primeiro medalhista olímpico da história da GA brasileira, no ciclo olímpico seguinte (CARRARA et al., 2016), conforme evidenciado no Quadro 2.

QUADRO 2 – PRINCIPAIS RESULTADOS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA LONDRES (2012)

Competições	Atletas	Resultados
CM de 2009 Londres (Reino Unido)	Arthur Zanetti	4º lugar – argolas
	Diego Hypólito	9º lugar – solo
CM de 2010 Roterdão (Holanda)	Danilo Nogueira, Felipe Polato, Francisco Barretto, Mosiah Rodrigues, Pericles Silva e Sergio Sasaki	19º lugar – por equipe
CM de 2011 Tóquio (Japão)	Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Francisco Barretto, Pericles Silva, Petrix Barbosa e Sergio Sasaki	13º lugar – por equipe
	Arthur Zanetti	2º lugar – argolas
	Diego Hypólito	3º lugar – solo
JO de 2012 Londres (Reino Unido)	Arthur Zanetti	1º lugar – argolas
	Sérgio Sasaki	11º lugar – individual geral

FONTE: a autora, baseado em FIG (2021).

Durante o ciclo olímpico entre 2013 e 2016, os resultados dos brasileiros continuaram a prosperar no contexto internacional. Além disso, é possível notar a descentralização dos resultados, culminando em três medalhas na edição dos JO do Rio de Janeiro (2016), conforme apresentado no Quadro 3 a seguir:

⁵ A FIG promove anualmente diversas etapas de Copa do Mundo, as quais são relevantes para a preparação dos atletas aos eventos máximos.

QUADRO 3 – PRINCIPAIS RESULTADOS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA O RIO DE JANEIRO (2016)

Competições	Atletas	Resultados
CM de 2013 Antuérpia (Bélgica)	Arthur Nory	17º lugar – individual geral
	Arthur Zanetti	1º lugar – argolas
	Diego Hypólito	5º lugar – solo
		6º lugar – salto
	Sérgio Sasaki	5º lugar – individual geral
		11º lugar – solo
		5º lugar – salto
17º lugar – barra fixa		
CM de 2014 Nanning (China)	Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto, Lucas Bitencourt e Sergio Sasaki	6º lugar – por equipe
	Arthur Nory	18º lugar – barra fixa
	Arthur Zanetti	2º lugar – argolas
	Diego Hypólito	3º lugar – solo
		11º lugar – salto
	Sérgio Sasaki	7º lugar – individual geral
		5º lugar – salto
CM de 2015 Glasgow (Reino Unido)	Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto, Lucas Bitencourt e Sergio Sasaki	8º lugar – por equipe
	Arthur Nory	12º lugar – individual geral
		10º lugar – solo
		4º lugar – barra fixa
	Arthur Zanetti	9º lugar – argolas
	Lucas Bitencourt	20º lugar – individual geral
		15º lugar – barra fixa
JO de 2016 Rio de Janeiro (Brasil)	Arthur Nory, Arthur Zanetti, Diego Hypolito, Francisco Barretto e Sergio Sasaki	6º lugar – por equipe
	Arthur Nory	17º lugar – individual geral
		3º lugar – solo
	Arthur Zanetti	2º lugar – argolas
	Diego Hypólito	2º lugar – solo
	Francisco Barretto	5º lugar – barra fixa
	Sérgio Sasaki	9º lugar – individual geral
		9º lugar – salto
16º lugar – barra fixa		

FONTE: a autora, baseado em FIG (2021).

De acordo com o Quadro 3, os resultados em CM de GAM, especialmente nos anos de 2013 e 2014, já indicavam o destaque da equipe brasileira. Vale destacar que, em 2015, apesar de Arthur Zanetti não ter participado da final das argolas, Arthur Nory ficou muito próximo do pódio, e, somando-se os outros resultados individuais dos atletas brasileiros, a

equipe conquistou a vaga olímpica. Esse feito foi histórico para a modalidade, pois, pela primeira vez, o Brasil pôde participar da disputa por equipes nesse megaevento; no qual, além de conquistar três medalhas individuais, alcançou a inédita sexta posição.

No ciclo olímpico para Tóquio (2017-2021), observou-se o amadurecimento da equipe nacional. Diz-se isso, pois, dentre os atletas representantes do Brasil na GAM no ciclo olímpico anterior, percebeu-se a permanência de cinco integrantes, são eles: Arthur Nory; Arthur Zanetti; Caio Souza; Francisco Barretto; e Lucas Bitencourt, conforme apresentado no Quadro 4 a seguir.

QUADRO 4 – PRINCIPAIS RESULTADOS EM CAMPEONATOS MUNDIAIS E JOGOS OLÍMPICOS NO CICLO OLÍMPICO PARA TÓQUIO (2021)

Competições	Atletas	Resultados
CM de 2017 Montreal (Canadá)	Arthur Nory	16º lugar – solo
		12º lugar – barra fixa
	Arthur Zanetti	7º lugar – argolas
	Caio Souza	15º – individual geral
		19º lugar – paralelas
CM de 2018 Doha (Catar)	Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto e Lucas Bitencourt	7º lugar – por equipe
	Arthur Zanetti	2º lugar – argolas
	Caio Souza	13º lugar – individual geral
		8º lugar – salto
		15º lugar – paralelas
		11º lugar – argolas
	Francisco Barretto	11º lugar – cavalo com alças
		15º lugar – barra fixa
CM de 2019 Stuttgart (Alemanha)	Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto e Lucas Bitencourt	10º lugar – por equipe
	Arthur Nory	1º lugar – barra fixa
	Arthur Zanetti	5º lugar – argolas
	Caio Souza	13º lugar – individual geral
		14º lugar – paralelas
JO de 2021 Tóquio (Japão)	Arthur Nory, Caio Souza, Diogo Soares e Francisco Barretto	9º lugar – por equipe
	Arthur Nory	12º lugar – barra fixa
	Arthur Zanetti	8º lugar – argolas
	Caio Souza	17º lugar – individual geral
		15º lugar – argolas
		8º lugar – salto
	Diogo Soares	20º lugar – individual geral
		20º lugar – solo

FONTE: a autora, baseado em FIG (2021).

Vale destacar que em 2019 foi realizado o CM pré-olímpico, o qual definiu os países com equipe completa nos JO de Tóquio (2021). O Brasil, ao finalizar a competição na décima posição por equipes, conquistou, pela segunda vez na história, a vaga olímpica. Além disso,

Arthur Nory consagrou-se campeão mundial da barra fixa, mais um feito histórico para a GAM brasileira. Salienta-se que, devido à pandemia de Covid-19, todos os eventos previstos para o ano de 2020 foram cancelados, e, conseqüentemente, os JO foram realizados no ano subsequente, porém o nome do evento foi mantido⁶ (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2020). Historicamente, os ciclos olímpicos duram quatro anos, porém, com o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio para o ano de 2021, o ciclo foi estendido em um ano.

Sendo assim, a partir dos resultados supracitados, nota-se que a equipe brasileira de GAM vem obtendo destaque no contexto internacional da modalidade, confirmando a hipótese levantada por Oliveira (OLIVEIRA, 2010, p. 249), o qual indicava um “futuro promissor” para a modalidade, tendo em vista a qualidade dos poucos ginastas formados no Brasil. Tal fato justifica o objetivo da presente tese, apresentado no subtópico a seguir.

1.1 OBJETIVOS

A pesquisa⁷ tem por objetivo compreender aspectos da trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes das principais competições internacionais da modalidade nos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro e para Tóquio (2013-2021). Com o propósito de alcançar o objetivo geral exposto, foram traçados sete objetivos específicos, conforme a seguir:

- a) descrever o perfil da produção científica internacional acerca do tema GAM;
- b) revisar, de forma sistemática, estudos que tratam de trajetória esportiva de atletas de elite da GA;
- c) compreender o processo de iniciação esportiva de ginastas brasileiros nas perspectivas dos próprios atletas;
- d) analisar o apoio parental durante a trajetória esportiva de atletas da seleção brasileira de GAM;
- e) indicar, segundo a ótica de atletas componentes da seleção brasileira de GAM, as características da relação com os seus treinadores;
- f) descrever, a partir da narrativa dos atletas, o suporte financeiro recebido por ginastas brasileiros durante as suas trajetórias esportivas;

⁶ Para esse trabalho optou-se em utilizar Tóquio (2021) devido ao ano de execução do evento.

⁷ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

- g) apresentar os resultados internacionais dos atletas da GAM contemplados pela categoria Pódio do Programa Bolsa Atleta e buscar relações com as categorias de bolsa por eles recebidas ao longo da carreira esportiva; para, então, definir questões e hipóteses que auxiliem na avaliação do Programa.

No sentido de apresentar o que se entende aqui por trajetória esportiva, será apresentada a seguir uma breve revisão da literatura sobre o assunto.

1.2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE TRAJETÓRIA ESPORTIVA

Sabe-se que para o atleta chegar à elite é necessário passar por um longo processo de formação esportiva. Tsukamoto e Nunomura (2005) indicam que esse período pode variar entre 8 e 12 anos. Esse processo é dividido por Côté (1999) em três estágios: a experimentação (6 a 13 anos); a especialização (13 a 15 anos); e os anos de investimento (15 anos ou mais). Em linhas gerais, o primeiro estágio se refere aos primeiros contatos com variadas práticas esportivas, os quais devem estar centrados na ludicidade e no desenvolvimento da motivação para o esporte. Para isso, o autor propõe o jogo deliberado, ou seja, a participação esportiva não excludente com foco no divertimento. No segundo estágio, a criança/adolescente escolhe uma ou duas modalidades para se especializar. A prática esportiva dessa fase busca desenvolver as competências específicas do esporte. Por fim, a fase de investimento objetiva o desenvolvimento atlético com ênfase nas competições.

O *Developmental Model of Sport Participation* (DMSP) postulado por Côté e colaboradores (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2014; CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HANCOCK, 2016) é um modelo descritivo, com ênfase na psicologia do esporte, formulado a partir de evidências com o objetivo de sistematizar os possíveis caminhos percorridos por crianças e adolescentes no esporte. Durante as últimas duas décadas, diversos estudos foram conduzidos na perspectiva do DMSP (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2006; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2014), no sentido de testar e aprimorar a teoria. Sendo assim, destaca-se que a divisão por faixa etária inicialmente apresentada não é universal para todos os esportes. Nas modalidades ginásticas, por exemplo, as quais têm por característica a precocidade, foi identificado que atletas de elite ingressam em competições mais cedo, e, por isso, a etapa de especialização é antecipada (LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007). Para os autores, esse fato pode estar relacionado ao alto índice de lesões e ao menor divertimento relatado por ginastas entrevistadas por eles.

Ainda que seja uma importante contribuição para os estudos sobre trajetória esportiva, faz-se necessário algumas atualizações do modelo, como mencionado por Stambulova, Ryba e Henriksen (2021). Há na literatura estudos (DUFFY et al., 2006; HENRIKSEN, 2015; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010) que indicam uma perspectiva ecológica e holística da trajetória esportiva. O *Holistic Ecological Approach* (HEA) situa-se dentro da perspectiva ecológica pois direciona o foco para o ambiente em que o atleta está inserido. Para Henriksen (2015), tal ambiente é estruturado em micro e macro níveis, os quais se referem, respectivamente, ao local em que o atleta está inserido diariamente, por exemplo, a relação com treinador; já o segundo trata das relações sociais que influenciam o atleta, mas não o contêm, tal como a cultura nacional esportiva. O ambiente também é classificado pelos autores em dois domínios, atlético e não atlético. Tudo que está relacionado ao esporte faz parte do domínio atlético, como, por exemplo, a Federação Esportiva em nível macro. Já as outras esferas da vida dos atletas encontram-se no domínio não atlético, tal como a escola.

O HEA enfatiza que o ambiente é dinâmico, e os atletas e seus contextos estão em constante mudança, por isso, reforça-se a importância de considerar os aspectos do passado, o presente e o futuro da formação atlética. Sendo assim, o modelo é holístico pois avalia o atleta no centro de um sistema interdependente, no qual diversos fatores poderão influenciar o sucesso esportivo, o que significa multidimensional – onde qualquer mudança em uma das camadas inevitavelmente acarretará reflexos em outra.

Já na perspectiva das políticas públicas para o sucesso esportivo, destaca-se o modelo *Sports Policy factors Leading to International Sporting Success* (SPLISS) apresentado por De Bosscher et al. (2009). O modelo de análise é centrado em nove pilares, os quais foram construídos com base em fatores críticos de sucesso esportivo, a saber: 1) o suporte financeiro (o qual determina o funcionamento dos demais pilares); 2) a organização e estruturação de políticas públicas para o esporte; 3) a cultura e a participação esportiva; 4) a identificação de talentos; 5) o suporte para carreira e aposentadoria dos atletas; 6) a infraestrutura; 7) preparação e desenvolvimento de treinadores; 8) a organização de competições nacionais e internacionais; 9) a pesquisa científica. O SPLISS possibilita a comparação entre políticas esportivas realizadas em diferentes países (DE BOSSCHER et al., 2006, 2015).

Portanto, a formação de um atleta de elite, ou seja, que alcança resultados expressivos internacionais, é um processo complexo e influenciado por diversos fatores que compõem a trajetória atlética. Entre eles, Farrow, Baker e MacMahon (2013) indicam: o sistema (políticas públicas, filosofia esportiva nacional, financiamento etc.); as chances (local de nascimento, lesões, oportunidades etc.); os fatores individuais (características morfológicas, psicológicas,

genéticas, físicas etc.); e os fatores ambientais (treinador, clubes, equipe multidisciplinar, família etc.). Para os autores, esses fatores estão interligados e devem ser observados como um sistema multidimensional, ou, como já dito, holístico, de formação de atleta de elite.

Com base nisso, pautou-se a problemática desta pesquisa: como foram construídas as trajetórias esportivas dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes de CM e JO, entre os anos de 2013 e 2021, partindo da premissa que se trata de um caso de sucesso? Entende-se que a compreensão da trajetória esportiva deve considerar os fatores financeiros, observando as condições dos locais de treinamento e os recursos humanos disponíveis. Ademais, deve abordar as questões emocionais, especialmente no que tange o apoio familiar e o relacionamento com o treinador. Na mesma direção, investigar o processo de iniciação esportiva também se torna fundamental, pois a inserção das crianças no esporte é fator primordial (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2014; DE BOSSCHER et al., 2009, 2015; FARROW; BAKER; MACMAHON, 2013).

Dito isso, pretende-se aqui defender a tese de que a trajetória esportiva dos ginastas brasileiros de elite é um fenômeno complexo e multidimensional. Ou seja, que pode ser observado por diversos aspectos, os quais estão interligados e possuem relação de interdependência. Afinal, num país em que poucos meninos vivenciam a ginástica, os aspectos que compõem a trajetória esportiva são essenciais para a compreensão desempenho dos talentos no esporte de elite. De antemão, no entanto, convém contextualizar a pesquisa dentro de uma abordagem ramificada, a qual será descrita a seguir.

1.3 PROJETO DE PESQUISA INTELIGÊNCIA ESPORTIVA

Essa pesquisa se debruçou na trajetória de atletas de GAM no Brasil, dentro de um projeto maior intitulado Inteligência Esportiva (IE). O projeto em questão, iniciado em 2013, é fruto de uma parceria entre o Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Secretaria Nacional de Esportes de Alto Rendimento (SNEAR) do Ministério da Cidadania. Tal iniciativa tem publicado continuamente artigos científicos que tratam do esporte brasileiro, além de dissertações e teses, como o caso desse estudo aqui apresentado. O IE envolve graduandos, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e professores da UFPR, assim como instituições parceiras. Dentre os objetivos específicos do projeto estão:

(1) definir variáveis e indicadores necessários à construção de um banco informacional sobre o esporte de alto rendimento no Brasil (notadamente das modalidades dos programas olímpico e paralímpico) que possibilite a melhoria da política de gestão e o suporte ao desenvolvimento do esporte de alto rendimento; (2) levantar a história das modalidades esportivas no Brasil; (3) interagir com organizações internacionais que sejam referências sobre informação esportiva; (4) levantar e analisar as produções científicas sobre o esporte olímpico e paralímpico; (5) analisar a efetividade da política de gestão do esporte de alto rendimento; (6) interagir com segmentos dedicados à produção e à disseminação do conhecimento esportivo; (7) organizar um cadastro de entidades dedicadas à produção e à disseminação do conhecimento esportivo; e (8) disponibilizar informações para quem trabalha, estuda, divulga e promove o esporte de alto rendimento brasileiro (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2021, não paginado).

A presente pesquisa fez parte do escopo do IE no sentido de apresentar informações específicas da modalidade para o Governo Federal, por meio do projeto em questão. Vale destacar que a autora faz parte do subprojeto do IE intitulado “Rumo a Tóquio: Análise do Bolsa Atleta Pódio”. O principal objetivo desse subprojeto é realizar o diagnóstico das diferentes modalidades, a partir da identificação dos atletas olímpicos contemplados na categoria Pódio (2017-2020). Faz-se importante enfatizar que o Programa Federal Bolsa Atleta é uma das principais políticas públicas para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Desde sua criação, em 2005, o referido Programa vem beneficiando atletas brasileiros com recursos federais com o objetivo de desenvolver o esporte de alto nível no país (MEZZADRI et al., 2015; MORAES E SILVA et al., 2015; PAZ et al., 2018; TEIXEIRA; MATIAS; MASCARENHAS, 2017).

Neste sentido, a compreensão de como se dá a formação de atletas da seleção brasileira de GAM pode contribuir para as discussões a respeito do financiamento de atletas no país, em especial, o Programa Bolsa Atleta. A parceria entre o IE e a SNEAR tem aberto espaço para o debate entre as entidades, tendo a referida secretaria buscado especialistas na equipe do IE para apresentar indicadores e analisar dados do esporte brasileiro.

Após a apresentação da justificativa pessoal, bem como a inserção da pesquisa dentro de um projeto maior, cabe apresentar o estado da arte da produção científica nacional acerca da GAM.

1.4 PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL

No sentido de conhecer a produção de teses e dissertações nacionais a respeito do tema, realizou-se uma busca no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o termo “ginástica artística”. Foram identificadas 74 produções,

sendo: 61 dissertações de mestrado e 13 teses de doutorado. Após a leitura dos títulos e resumos, foi possível identificar as pesquisas que efetivamente tratam da ginástica artística, conforme quadro a seguir:

QUADRO 5 – TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES A RESPEITO DA GA (ATÉ NOVEMBRO DE 2021)

(continua)

Título da pesquisa	Autor	Ano	Grau
A influência da prática mental na aquisição e retenção de uma habilidade de ginástica artística	Marques, Claudio Portilho	1989	M
Aspectos epidemiológicos de lesões agudas da prática desportiva da ginástica artística feminina na infância	Bernal, Gilda Cecilia Rios	1992	M
A contribuição do trampolim acrobático para o treinamento dos exercícios de solo da ginástica artística de Piracicaba	Alves, Cleusa Medina Custodio	1994	M
O caráter objetivo e o subjetivo da ginástica artística	Bortoleto, Marco Antonio Coelho	2000	M
Técnico de ginástica artística: quem é este profissional?	Nunomura, Myrian	2001	D
Ginástica olímpica na internet: proposta de um ambiente virtual de aprendizagem	Costa, Flavia Pinto da	2002	M
A ginástica na escola para crianças dos 6 aos 12 anos	Sacconi, Hélio Fernando	2003	M
O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola	Schiavon, Laurita Marconi	2003	M
A ginástica olímpica no contexto da iniciação esportiva	Tsukamoto, Mariana Harumi Cruz	2004	M
A ginástica vivenciada na escola analisada na perspectiva da criança	Koren, Suzana Bastos Ribas	2004	M
A pedagogia da ginástica artística na visão de técnicos de instituição de ensino	Schacht, Ana Marcia	2006	M
Superando dificuldades no trato da ginástica artística na prática profissional de professores iniciantes de educação física	Thommazo, Aline Di	2006	M
O discurso midiático da ginástica artística	Carvalho, Soraya Lida de	2007	M
O efeito do treinamento da imaginação, na melhora do gesto (flic com as mãos); da ginástica artística feminina, em atletas de 8 a 12 anos de idade	Oliveira, Suzane De	2007	M
Estudo sobre a estatura de ginastas na ginástica artística feminina de alto nível no Brasil	Ferreira Filho, Raul Alves	2007	M
Efeitos de um programa de estabelecimento de metas e <i>feedback</i> na execução de fundamentos esportivos realizados por crianças praticantes na ginástica	Gamba, Jonas Fernandes	2007	M
Daiane dos Santos, a gauchinha de ouro: articulações entre jornalismo esportivo e identidade gaúcha	Mello, Vanessa Scalei de	2007	M
Efeitos dos treinos físico e mental no ensino do rolamento para a frente em alunos com deficiência mental	Tonello, Maria Georgina Marques	2007	D
O medo na ginástica artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil	Duarte, Luiz Henrique	2008	M
Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul	Stringhini, Sergio	2009	M
Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular	Lopes, Priscila Regina	2009	M

QUADRO 5 – TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES A RESPEITO DA GA (ATÉ NOVEMBRO DE 2021)
(continuação)

Título da pesquisa	Autor	Ano	Grau
Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)	Schiavon, Laurita Marconi	2009	D
Efeitos da prática de ginástica artística no controle postural de crianças	Garcia, Claudia	2009	M
A disciplina de ginástica artística na formação do licenciado em educação física sob a perspectiva de docentes universitários	Figueiredo, Juliana Frâncica	2009	M
Amarelo no esporte: das alterações da cor da pele ao <i>coping</i> do estresse por crenças religiosas e o locus do controle de atletas de handebol, ginástica artística e voleibol	Conceição, Paulo Félix Marcelino	2009	D
Educação corporal de atletas na ginástica artística	Pilotto, Fatima Maria	2010	D
O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008	Oliveira, Mauricio dos Santos de	2010	M
Ginástica artística: equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental	Nascimento, Leda Sallete Ferri do	2010	M
Ginástica artística e preparação artística	Pires, Fernanda Regina	2010	M
A educação nutricional com praticantes de ginástica artística como base para um bom desempenho atlético	Nascimento, Anelise Noronha do	2010	M
Uma história do desenvolvimento da ginástica artística paulista	Sagawa, Silvio Massaki	2011	M
Histórias do <i>Turnen na Leopoldenser Turnverein</i> (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo)	Levien, Ana Luiza Ângelo	2011	M
A ginástica artística feminina do estado do Rio de Janeiro na perspectiva dos técnicos	Roboredo, Isabel Da Cunha	2012	M
Entre mortais e piruetas: configurações morfológicas e sintáticas do vocabulário brasileiro da ginástica artística	Furian, Ediméia	2012	M
Estudo da estabilização lombar em atletas da ginástica artística e rítmica	Ceccato, Joseani	2012	M
Diferenças estruturais e funcionais dos extensores do joelho entre atletas de ginástica rítmica e ginástica artística	Goulart, Natalia Batista Albuquerque	2013	M
A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento	Oliveira, Mauricio dos Santos de	2014	D
Insatisfação corporal em adolescentes praticantes de ginástica artística	Neves, Clara Mockdece	2014	M
Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas	Frischknecht, Gabriela	2014	M
Desenvolvimento de um marcador ativo de <i>led</i> para análise cinemática: validação e aplicação no salto sobre a mesa da ginástica artística	Pinto, Heber Teixeira	2015	M
A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do 'como deve ser'	Freitas, Maite Venuto de	2015	M
<i>Biomechanical analysis of cross on training and competition</i>	Carrara, Paulo Daniel Sabino	2015	D

QUADRO 5 – TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES A RESPEITO DA GA (ATÉ NOVEMBRO DE 2021)
(conclusão)

Título da pesquisa	Autor	Ano	Grau
Desenvolvimento da ginástica artística no Brasil (1950-2000): as influências do professor Enrique Rapesta	Kamel, Jose Guilherme Nogueira	2015	M
Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística	Barros, Thais Emanuelli da Silva de	2016	M
Ensino da ginástica artística no cotidiano escolar: proposta de formação continuada para professores	Andrade, Thais Vinciprova Chiesse de	2016	M
Representatividade da ginástica artística feminina paulista no cenário brasileiro (2011-2014)	Lima, Leticia Bartholomeu de Queiroz	2016	M
Comparação entre dois tipos de creatina sobre a composição corporal e desempenho de ginastas peso dependentes em período pré-olímpico	Yoshioka, Caroline Ayme Fernandes	2017	M
Perfil de estado de humor, ansiedade-traço e ansiedade-estado em jovens ginastas	Barreto, Patricia Marques	2017	M
O sistema competitivo da ginástica artística feminina (2013-2016): a competição como instrumento de educação e formação para atletas até 12 anos de idade	Kumakura, Roberta Santos	2018	D
A formação esportiva na ginástica artística feminina: o desenvolvimento das categorias pré-infantil e infantil no Brasil	Molinari, Caroline Inacio	2018	M
A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes	Bender, Natalia	2018	M
A experiência esportiva no programa curumim do SESC Ribeirão Preto	Pontoglio, Maria Clara Soares	2018	M
Efeito do conhecimento de performance autocontrolado na aprendizagem do rolamento peixe por crianças e adultos	Costa, Rafaela Zortea Fernandes	2018	M
A trajetória de formação de atletas de ginástica artística feminina na perspectiva de treinadores	Sierra, Maria Florenca	2019	M
Biomecânica da aterrissagem de duplo mortal estendido na barra fixa	Franklin de Camargo Jr.	2020	D
A influência de um programa preventivo na incidência de lesões em atletas de ginástica artística e de trampolim	Mariana Chaves Weschenfelder	2020	M
Uma história da ginástica artística no corpo das mulheres entre os anos de 1952 a 1964: graça, leveza e feminilidade nos aparelhos	Anna Stella Silva de Souza	2020	M
Relação entre carga externa e interna de treinamento de atletas de ginástica artística feminina da categoria infantil	Elisangela Gamarano de Freitas	2020	M
Avaliação da ansiedade, estado de humor e sono e sua relação com o número de lesões em atletas de ginástica artística	Roberto Rodrigues Bezerra	2020	M
Arqueogenealogia das interdições, separações e segregações de sexo/gênero nos esportes: o jogo discursivo sobre as mulheres	Adriano Martins Rodrigues dos Passos	2020	D

D: Doutorado; M: Mestrado.

FONTE: a autora, baseado em CAPES (2021).

Dentre as 50 dissertações e 10 teses listadas, apenas uma está direcionada especificamente para a GAM. Oliveira (2010) descreveu o panorama da modalidade com ênfase nos aspectos organizacionais, competitivos, econômicos e de infraestrutura física e humana, a

partir de um recorte temporal entre os anos de 2005 e 2008. Um dos principais questionamentos que o autor buscou responder refere-se aos motivos da ascensão da GAM no país, mesmo diante de um número baixo de praticantes da modalidade no país quando comparado a outras nações.

No que tange à formação de atletas, apenas duas produções tratam do assunto com ênfase na ginástica, no caso, ginástica artística feminina (GAF). Schiavon (2009) utilizou-se da técnica da história oral para registrar e analisar o processo de formação das atletas nacionais participantes de Jogos Olímpicos na modalidade entre os anos de 1980 e 2004. A outra pesquisa desenvolvida por Sierra (2019) identificou a concepção de trajetória de formação de ginastas na perspectiva de treinadores.

Ainda no que se refere à busca de suporte teórico sobre o tema do presente estudo, foi possível detectar que nacionalmente há uma vasta produção científica, em especial acerca da GAF. Contudo, poucas produções versam a respeito da modalidade masculina.

Destaca-se que, apesar dos melhores resultados da GAM em JO terem ocorrido nas edições de Londres (2012) e do Rio de Janeiro (2016), não há pesquisas nacionais (testes e dissertações) específicas a partir da carreira esportiva dos ginastas deste período, dessa forma, justifica-se o recorte temporal aqui estabelecido.

Ainda acerca de teses e dissertações nacionais, Oliveira et al. (2021) conduziram um mapeamento da produção de conhecimento sobre ginástica no Brasil, entre os anos de 1980 e 2020. Dentre 129 produções elencadas, os autores identificaram que a ginástica artística (GA), seguida da ginástica rítmica (GR) e ginástica para todos (GPT), são os esportes ginásticos mais abordados nos trabalhos acadêmicos dessa natureza. No entanto, a referida pesquisa considerou a GAM e GAF em uma única categoria, a GA. Outra questão relevante indicada no estudo de Oliveira et al. (2021) está relacionado ao vínculo institucional das teses e dissertações que tematizam a ginástica no país, no qual há uma clara supremacia de universidades do estado de São Paulo, sendo 31% oriundas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e 14% da Universidade de São Paulo (USP).

No contexto de publicações em periódicos nacionais, Carbinatto et al. (2016) apontam que a maior parte dos artigos publicados, entre os anos de 2000 e 2015, que tematizam a Ginástica, tratam da ginástica de competição. Dentre os 340 artigos analisados, 116 (cerca de 82%) versam sobre as modalidades ginásticas competitivas. O mesmo artigo cita que, entre as pesquisas, a GA foi a predominante (53). Segundo os autores, esse dado reflete a maior popularidade no Brasil, quando comparado às demais modalidades organizadas pela FIG (Ginástica Rítmica; Ginástica de Trampolim; Ginástica Aeróbica, Parkour; e Ginástica Acrobática).

Em pesquisa similar, Simões et al. (2016a), ao realizarem o diagnóstico do perfil da produção científica acerca da ginástica, afirmam que:

[...] todas as temáticas carecem de maiores estudos em ginástica, mas em algumas delas – como as próprias modalidades pertencentes ao programa FIG – parecem ser ainda mais urgentes! Afinal, a baixa produção e abordagens naquelas ginásticas pode comprometer a continuidade, a formação e a atuação profissional em ginástica. (SIMÕES et al., 2016b, p. 194-195).

Por sua vez, Barros et al. (2016) analisaram a produção científica, nacional e internacional, entre os anos de 2000 e 2014, específica sobre a GA. No referido estudo, os autores destacam que a modalidade se configura como objeto de investigação na área das Ciências do Esporte, fundamentada, principalmente, nas Ciências Naturais. Ainda assim, tal estudo não segregou os trabalhos que versavam sobre a modalidade feminina e masculina. Os 310 artigos analisados pelos autores foram categorizados em: treinamento esportivo (207); biológica (91); pedagógica (34); psicológica (25); socioantropológica (22); filosófica (2); gestão (1). Ilustrando, assim, a carência de pesquisas que se encaixam no perfil da subárea sociocultural. Na mesma direção, Souza e Cunha (2020) indicaram a superioridade numérica de pesquisas produzidas nos cursos de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil, entre os anos de 2010-2016, na subárea biodinâmica (70%), quando comparados à subárea sociocultural (21%) e pedagógica (8%).

Sendo assim, entende-se que a GA, neste caso especialmente a masculina, é um tema de investigação com diversas lacunas a serem preenchidas, sobretudo, sob o viés das Ciências Sociais. Na sequência será descrito e justificado o modelo escolhido para a presente tese.

1.5 FORMATO DA TESE

Optou-se por utilizar o modelo de escrita por artigos, conhecido como *multipaper* ou *PhD by published work*. Ao analisar por amostragem as pesquisas encontradas a partir do referido formato, foi possível perceber que não há um padrão único de apresentação. Embora seja comum a todos os trabalhos elementos pré-textuais similares aos de uma tese/dissertação tradicional, seguidos de um resumo geral e de uma introdução que apresente de maneira ampla o tema da pesquisa. Destaca-se o objetivo geral, que desdobra-se em objetivos específicos, os quais tornam-se os artigos da coletânea. Alguns autores utilizaram os próprios resumos dos artigos para apresentá-los, e, na sequência, indicam a revista de publicação ou de submissão de

cada um deles. A coletânea é encerrada com uma conclusão geral que retoma o objetivo geral (PEACOCK, 2017).

Para Costa (2014), os artigos da tese/dissertação *multipaper* apresentam resultados parciais que, juntos, ao final, respondem ao problema de pesquisa maior. A referida autora afirma que uma das vantagens do método é justamente a possibilidade de alcançar maior número de leitores. Badley (2009) acrescenta que a coletânea pode ser formada por diferentes tipos de produções (capítulos de livro, trabalhos apresentados em congressos e artigos científicos) e argumenta que tal tipo de produção concentra-se no “processo de aprendizado e pesquisa”, em detrimento ao modelo tradicional, que, segundo ele, geralmente foca no “produto de aprendizagem e pesquisa”.

O modelo, também chamado de *escandinavo*, tem sido adotado em programas de Pós-Graduação no Brasil a fim de viabilizar a produção e publicação da pesquisa dentro do período de mestrado/doutorado do discente. A título de exemplo, o Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) / Universidade Estadual de Londrina (UEL) possibilita a apresentação de dissertações e teses no referido formato e informa que, neste caso, o documento deverá apresentar uma introdução com as características padrões e, a seguir, por uma coleção de artigos (PPGEF, 2017). Tal fato ilustra a defesa que Peacock (2017) faz do modelo:

Para as instituições, pode haver benefícios consideráveis, como aumentar a produtividade da pesquisa com acadêmicos em meio de carreira, convertendo sua prática reconhecida na moeda de uma universidade (doutoramento em crédito) enquanto ainda estão pesquisando e publicando. (PEACOCK, 2017, p. 130, tradução nossa).

Tendo em vista que a pesquisadora defenderá a presente tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, o modelo *multipaper* passa a ser o aconselhado. Afinal, a norma interna nº 03/2018 exige que o candidato à defesa tenha minimamente publicado/aceito para publicação dois artigos. Um deles pode ser em revista com qualquer valor de JCR⁸ ou SJR⁹ maior ou igual a dez. O outro artigo deve estar em revista com percentil maior ou igual a 30 para JCR ou SJR. Sendo assim, tal pesquisa será apresentada em sete artigos, e cada um atenderá um dos objetivos específicos, conforme descrito a seguir.

⁸ *Journal Citation Reports*: base que avalia o fator de impacto dos periódicos indexados na *Web of Science*.

⁹ *SCImago Journal Rank*: base de dados que avalia o fator de impacto dos periódicos indexados no *Scopus*.

1.6 APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS DA COLETÂNEA

O primeiro estudo dessa coletânea teve por objetivo descrever o perfil da produção científica sobre a GAM. Isso, porque entende-se como fundamental mapear a produção científica acerca do tema, para identificar autores, revistas e tendências. Para tanto, foi realizada a busca em periódicos indexados nas plataformas *Scopus* e *Web of Science* pelas palavras-chave “men’s artistic gymnastics” ou “male artistic gymnastics” sem filtro temporal em ambas as plataformas. Após aplicados critérios de exclusão, constatou-se a existência de 52 artigos científicos, distribuídos no período de 1994 e 2019, os quais foram analisados de acordo com o ano de publicação dos artigos, as autorias e instituições, as revistas que mais publicaram a respeito do tema e os assuntos abordados nos artigos. O artigo foi traduzido para a língua inglesa, submetido, aceito e publicado (comprovante em Anexo I) na revista *Science of Gymnastics Journal*¹⁰, a qual foi identificada como principal periódico a respeito da GAM.

O segundo estudo da coletânea objetivou revisar sistematicamente os estudos que tratam da trajetória esportiva de atletas de elite da GA de forma qualitativa. As buscas foram conduzidas nas bases de dados eletrônicas *Web of Science* e *Scopus*, publicados até julho de 2020. A extração dos dados dos artigos foi organizada de acordo com o foco do estudo, local de realização do estudo (contexto), participantes e metodologia empregada e os principais resultados. Na busca foram encontrados 318 artigos, que, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, reduziram-se a 15 estudos originais. A leitura dos artigos na íntegra identificou 5 categorias, a saber: infraestrutura; suporte financeiro; apoio parental; relação treinador-atleta; e preparação para o pós-carreira. Dessa forma, foi possível construir a revisão da literatura específica a respeito da temática central da presente tese. O artigo, em sua versão em língua inglesa, encontra-se publicado também na revista *Science of Gymnastics Journal*, conforme comprovante em Anexo II. Por tratar de uma revisão sistemática, o artigo foi produzido com a colaboração das pesquisadoras Prof^a. Dr^a. Neiva Leite e Ms. Fabiana Della Giustina dos Reis, as quais auxiliaram no processo de busca e catalogação de artigos.

Ainda que haja diferentes abordagens, métodos e modelos de análise da formação esportiva, há consenso na literatura de que a primeira etapa, anos iniciais, é fundamental para o desenvolvimento da trajetória esportiva de sucesso. Por isso, o terceiro artigo da coletânea abordou o processo de iniciação esportiva na perspectiva dos atletas da seleção brasileira de GAM. A análise de conteúdo das entrevistas realizadas com cinco ginastas identificou as

¹⁰ Para mais informações, ver *Science of Gymnastics Journal* (2021).

seguintes unidades temáticas: experiências esportivas; o encaminhamento para a modalidade; a idade dos atletas quando iniciaram; o local de nascimento; a seleção de talentos que foram submetidos; a formação de atletas em clubes; o deslocamento da cidade natal para continuar treinando; e a estrutura física dos locais de treinamento. Os resultados do artigo auxiliaram na compreensão de fatores típicos da GAM e indicaram a necessidade de investigar a relação do apoio familiar para a continuidade dos atletas.

Sendo assim, o quarto artigo da coletânea foi construído com o objetivo de analisar, também a partir das narrativas dos ginastas, a participação dos pais durante a trajetória esportiva de atletas da seleção brasileira de GAM. A partir das fontes coletadas para o trabalho maior emergiram as seguintes unidades temáticas: a cultura esportiva familiar; a inserção na modalidade; o suporte para a manutenção nos treinos; e o apoio emocional. Portanto, o artigo evidenciou a importância ambiental para a formação atlética.

Na mesma esteira de analisar fatores ambientais (nível micro) na formação esportiva de sucesso, o quinto artigo da coletânea tratou da relação interpessoal entre treinador e atleta. Para a elaboração do estudo, tomou-se como fonte principal de pesquisa as entrevistas realizadas, e os temas abordados foram organizados da seguinte forma: o abuso emocional do treinador com o atleta no passado; a mudança de comportamento dos treinadores; a “importação” de treinadores e métodos de treinamento; as ponderações acerca das mudanças; a boa relação entre treinadores e atletas; a necessidade de valorização do treinador brasileiro; e o bom relacionamento entre treinadores. Os achados da pesquisa evidenciaram uma mudança no comportamento dos treinadores após medidas de enfrentamento ao abuso no esporte.

Partindo do pressuposto de que o financiamento é um dos principais pilares para o desenvolvimento esportivo de uma nação, o sexto artigo da coletânea buscou descrever, a partir do discurso dos atletas, o suporte financeiro recebido por ginastas brasileiros durante as suas trajetórias esportivas. Para tanto, foram entrevistados os cinco ginastas que representaram o Brasil nos CM do ciclo olímpico para Tóquio. As unidades temáticas que emergiram foram: início da carreira; Programa Bolsa Atleta; Programa de Atletas de Alto Rendimento; Confederação Brasileira de Ginástica (CBG); e Clubes e patrocínios individuais. O artigo foi aceito e publicado na revista *Research Society and Development*, conforme Anexo III.

Tendo em vista que o Programa Bolsa Atleta é a principal política pública nacional de financiamento direto ao atleta, um estudo de caso com base em evidências foi conduzido para a construção do último artigo da coletânea. Para tanto, foram apresentados os resultados internacionais dos atletas de GAM contemplados pelo Programa Bolsa Atleta Pódio e as relações com as categorias de bolsa por eles recebidas ao longo da carreira esportiva. A análise

documental identificou nove ginastas contemplados entre os anos de 2014 e 2020, o que auxiliou na perspectiva de detectar os principais ginastas brasileiros, analisar as possíveis relações do Bolsa-Atleta nas suas trajetórias, bem como compreender as singularidades da GAM dentro do programa. O artigo foi escrito em parceria com o Prof. Dr. Fernando Mezzadri e a Dra. Natasha Santos-Lise e foi aceito e publicado na revista *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*¹¹ (Anexo IV). Vale destacar que as contribuições dos professores convidados ocorreram no decorrer da disciplina de Políticas Públicas para o Esporte, no sentido de auxiliar na construção do referencial teórico.

Conforme foi possível observar na apresentação dos artigos que fazem parte da presente tese, as entrevistas com os atletas da seleção brasileira de GAM constituíram uma das principais fontes da pesquisa. Sendo assim, optou-se por descrever detalhadamente o processo de formação do corpus documental originário do encontro dialógico.

1.7 AS ENTREVISTAS

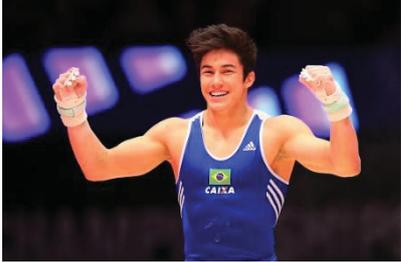
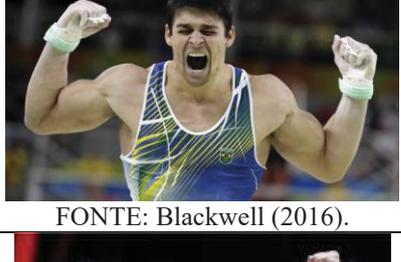
É relevante dizer que, ainda que o objetivo maior da pesquisa não tenha sido a construção de fontes orais para textos de cunho histórico, as entrevistas foram conduzidas e tratadas com o rigor metodológico da história oral. Para tanto, seguiu-se os passos metodológicos apresentados por Alberti (2013), o qual apresenta as seguintes etapas: elaboração do projeto, escolha dos entrevistados, elaboração de roteiro de entrevistas, agendamento e realização das entrevistas, transcrição e copidesque.

Inicialmente, o propósito era buscar as narrativas de todos os ginastas brasileiros participantes das principais competições internacionais de GAM, dos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro e para Tóquio. No entanto, aqueles ginastas (Diego Hypólito¹² e Sérgio Sasaki) que se retiraram do cenário competitivo não retornaram os convites feitos pela pesquisadora, forçando uma readequação do projeto de pesquisa inicial. Sendo assim, a participação em CM do ciclo olímpico para Tóquio definiu o critério de escolha dos participantes da pesquisa. Ainda que os resultados dessa pesquisa possam ser generalizados para os dois ciclos (2013-2021), afinal, todos os ginastas entrevistados participaram de eventos máximos em ambos. Sendo assim, o Quadro 6, a seguir, apresenta os ginastas participantes da pesquisa.

¹¹ Para mais informações, ver PODIUM (2021).

¹² Em 2019, ele lançou uma autobiografia, a qual foi resenhada e publicada (ver VARGAS; CAPRARO, 2020).

QUADRO 6 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Imagens	Atleta	Naturalidade e Ano	Principal resultado
 <p>FONTE: Macnicol (2015).</p>	Arthur Nory	Campinas (SP) 1993	Campeão mundial da barra fixa em 2019
 <p>FONTE: Robayo (2019).</p>	Arthur Zanetti	São Caetano (SP) 1990	Campeão olímpico das argolas em 2012
 <p>FONTE: Lima (2019).</p>	Caio Souza	Volta Redonda (RJ) 1993	8º lugar salto nos JO de 2021
 <p>FONTE: Blackwell (2016).</p>	Francisco Barretto	Ribeirão Preto (SP) 1989	5º lugar barra fixa nos JO de 2016
 <p>FONTE: Bitencourt (2015).</p>	Lucas Bitencourt	Nova Odessa (SP) 1994	15º lugar barra fixa no CM de 2015

CM: Campeonato Mundial; JO: Jogos Olímpicos.

FONTE: a autora (2021).

A elaboração do roteiro de entrevista ocorreu em dois momentos. Inicialmente foi criado um roteiro geral com questões abertas que tratavam das diferentes fases da trajetória atlética, com ênfase na iniciação esportiva, no suporte financeiro, na participação dos pais, nas

estruturas de treinamento e na relação treinador-atleta. O roteiro foi avaliado e discutido pelo grupo de pesquisa, e, após as correções, foram produzidos roteiros individuais com base na biografia dos entrevistados.

O contato com os atletas se deu por meio da SNEAR com a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), a qual indicou que as entrevistas fossem realizadas no período em que os atletas estariam concentrados no Centro de Treinamento Olímpico da Barra da Tijuca (Rio de Janeiro), em preparação para os Jogos Pan-Americanos de Lima.

Na manhã de 17 de julho de 2019, a pesquisadora se apresentou no ginásio de treinamento e teve a oportunidade de acompanhar os treinamentos dos ginastas da seleção brasileira. Ao final do período de treinamento, os atletas olímpicos Arthur Zanetti, Arthur Nory e Francisco Barretto conversaram com a pesquisadora. Foi uma conversa muito amistosa e desprovida de preocupações, em que os atletas contaram as suas experiências individuais com o esporte, um misto de história de vida e trajetória esportiva.

As entrevistas com Caio Souza e Lucas Bitencourt foram agendadas da mesma maneira, no entanto, a pandemia de Covid-19 forçou que o encontro com esses atletas ocorresse de maneira virtual, por meio de chamada de vídeo na plataforma *Zoom*, a qual permitiu a visualização do pesquisador-entrevistado, bem como a gravação do conteúdo. Ambas foram realizadas no mês de maio de 2020, em horário definido pelos atletas.

Os relatos orais, gerados pelas entrevistas, foram transcritos na íntegra, para depois passar pelo processo de copidesque, isto é, algumas adaptações no texto, a fim de tornar a entrevista legível, conforme quadro criado com base nas sugestões de Alberti (2013):

QUADRO 7 – ADEQUAÇÕES DA TRANSCRIÇÃO

Texto transcrito	Alteração
Falsos começos, vícios de linguagem e correções na informação feita pelo próprio entrevistado.	Suprimidos.
Palavras erradas ou incompletas. Exemplo: a Confederação...	Corrigidas ou completadas. Exemplo: a Confederação Brasileira de Ginástica...
Omissões de palavras que pudessem comprometer o entendimento do texto.	Incluídas as informações entre colchetes.
Adequação do oral para o escrito.	Ajustes de concordância e pequenas alterações que não comprometem o sentido da narrativa.
Contrações de palavras: Exemplo: pra. Trechos inaudíveis.	Desdobradas. Exemplo: para. Sinalizados por [inaudível].
Momentos de emoção, risos, mudança de tom de voz e silêncio prolongado.	Marcados entre colchetes. Exemplo: [risos].

FONTE: adaptado de Alberto (2013).

Feito isso, o corpus documental foi analisado a partir das orientações metodológicas de Braun e Clarke (2006), ou seja, a análise de conteúdo percorreu três etapas. Primeiro, a

familiarização com os dados, momento em que foram realizadas diversas leituras das transcrições, anotações, temas emergentes e pesquisas complementares. Nessa fase da pesquisa os dados foram apresentados ao grupo de pesquisa, o qual auxiliou na análise de conteúdo do material, bem como na identificação das unidades temáticas que configuraram o segundo momento. Por fim, foi realizada a análise de maneira a dialogar com a literatura.

Finalmente, faz-se necessário dizer que o projeto que gerou essa tese foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante o parecer consubstanciado número 3.896.312. A inscrição do projeto junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pode ser localizada no site “Plataforma Brasil” a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540. Não obstante, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades.

Isto posto, na sequência serão apresentados na íntegra os artigos em suas versões em língua portuguesa, os quais foram padronizados de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

2 ARTIGO 1

O PERFIL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA A RESPEITO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA A PARTIR DO *WEB OF SCIENCE* E *SCOPUS*

2.1 INTRODUÇÃO

Presente desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos (1896), e oficialmente no programa olímpico desde 1924, a ginástica artística passou por diversas alterações. Destacam-se: a alteração na nomenclatura (de ginástica olímpica para ginástica artística); a mudança dos aparelhos utilizados; as exigências técnicas para cada um deles; e a inclusão da modalidade para mulheres (ATIKOVIĆ; KALINSKI; SMAJLOVIĆ, 2017; CARRARA et al., 2016; OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011; PAJEK, 2018; SCHIAVON; LOCCI, 2018).

Os estudos de Silva et al. (2016) enfatizam que atualmente há uma maior participação feminina na ginástica artística, em detrimento aos homens. Tal maioria também é encontrada na busca de produções científicas a respeito da modalidade. A título de exemplo, Mkaouer et al. (2018) afirmam que, apesar de existirem diversos estudos a respeito da identificação de talentos para a ginástica artística feminina (GAF), os estudos a respeito do assunto para a modalidade masculina são escassos.

Ao realizar uma busca inicial nas principais plataformas acadêmicas (*Scopus*, *Web of Science*, *PubMed* e *Google Scholar*) foi possível observar a parca literatura a respeito da ginástica artística masculina (GAM). Neste sentido, estudos bibliométricos estão sendo cada vez mais utilizados em pesquisas acadêmicas devido à necessidade de analisar a produção científica de temáticas específicas e, dessa forma, observar o progresso ou não do campo acadêmico determinado (CLANCY; HERRING; CAMPBELL, 2017; JAMALI et al., 2015; TSIGILIS et al., 2010). Por consequência, a partir da bibliometria é possível detectar, classificar e categorizar a literatura científica acerca de determinado tema (BLANCA-TORRES et al., 2020).

Dessa forma, diferentes bancos de dados estão sendo utilizados em pesquisas bibliométricas, e cada um deles guarda suas particularidades. No entanto, os mais recorrentes são: *PubMed*, *Google Scholar*; *Web of Science (Clarivate Analytics)*; e *Scopus (Elsevier)*. O primeiro deles é o mais utilizado para disciplinas biomédicas e ciências da vida. O *Google Scholar* é uma ferramenta fácil de manusear, mas apresenta algumas deficiências, em especial a inclusão de conteúdos não científicos revisados por pares. Já os dois últimos são os bancos de

dados bibliográficos mais utilizados em pesquisas acadêmicas para quase todas as disciplinas e são utilizados por diferentes universidades para estabelecer *ranking* educacional (ALRYALAT; MALKAWI; MOMANI, 2019; HARZING; ALAKANGAS, 2016; MONGEON; PAUL-HUS, 2016).

A pesquisa em questão faz parte de uma pesquisa maior que pretende compreender aspectos da trajetória esportiva de atletas de GAM. Para tanto, como ponto de partida para o levantamento da bibliografia a respeito da modalidade, questionou-se o perfil da produção acadêmica nas principais bases de dados, o que culminou na produção deste artigo. Parte-se, então, do princípio de que a partir do perfil da produção científica de determinada área é possível “[...] analisar o corpo da literatura e o desempenho da pesquisa de forma fácil e eficiente” (ALRYALAT; MALKAWI; MOMANI, 2019, p. 1, tradução nossa). Ainda assim, concorda-se com a afirmação de Sánchez-Pay (2019, p. 14, tradução nossa): “Analisar a produção científica de uma determinada especialidade ajuda a encontrar tendências investigadoras assim como as principais vias de atuação”.

Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo descrever o perfil da produção científica sobre a GAM em periódicos indexados nas plataformas *Scopus* e *Web of Science*. Os objetivos específicos elencados foram: apresentar o ano de publicação dos artigos; verificar as autorias e instituições; evidenciar as revistas que mais publicaram a respeito do tema; identificar pormenorizadamente o assunto que foi abordado nos artigos.

2.2 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma primeira pesquisa em toda a base de dados do *Web of Science*, a qual utilizou os descritores “men’s artistic gymnastics” ou “male artistic gymnastics” no tópico dos artigos (título, palavras-chave e resumo), sem a realização de filtro temporal. A justificativa para a escolha destes descritores centra-se no entendimento de que a GAM é uma modalidade esportiva com características próprias. Os aparelhos utilizados são diferentes da modalidade para mulheres, assim como o sistema de pontuação (KILIJANEK; SANCHEZ, 2020). Tal pesquisa constatou 52 resultados.

Para garantir a abrangência do estudo, recorreu-se à base de dados *Scopus* (*Elsevier*). Tal base, juntamente com a *Web of Science*, é considerada a mais importante devido a sua abrangência (ARCHAMBAULT et al., 2009; JAMALI et al., 2015). A pesquisa realizada com os unitermos supracitados resultou em 41 resultados. Tal pesquisa também contemplou título,

resumo e palavras-chaves. Ao comparar as buscas, 30 resultados se repetiram nas bases de dados utilizadas.

Não foi realizado recorte temporal na busca, afinal, o objetivo da pesquisa é traçar o perfil da produção acadêmica a respeito do tema, considerando as nuances temporais. Portanto, foram selecionados todos os artigos encontrados até o mês de novembro de 2019, período em que foi realizada a coleta dos dados. Sendo assim, a pesquisa contemplou artigos entre os anos de 1994, data do primeiro artigo encontrado, até 2019.

Dessa forma, foram catalogados inicialmente 63 resultados encontrados para este artigo, no entanto, foram excluídos todos os documentos que não eram referentes a artigos publicados na íntegra em periódicos científicos. Sendo então excluídos 11 documentos entre resumos publicados em conferências (9) e capítulos de livro (2). Sendo assim, foram analisados aqui 52 artigos. Tal catalogação foi realizada em uma planilha eletrônica com as seguintes informações: título do artigo; nome do periódico de publicação; nome do(s) autor(es) e instituição; ano de publicação; resumo; e área temática do artigo.

Os dados a respeito das revistas, tais como o índice H^{13} , o país, a data de cobertura e as categorias das revistas foram encontrados na plataforma do *Scientific Journal Rankings* (SJR). Nos casos em que o periódico não está indexado na plataforma SJR, o campo índice H foi preenchido com a sigla “NI” (não incluído) e a área temática foi definida pelos autores após leitura do escopo de cada periódico. As informações a respeito da filiação dos autores foram realizadas a partir do *researchgate* e dos *websites* das instituições filiadas. A temática dos artigos foi atribuída por meio de categorização indutiva, com base na leitura dos títulos dos artigos, palavras-chaves e resumos.

A análise dos dados aqui apresentados se deu de maneira descritiva em quatro eixos temáticos, a saber: ano de publicação dos artigos; autoria e filiação; periódicos e assunto das pesquisas.

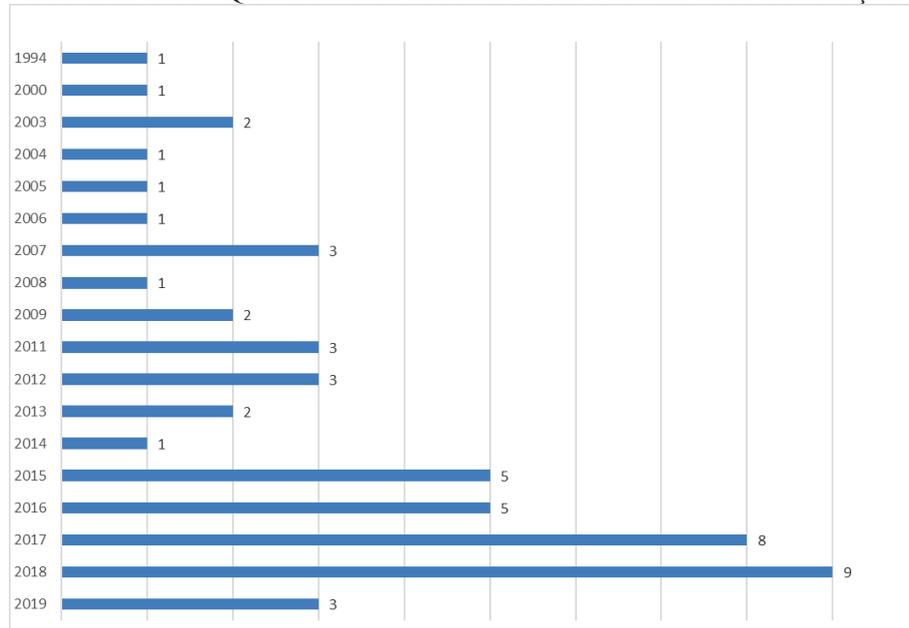
2.3 RESULTADOS

Tendo em vista que a Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a entidade esportiva mais antiga do mundo (1881), e que a GAM foi a primeira modalidade ginástica do

¹³ O índice H quantifica o número total de artigos publicados em determinado periódico, durante um período estabelecido, e equipara ao total de citações feitas a este artigo. Ou seja, avalia numericamente o prestígio científico do periódico (MINASNY et al., 2013).

programa olímpico, faz-se importante destacar a temporalidade dos 52 artigos científicos que tratam do tema (ČUK; ŠIBANC, 2018), conforme é apresentado abaixo no Gráfico A1.1.

GRÁFICO A1.1 – QUANTIDADE DE ARTIGOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO



FONTE: os autores (2020).

A seguir, no Quadro A1.1, a autoria dos artigos encontrados, considerando o nome do autor, independente da ordem de autoria, a quantidade de artigos, a instituição filiada e o país. Para tanto, foram apresentados os autores com três ou mais ocorrências dentre os 52 artigos elencados para análise.

QUADRO A1.1 – PRINCIPAIS AUTORES E FILIAÇÃO

Autores		Instituições	Países
Yeadon, Maurice Raymond Fred	8	Loughborough University	Reino Unido
Hiley, Michael	8	Loughborough University	Reino Unido
Bortoleto, Marco Antônio	5	Universidade Estadual de Campinas	Brasil
Čuk, Ivan	5	University of Ljubljana	Eslovênia
Atiković, Almir	4	Univerzitet u Tuzli	Bósnia e Herzegovina
Kim, Dong-min	4	Korea National Sport University	Coreia do Sul
Irwin, Gareth	3	Cardiff Metropolitan University	Reino Unido
Mkaouer, Bessem	3	Université de la Manouba	Tunísia
Chaabene, Helmi	3	Universität Potsdam	Alemanha
Amara, Samiha	3	Université de la Manouba	Tunísia
Kalinski, Sunčica Delaš	3	Sveučilište u Splitu	Croácia
Oliveira, Mauricio Santos	3	Universidade Federal do Espírito Santo	Brasil

FONTE: os autores (2020).

A seguir, no Quadro A1.2, foram apresentados os periódicos que publicaram minimamente duas pesquisas sobre a GAM.

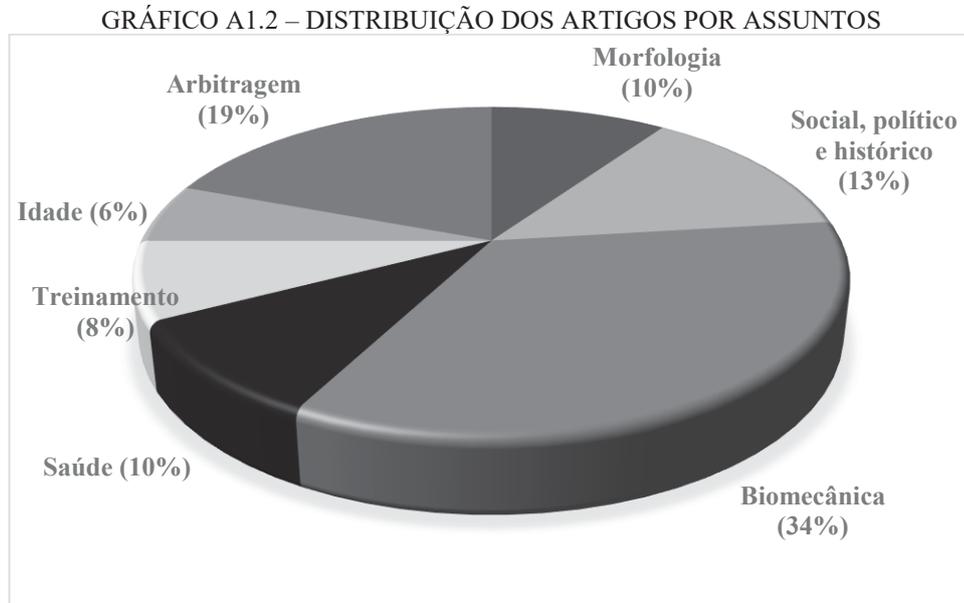
QUADRO A1.2 – PERIÓDICOS QUE MAIS PUBLICARAM SOBRE GAM

Periódico	Nº	Área temática	H	País	Desde
Science of Gymnastics Journal	11	Saúde; Medicina; Ciências Sociais.	7	Eslovênia	2012
Journal of Biomechanics	4	Bioquímica, genética e biologia molecular; Engenharia; Saúde; Medicina.	177	Holanda	1968
Journal of Applied Biomechanics	3	Bioquímica, genética e biologia molecular; Engenharia; Saúde; Medicina.	50	Estados Unidos da América	1995
The Korean Journal of Sport	3	Bioquímica, genética e biologia molecular; Engenharia; Saúde; Medicina.	N/C	Coreia	1992
The Korean Society of Sports Science	3	Ciência do esporte; Saúde.	N/C	Coreia	1991
Motriz. Revista de Educação Física	3	Saúde; Medicina; Ciências Sociais.	11	Brasil	2010
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	3	Bioquímica, genética e biologia molecular; Saúde; Ciências Sociais.	N/C	Brasil	2004
Biology of Sport	2	Saúde; Medicina.	20	Polônia	1996
Human Movement Science	2	Bioquímica, genética e biologia molecular; Saúde; Medicina e Psicologia.	80	Holanda	1982
Journal of Physical Education and Sport	2	Saúde.	21	Romênia	2011
Sports Biomechanics	2	Saúde; Medicina.	34	Reino Unido	2002

FONTE: os autores (2020).

Os assuntos abordados de todos os artigos encontrados na presente pesquisa foram classificados em sete categorias (Gráfico A1.2), a saber: questões biomecânicas da ginástica (18 artigos); código de pontuação e julgamento dos elementos ginásticos (dez artigos); aspectos sociais, históricos e políticos a respeito da ginástica (sete artigos); características morfológicas de atletas (cinco artigos); estudos a respeito da saúde dos atletas, os quais incluem lesões,

patologias, hidratação e alimentação (cinco artigos); tópicos a respeito do treinamento da ginástica, incluindo variáveis metabólicas, treinamento de força e métodos de treinamento (quatro artigos); estudos que fizeram análise da idade de atletas ao longo dos anos (três artigos).



FONTE: os autores (2020).

2.4 DISCUSSÃO

Descrever a produção científica de uma área específica, a partir de uma pesquisa bibliométrica, pode auxiliar na compreensão de sua evolução (ou não) e apontar as tendências de publicações que versam sob determinado objeto de estudo (BLANCA-TORRES et al., 2020). Por isso, entende-se que os resultados aqui apresentados poderão contribuir para o conhecimento específico da GAM, em especial, orientar os pesquisadores em formação (JOB, 2006).

Sendo assim, primeiramente verificou-se a temporalidade dos artigos encontrados. Destaca-se que o artigo mais antigo constatado nesta pesquisa é datado de 1994. No entanto, a plataforma *Web of Science* apresenta artigos científicos desde 1945. Já a base *Scopus* é mais recente, sendo que os artigos mais antigos são datados do final da década de 1990. Possivelmente, as produções acerca da GAM anteriores utilizavam o termo ginástica olímpica masculina, nomenclatura que foi utilizada até a década de 1980 para designar a modalidade. Tal mudança, segundo Nunomura, Nista-Piccolo e Grupo Eunegi (2004), foi realizada após a inclusão de novas modalidades ginásticas no programa olímpico – ginástica rítmica, em 1984, e ginástica de trampolim, em 1996, – desta forma evitando confusões, já que seriam quatro

modalidades ginásticas a fazer parte do programa olímpico (artística masculina; artística feminina; rítmica; e de trampolim).

Ainda no que tange a temporalidade dos artigos publicados a respeito da GAM, destacam-se os anos de 2017 e 2018, período em que mais houve artigos a respeito da modalidade, cerca de 15% (8) e 17% (9), respectivamente. O sensível aumento da produção em anos mais recentes é, possivelmente, resultado da maior produção acadêmica mundial em consonância com a ampliação das plataformas de busca. Tal fato corrobora com outras pesquisas bibliométricas, as quais apontam para o crescimento, em especial na última década, de pesquisas em diferentes áreas da Ciência do Esporte (CIOMAGA, 2013; LINDAHL et al., 2015; PESET et al., 2013; PRIETO; GÓMEZ; SAMPAIO, 2015).

Isto posto, a verificação do período temporal dos artigos encontrados indica que a produção de artigos científicos a respeito da GAM tem aumentado nos últimos anos. Este dado mostra a tendência de interesse crescente a respeito desta temática, de certa forma, encorajando novos pesquisadores a se debruçarem sobre o tema.

A verificação da autoria dos artigos científicos pode servir para reconhecer autores e grupo de pesquisas de determinada área. Neste sentido, Maurice Raymond Fred Yeadon e Michael Hiley destacam-se na produção científica a respeito da GAM. Os dois pesquisadores apresentaram oito artigos cada um; isso significa pouco mais de 15% do total cada. Os pesquisadores publicaram, juntos, um montante de sete artigos, com ordens de autorias alternadas. O foco de investigação deles são as questões da biomecânica. O professor Yeadon é professor emérito e um dos projetos de que participa é intitulado “Mergulho, Trampolim e Ginástica” (tradução nossa). Tal projeto é voltado aos estudos a respeito de modelos de simulação computadorizada de movimentos da ginástica e de saltos ornamentais. A única pesquisa de Yeadon sem a colaboração do colega Hiley foi justamente a publicada em 1994 e intitulada “Técnicas de *twist* usadas na saída das argolas” (tradução nossa), publicada no periódico *Journal of Applied Biomechanics*, possibilitando interpretar que o referido autor é um dos pioneiros em estudos que relacionam a biomecânica e a GAM. Hiley, por sua vez, é autor principal da pesquisa “Otimização do *felge* em barras paralelas” (tradução nossa) em conjunto com outros dois autores. Ele, assim como Yeadon, é pesquisador da *Loughborough University* e professor associado da instituição.

Os pesquisadores Marco Antônio Bortoleto e Ivan Čuk destacam-se com cinco (9,8%) publicações a respeito da GAM cada um. O professor Bortoleto atua na Universidade Estadual de Campinas e coordena grupos de pesquisa a respeito da ginástica e circo com foco, especialmente, em aspectos culturais do treinamento da ginástica, na pedagogia do circo e na

promoção e participação na ginástica para todos. A sua produção é concentrada na área sociocultural da modalidade, a título de exemplo, o artigo intitulado “A ginástica artística masculina (GAM) de alto rendimento: observando a cultura de treinamento desde dentro”. Bortoleto faz parte do seleto grupo de autoridades da FIG e é parte do conselho científico da revista *Science of Gymnastics Journal*, na qual Čuk é editor-chefe. Pertencente ao corpo docente da *University of Ljubljana*, na Eslovênia, mesma instituição da revista supracitada, Čuk ocupa o cargo de chefe do departamento de ginástica e cinesiologia, ou seja, mais um pesquisador que tem como tema de investigação a biomecânica da ginástica; tal fato pode ser evidenciado ao observarmos os artigos por ele publicados.

Ainda na esteira de verificar a autoria dos artigos a respeito da GAM, encontram-se dois pesquisadores com quatro (5,88%) artigos cada um, são eles: Almir Atiković e Dom-Min Kim. O primeiro apresenta dois estudos em coautoria com a pesquisadora croata Sunčica Delaš Kalinski. Pesquisador da Faculdade de Educação Física e Esportes da *Univerzitet u Tuzli*, Atiković destaca-se na produção a respeito da idade dos atletas da GAM, entre eles, o artigo intitulado “Tendências da idade na ginástica artística em campeonatos mundiais e jogos olímpicos de 2003 a 2016”, o qual aponta o aumento linear da idade dos participantes dos Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais de Ginástica Artística, e, ao comparar os dois grupos, constatou a maior idade entre os homens da GA (ATIKOVIC; KALINSKI; ČUK, 2017). Vale destacar que o referido autor também faz parte do conselho científico da revista *Science of Gymnastics Journal*.

O pesquisador da *Korea National Sport University* Dong-min Kim destaca-se pela produção acerca da avaliação – notas dos árbitros – de determinados aparelhos da GAM em diferentes competições internacionais. Chama a atenção o fato de ele ser o autor, nos resultados desta pesquisa, que mais apresentou pesquisas individuais (três). Ainda assim, pondera-se a dificuldade de leitura na íntegra dos artigos por ele publicados, tendo em vista que todos (quatro) estão em revistas coreanas que apresentam apenas o resumo em língua inglesa.

Outros autores foram listados com três (5,8%) artigos acerca da GAM. Entre eles, Gareth Irwin – líder de pesquisa na *Cardiff Metropolitan University*, Reino Unido e integrante do projeto “Biomecânica das argolas” (tradução nossa) da já citada Sunčica Delaš Kalinski da *University of Split*, Croácia. O pesquisador brasileiro Mauricio dos Santos de Oliveira é professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo e apresenta-se como autor principal em três artigos, os quais foram escritos em coautoria com Marco Antônio Coelho Bortoleto. Tal situação indica que os estudos foram realizados por Oliveira com orientação do professor Bortoleto. Bessem Mkaouer, que também aparece como autor de três artigos, é

professor do Departamento de Ginástica na *Univercity of Manouba*, Tunísia. Nos três artigos de sua autoria, ele é o primeiro autor, e os pesquisadores Samiha Amara – professora assistente da mesma instituição – e Helmi Caaabene – professor convidado da *Universität Potsdam* – aparecem em diferentes posições de autoria nos mesmos artigos. Tal fato indica que estes artigos são frutos do grupo de pesquisas do departamento de ginástica liderado pelo professor Mkaouer.

Ao observar os países de filiação dos principais autores a respeito da GAM, percebe-se a supremacia do Reino Unido (três), seguido pelo Brasil (dois). Ao pesquisar na plataforma SJR o *ranking* dos países que mais publicaram sobre o assunto ciência do esporte, percebeu-se que os Estados Unidos da América, o Reino Unido e o Canadá ocupam as primeiras posições. Na mesma direção, o estudo de Jamali et al. (2015) indicou que 39% das publicações sobre a Educação Física no *Web of Science* entre os anos de 1980–2013 são dos Estados Unidos da América, seguido pela Turquia (17%) e Espanha (8%). Por este motivo, chama atenção o fato de nenhum pesquisador norte-americano ou canadense figurar entre os mais produtivos acerca da GAM.

Ao evidenciar as revistas que mais publicaram a respeito de uma área específica é possível identificar os periódicos que tratam da GAM, nesse sentido, destaca-se o *Science of Gymnastics Journal*. O periódico conta com 11 artigos, cerca de 21% dos artigos publicados entre os anos de 1994 e 2019 a respeito da temática. Certamente esse dado não surpreende tendo em vista que é o único jornal internacional específico da ginástica. O periódico é apoiado pela FIG e é editado pelo departamento de ginástica da *University of Ljubljana*. Ao observar o corpo editorial, percebe-se a representatividade de diferentes países, a saber: Bósnia e Herzegovina; Brasil; Canada; Croácia; Alemanha; Hungria; Japão; Rússia; Espanha; Reino Unido e Estados Unidos da América (SCIENCE OF GYMNASTICS JOURNAL, 2020). Vale ressaltar que o periódico em questão está completando dez anos de existência, mas a indexação na plataforma SJR somente ocorreu em 2012, e tal fato pode ser o motivo de apresentar o índice H menor do que a maioria dos periódicos categorizados. A título de exemplo, o segundo periódico que mais publicou a respeito da GAM, com cerca de 7% do total de artigos (quatro), o *Journal of Biomechanics*, apresenta artigos desde 1968 e o índice H do referido jornal é de 177.

Algumas consequências são salientadas pelo fato de haver um único periódico que trata especificamente da ginástica, a saber: as publicações da revista devem ser acompanhadas frequentemente por pesquisadores que tratam da ginástica; os profissionais que trabalham diretamente com ginastas devem ser incentivados a acessar esta revista para aprimorar seu conhecimento científico sobre a modalidade; pelo menos mais uma revista deveria debruçar-se

sobre a ginástica, pois, desta forma, aumentaria a diversidade de opiniões e abordagens sobre o tema (FRANCHINI; GUTIERREZ-GARCIA; IZQUIERDO, 2018).

Na sequência observa-se cinco periódicos, cada um com três (5,8%) artigos publicados a respeito da GAM, são eles: o norte-americano – *Journal of Applied Biomechanics*; os dois coreanos – *The Korean Society of Sports Science* e *The Korean Journal of Sport*; os dois brasileiros *Motriz. Revista de Educação Física*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*. Vale ressaltar que a plataforma *Web of Science* privilegia conteúdos anglo-saxônicos e apresenta maior cobertura na área das ciências em relação a artes e humanidades (VILLAREJO; PALAO; ORTEGA, 2010). Embora o *Scopus* apresente maior cobertura de outros países, para além dos que têm por língua oficial o inglês (PÉREZ-GUTIÉRREZ; COBO-CORRALES; IZQUIERDO-MACÓN, 2018), os artigos encontrados nas revistas coreanas somente foram identificados por meio da plataforma *Web of Science*, enquanto os artigos em língua portuguesa foram detectados pela plataforma *Scopus*.

Destaca-se que, dentre todas as revistas encontradas nesta pesquisa, nenhuma encontra-se no Top 10 dos periódicos científicos da Educação Física apontados por Jamali et al. (2015). Este dado indica a necessidade de pesquisadores da GAM buscarem publicações nos principais periódicos da área da Educação Física, para, assim, conquistarem destaque dentro do campo ao qual pertencem.

No Quadro A1.2 é possível observar os países dos periódicos que mais publicaram a respeito da GAM. A supremacia numérica (55%) de revistas do continente europeu é destacada. O segundo continente com mais periódicos foi a América (27%), porém com a representatividade de apenas dois países: Estados Unidos da América e Brasil. O continente asiático, que foi destaque em pesquisa bibliométrica sobre o judô (PESET et al., 2013), apareceu na terceira posição (18%).

A identificação pormenorizada dos assuntos abordados nos artigos possibilita o reconhecimento das tendências das pesquisas a respeito da GAM, bem como a identificação de principais autores por assunto. Isso posto, é notável a supremacia da área biológica quando comparada à área social. Obviamente, tal dado não surpreende, tendo em vista que de modo geral existe um menor número de pesquisadores e, por consequência, menor número de publicações na área social do esporte. A título de exemplo, a pesquisa de Corrêa, Corrêa e Rigo (2019) indica que no Brasil há cerca de 32 programas de Pós-Graduação em Educação Física, com 666 pesquisadores. Dentre eles, cerca de 72% estão lotados na área biodinâmica, 25% na área social, e outros 3% em ambas.

Ao observar-se a distribuição por assunto, observou-se a supremacia de artigos que tratam dos aspectos biomecânicos (34%), especialmente no que tange a análise de movimentos em aparelhos da ginástica. De certa forma, ao apresentar os periódicos que mais publicaram a respeito do tema, assim como os autores que mais produziram sobre a GAM, já foi possível identificar a maior produção sobre o viés da biomecânica.

O estudo de Prassas, Know e Sands (2006) já indicava o crescimento do número de pesquisas a respeito da biomecânica do movimento nas modalidades ginásticas. A título de exemplo, Hiley e Yeadon (2016) analisaram a execução do *kovacs* – exercícios de largadas e retomadas na barra fixa – de nove atletas para auxiliar na execução do movimento, conseqüentemente, evitando a queda. Para tanto, os autores utilizaram um modelo de simulação computadorizado, e o movimento foi analisado antes e depois da simulação. A taxa de sucesso do movimento aumentou dos iniciais 11% para 93%, isso indica uma possibilidade tecnológica efetiva para a melhora da performance dos atletas.

Em destaque, o segundo assunto mais abordado nos artigos foi o julgamento da ginástica (19%). Por exemplo, a pesquisa de Carrara e Mochizuki (2011), a qual verificou, a partir de entrevistas com treinadores brasileiros e portugueses, a influência das novas regras (a partir de 2006) estipuladas no código de pontuação da FIG no treinamento da GAM. A análise de conteúdo das entrevistas indicou para o aumento da complexidade das séries. Tal fato fez com que os técnicos aumentassem o volume e a intensidade dos treinamentos e realizassem adaptações no conteúdo da preparação física, técnica e tática.

Os aspectos sociais, históricos e políticos a respeito da GAM ocupam a terceira posição temática (13%) entre as publicações. Dentro deste grupo, foi possível observar diferentes enfoques, tais como a pesquisa de Rohleder e Vogt (2018), o sistema de formação esportiva alemão, e, assim, apontou os desafios para a GAM. Já Čuk e Šibanc (2018) realizaram uma pesquisa histórica dos medalhistas olímpicos no individual geral, desde a primeira edição. Os resultados da pesquisa também apontam para as mudanças nas regras da GAM como um fator histórico, visto que, cada vez mais, os especialistas em determinados aparelhos estão se destacando em detrimento de atletas generalistas.

Ainda assim, na distribuição temática apresentada, é possível perceber que os artigos que tratam da GAM sob o viés das Ciências Humanas são em menor número se comparados aos das Ciências Biológicas. Tal fato não surpreende, tendo em vista que outras pesquisas que tratam de modalidades esportivas já apontam para essa discrepância numérica. O estudo de Palazón, Ortega e García-Angulo (2015) indica que apenas 2,4% da produção acadêmica a respeito do futebol de salão, entre os anos de 2005 e 2014, se encaixa na categoria chamada por

eles de “sociologia do esporte”, a menor representação entre as nove categorias elencadas pelos autores.

Vale ressaltar que estudos analíticos que compararam os diferentes bancos de dados bibliográficos apontam que tanto o *Web of Science* quanto o *Scopus* tendem a privilegiar estudos de Ciências Biológicas (ARCHAMBAULT et al., 2009; MONGEON; PAUL-HUS, 2016).

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever o perfil da produção científica sobre a GAM em periódicos indexados nas plataformas *Scopus* e *Web of Science*, constatou-se que: o primeiro artigo publicado a respeito do tema é datado de 1994 e o ano com maior número de publicações até o momento foi o de 2018, com destaque para o período temporal entre 2015–2018; dentre os autores que mais produziram encontram-se dois britânicos (Maurice Yeadon e Michael Hiley), um brasileiro (Marco Bortoleto) e um esloveno (Ivan Čuk); a supremacia numérica de artigos relacionados a GAM no periódico *Science of Gymnastics Journal* (21%), seguido do *Journal of Biomechanics* (7%); 34% dos artigos tratam da biomecânica da ginástica, 19% sobre as regras da modalidade e o julgamento, 14% tratam de aspectos sociais, históricos e políticos a respeito da ginástica, 10% analisam características morfológicas de atleta, outros 10% tratam da saúde dos atletas, 8% investigam questões do treinamento da ginástica, incluindo variáveis metabólicas, treinamento de força e métodos de treinamento, e 6% são estudos que fizeram análise da idade de atletas ao longo dos anos.

Ainda assim, foi possível identificar correlações entre as variáveis investigadas. Ao verificar autorias e evidenciar as revistas que mais publicaram a respeito da GAM identificou-se a relação entre os pesquisadores e o periódico *Science of Gymnastic Journal* (Ivan Čuk, Marco Antonio Bortoleto e Almir Atiković). A mesma situação ocorreu ao verificar área temática dos periódicos analisados e a identificação dos assuntos abordados nos artigos; a biomecânica se sobressaiu.

Embora se entenda como uma limitação do estudo a escolha metodológica, tanto de plataforma de busca quanto as palavras-chaves definidas, pretendeu-se aqui apontar o panorama da produção acadêmica específica da GAM, a partir dos requisitos metodológicos supracitados. Certamente, pesquisas relevantes acerca do objeto escaparam do filtro aqui realizado, chamando a atenção para os cuidados que os autores devem ter ao redigir título, palavras-chaves e resumo de suas produções. Da mesma forma, pondera-se que ao utilizar os bancos de dados do *Web of Science* e *Scopus* privilegiou-se o conteúdo das Ciências Biológicas em detrimento

das Ciências Humanas. Além disso, os periódicos em língua inglesa foram favorecidos. Também a presente pesquisa não contemplou livros, os quais foram (e ainda são) um forte meio de disseminação do conhecimento em esportes ginásticos.

Sendo assim, espera-se que este estudo possa oferecer subsídios para a ampliação do conhecimento da produção científica a respeito do tema e também incentivar pesquisadores a debruçar-se sobre temas específicos da GAM. Afinal, os dados aqui apresentados podem auxiliar na escolha de periódicos a serem acompanhados e de encaminhamento dos futuros trabalhos. Da mesma forma, direcionar o desenvolvimento de novas investigações e localizar os principais autores e instituições de determinado assunto.

REFERÊNCIAS

ALRYALAT, S. A. S.; MALKAWI, L. W.; MOMANI, S. M. Comparing Bibliometric Analysis Using PubMed, Scopus, and Web of Science Databases. **Journal of Visualized Experiments**, Boston, n. 152, p. e58494, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3791/58494>.

ARCHAMBAULT, E. et al. Comparing bibliometric statistics obtained from the Web of Science and Scopus. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, Silver Spring, v. 60, n. 7, p. 1320-1326, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.21062>.

ATIKOVIC, A.; KALINSKI, S. D.; ČUK, I. Age trends in artistic gymnastic across world championships and the olympic games from 2003 to 2016. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 9, n. 3, p. 251-263, 2017.

ATIKOVIĆ, A.; KALINSKI, S. D.; SMAJLOVIĆ, S. Historical analysis of the chronological age trend of the participants of men's artistic gymnastics who have won medals in the period between 1896 and 2016. **Journal of Physical Education and Sport**, Bucharest, v. 17, n. 1, p. 233-239, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7752/jpes.2017.01035>.

BLANCA-TORRES, J. C. et al. Bibliometric analysis of scientific production in badminton. **Journal of Human Sport and Exercise**, Alicante, v. 15, n. 2, p. 267-282, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14198/jhse.2020.152.03>.

CARRARA, P. et al. The cross on rings performed by an Olympic champion. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 71-77, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100071>.

CARRARA, P.; MOCHIZUKI, L. Influência do Código de Pontuação no treino da Ginástica Artística Masculina. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, n. 4, p. 691-699, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742011000400014>.

CIOMAGA, B. Sport management: A bibliometric study on central themes and trends. **European Sport Management Quarterly**, Köln, v. 13, n. 5, p. 557-578, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/16184742.2013.838283>.

CLANCY, R. B.; HERRING, M. P.; CAMPBELL, M. J. Motivation measures in sport: A critical review and bibliometric analysis. **Frontiers in Psychology**, Pully, v. 8, p. 348, 2017. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00348>.

CORRÊA, M. R. D.; CORRÊA, L. Q.; RIGO, L. C. A pós-graduação na educação física brasileira: condições e possibilidades das subáreas sociocultural e pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 41, n. 4, p. 359-366, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.009>.

ČUK, I.; ŠIBANC, K. How successful are men all-around olympic medalists on apparatus events at olympic games from 1924 to 2016. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 369-380, 2018.

FRANCHINI, E.; GUTIERREZ-GARCIA, C.; IZQUIERDO, E. Olympic combat sports research output in the Web of Science: A sport sciences centered analysis Submission. **Ido Movement for Culture**, Strzyżów, v. 18, n. 3, p. 21-27, 2018. DOI: <https://doi.org/10.14589/ido.18.3.4>.

HARZING, A. W.; ALAKANGAS, S. Google Scholar, Scopus and the Web of Science: a longitudinal and cross-disciplinary comparison. **Scientometrics**, [s. l.], v. 106, n. 2, p. 787-804, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1798-9>.

HILEY, M. J.; YEADON, M. R. What governs successful performance of a complex whole body movement: The Kovacs release-regrasp on horizontal bar?. **Journal of Biomechanics**, New York, v. 49, n. 16, p. 3971-3976, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbiomech.2016.11.048>.

JAMALI, S. M. et al. Publication Trends in Physics Education: Jamali, Seyedh Mahboobeh Nurulazam, AhmaA Bibliometric study. **Journal of Educational Research**, [London], v. 35, p. 19–36, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.801889>.

JOB, I. Análise bibliométrica das teses de uma comunidade científica em educação Física com uso do método indiciário. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 28, n. 1, p. 201-216, 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/47>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KILIJANEK, K.; SANCHEZ, K. History and Overview of Gymnastics Disciplines. In: SWEENEY, E. (ed.). **Gymnastics medicine**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 1-14.

LINDAHL, J. et al. Trends and knowledge base in sport and exercise psychology research: A bibliometric review study. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, Abingdon, v. 8, n. 1, p. 71-94, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/1750984X.2015.1019540>.

MINASNY, B. et al. Citations and the h index of soil researchers and journals in the web of science, scopus, and google scholar. **Peer J**, Corte Madera, v. 1, p. e183, 2013. DOI: <https://doi.org/10.7717/peerj.183>.

MKAOUER, B. et al. Evaluating the physical and basic gymnastics skills assessment for talent identification in men's artistic gymnastics proposed by the International Gymnastics Federation. **Biology of Sport**, Warszawa, v. 35, n. 4, p. 383-392, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5114/biolsport.2018.78059>.

MONGEON, P.; PAUL-HUS, A. The journal coverage of Web of Science and Scopus: a comparative analysis. **Scientometrics**, [s. l.], v. 106, n. 1, p. 213-228, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1765-5>.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L.; GRUPO EUNEGI. Ginástica olímpica ou ginástica artística? Qual a sua denominação?. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 12, n. 4, p. 69-74, 2004. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/589/613>. Acesso em: 20 nov. 2021.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v22i2.9986>.

PAJEK, M. Individual apparatus results of female all around olympic champions. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 357-368, 2018.

PALAZÓN, M. A.; ORTEGA, E.; GARCÍA-ANGULO, A. Análisis bibliométrico de la producción científica en el fútbol sala. **SPORT TK: Revista Euro Americana de Ciencias del Deporte**, Murcia, v. 4, n. 2, p. 19-23, 2015. DOI: <https://doi.org/10.6018/242901>.

PÉREZ-GUTIÉRREZ, M.; COBO-CORRALES, C.; IZQUIERDO-MACÓN, E. Chilean sport sciences scientific production indexed in the Web of Science (1981-2016). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 24, n. 1, p. e1018148, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-6574201800010008>.

PESET, F. et al. Scientific literature analysis of judo in Web of Science. **Archives of Budo**, Warsaw, v. 9, n. 2, p. 81-91, 2013. DOI: <https://doi.org/10.12659/AOB.883883>.

PRASSAS, S.; KWON, Y. H.; SANDS, W. A. Biomechanical research in artistic gymnastics: A review. **Sports Biomechanics**, Edinburgh, v. 5, n. 2, p. 261-291, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/14763140608522878>.

PRIETO, J.; GÓMEZ, M. A.; SAMPAIO, J. A bibliometric review of the scientific production in handball. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 15, n. 3, p. 145-154, 2015. DOI: <https://dx.doi.org/10.4321/S1578-84232015000300014>.

ROHLEDER, J.; VOGT, T. Framework of male artistic gymnastics in the German elite sport system: discipline-specific approach on the national debate. **German Journal of Exercise and Sport Research**, Berlin, v. 48, n. 4, p. 587-592, 2018.

SÁNCHEZ-PAY, A. Análisis de la producción científica sobre el tenis en silla de ruedas. **Revista Iberoamericana de Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, Málaga, v. 8, n. 2, p. 13-25, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24310/riccafd.2019.v8i2.6697>.

SCHIAVON, L. M.; LOCCI, B. Brazilian olympic gymnasts' perspectives on their participation in the olympic games. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 437-451, 2018.

SCIENCE OF GYMNASTICS JOURNAL. Ljubljana, 2020. Disponível em: <https://www.fsp.uni-lj.si/en/research/scientific-magazines/science-of-gymnastics/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SILVA, M. R. G. et al. Gender inequalities in portuguese gymnasts between 2012 and 2016. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 9, n. 2, p. 191-200, 2016.

TSIGILIS, N. et al. Impact factors of the sport sciences journals: Current trends, relative positions, and temporal stability. **European Journal of Sport Science**, Champaign, v. 10, n. 2, p. 81-90, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/17461390903125152>.

VILLAREJO, D.; PALAO, J. M.; ORTEGA, E. La Producción Científica En Rugby Union Entre 1998-2007. **E-Balonmano**, Mérida, v. 6, n. 3, p. 155-161, 2010. Disponível em: <http://e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/60>. Acesso em: 20 nov. 2021.

3 ARTIGO 2

A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

3.1 INTRODUÇÃO

É difícil detectar objetivamente os aspectos que resultam no sucesso em esportes de elite. Os vários fatores que o influenciam são classificados por De Bosscher et al. (2015) em três diferentes níveis: macro; meso; e micro nível. No primeiro nível encontram-se os fatores sociais e culturais, tais como: geografia; política; urbanização; demografia; economia; e cultura nacional. No segundo nível, estão os fatores que influenciam o ambiente político, nesse caso, enquadram-se as políticas de seleção de talentos, de formação de treinadores e de incentivo ao atleta. Por fim, no nível micro estão os fatores que influenciam o atleta de maneira individual, ou seja, a hereditariedade, o suporte parental, a relação com os treinadores e o envolvimento com os colegas (DE BOSSCHER et al., 2015).

Outros estudos (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2014; DIEHL et al., 2014; DUFFY et al., 2006; HALLMANN et al., 2018) se propõem a analisar o sucesso esportivo a partir de outras variáveis. Nessa direção, Hallmann et al. (2018) indicam a necessidade de observar o sucesso esportivo a partir da perspectiva individual. Sendo assim, o modelo de análise dos autores pressupõe que o capital humano, a motivação, as características organizacionais e os dados sociodemográficos influenciam o sucesso esportivo.

Dessa forma, é possível perceber que a trajetória esportiva de um atleta de elite é tema relevante de estudo, afinal, durante o processo de formação o atleta passa por diferentes fases, as quais o levarão (ou não) para o sucesso esportivo (PERES; LOVISOLO, 2006). Ainda assim, sabe-se que existem diferenças entre as modalidades esportivas, as quais não devem ser menosprezadas. Levando-as em consideração, tais diferenças, parte-se para a análise de uma modalidade específica – a ginástica artística (GA).

Este esporte olímpico possui características singulares (ALEIXIO; NUNOMURA, 2018; FERREIRA-FILHO et al., 2016; LOPES et al., 2016; OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2018). A constante mudança nas regras do Código de Pontuação da modalidade (CARRARA et al., 2016; HEORHIVNA; OLEKSANDRIVNA; OLEKSANDROVICH, 2020; NUNOMURA et al., 2019; ROHLER; VOGT, 2019), a especialização precoce (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; PION et al., 2015), as características

morfológicas dos atletas (ATIKOVIC, 2020; BARKER-RUCHTI, 2009; CARRARA et al., 2016; KAUR; KOLEY, 2019; SILVA; SILVA; LUEMBA, 2020) e o tempo de treinamento necessário para alcançar o alto nível (CARRARA et al., 2016; ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; ISSURIN, 2017) são exemplos dessas particularidades.

No entanto, até o momento (2021), não foram encontrados na literatura trabalhos de revisão sistemática que se proponham a sintetizar os achados dos diferentes estudos sobre a trajetória de atletas de GA. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo revisar, de forma sistemática, estudos que tratam de trajetória esportiva de atletas de elite da GA. Para tanto, foi observado o foco do estudo, as características dos participantes dos estudos, a metodologia empregada e os resultados obtidos. Isso, porque os artigos de revisão sistemática têm se tornado uma ferramenta útil para consulta, intervenção e elaboração de estudos futuros (PARK; LAVALLEE; TOD, 2013; VISSOCI et al., 2020).

3.2 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo exposto foi utilizado o método de revisão sistemática qualitativa. Trata-se de rigorosa síntese e interpretação dos dados de pesquisas relacionadas ao objetivo do estudo (GOMES; DE OLIVEIRA CAMINHA, 2014; VISSOCI et al., 2020). Nesse caso, torna-se relevante considerar as semelhanças e diferenças entre as pesquisas já realizadas, buscando ampliar as interpretações dos dados e indicando releituras acerca do tema. Para isso, estabeleceram-se os seguintes passos: 1) busca dos artigos nas bases de dados; 2) exclusão de artigos duplicados; 3) análise dos títulos, resumos e palavras-chave; 4) exclusão de artigos que não atendiam aos requisitos da revisão; 5) apresentação do número de exclusões e as razões para tal; 6) leitura na íntegra dos artigos selecionados; 7) análise de elegibilidade; 8) extração e organização dos dados das pesquisas; 9) interpretação dos dados.

Tendo em vista a cobertura e a qualidade acadêmica dos artigos indexados (ALRYALAT; MALKAWI; MOMANI, 2019; HARZING; ALAKANGAS, 2016; MONGEON; PAUL-HUS, 2016), as bases de dados consultadas foram: *Web of Science* e *Scopus*. Buscou-se nos títulos, resumos e palavras-chave os termos em inglês: “career”; “talent”; “support”; “developmet”; “performance”; “coach”; “financial”, cada um deles combinados com o termo “artistic gymnastics”. Para tanto, foi usado o marcador booleano AND. A pesquisa contemplou todos os artigos originais encontrados até o mês de julho de 2020, sem filtro.

Foram considerados para a presente revisão artigos originais, os quais tratam de temas que versam a respeito da trajetória esportiva de atletas de elite da GA. Foram excluídos artigos de revisão, resumos apresentados em eventos científicos e artigo de opinião.

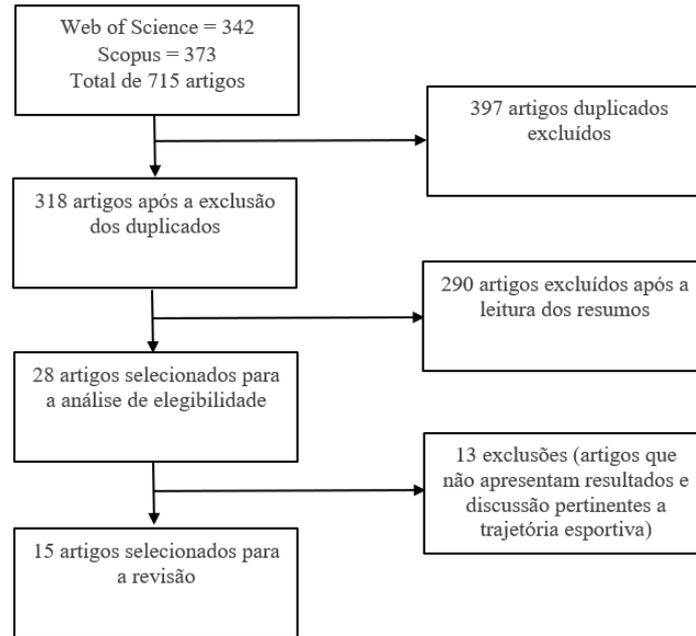
Quanto à qualidade dos estudos, foram considerados aqueles que poderiam auxiliar na construção da resposta à pergunta desta revisão (HIGGINS; THOMAS, 2019). Afinal, entende-se que em estudos qualitativos os critérios de avaliação de qualidade estão relacionados à congruência entre o objeto de pesquisa, metodologia utilizada, interpretação dos resultados e atenção aos critérios éticos de pesquisa (PETERS et al., 2020). Nesse sentido, todos os artigos analisados atenderam aos critérios.

Conforme sugere o método de investigação, dois pesquisadores independentes realizaram a busca dos artigos, bem como aplicaram os critérios de inclusão e exclusão. Quando ocorreu alguma divergência entre os pesquisadores, um terceiro especialista foi consultado. A extração dos dados dos artigos foi organizada de acordo com os seguintes tópicos: foco do estudo; local de realização do estudo (contexto); participantes; metodologia empregada; e principais resultados. Além disso, identificaram-se as variáveis associadas à trajetória esportiva de atletas de GA, as congruências e divergências entre os estudos, bem como as possíveis interpretações da síntese proposta.

3.3 RESULTADOS

A partir dos critérios de busca apresentados, foram encontrados 715 estudos. A Figura A2.1, a seguir, ilustra o processo de seleção dos artigos incluídos nessa revisão.

FIGURA A2.1 – DIAGRAMA DO FLUXO DOS ARTIGOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE FINAL DA REVISÃO SISTEMÁTICA



FONTE: os autores (2021).

A primeira análise, de acordo com os critérios supracitados, excluiu 397 estudos duplicados. Depois da análise dos resumos, títulos e palavras-chave, foram excluídos 290 artigos que tratavam de outros temas, tais como: ginástica rítmica; ginástica de trampolim; análises biomecânicas; estudos experimentais que mensuram efeitos do treinamento sob as diferentes capacidades físicas; artigos que tratam do desenvolvimento motor, da composição corporal de atletas, de questões nutricionais, da arbitragem da GA e tecnologias de apoio; idade de atletas; bem como validação de instrumento. Sendo assim, foram selecionados 28 estudos para a leitura na íntegra. Por fim, descartaram-se 13 artigos que não trouxeram resultados e discussão pertinentes à temática. Sendo, então, eleitos 15 artigos para a análise. Dentre eles, 13 foram publicados em língua inglesa e 2 em língua portuguesa. Todos os estudos utilizaram entrevistas semiestruturadas, sendo que dois deles partiram dos pressupostos metodológicos da história oral, um deles utilizou em consonância com a análise documental, e outro com etnografia. Quanto ao método de análise dos dados, os artigos foram agregados em três grupos: análise de conteúdo (Quadro A2.1); análise interpretativa e fenomenológica (Quadro A2.2); e história oral e outros (Quadro A2.3).

QUADRO A2.1 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM A ANÁLISE DE CONTEÚDO

(continua)

Autores e ano de publicação	Foco	Contexto	Participantes	Método	Principais resultados
Nunomura, M., Okade, Y., & Carrara, P. (2012)	Relação entre técnicos-atletas e como eles lidam com a motivação das ginastas.	Brasil	46 participantes brasileiros - 12 (GAM) e 34 (GAF) treinadores de elite (diferentes categorias).	Entrevista semiestruturada. Análise de conteúdo.	O treinamento de GA exige muita motivação. Os treinadores usam de estratégias de motivação, muitas vezes inadequadas. Observou-se que a infraestrutura e o financiamento podem ser fatores negativos para a motivação dos ginastas brasileiros.
Nunomura, M., & Oliveira, M. S. (2012)	Centro de treinamento de ginástica, em regime de internato (infraestrutura).	Brasil	34 técnicos (GAF) brasileiros de elite (diferentes categorias).	Entrevista semiestruturada. Análise de conteúdo.	Os pontos positivos do CT: a equipe brasileira melhorou os resultados internacionais, pois as atletas tiveram acesso a equipamento de qualidade, treinadores com experiência internacional, suporte financeiro e equipe multidisciplinar. Por outro lado, a centralização causou um enfraquecimento de clubes, desvalorizou técnicos nacionais formadores e reduziu o número de praticantes da modalidade no Brasil.
Nunomura, M., & Oliveira, M. S. (2013)	Suporte dos pais para a carreira atlética da GAF e GAM.	Brasil	163 participantes brasileiros – 123 atletas (GAF) e 40 atletas (GAM) de elite (diferentes categorias).	Entrevista semiestruturada. Análise de conteúdo.	Os resultados revelaram diferentes percepções de positivo e negativo apoio dos pais. As atletas mais novas apreciam a participação e interesse dos pais em monitorar suas atividades esportivas. Os autores alertam para a necessidade de encontrar um equilíbrio entre o nível de engajamento dos pais, pois o excesso mostrou-se negativo.

QUADRO A2.1 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM A ANÁLISE DE CONTEÚDO

(conclusão)

Autores e ano de publicação	Foco	Contexto	Participantes	Método	Principais resultados
Pinheiro, M. C., Pimenta, N., Resende, R., & Malcolm, D. (2014)	Os abusos sofridos por ex-ginastas durante a carreira esportiva.	Portugal	6 ex-atletas (GAF) portuguesas que competiram internacionalmente (JO, CM e Campeonato Europeu)	Entrevista semiestruturada. Análise de conteúdo.	O controle de peso, as lesões e as punições foram identificados como parte de uma cultura da ginástica, sendo entendida como "normal" para aqueles que a praticam. As famílias parecem aceitar e seguir as orientações dos treinadores.
Duarte, L. H., Carbinatto, M. V., & Nunomura, M. (2015)	O medo na ginástica.	Brasil	16 atletas (GAF), entre 9 e 10 anos de idade. Participantes de competição estadual (formação).	Entrevista semiestruturada. Análise de conteúdo.	As principais causas de medo foram: de machucar-se, de errar, do aparelho e do treinador. A respeito de estratégias para controlar o medo, detectou-se: apoio social, (amigos e familiares), apoio pedagógico, atenção e concentração, pensamento positivo e autoconfiança, prática mental e técnicas de relaxamento.
Cervin, G., Kerr, R., Barker-Ruchti, N., Schubring, A., & Nunomura, M. (2017)	Relação entre técnicos-atletas e suporte financeiro.	Austrália	18 participantes – 6 atletas, 5 ex-atletas, 2 árbitros e 5 treinadores de nível internacional (GAF).	Entrevista semiestruturada. Análise de conteúdo.	Apresentou-se uma nova relação com o corpo, de acordo com as novas políticas do treinador voltadas para a saúde do atleta. A mudança no relacionamento técnico-atleta prolongou as carreiras, embora as ginastas tivessem que exigir seus direitos como adultos. O apoio financeiro forneceu uma base para a participação contínua de alguns, enquanto outros foram excluídos por discriminação econômica.

CM: Campeonato Mundial; GAF: Ginástica Artística Feminina; GAM: Ginástica Artística Masculina, JO: Jogos Olímpicos.

FONTE: os autores.

QUADRO A2.2 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA OU PERSPECTIVA CULTURAL

Autores e ano de publicação	Foco	Contexto	Participantes	Método	Principais resultados
Lavallee, D., & Robinson, H. K. (2007)	Formação de identidade e pós carreira.	Inglaterra	5 ex-atletas (GAF) inglesas de elite.	Entrevista semiestruturada. Análise fenomenológica interpretativa.	As entrevistadas revelam ter dedicado a vida para a ginástica, causando uma dúvida de identidade no pós-carreira. Por isso, sugere-se que haja um período de transição pré-aposentadoria, para que as ginastas possam gradualmente encontrar novos interesses.
Barker-Rucht, N., Kerr, R., Schubring, A., Cervin, G., & Nunomura, M. (2017)	Prolongamento da carreira esportiva de ginastas.	Austrália, Ásia, Europa e países da América do Norte	10 atletas (GAF) "mais velhas" (20 anos ou mais) de alto nível.	Entrevista semiestruturada. Análise a partir da perspectiva cultural.	A puberdade é uma fase-chave para a GAF. A relação treinador-ginasta, o conteúdo do treinamento, e metas de desempenho podem prolongar o sucesso da carreira das ginastas.
Zurc, J. (2017)	Opinião de ginastas sobre a carreira esportiva.	Eslovênia	41 participantes eslovenos –26 atletas (GAF), 11 ex-atletas (GAF) e 4 treinadores de elite.	Entrevista semiestruturada. Análise fenomenológica interpretativa.	Os autores identificaram que há um estilo de vida específico para ginastas, idade para o início (precoce), e que a idade é um fator determinante na carreira de atletas. Os autores indicam que, apesar do estilo de vida que as atletas tiveram que levar e as consequências na sua saúde física e mental, elas afirmam que fariam novamente.
Aleixio, I. M., & Nunomura, M. (2018)	Prolongamento da carreira esportiva de ginastas.	Portugal	7 atletas (GAF) "mais velhos" (20 anos ou mais) de alto nível	Entrevista semiestruturada. Análise a partir da perspectiva cultural.	A experiência das ginastas mais velhas mostrou-se positiva e contrapôs o mito de que a GAF é apenas para ginastas novas.

GAF: Ginástica Artística Feminina; GAM: Ginástica Artística Masculina.

FONTE: os autores.

QUADRO A2.3 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM HISTÓRIA ORAL E OUTROS MÉTODOS DE ANÁLISE

(continua)

Autores e ano de publicação	Foco	Contexto	Participantes	Método	Principais resultados
Stewart, C., Schiavon, L. M., & Bellotto, M. L. (2017)	A construção do conhecimento nutricional de ginastas.	Brasil	10 atletas (GAF) brasileiras que competiram JO até 2004 (3 gerações).	Entrevista semiestruturada. História Oral.	Os treinadores são responsáveis pelo conhecimento nutricional das ginastas e detêm o controle em todas as gerações. O profissional de nutrição passa a ter um papel importante na medida em que novas culturas passam a ser absorvidas pela ginástica brasileira.
Barker-Ruchti, N., & Schubring, A. (2016)	História de vida esportiva de uma ex-atleta.	Suécia	1 ex-ginasta sueca (GAF).	Entrevista semiestruturada. História Oral.	O início precoce na ginástica, a mudança de cidade, o apoio dos pais, a relação com treinadores e os ajustes da vida no pós-carreira são os pontos abordados pelos autores.
Schiavon, L. M., & Paes, R. R. (2012)	Condições de CTs de alto rendimento das décadas de 1980 a 2008.	Brasil	10 atletas (GAF) brasileiras que competiram JO até 2004 (3 gerações)	Entrevista semiestruturada. História Oral.	Percebeu-se que a GAF teve dois saltos de investimento em equipamentos, início da década de 1990 e final dela. Porém, os investimentos foram nos CTs de alto rendimento; nos de base havia diversos problemas estruturais.
Kerr, R., & Barker-Ruchti, N. (2015)	Reflexos da política pública de financiamento ao esporte em clubes de GA.	Austrália e Nova Zelândia	1 clube (GAF) da Austrália e 4 clubes (GAF) da Nova Zelândia. Ginastas, treinadores, árbitros e administradores foram entrevistados.	Duas pesquisas etnográficas e entrevistas semiestruturadas. Análise a partir da perspectiva foucaudiana.	Na Austrália, que o governo financiava o esporte e as ginastas recebiam bolsa, a cobrança era maior. Na Nova Zelândia, que não havia auxílio governamental, os clubes particulares investiam nas ginastas. Com isso, a cobrança era menor, pois o objetivo era agradar os pais e as ginastas para permanecerem no clube pagando a mensalidade.

GAF: Ginástica Artística Feminina; GAM: Ginástica Artística Masculina.

QUADRO A2.3 – ARTIGOS QUE UTILIZARAM HISTÓRIA ORAL E OUTROS MÉTODOS DE ANÁLISE

(conclusão)

Autores e ano de publicação	Foco	Contexto	Participantes	Método	Principais resultados
Oliveira, M. S., & Bortoleto, M. A. C. (2012)	Entender o Programa Bolsa Atleta e as suas implicações na GAM.	Brasil	9 participantes brasileiros – 2 atletas (GAM), 3 treinadores (GAM), 2 juízes (GAM) e 2 dirigentes federais	Documental e entrevistas semiestruturadas. Análise de conteúdo.	Indicam a importância do Bolsa-Atleta, pois o sucesso de um atleta depende do apoio governamental e da eficiência na aplicação do financiamento ao esporte. Ainda assim, apontam melhorias ao Programa, tais como: mais bolsas, redução da burocracia e transparência na prestação de contas.

GAF: Ginástica Artística Feminina; GAM: Ginástica Artística Masculina.

FONTE: os autores.

Durante as pesquisas, foram ouvidos atletas, ex-atletas, treinadores, árbitros e dirigentes, de diferentes gerações. Com relação ao contexto observado, identificou-se o contexto brasileiro (sete estudos), o contexto português (dois estudos), sueco esloveno e inglês, um estudo de cada. Além disso, observou-se estudo comparativo entre duas nações – Nova Zelândia e Austrália (KERR; BARKER-RUCHTI, 2015), bem como um estudo internacional com participantes de diferentes países e continentes (BARKER-RUCHTI et al., 2017). A união dessas diferentes amostras pode evidenciar a tendência mundial da carreira esportiva de nações que estão buscando representatividade no contexto internacional. Diz-se isso, tendo em vista que nenhum dos países citados esteve entre as três primeiras seleções nas principais competições internacionais de ginástica artística (feminina e masculina) durante o ciclo olímpico de 2016-2021. Ainda assim, enfatiza-se que há diferenças no trato da GA nesses diferentes contextos, porém, aqui, neste trabalho de revisão, a intenção é apresentar os resultados dos estudos que trataram do tema.

Dentre os artigos selecionados, identificou-se a supremacia numérica (12) de estudos que tratam especificamente da ginástica artística feminina (GAF). Com isso, alguns aspectos singulares da trajetória esportiva de ginastas mulheres foram evidenciados, tais como: o início precoce nos treinamentos (BARKER-RUCHTI; SCHUBRING, 2016; ZURC, 2017), a influência da puberdade na continuidade da atletas da modalidade (ALEIXIO; NUNOMURA, 2018; BARKER-RUCHTI et al., 2017) e a relação abusiva dos treinadores (CERVIN et al., 2017; PINHEIRO et al., 2014).

Ademais, dentro dos assuntos abordados a respeito da trajetória esportiva, identificaram-se as seguintes categorias: infraestrutura (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012; SCHIAVON; PAES, 2012); suporte financeiro (KERR; BARKER-RUCHTI, 2015; OLIVEIRA; BORTOLETO, 2012); apoio parental (BARKER-RUCHTI; SCHUBRING, 2016; DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2013; ZURC, 2017); relação treinador-atleta (BARKER-RUCHTI, 2008; BARKER-RUCHTI; SCHUBRING, 2016; CERVIN et al., 2017; DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015; NUNOMURA; OKADE; CARRARA, 2012; PINHEIRO et al., 2014; STEWART; SCHIAVON; BELLOTTO, 2017); e preparação para o pós-carreira (ALEIXIO; NUNOMURA, 2018; LAVALLEE; ROBINSON, 2007). Sendo assim, esses serão os subtópicos discutidos a seguir.

3.4 DISCUSSÃO

3.4.1 Infraestrutura

De Bosscher et al. (2015) indicam a infraestrutura com um dos pilares para o sucesso esportivo de uma nação. Sobre isso, os autores destacam os Centros de Treinamentos (CT), os quais caracterizam-se por oferecer no mesmo local as instalações de treinamento e de moradia (alojamento) para o atleta, além dos serviços de suporte, como medicina e ciência esportiva. Alguns países – como a Espanha – optaram por distribuir pelo país CTs de menor porte, mas considerados de ótima qualidade pelos atletas e treinadores. Por outro lado, países como França e Austrália optaram por centralizar os atletas das diferentes modalidades em uma única instalação (DE BOSSCHER et al., 2015).

Especificamente na GA, os países com maior tradição na modalidade, como Rússia e Romênia, oferecem CTs em regime de internato, específicos para a prática da GA. Neles, os atletas chegam a passar mais de 250 dias no ano e os locais oferecem ginásio específico para a prática de GA, área de reabilitação, higiene, refeitório, além da infraestrutura de dormitório (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012).

Dentre os artigos que tratam da temática infraestrutura, identificou-se que ambos tratam do caso brasileiro, tendo como principal questão o Centro de Excelência de Ginástica do Brasil, o qual foi instalado em 1999 e finalizou as atividades em 2008. O CT seguiu o modelo de seleção permanente, no qual as ginastas brasileiras ficavam em regime de internato (exceto as que moravam na cidade sede do CT) e treinavam diariamente com treinadores estrangeiros, advindos de países com mais tradição na modalidade (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012; SCHIAVON; PAES, 2012).

Os estudos relacionam a instalação do CT com a melhora dos resultados internacionais da equipe brasileira de GAF, já que as instalações abrigaram exclusivamente a modalidade para mulheres, ainda que o país tenha formado na mesma época uma seleção permanente de GAM. Foi possível identificar pontos positivos acerca do CT, tais como: a melhora técnica das ginastas por treinar em equipamentos que proporcionam maior segurança, somada a maior experiência dos treinadores estrangeiros.

O estudo de Schiavon e Paes (2012) investigou as questões de infraestrutura de treinamento de três gerações olímpicas da GAF brasileira. As ginastas pioneiras indicaram que não tinham condições mínimas de infraestrutura para os treinamentos, mesmo quando já estavam próximas da participação olímpica, o que, de certa forma, justifica os resultados pouco

satisfatórios naquela época. A segunda geração já apontou melhorias nas condições, ainda que pontuais. Por fim, a geração com melhores resultados do país é a mesma que desfrutou da estrutura do CT de ginástica do Brasil. Ainda assim, Nunomura e Oliveira (2012) identificaram questões negativas relacionadas ao CT, na perspectiva de 34 treinadores brasileiros, dentre elas: o monopólio das melhores ginastas; a desvalorização dos clubes e técnicos que formaram as ginastas; a não possibilidade de formação dos técnicos brasileiros com os estrangeiros (ficando limitado aos que trabalhavam no CT); o excesso de treinamento e demais problemas relacionados; a não adaptação de algumas ginastas à distância da família e ao clima da cidade.

No caso brasileiro fica evidente a formação de atletas a partir do modelo clubístico, ou seja, as estruturas de treinamentos estão quase sempre presentes em clubes e as ginastas participantes das pesquisas reforçam a constante mudança de cidade para treinar em locais que ofereçam melhores condições de equipamentos e treinadores. Inclusive, esse modelo de formação foi identificado por Nunomura e Oliveira (2012) como um dos motivos do encerramento da seleção permanente e, por consequência, da finalização das atividades concentradas no CT de Ginástica do Brasil.

Apesar de não ser o tópico principal dos demais artigos, a estrutura física para os treinamentos também se mostrou fundamental para a modalidade em outros estudos. A título de exemplo, Barker-Ruchti e Schubring (2016), ao tratar do contexto sueco, enfatizaram a necessidade de mudança de cidade da atleta analisada para treinar em local de melhores condições. Vale lembrar que a GA é uma modalidade que necessita de infraestrutura exclusiva para o treinamento dos atletas, afinal, os aparelhos são fixos, a saber: solo; cavalo com alças; argolas; salto; paralelas simétricas e assimétricas; barra fixa e trave de equilíbrio (CAINE; RUSSELL; LIM, 2013). Além disso, faz-se fundamental que a aparelhagem seja segura e moderna para que os ginastas possam treinar com segurança e desempenhar os movimentos complexos típicos da modalidade. Sobre isso, Nunomura e Oliveira (2012) revelaram que a infraestrutura precária, bem como a necessidade de mudar-se de cidade para treinar em ginásios com melhores instalações, pode ser um dos fatores de desmotivação para a continuidade na ginástica. Por isso, torna-se relevante discutir o investimento/financiamento no esporte.

3.4.2 Suporte Financeiro

Dentre os pilares apresentados por De Bosscher et al. (2015) para o sucesso esportivo de um país, o suporte financeiro é o Pilar 1. Isso significa que, para os autores, o suporte financeiro é crucial para que os demais pilares possam ser implementados (organização e

estrutura de políticas públicas para o esporte; participação e esporte de base; identificação de talentos e sistema de desenvolvimento; suporte para atletas e pós-carreira; instalações esportivas; desenvolvimento e suporte para treinadores; competições nacionais e internacionais; pesquisa científica). As despesas do governo com o esporte são as verbas destinadas pelas loterias (serviço controlado pelo Estado como alternativa para complementar o financiamento de diferentes áreas, entre elas o esporte), o financiamento do Comitê Olímpico nacional, e os patrocínios como indicativos para avaliar o sucesso esportivo de diferentes nações.

Nesse sentido, o estudo de Kerr e Barker-Ruchti (2015) comparou as diferentes formas de incentivo financeiro ao esporte, entre os anos de 2004 e 2009, dos governos federais da Austrália e da Nova Zelândia para ginastas. Os autores perceberam que o governo australiano oferta uma série de benefícios aos atletas/equipes, e, por isso, o país cobra resultados e o modelo de treinamento da modalidade é bastante rígido e excludente. Ainda que no ranking apresentado por De Bosscher et al. (2015) a Austrália ocupe posição de destaque no desempenho dos esportes de verão (2009-2012), na GA, os resultados do país ainda são tímidos. A título de exemplo, no Campeonato Mundial de GA de 2019 o time masculino terminou em 22º lugar e o feminino em 13º lugar. Na perspectiva individual, alguns atletas começaram a se destacar¹⁴.

Por outro lado, na Nova Zelândia, não há um programa específico de financiamento ao esporte, com isso, o incentivo/financiamento fica a cargo de clubes privados. Dessa forma, a lógica que prevalece (ao menos na GAF, durante o período temporal estudado) é comercial, ou seja, a satisfação do cliente/atleta e o pagamento por um serviço. Kerr e Barker-Ruchti (2015) observaram que o treinamento naquele país é menos rígido e que é comum a troca de clubes para a busca da satisfação pessoal. O estudo de Houlihan e Green (2007) apontou que, apesar dos esforços recentes (pós-2002) para que o país passasse a ter representatividade no contexto internacional esportivo, a GA não estava entre os dez esportes prioritários. Obviamente, isso impacta o resultado internacional no esporte; no último Campeonato Mundial de GA o país teve representantes apenas nas provas individuais.

O Brasil foi identificado por De Bosscher et al. (2015) como um dos países que, progressivamente, aumentou o investimento no esporte de elite, impulsionado pela realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016). Nesse sentido, a principal política de financiamento para atletas brasileiros, o Programa Bolsa Atleta, foi foco do estudo de Oliveira e Bortoleto (2012). Ao analisar o Programa entre os anos de 2005-2009, os autores identificaram a relevância do incentivo para os atletas em formação da GAM, sendo que o

¹⁴ Para saber mais, ver Federation Internationale de Gymnastique (FIG, 2021).

incentivo proporciona a dedicação integral aos treinamentos e evita o abandono precoce. Sendo assim, é possível relacionar o aumento do investimento do governo brasileiro no esporte com a ascensão dos ginastas brasileiros (VARGAS; CAPRARO, 2020).

De acordo com a pesquisa de Oliveira e Bortoleto (2012), os valores recebidos pelos atletas pelo Programa Bolsa Atleta são usados na aquisição de equipamentos de qualidade internacional, custos com viagens para treinamento e competições, além de pagamento da equipe técnica. Por outro lado, os entrevistados do estudo apontaram limitações do Programa, dentre elas destaca-se a necessidade de aumentar a quantidade de bolsas distribuídas e reduzir a burocracia. Na ocasião, os entrevistados também citaram problemas com os critérios de distribuição das bolsas.

No entanto, percebeu-se que, no caso específico da GA, os atletas adentram a modalidade ainda na tenra idade (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Esse é um fator que, de certa forma, aponta para uma necessidade de investimento familiar na fase de especialização. Em alguns países, os programas de incentivo financeiro são balizados por idade e não contemplam jovens atletas. Por isso, encontrou-se a relevância do apoio familiar, conforme discutido a seguir.

3.4.3 Apoio Parental

O apoio dos pais na trajetória esportiva foi tema central de um dos artigos analisados (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2013), e perpassou outros. Para De Bosscher et al. (2015), o apoio dos pais faz parte dos fatores, de nível micro, que influenciam o sucesso de um atleta, ou seja, numa perspectiva individual. Para os autores, os pais podem ter influências psicológicas tanto positivas quanto negativas na formação do atleta. Essa interrelação está diretamente vinculada aos fatores emocionais.

Barker-Ruchti e Schubring (2016), ao descreverem a trajetória esportiva de uma ginasta (Marie), relevam a relação com os pais como um importante suporte durante toda a carreira atlética. Naquele caso específico, os pais ganharam destaque quando a ginasta precisou mudar-se de cidade para treinar com a equipe nacional. Na ocasião, Marie ligava regularmente para os pais chorando, mas, ainda assim, escondia deles grande parte do seu sofrimento, pois acreditava que eles a fariam retornar para casa. No pós-carreira, foram os pais de Marie que perceberam que ela não estava bem psicologicamente e a estimularam a buscar ajuda terapêutica. Esse apoio emocional oferecido pelos pais também foi um achado da pesquisa de Duarte, Carbinatto e Nunomura (2015) na superação do medo de jovens ginastas brasileiras.

Na mesma direção, o estudo de Zurc (2017) identificou que é comum na ginástica artística as crianças/atletas serem “tiradas” de suas famílias para buscar um local de treinamento mais adequado. Ademais, a vida das crianças e de suas famílias passa a ser guiada pela ginástica. Nesse sentido, os autores destacam a influência positiva dos pais durante a trajetória esportiva de ginastas eslovenas. Backer-Ruchti e Schubring (2016), Nunomura e Oliveira (2013) e Zurc (2017) concordam que os pais são os primeiros responsáveis por inserir as crianças no ambiente esportivo, afinal, são eles que fazem a matrícula e as conduzem para as academias de ginástica, ainda que haja diferenças no contexto da GA nos países estudados. Ao passo que os filhos passam a ter mais responsabilidades com a ginástica, os pais se esforçam para dar suporte emocional e oportunizar facilidades, tais como: transporte, alimentação, financiamento e apoio nas tarefas escolares.

Por outro lado, Nunomura e Oliveira (2013) identificaram, para além de fatores positivos do suporte parental, fatores negativos, a saber: o desencorajamento para a continuidade no esporte e a pressão dos pais por resultados. Sabe-se que o excesso de expectativa dos pais pode causar ansiedade e o sentimento de pressão nos atletas (HARWOOD et al., 2019; KNIGHT, 2019; KNIGHT; BERROW; HARWOOD, 2017).

Portanto, ao relacionar as informações a respeito do suporte parental em atletas da GA nos estudos analisados, entende-se que seja fundamental, especialmente no que tange a inserção no esporte e facilidades durante a formação esportiva. Os pais são importantes fontes de apoio emocional na superação do medo e das dificuldades enfrentadas pelos atletas. Ainda assim, foi possível identificar a relação negativa quando o envolvimento dos pais passa a ser percebido como uma fonte de pressão pelos atletas. Por isso, Knight, Berrow e Harwood et al. (2017) reforçam que tal relação deve ser observada considerando a percepção dos jovens atletas, pois os comentários e reações dos pais podem ser entendidos como apoio ou pressão. Nessa direção, outra relação fundamental que se estabelece é a relação entre o atleta e seu treinador, a qual será apresentada a seguir.

3.4.4 Relação Treinador-Atleta

Dentre os 15 artigos selecionados para análise, 8 abordaram, em algum momento, a relação treinador-atleta. Tal tema é amplamente discutido entre pesquisadores da área, já que a ginástica artística é conhecida por seu autoritarismo e por interações conturbadas entre o técnico e o ginasta (KERR et al., 2019). Entretanto, este sistema de treinamento da modalidade tem passado por atualizações e modificações (BORTOLETO; SCHIAVON, 2016). Nas pesquisas

selecionadas foi possível perceber que a interação com o técnico pode ser positiva ou negativa para a carreira do atleta, de acordo como ela é conduzida. Isso, porque tanto a capacidade profissional do treinador quanto a sua pedagogia de ensino podem interferir na sua relação com os atletas. Sobre o primeiro aspecto, Nunomura e Oliveira (2012) mencionam que, com a chegada de técnicos russos, as ginastas brasileiras passaram a obter mais resultados em competições. E, sobre o segundo, identificou-se que os treinadores que buscam se aproximar de suas atletas por meio de interações positivas também alcançam melhores resultados (BARKER-RUCHTI; SCHUBRING, 2016).

A boa relação com o treinador auxilia na permanência do ginasta no esporte (BARKER-RUCHTI; SCHUBRING, 2016) e na motivação para a prática (NUNOMURA; OKADE; CARRARA, 2012), alcançando melhores resultados. Ou seja, é importante que o técnico se esforce para conquistar a confiança de suas atletas (CERVIN et al., 2017). Para isso, Barker-Ruchti et al.(2017) acreditam que os técnicos não devem ser tão rigorosos na carga horária de treinamento. Além disso, é necessário que:

Os treinadores usem as seguintes abordagens: ter comunicação regular com os pais dos atletas, pois pode ser muito informativo, avaliar os níveis de satisfação dos atletas como fonte de informação sobre os interesses e necessidades dos atletas, suas razões para participar e objetivos no esporte. Os treinadores e o apoio dos pais são essenciais para manter altos níveis de motivação e evitar mais distúrbios emocionais devido a possíveis experiências negativas como resultado de uma falta de interesse (NUNOMURA; OKADE; CARRARA, 2012, p. 34, tradução nossa).

Em relação às interações negativas, o abuso é mencionado muitas vezes (BARKER-RUCHTI; SCHUBRING, 2016; CERVIN et al., 2017; PINHEIRO et al., 2014; ZURC, 2017). Estes abusos podem variar de: “dietas extremas e controle de peso a abuso verbal e emocional, excesso de treinamento, punição corporal, lesões por uso excessivo e treinamento e competição com dor ou lesão” (PINHEIRO et al., 2014, p. 436, tradução nossa). Duarte, Carbinatto e Nunomura (2015) afirmam que esta relação desperta o sentimento de medo das atletas para com seus treinadores. No estudo, os autores identificaram abusos psicológicos e físicos que as entrevistadas sofreram. De acordo com os relatos, os técnicos puxavam os seus cabelos e batiam em seus corpos quando elas erravam um movimento. Além disso, gritos e xingamentos eram comuns nos treinos. Com isso, as atletas se deparam com o sentimento de medo ao executar os movimentos, especialmente em competições (DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015). Partindo do pressuposto que o controle das emoções é uma importante habilidade para o sucesso esportivo, os autores defendem a necessidade de que os técnicos minimizem o medo dos ginastas e conquistem a confiança recíproca, a partir de uma visão holística e singular da

atleta. Duarte, Carbinatto e Nunomura (2015) reforçam que este sentimento pode ser corrigido com palavras de suporte e incentivo ao invés de verbos violentos e autoritários.

Além disso, este autoritarismo pode gerar transtorno alimentar nas atletas (PINHEIRO et al., 2014; STEWART; SCHIAVON; BELLOTTO, 2017). Stewart, Schiavon e Bellotto (2017) afirmam que muitas vezes os técnicos não têm o conhecimento necessário da parte nutricional e acabam focando apenas na perda de peso, prejudicando até mesmo o desempenho das atletas. Para isso, os autores alertam para a importância do acompanhamento nutricional especializado, que dê recomendações necessárias para as ginastas, favorecendo a relação técnico-atleta.

Percebe-se, então, que a interação técnico-atleta é um dos principais focos de estudo qualitativos na GA. Além disso, ainda existem atitudes abusivas por parte dos treinadores, as quais têm sido questionadas por pesquisadores, pais e entidades esportivas. Principalmente levando-se em conta que os resultados dessa relação (treinador-atleta) podem interferir negativamente no pós-carreira dos ginastas, conforme tratado a seguir.

3.4.5 Preparação para o Pós-Carreira

O pós-carreira do atleta de alto rendimento é um tema que vem sendo cada vez mais discutido na literatura. Lavalley e Robinson (2007) alertam para o cuidado necessário nessa fase de transição. A transição para a aposentadoria é relatada por muitos autores como uma experiência ruim e, muitas vezes, traumática (ALFERMANN; STAMBULOVA; ZEMAITYTE, 2004; STAMBULOVA et al., 2009). Por essa razão, alguns atletas buscam caminhos profissionais alternativos, ainda durante o período de atividade profissional esportiva, para que haja uma passagem mais tranquila para o pós-carreira (TORREGROSA et al., 2015). A situação tende a piorar, uma vez que a formação da identidade do indivíduo se dá na adolescência, fazendo com que sua identidade se construa no esporte (LAVALLEE; ROBINSON, 2007).

Este argumento foi confirmado no estudo levantado nesta pesquisa de Lavalley e Robinson (2007) que trata do pós-carreira. Os autores observaram que, na Inglaterra, como a ginástica exige inserção precoce, os atletas se sentiram perdidos em relação às suas identidades e planos para o futuro ao largarem a modalidade. É normal que eles passem por um período de crise após essa transição, e, no caso dos entrevistados, esta fase durou mais de cinco meses. Neste sentido, as ginastas alegaram estar desamparadas após dedicar suas vidas ao esporte. Como consequência, as entrevistadas buscaram se afastar do passado para encontrar uma nova

identidade além da modalidade. Os autores reforçam a importância de se estabelecer uma nova identidade, porém, trabalhando também os aspectos dolorosos da experiência esportiva das atletas. Ou seja, para se evitar que este processo seja traumático, sugere-se reduzir a participação em treinamentos e competições de forma gradual. Além disso, os autores alegam a importância de planejar a aposentadoria desde cedo, minimizando os efeitos da transição. Corroborando com os autores, Martin, Fogarty e Albion (2014) afirmam que a transição para a aposentadoria de forma planejada (não ocasionada por lesões ou motivos involuntários) facilita o processo. Nesse sentido, mostra-se de suma importância um trabalho contínuo e multidisciplinar para que os atletas de alto rendimento preparem-se financeiramente, fisicamente e psicologicamente para essa fase de transição. Do mesmo modo, torna-se essencial a criação de políticas públicas que amparem o atleta nesse processo.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão sistemática de artigos que tematizassem a trajetória de atletas de GA selecionou 15 pesquisas, sendo que todas utilizaram a técnica de entrevista semiestruturada para compor os dados, dentre eles, dois estudos partiram dos pressupostos metodológicos da história oral, um deles utilizou em consonância com a análise documental, e outro com a etnografia. A partir dos diferentes métodos, os autores trataram da infraestrutura necessária para o desenvolvimento da GA. Sobre isso, foi possível identificar que, para o desenvolvimento da GA, faz-se necessária uma estrutura exclusiva com aparelhagem de alta qualidade. Por isso, muitas vezes é necessário que o (a) atleta mude-se de cidade para buscar os locais que ofertam as melhores condições (CTs). O suporte financeiro é discutido nos artigos analisados, sobretudo, a partir das políticas públicas de apoio e incentivo ao esporte. Percebeu-se que tais incentivos são essenciais para que os atletas permaneçam dedicando-se integralmente ao esporte. Por outro lado, em países em que não há esse incentivo, o esporte se mostrou organizado a partir da lógica comercial em detrimento ao desenvolvimento de atletas de alto nível. O apoio parental é destacado como essencial para a inserção e permanência dos atletas na modalidade, afinal, são eles que proporcionam o contato inicial com a modalidade e que organizam a logística de transporte, alimentação e, ainda, dão suporte emocional mesmo que a distância (casos em que o(a) ginasta mora em outra cidade) ou mesmo na superação do medo, inclusive do treinador. A relação entre treinador e atleta foi um dos temas mais debatidos pelos artigos, haja vista que tal relação é essencial não apenas para o desenvolvimento do atleta de alto nível, mas também para a sua formação pessoal. Porém, observou-se, em alguns casos, a

conduta autoritária do treinador com o atleta. A transição para a aposentadoria foi identificada como um período que deve ser planejado e orientado. Afinal, os atletas sentem a quebra na rotina e precisam buscar uma nova identidade.

Ao finalizar o estudo, percebe-se que ainda há pouca produção científica acerca da trajetória esportiva de atletas da GA, sobretudo, a respeito da modalidade masculina. Outro fato que merece ser sinalizado está relacionado à regionalidade dos estudos encontrados. Brasil, Portugal, Suécia, Eslovênia e Inglaterra, Nova Zelândia e Austrália são países que estão desenvolvendo a GA, mas ainda aquém de países como Estados Unidos da América, China e Rússia. Porém, não foram localizados, nessa revisão, estudos com atletas dessas nações. A escolha das bases de dados (*Scopus* e *Web of Science*) e os descritores em língua inglesa podem ter limitado a pesquisa em relação a estudos russos e chineses. Nesse sentido, indica-se a necessidade de novos estudos que contemplem bases de dados próprias desses países, especialmente por pesquisadores que dominem o(s) idioma(s). Nota-se, também, uma ausência de estudos produzidos nos Estados Unidos da América sobre a trajetória dos atletas de GA, mesmo este sendo uma potência na modalidade. Isto pode indicar uma falta de interesse e sensibilidade pela temática por parte dos pesquisadores norte-americanos.

Este estudo, além de alertar treinadores, ginastas e pais de ginastas para questões importantes da GA, pode auxiliar governos nacionais a criarem políticas públicas para o esporte, indicando áreas a serem investidas para um bom desenvolvimento da modalidade. Ainda assim, reintera-se a necessidade de ampliar as investigações acerca da trajetória esportiva na GA sob diferentes perspectivas e apontando diferentes contextos, tendo em vista a sensibilidade da complexidade do desenvolvimento de atletas de elite da GA e suas necessidades aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

- ALEIXIO, I. M.; NUNOMURA, M. Age perception and sports career in the women's artistic gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 381-389, 2018.
- ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N.; ZEMAITYTE, A. Reactions to sport career termination: A cross-national comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 61-75, 2004. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(02\)00050-X](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(02)00050-X).
- ALRYALAT, S. A. S.; MALKAWI, L. W.; MOMANI, S. M. Comparing Bibliometric Analysis Using PubMed, Scopus, and Web of Science Databases. **Journal of Visualized Experiments**, Boston, n. 152, p. e58494, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3791/58494>.

- ATIKOVIC, A. Anthropometric Characteristics of Olympic Female and Male Artistic Gymnasts from 1996 to 2016. **International Journal of Morphology**, Temuco, v. 38, n. 4, p. 990-996, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-95022020000400990>.
- BARKER-RUCHTI, N. “They must be working hard”: An (auto-)ethnographic account of women’s artistic gymnastics. **Cultural Studies, Critical Methodologies**, Thousand Oaks, v. 8, n. 3, p. 372-380, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1532708607310799>.
- BARKER-RUCHTI, N. Ballerinas and Pixies: a Genealogy of the Changing Female Gymnastics Body. **The International Journal of the History of Sport**, London, v. 26, n. 1, p. 45-62, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/09523360802500089>.
- BARKER-RUCHTI, N. et al. “Gymnasts Are Like Wine, They Get Better With Age”: Becoming and Developing Adult Women’s Artistic Gymnasts. **Quest**, Champaign, v. 69, n. 3, p. 348-365, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2016.1230504>.
- BARKER-RUCHTI, N.; SCHUBRING, A. Moving into and out of high-performance sport: the cultural learning of an artistic gymnast. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Oxfordshire, v. 21, n. 1, p. 69-80, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/17408989.2014.990371>.
- BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. From early to adult sport success: Analysing athletes’ progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, Champaign, v. 14, Suppl. 1, p. S178-S182, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/17461391.2012.671368>.
- BORTOLETO, M. A. C.; SCHIAVON, L. M. Artistic gymnastics: why do coaches resist change? **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 198-201, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1201360>.
- CAINE, D. J.; RUSSELL, K.; LIM, L. **Handbook of Sports Medicine and Science Gymnastics**. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.
- CARRARA, P. et al. The cross on rings performed by an Olympic champion. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 71-77, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100071>.
- CERVIN, G. et al. Growing up and speaking out: female gymnasts’ rights in an ageing sport. **Annals of Leisure Research**, [Oxford], v. 20, n. 3, p. 317-330, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/11745398.2017.1310625>.
- DE BOSSCHER, V. et al. **Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. London: Meyer & Meyer Sports, 2015.
- DIEHL, K. et al. Possibilities to support elite adolescent athletes in improving performance: Results from a qualitative content analysis. **Science and Sports**, [Amsterdam], v. 29, n. 6, p. e115-e125, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scispo.2014.03.004>.
- DUARTE, L. H.; CARBINATTO, M. V.; NUNOMURA, M. Artistic Gymnastics and Fear: Reflections on its causes. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 7, n. 3, p. 7-21, 2015.

DUFFY, P. J. et al. How we got here: Perceived influences on the development and success of International athletes. **Irish Journal of Psychology**, Dublin, v. 27, n. 3/4, p. 150-167, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/03033910.2006.10446238>.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. **The Psychological Review**, Washington, DC, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.3.363>.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Results**. Lausanne, 2021. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/events/searchresults.php#filter>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FERREIRA-FILHO, R. A. et al. The impact of intensive high performance training on adult height of female artistic gymnasts: a retrospective study. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 87-95, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100087>.

GOMES, I. S.; DE OLIVEIRA CAMINHA, I. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41542>.

HALLMANN, K. et al. Determinants of elite athletes' extrinsic and intrinsic career success. **Sport, Business and Management**, [Bingley], v. 8, n. 4, p. 375-392, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1108/SBM-11-2017-0072>.

HARWOOD, C. G. et al. Advancing the study of parental involvement to optimise the psychosocial development and experiences of young athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 42, p. 66-73, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2019.01.007>.

HARZING, A. W.; ALAKANGAS, S. Google Scholar, Scopus and the Web of Science: a longitudinal and cross-disciplinary comparison. **Scientometrics**, [s. l.], v. 106, n. 2, p. 787-804, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1798-9>.

HEORHIVNA, T. V.; OLEKSANDRIVNA, P. O.; OLEKSANDROVICH, K. V. Actual Tasks of Choreographic Training in Gymnastic Sports. **International Journal of Applied Exercise Physiology**, Mazandaran, v. 9, n. 6, p. 210-215, 2020.

HIGGINS, J. P. T.; THOMAS, J. **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. Chichester: John Wiley & Sons, 2019.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative elite sport development: Systems, structures and public policy**. New York: Elsevier, 2007.

ISSURIN, V. B. Evidence-Based Prerequisites and Precursors of Athletic Talent: A Review. **Sports Medicine**, Auckland, v. 47, n. 10, p. 1993-2010, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40279-017-0740-0>.

KAUR, K.; KOLEY, S. Anthropometric Determinants of Competitive Performance in Gymnastics. **International Journal of Health Sciences and Research**, New Delhi, v. 9, n. 7, p. 249-256, 2019.

KERR, R. et al. Coming of age: coaches transforming the pixie-style model of coaching in women's artistic gymnastics. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 8, n. 1, p. 7-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2017.1391488>.

KERR, R.; BARKER-RUCHTI, N. Women's Artistic Gymnastics in Australia and New Zealand: A Foucauldian Examination of the Relationship Between Sport Governance and Consumption. **Journal of Sport and Social Issues**, Thousand Oaks, v. 39, n. 5, p. 396-411, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193723514558930>.

KNIGHT, C. J. Revealing findings in youth sport parenting research. **Kinesiology Review**, Champaign, v. 8, n. 3, p. 252-259, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1123/kr.2019-0023>.

KNIGHT, C. J.; BERROW, S. R.; HARWOOD, C. G. Parenting in sport. **Current Opinion in Psychology**, Amsterdam, v. 16, p. 93-97, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.011>.

LAVALLEE, D.; ROBINSON, H. K. In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, n. 1, p. 119-141, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2006.05.003>.

LOPES, P. et al. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 1043-1049, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401043>.

MARTIN, L. A.; FOGARTY, G. J.; ALBION, M. J. Changes in Athletic Identity and Life Satisfaction of Elite Athletes as a Function of Retirement Status. **Journal of Applied Sport Psychology**, Chapel Hill, v. 26, n. 1, p. 96-110, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/10413200.2013.798371>.

MONGEON, P.; PAUL-HUS, A. The journal coverage of Web of Science and Scopus: a comparative analysis. **Scientometrics**, [s. l.], v. 106, n. 1, p. 213-228, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1765-5>.

NUNOMURA, M. et al. The code of points and the career development in women's artistic gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 11, n. 1, p. 5-14, 2019.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-314, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000300001>.

NUNOMURA, M.; OKADE, Y.; CARRARA, P. How Much Artistic Gymnastics Coaches Know about their Gymnasts' Motivation. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 2, p. 27-37, 2012.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. DOS S. Parents' support in the sports career of young gymnasts. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 5, n. 1, p. 5-18, 2013.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000200018>.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Public Sports Policy: the Impact of the Athlete Scholarship Program on Brazilian Men's Artistic Gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 1, p. 5-19, 2012.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M. Language in artistic gymnastics: Notes about "Gymish". **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 2, p. 299-312, 2018.

PARK, S.; LAVALLEE, D.; TOD, D. Athletes' career transition out of sport: A systematic review. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, Abingdon, v. 6, n. 1, p. 22-53, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/1750984X.2012.687053>.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3343>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PETERS, M. et al. Scoping Reviews (2020 version). In: AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (ed.). **JBIM Manual for Evidence Synthesis**. Melbourne: JBI, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-12>.

PINHEIRO, M. C. et al. Gymnastics and child abuse: an analysis of former international Portuguese female artistic gymnasts. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 19, n. 4, p. 435-450, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2012.679730>.

PION, J. et al. Talent in Female Gymnastics: a Survival Analysis Based upon Performance Characteristics. **International Journal of Sports Medicine**, Stuttgart, v. 94, n. 11, p. 935-940, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0035-1548887>.

ROHLEDER, J.; VOGT, T. Changes in Floor Exercise Characteristics in World Elite Male Gymnasts. **Journal of Human Kinetics**, Kraków, v. 67, n. 1, p. 291-300, 2019. DOI: [10.2478/hukin-2018-0083](https://doi.org/10.2478/hukin-2018-0083).

SCHIAVON, L. M.; PAES, R. R. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 757-769, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400014>.

SILVA, M. R. G.; SILVA, H. H.; LUEMBA, T. Anthropometric Profile og Gymnastics Participating in The European Games 2015 in Baku, Azerbaijan. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 12, n. 2, p. 187-193, 2020.

STAMBULOVA, N. et al. ISSP position stand: career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Aachen, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671916>.

STEWART, C.; SCHIAVON, L. M.; BELLOTTO, M. L. Knowledge, nutrition and coaching pedagogy: a perspective from female Brazilian Olympic gymnasts. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 22, n. 4, p. 511-527, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2015.1046428>.

TORREGROSA, M. et al. Olympic athletes back to retirement: A qualitative longitudinal study. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 21, p. 50-56, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.03.003>.

VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 10, p. e6969109089, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9089>.

VISSOC, J. R. N. et al. Formation of Identity in Sport: A Systematic Review. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. e645985909, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5909>.

ZURC, J. It was worth it – I would do it again!: Phenomenological perspectives on life in the elite women's artistic gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 9, n. 1, p. 41-59, 2017.

4 ARTIGO 3

A INICIAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA (2017-2021)

4.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o processo de iniciação esportiva de cinco ginastas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (GAM). Trata-se de parte de um projeto maior, o qual objetiva compreender aspectos da trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes das principais competições internacionais da modalidade entre os anos de 2013 e 2021.

Recentemente, o Brasil vem se destacando no cenário internacional da GAM. Inclusive, em duas edições dos Jogos Olímpicos, o país conquistou quatro medalhas: uma de ouro com Arthur Zanetti, na edição de Londres (2012), e, na edição do Rio de Janeiro (2016), duas de prata com Zanetti e Hypólito, e uma de bronze com Nory (SCHIAVON; LOCCI, 2018). A edição de 2016 marcou a primeira participação por equipe do país, feito repetido nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021).

Para a compreensão do desenvolvimento esportivo de uma determinada modalidade esportiva, faz-se necessário observar a formação esportiva (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2014; DE BOSSCHER et al., 2009), a qual Côté (1999) classifica em três diferentes estágios: a experimentação; a especialização; e os anos de investimento. Para o autor, o primeiro estágio tem por objetivo criar interesse na prática esportiva, e, nesse período, o esporte deve ser divertido e emocionante. No segundo estágio, o jovem dedica-se a uma ou duas modalidades, a(s) qual(is) optou a partir de experiências positivas na fase anterior. Tal fase é marcada pelo desenvolvimento de habilidades específicas para o esporte. A última fase da formação esportiva caracteriza-se pela extrema intensidade de dedicação ao esporte, além do acentuado aumento de volume do treinamento. Ou, ainda, conforme encontrou-se na literatura nacional específica sobre a GA: anos iniciais, anos intermediários e anos finais (SIERRA, 2019). No entanto, é apenas após o período da iniciação que é possível identificar os atletas com reais chances de chegar à elite esportiva, afinal, além das qualidades físicas necessárias para a modalidade, os fatores emocionais e ambientais também exercem influência (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005).

Ainda que haja estudos recentes a respeito da ginástica artística (GA) no Brasil (BORTOLETO; COELHO, 2016; BORTOLETO; SCHIAVON, 2016; CARRARA et al., 2016; DE OLIVEIRA et al., 2019; NUNOMURA et al., 2012; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012, 2013; OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011; OLIVEIRA; NOÉ; BORTOLETO, 2019; SIMÕES et al., 2016; VARGAS; CAPRARO, 2020), existe uma inegável carência de pesquisas que tratam especificamente da iniciação esportiva de ginastas brasileiros. A identificação de tal lacuna em paralelo ao protagonismo apresentado pela equipe de GAM brasileira justifica a realização desta pesquisa, especialmente, no sentido de compreender o processo de iniciação esportiva de ginastas brasileiros que competiram em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos entre os anos de 2013-2021.

4.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir o objetivo exposto, optou-se pela metodologia qualitativa exploratória (SPARKES; SMITH, 2014). Nesse sentido, foram realizadas entrevistas¹⁵ semiestruturadas com cinco ginastas brasileiros que representaram o Brasil nas principais competições da modalidade, no período entre 2013 e 2021. Dentre eles, o finalista nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016) Francisco Barretto e os medalhistas Arthur Zanetti e Arthur Nory. Também participaram da pesquisa o campeão pan-americano individual geral (2019), Caio Souza, e o quinto integrante da equipe que garantiu vaga aos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021), Lucas Bitencourt, conforme Quadro A3.1 a seguir:

¹⁵ O projeto de pesquisa foi autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante parecer substanciado número 3.896.312. Número de registro na CONEP: 51225615.5.0000.5540. Os ginastas foram informados dos objetivos da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades.

QUADRO A3.1 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Atleta	Ano de nascimento	Local de nascimento	Primeiro local de prática da GA
Francisco Barretto	1989	Ribeirão Preto (SP)	Complexo Esportivo Cava do Bosque (Ribeirão Preto)
Arthur Zanetti	1990	São Caetano (SP)	SERC-Santa Maria (São Caetano do Sul). Entidade vinculada a Associação de Ginástica Di Thiene (AGITH).
Arthur Nory	1993	Campinas (SP)	Clube Municipal Pelezão (São Paulo).
Caio Souza	1993	Volta Redonda (RJ)	Academia da Claudia Delgado (Volta Redonda).
Lucas Bitencourt	1994	Nova Odessa (SP)	Prefeitura Municipal de Americana.

FONTE: os autores (2021).

A coleta dos dados se deu de duas formas distintas. Os atletas participantes dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016) foram entrevistados no Centro de Treinamento Olímpico da Barra da Tijuca (cidade do Rio de Janeiro), quando a seleção brasileira estava em preparação para os Jogos Pan-Americanos de Lima (2019), no mês de julho daquele mesmo ano. Tais entrevistas foram realizadas em um local confortável e privado, cedido pela própria Confederação Brasileira de Ginástica, dando possibilidade aos entrevistados contarem e expressarem as suas opiniões de forma livre. Já os atletas Caio Souza e Lucas Bitencourt foram entrevistados por chamada eletrônica, no mês de maio de 2020, em horário definido pelos atletas, devido à pandemia de Covid-19.

Após a transcrição das entrevistas na íntegra, foram realizadas pequenas alterações nos textos para torná-los mais compreensíveis (ALBERTI, 2013). Feito isso, o documento escrito foi analisado e discutido pelo grupo de pesquisa, com a participação de seis estudantes de Pós-Graduação sob orientação do professor doutor responsável. Os integrantes do grupo fizeram observações e interpretações do material produzido. A análise de dados seguiu os procedimentos metodológicos de análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006; SPARKES; SMITH, 2014), e as unidades temáticas categorizadas, para esse recorte, foram: outras experiências esportivas; o encaminhamento para a modalidade; a idade dos atletas quando iniciaram; o local de nascimento dos entrevistados; a seleção de talentos que foram submetidos; a formação de atletas em clubes; o deslocamento da cidade natal para continuar treinando; e a estrutura física dos locais de treinamento. Todas essas unidades serão apresentadas a seguir.

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que o atleta tenha a oportunidade de desenvolver-se em um determinado esporte faz-se necessário, em primeiro lugar, que ele tenha a oportunidade de conhecê-lo. Por isso, a fase de experimentação é ressaltada por Côté (1999) como fundamental para a trajetória esportiva de sucesso. Nessa fase, as crianças devem ter contato com uma gama de diferentes esportes e, assim, experimentar, conhecer e ter a oportunidade de identificar modalidades que sentem prazer em praticar (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005). No caso brasileiro, a GA ainda é considerada como “não convencional”, ou seja, apesar de haver um certo destaque da mídia, sobretudo a partir das conquistas internacionais de ginastas brasileiros na modalidade, ainda é pouco ofertada, seja pela questão do espaço físico, recursos materiais, ou, ainda, pela carência de profissionais que se propõem a atuar nela (NISTA-PICCOLO; SCHIAVON, 2014).

Neste sentido, os ginastas entrevistados contaram como se deu esse primeiro contato com a GA. No caso de Caio Souza, ocorreu aos três anos de idade; na época, ele frequentava aulas de karatê junto com os irmãos, mas o professor notou a baixa estatura e indicou que buscasse “uma modalidade mais adequada”. Ele lembra:

Os meus pais me levaram para começar a ginástica na academia da Cláudia Delgado, em Volta Redonda. Eu ficava lá muito mais do que as 2 horas, duas vezes na semana. Adorava me pendurar e pular na cama elástica. Sempre gostei de ficar de ponta cabeças (Caio Souza, 2020).

A prática de ginástica que Caio Souza foi submetido aos três anos de idade se assemelha com o que Côté, Baker e Abernethy (2007) chamam de *deliberate play*. Para os autores, tal prática esportiva seria desprovida de regras, com pouca ou nenhuma intervenção de adultos, e a ludicidade ocupa papel central. Fato esse que se mostrou essencial para que o campeão pan-americano desenvolvesse motivação para passar para a fase de especialização, corroborando com os achados de Côté, Baker e Abernethy (2007). No entanto, os autores indicam que esse tipo de prática seja ofertada durante toda a fase de experimentação, ou seja, até os 12 anos. No caso de Caio Souza, as brincadeiras deliberadas ocorreram bem antes, afinal, a GA é uma modalidade de início precoce (FARROW; BAKER; MACMAHON, 2013). Ainda assim, Côté (1999) afirma que mesmo que ginastas tendam a entrar na fase de investimento mais cedo, os atletas usualmente apresentam uma fase de experimentação de cerca de três anos, a qual é citada por eles como fundamental para que a criança desperte o interesse e se motive a continuar praticando o esporte.

Os estudos que tratam da primeira fase da trajetória esportiva atlética reforçam a importância de a criança experimentar modalidades diferentes, para que na fase de especialização possa escolher por uma ou duas. Sobre isso, Côté (1999) reforça que quanto mais prazerosa for a experiência da criança nessa fase, maior será a chance dela optar por seguir na modalidade. A experiência em outras modalidades, anteriores à GA, foi encontrada na trajetória esportiva dos ginastas entrevistados. O atleta Francisco Barretto contou que ele e seus irmãos (três homens e uma mulher) frequentavam no contraturno escolar um centro de treinamento público da prefeitura de Ribeirão Preto (SP), no complexo esportivo Cava do Bosque. No local, ele teve contato com diversas modalidades, Barretto citou: futebol; basquete; judô; atletismo; handebol; e GA. O professor de ginástica o convidou para participar de uma seletiva do time de GA de um colégio particular de Ribeirão Preto, o “COC”¹⁶. Então, aos sete anos de idade, ele passou a treinar GAM na equipe do COC, com bolsa de estudos. Na mesma direção, Lucas Bitencourt comentou:

Primeiramente eu fazia capoeira em de Nova Odessa [cidade natal]. Meu professor de capoeira viu que eu tinha um pouco de facilidade e falou com a minha família para me levar em Americana¹⁷, que lá tinha ginástica, para eu fazer um teste. Eu fiz um ano de natação antes, no mesmo local onde tinha ginástica. Eu sempre saía da natação e ia assistir os treinos de ginástica. No ano seguinte eu parei a natação e entrei na ginástica. Nas primeiras vezes eu já gostei muito. Percebi que eu tinha um pouco de facilidade com o esporte (Lucas Bitencourt, 2020).

A orientação do professor/profissional de educação física fez com que Lucas Bitencourt tivesse o primeiro contato com a modalidade. De maneira símile, Arthur Zanetti contou que inicialmente queria treinar futebol, como o irmão, mas foi o professor de educação física da escola que indicou a prática da GA, conforme contou:

Eu comecei com sete anos por indicação de um professor de educação física. [...] desde criancinha eu já tinha um corpo pouco mais desenvolvido em questão de musculatura. Ele (o professor da escola) me indicou para treinar no SERC-Santa Maria. (Arthur Zanetti, 2019).

De acordo com os relatos de Arthur Zanetti, a sua baixa estatura aliada à força que já demonstrava desde a tenra idade foram os fatores que levaram o professor de educação física escolar, Sérgio dos Santos, a encaminhá-lo ao esporte quando tinha cerca de sete anos. Vale destacar que tal dado corrobora com o estudo de Malina et al. (2013), o qual reforça que o

¹⁶ Para saber mais, ver Rede Única Educação (2021).

¹⁷ Cidade do interior paulista, cerca de 10 km da cidade de Nova Odessa.

tamanho dos ginastas de elite não é influenciado pelo treinamento da modalidade, mas sim pelas características genéticas (KAUR; KOLEY, 2019). Sobre isso, o campeão olímpico reforçou:

Tenho até uma foto minha antes da ginástica, acho que eu tinha uns 5, 6 anos, eu estou meio que pendurado na árvore e estou fazendo um pouquinho de força e já dá para ver uma linha muscular [...] e eu sempre fui muito baixo, sempre, desde criança. Então esse negócio de que a ginástica não faz crescer é ridículo. [...] Então... olha o tamanho do Chico. (Arthur Zanetti, 2019).

Farrow, Baker e MacMahon (2013) reforçam que para que um atleta chegue ao alto nível da GA, além das características fisiológicas, táticas, técnicas e psicológicas, os fatores antropométricos (peso e altura) são fundamentais para o bom desempenho na modalidade. Ou seja, atletas mais baixos e leves apresentam melhores condições físicas para a execução dos movimentos ginásticos (CANDA, 2016; FERREIRA-FILHO et al., 2016; SANTOS; LEANDRO; GUIMARÃES, 2007). O que, de certa forma, se confirma nessa pesquisa, pois os atletas da seleção brasileira aqui entrevistados apresentam altura média de 1m65, sendo que o mais alto é Francisco Barreto (1m75) e o mais baixo é Arthur Zanetti (1m56).

As narrativas dos ginastas brasileiros, Arthur Zanetti, Francisco Barretto Jr, Caio Souza e Lucas Bitencourt, a respeito do início da prática esportiva, ressaltaram a participação do professor/profissional de educação física na identificação de talentos esportivos (GONÇALVES; RAMA; FIGUEIREDO, 2012). Tal situação também foi identificada na biografia de atletas renomados internacionalmente, como o caso de Nádia Comaneci, que foi identificada por Bela Kalory brincando de ginástica no pátio da escola (COMANECI, 2004).

No entanto, diferente de outras modalidades, a iniciação esportiva dos ginastas brasileiros ocorreu especialmente em ambientes não escolares. A título de exemplo, o estudo de Peres e Lovisolo (2006) afirma que a iniciação esportiva de atletas de elite brasileiros, de diferentes modalidades, ocorre em escolas. Da mesma maneira, Costa et al. (2021) identificaram que a iniciação esportiva dos atletas olímpicos do atletismo brasileiro se deu, sobretudo, a partir da vivência escolar. Ainda assim, no caso da GAM brasileira foi possível constatar que tal contato ocorreu em instituições não escolares, porém os professores/profissionais de educação física tiveram papel fundamental nesse processo de orientar a busca por locais específicos que ofertavam a modalidade.

A pouca experimentação da ginástica em instituições de ensino foi tratada por Schiavon e Piccolo (2007). Para os autores, tal fato se justifica na formação de professores. Ou seja, para as autoras, a forma com que os esportes ginásticos são tratados nos cursos de graduação em Educação Física no Brasil enfatiza o treinamento de alto nível, em detrimento à

pedagogia da modalidade e suas possibilidades de inserção e adaptação no contexto escolar. Com isso, os professores escolares não se motivam a propor a ginástica, acreditando que se trata de uma modalidade seletiva, difícil de ser adaptada e aplicada em ambiente escolar. Ainda assim, Lopes et al. (2016) indicam o aumento da oferta da prática da GA em escolas da rede particular do estado de São Paulo.

No caso de Arthur Nory, aos seis anos ele praticava judô, conforme a orientação de seu pai (judoca faixa preta). Ele conta que a inspiração para praticar ginástica se deu a partir de duas situações. Ele praticava judô no Clube Palmeiras, na cidade de São Paulo, no qual, na parte de cima do ginásio, aconteciam os treinos de judô, e, no piso abaixo, os treinos de ginástica artística feminina (GAF). Ao final dos treinos de judô, Nory ficava admirando as ginastas treinarem e pedia aos pais para que o colocassem naquele esporte. Na mesma época, Daiane dos Santos estava no auge de sua carreira esportiva e inspirava-o com as suas acrobacias. Ele disse: “[...] e aí teve a época da Daiane dos Santos na TV que eu via e, enfim...”. A menção a “heróis olímpicos” também foi encontrada nos estudos de Lopes et al. (2016).

Porém, a inserção de Arthur Nory na GAM ocorreu apenas aos 11 anos de idade. O atleta lembra que somente após a separação dos pais que ele teve a oportunidade de experimentar a ginástica. Foi a sua mãe, professora de educação física, que o levou para o Clube Municipal Pelezão, o qual oferecia a modalidade para homens. Sobre a iniciação “tardia” na modalidade, o ginasta contou: “[...] só que eu tive que aprender muito rápido a base, porque na ginástica [os atletas] começam bem cedo! E aí eu tive que correr atrás para poder acompanhar os meninos que já estavam lá.” (Arthur Nory, 2019). O caso específico de Arthur Nory foi mencionado por Caio Souza como incomum na modalidade, assim como o de Daiane dos Santos (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Afinal, a primeira brasileira campeã mundial da modalidade (2004) iniciou a prática da modalidade aos 11 anos. Nas palavras dele:

A GA é um esporte que começa cedo e demora para dar resultado. Tem a Dayane dos Santos e Arthur Nory que são exceção que começaram tarde, mas a maioria começou cedo. No meu caso, comecei aos sete anos e tive o primeiro resultado significativo aos 18 anos. Demora! (Caio Souza, 2020).

No entanto, os dados a respeito do início da trajetória esportiva de Arthur Nory reforçam os achados apresentados por Côté, Baker e Abernethy (2007), os quais indicam que atletas que tiveram uma vasta fase de experimentação esportiva, para depois se especializarem num determinado esporte, tiveram mais sucesso quando chegaram na mais alta categoria.

A GA é mundialmente reconhecida pelo seu início precoce (ATIKOVIC; KALINSKI; ČUK, 2017). Nunomura, Carrara e Tsukamoto (2010) identificaram que, para a maioria dos técnicos brasileiros, a idade de início da prática da GA deveria ocorrer entre os cinco e os sete anos de idade. Os participantes da referida pesquisa assumiram que o início na modalidade para os meninos pode ser postergado, porém, ressaltam que o fato de haver competições para meninos de nove anos instiga o início da prática aos sete anos de idade, pois consideram necessários dois anos para a preparação inicial do atleta. Por outro lado, os autores constataram que os técnicos da GAM percebem que a especialização esportiva demasiadamente precoce pode contribuir para a desistência da prática da modalidade. Tal preocupação também foi identificada pelo estudo de Nunomura, Carrara e Carbinatto (2009), já que a modalidade no Brasil carece de atletas.

Vale destacar que Barreiros, Côté e Fonseca (2014) discutiram o padrão pré-estabelecido e a idade de iniciação esportiva ao analisar os resultados internacionais, em diferentes categorias e modalidades. Tais autores identificaram que a minoria dos atletas que se destaca nas categorias de base (antes do juvenil) repete o feito na categoria mais alta, no caso da GA, categoria adulto.

Sobre a idade da iniciação esportiva dos atletas entrevistados, foi possível perceber que Caio Souza foi o que teve contato mais cedo (aos três anos), enquanto Nory foi que ingressou na modalidade mais tarde (aos 11 anos). Lucas Bitencourt (aos oito anos), Francisco Barretto e Arthur Zanetti (aos sete anos) ingressaram na modalidade na idade considerada pelos treinadores brasileiros como ideal (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). No entanto, aparentemente, tal oscilação na idade de ingresso não influenciou a idade de ápice da carreira, afinal, dentre os atletas finalistas olímpicos aqui entrevistados, Nory, aos 23 anos, foi vice-campeão olímpico na prova de solo e, aos 26 anos, campeão mundial. Arthur Zanetti foi campeão olímpico aos 22 anos, vice-campeão aos 26 anos e aos 31 anos foi finalista olímpico. Já Francisco Barretto foi finalista olímpico aos 26 anos. Caio Souza foi finalista olímpico aos 28 anos. O melhor resultado internacional de Lucas Bittencourt ocorreu aos 21 anos, no Campeonato Mundial de GA.

Sobre isso, há na literatura estudos que analisam a idade de atletas de elite da GA (ATIKOVIC; KALINSKI; ČUK, 2017; BARKER-RUCHTI et al., 2017; KALINSKI; JELASKA; KNEZEVIĆ, 2017; MOŽNIK, 2019; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Os achados de Kalinski, Jelaska e Knezevic (2017) apontaram que os finalistas olímpicos de GAM que competiram entre os anos de 1980 e 2016 tinham em média 23 anos. Ou seja, mesmo com o início precoce na modalidade, os atletas da modalidade masculina

atingem seu ápice mais tarde do que as ginastas do setor feminino. Explica-se: o desenvolvimento de força, necessária para a execução de elementos corporais com maior complexidade da modalidade, ocorre após o período de maturação, o qual, entre os meninos, acontece a partir dos 14 anos (MALINA et al., 2013). A Federação Internacional de Ginástica (FIG) destaca o primeiro estágio do desenvolvimento de longo prazo de ginastas do setor feminino entre 6 e 7 anos de idade; já do setor masculino aos 8 e 9 anos (FINK; HOFMANN, 2015).

Entre os motivos apresentados para o início tardio de Arthur Nory na GAM, a mãe dele acrescentou a dificuldade de encontrar (na época) local que oferecesse a prática da GAM (OYAKAWA, 2016). O número reduzido de clubes brasileiros que oferecem a modalidade para homens também foi constatado na pesquisa de Nunomura, Carrara e Tsukamoto (2010, p. 310), segundo os autores: “[...] o número de praticantes de GA no setor masculino é ainda menor se comparado ao feminino”. Sobre isso, Oliveira (2010), ao detalhar as competições das diferentes categorias da GAM promovidas pela Confederação Brasileira de Ginástica, entre os anos de 2004 e 2008, identificou que 25 entidades esportivas participaram de competições da modalidade em todas as categorias. O estudo também apresentou a distribuição geográfica dos clubes e entidades participantes das competições, e revelou a supremacia da região Sudeste do país, sendo que as regiões Norte e Nordeste tiveram pouco ou nenhuma representação. O SERC-Santa Maria, clube em que Arthur Zanetti foi revelado e permanece treinando, já vinha demonstrando resultados expressivos nas categorias de base. Fato que se consolidou com a formação do primeiro campeão olímpico da história da ginástica brasileira. Já o estado de São Paulo foi apresentado por Lima et al. (2016) como principal formador de ginastas, e, não por acaso, quatro dos cinco ginastas entrevistados são naturais desse estado. Na mesma direção, Sierra (2019) indica que a maior parte das atletas de GAF no Brasil são das regiões Sul e Sudeste e aponta para os fatores históricos para justificar tal supremacia.

Ainda no que tange ao local de nascimento dos atletas, o estudo de Caetano et al. (2020) analisou a influência do tamanho e densidade populacional no rendimento de ginastas brasileiros. Eles concluíram que aqueles que nasceram em cidades grandes possuem maiores chances de ter rendimento esportivo. Nessa pesquisa, apenas Lucas Bitencourt não nasceu em cidade com população maior do que 100.000 habitantes.

Ao observar o resultado do Campeonato Brasileiro Adulto de 2019 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA – CBG, 2019), foi possível identificar que o número de clubes envolvidos com a GAM permanece reduzido, assim como a predominância de clubes da região Sudeste. A título de exemplo, a competição na categoria

adulta teve a participação de 8 equipes, na categoria juvenil de 7 equipes, e na infantil de 11 equipes. Já nos Torneios Nacionais, evento destinado às entidades/atletas que estão debutando na modalidade, os números são ainda menores, 9 ao total. Sendo este um fato que chama atenção, pois, mesmo com o número reduzido de clubes e, por consequência, de praticantes da modalidade no Brasil, o país tem alcançado bons resultados internacionais na modalidade (VARGAS; CAPRARO, 2020). Tal fato indica a necessidade de observar essa geração de ginastas no sentido de compreender os caminhos por eles traçados para alcançar a elite da modalidade.

Os primeiros passos para a formação esportiva de um atleta de elite estão vinculados, muitas vezes, à seleção de talentos. Mkaouer et al. (2018) esclarecem que um programa de treinamento que busca a excelência no desempenho esportivo deve ter um procedimento de reconhecimento de participantes com capacidades físicas promissoras para aquele determinado esporte. Nessa esteira, Barreiros, Côté e Fonseca (2014) indicam que a seleção de talentos deve reconhecer a progressão do atleta de forma individual, considerando que o atleta poderá ter uma maturação biológica tardia. Obviamente, tal seleção não deve estar centrada apenas em condições físicas, afinal, sabe-se que outros fatores colaboram para a formação de um atleta elite, tais como a influência de fatores sociais, culturais e financeiros (DE BOSSCHER et al., 2009; GONÇALVES; RAMA; FIGUEIREDO, 2012; HOULIHAN; GREEN, 2007).

No caso específico da GA, um dos programas de seleção de talentos mais utilizados por treinadores em diferentes países é o indicado pelo *FIG MAG Age Group Development Program* (MKAOUER et al., 2018; PION et al., 2017; STERKOWICZ-PRZYBYCIEN; GUALDIRUSSO, 2019). Trata-se de um programa de formação para treinadores proposto pela FIG com o intuito de difundir conhecimento científico para garantir que os ginastas sejam conduzidos à elite da modalidade de forma saudável e segura. No que tange à seleção de talentos, os testes de habilidades físicas apresentados pelo referido Programa consideram especialmente a flexibilidade, a força, a resistência e a potência dos ginastas (FINK; HOFMANN, 2015). Nassib et al. (2020) afirmam que, ao selecionar indivíduos inicialmente dotados, o tempo necessário para atingir um alto desempenho é reduzido.

No Brasil, a seleção de talentos para a GAF se dá pela idade cronológica, avaliação morfológica e antropométrica, testes físico-motores, observação, avaliação empírica e análise genética (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014). Já o estudo de Bacciotti et al. (2019) indicou que a maior parte dos treinadores brasileiros da modalidade para mulheres utiliza método misto para a escolha de suas atletas, ou seja, testes antropométricos, motores e técnicos.

No caso dos ginastas brasileiros, tal seleção ocorreu após o período de iniciação, a partir de convite para participar de seletivas de clubes, e o método mais utilizado foi o de observação. Caio Souza contou:

Com sete anos a professora falou para minha mãe que eu tinha um talento, que eu poderia tentar investir nisso e sugeriu que eu fosse fazer um teste no Clube de Regatas do Flamengo. Eu fiquei um mês fazendo o teste lá no clube e passei. Estou aí desde então! (Caio Souza, 2020).

Arthur Nory, que iniciou a prática da GAM aos 11 anos, em pouco tempo, foi indicado pelo estagiário de educação física que acompanhava as aulas de ginástica no clube Pelezão para participar de uma seletiva para formar a equipe de GAM no Esporte Clube Pinheiros. E, depois de ser aprovado pela equipe técnica do Clube, começou a trilhar a sua carreira esportiva. Ele disse: “[...] fiz um teste com 11 anos no Pinheiros e aí eu entrei e comecei minha carreira na ginástica” (Arthur Nory, 2019).

Do mesmo modo, os outros ginastas passaram por seletiva para ingressar no treinamento de GAM. Francisco Barreto, conforme dito anteriormente, passou por seletiva para ingressar na equipe de GAM do COC. Arthur Zanetti contou como se deu a transição da fase de iniciação para a fase de especialização:

[...] No primeiro ano bem tranquilo, a escolinha, duas vezes por semana, uma hora, uma hora e meia. No ano seguinte, o Marcos Goto começou a dar treino lá em São Caetano [SERC-Santa Maria] [...] e me selecionou para fazer parte da equipe dele de alto rendimento. Foi aí que comecei a treinar todos os dias e, então, peguei a paixão pela ginástica. [...] (Arthur Zanetti, 2019).

As seletivas de clubes para o ingresso no treinamento no esporte é algo amplamente praticado, especialmente no Brasil. De acordo com Peres e Lovisoló (2006), o clube é uma instituição esportiva que oferece comissão técnica e condições físicas mais adequadas para a etapa de especialização. Mesmo porque, assim como em outros esportes (natação, mergulho, tênis e patinação artística), a ginástica de rendimento é ofertada, sobretudo, em clubes, devido ao alto custo de equipamentos e à especialização dos treinadores (CAINE; RUSSELL; LIM, 2013; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2010) destaca que, entre os anos de 2005 e 2008, o SERC-Santa Maria foi o maior medalhista brasileiro em competições nacionais de todas as categorias da GAM. Ao observar os resultados dos campeonatos brasileiros de GAM de 2019 (CBG, 2019), foi possível constatar que a entidade se mantém entre as melhores do Brasil. Tal dado, somado aos achados

da pesquisa aqui apresentada, indica que a entidade é uma das principais entidades esportivas formadoras de atletas de GAM no Brasil.

De acordo com os entrevistados, o SERC-Santa Maria conta com a participação ativa da Associação de Pais e Mestre, AGITH, a qual foi indicada como fundamental para a melhoria na estrutura de treinamento. Zanetti explicou como se dá a organização da associação esportiva: “[...] *todo atleta [da AGITH], não importa se é da escolinha ou alto rendimento, paga uma taxa que é utilizada para comprar material, para melhorar o ginásio, para fazer algumas vezes um conserto de colchão [...]*” (Arthur Zanetti, 2019). Além disso, a AGITH faz parte do Programa Esportivo Comunitário, que conta com financiamento da prefeitura de São Caetano do Sul. Oliveira (2010, p. 171) explica que “[...] *o município proporciona o local, a infraestrutura de aparelhos e a equipe multidisciplinar que atua junto aos ginastas*”. Ainda assim, Zanetti, Barretto e Bitencourt confirmaram que inicialmente a aparelhagem não era sofisticada e melhorou com o passar dos anos, principalmente a partir das conquistas dos atletas.

Sobre a estrutura física dos primeiros locais de treinamento, Lucas Bitencourt contou como era o ginásio que treinava em Americana, antes de migrar para o SERC-Santa Maria: “[...] *não tinha um solo total, tinha só uma pistinha. A mesa de salto a gente improvisava [...]* não era a melhor estrutura, era uma aparelhagem antiga, mas tinha.” (Lucas Bitencourt, 2020).

Uma das dificuldades apresentadas em relação à prática da GA diz respeito à estrutura física. A necessidade de um espaço exclusivo para a prática e a estrutura material para o desenvolvimento de atletas de elite da modalidade estão entre os principais empecilhos encontrados na literatura para o desenvolvimento da modalidade em determinados locais (LIMA et al., 2016; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012; SCHIAVON; PAES, 2012).

Vale lembrar que para o desenvolvimento da GA, além dos aparelhos oficiais da modalidade (solo, cavalo com alças, argolas, salto sobre a mesa, barras paralelas simétricas e barra fixa), são necessários diversos equipamentos auxiliares, tais como colchões, plintos, trampolins, fosso, “[...] os quais contribuem para condições mais seguras, melhor desenvolvimento e acelerada evolução” (LIMA et al., 2016, p. 140). Nesse sentido, reforça-se que a estrutura física é um dos pilares do sucesso esportivo (DE BOSSCHER et al., 2009).

Ainda a respeito da estrutura física para os treinamentos, Arthur Nory e Francisco Barretto¹⁸ enalteceram a estrutura física oferecida pelo Esporte Clube Pinheiros, nas palavras de Nory: “[...] *ah! Eu tive sorte que o clube é bem estruturado. Por mais que seja pequeno e alguns aparelhos adaptados, o clube tem uma estrutura muito boa!*” (Arthur Nory, 2019). Sobre

¹⁸ Francisco Barretto atualmente (2021) treina no Clube Pinheiros.

isso, Oliveira (2010) indicou que os estados do Sul e Sudeste do país apresentam melhores condições de infraestrutura para o desenvolvimento da GAM, bem como registrou o início dos avanços em termos de infraestrutura para a modalidade no país, especialmente, a partir do surgimento de políticas públicas de incentivo ao esporte. Tal fato merece ser observado pois corrobora com os achados de outros estudos (MATIAS et al., 2015; REIS; CAPRARO, 2020). Afinal, a região Sudeste captou mais de 80% dos recursos federais para o esporte, por meio da Lei de Incentivo ao Esporte, entre os anos de 2007 e 2013. A região Sul ocupou a segunda colocação, com 10% dos recursos. As demais regiões do país somadas receberam cerca de 8% do montante (MATIAS et al., 2015). Tal fato explica-se pela concentração econômica do país nessa região (Sudeste em especial) e devido à localização das principais entidades esportivas.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender o processo de iniciação esportiva de cinco ginastas da seleção brasileira de GAM do ciclo 2017-2021, a partir de suas narrativas, foi possível identificar que: antes de iniciar a prática da GAM os atletas vivenciaram outras modalidades esportivas; o encaminhamento para a modalidade está vinculado à indicação de profissionais/professores de educação física e à inspiração nos “heróis” da modalidade; os atletas iniciaram a modalidade entre 3 e 11 anos de idade e, aparentemente, a idade de início não foi um fator determinante para chegar à seleção brasileira; os entrevistados são todos da região Sudeste, com destaque para o estado de São Paulo; os atletas foram submetidos a testes seletivos para compor equipes de competições das entidades; o contato com a modalidade, especialmente em clubes esportivos, com destaque para o SERC-Santa Maria; alguns atletas precisaram se deslocar da cidade natal para treinar em clubes com estruturas melhores; os locais de formação esportiva ofereciam a aparelhagem básica de GAM, ainda que tenham a aprimorado com os resultados positivos.

Os achados dessa pesquisam indicam que não há um modelo de formação de ginastas no Brasil, especialmente no que tange a iniciação e seleção de talentos. Sendo assim, pode-se afirmar que os ginastas entrevistados tiveram os primeiros contatos com a modalidade e foram indicados ao treinamento quase que por acaso, com destaque para a participação dos pais e a orientação de profissionais de educação física.

Estudos da trajetória esportiva de atletas são relevantes por apontarem fatores que contribuíram para o desenvolvimento de atletas de elite de determinada modalidade. Ainda assim, vale ressaltar que o estudo se limitou à fase de iniciação de cinco atletas, mesmo que

ginastas de grande destaque no âmbito mundial da modalidade. Nesse sentido, sugere-se que novos estudos desta natureza sejam realizados com maior número de participantes e considerando outras questões que aqui não foram abordadas, tais como: financiamento e patrocínio, motivos da permanência no esporte, apoio parental e relação com treinadores.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ATIKOVIC, A.; KALINSKI, S. D.; ČUK, I. Age trends in artistic gymnastic across world championships and the olympic games from 2003 to 2016. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 9, n. 3, p. 251-263, 2017.

BACCIOTTI, S. et al. Seleção em ginástica artística feminina no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 41, n. 1, p. 51-58, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.016>.

BARKER-RUCHTI, N. et al. “Gymnasts Are Like Wine, They Get Better With Age”: Becoming and Developing Adult Women’s Artistic Gymnasts. **Quest**, Champaign, v. 69, n. 3, p. 348-365, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2016.1230504>.

BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. From early to adult sport success: Analysing athletes’ progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, Champaign, v. 14, Suppl. 1, p. S178-S182, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/17461391.2012.671368>.

BORTOLETO, M. A. C.; COELHO, T. F. Men’s artistic gymnastics: is the use of elastic surfaces systematic in the training process?. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 51-59, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100051>.

BORTOLETO, M. A. C.; SCHIAVON, L. M. Artistic gymnastics: why do coaches resist change? **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 198-201, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1201360>.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

CAETANO, C. I. et al. Influence of population size and density on sports performance of Brazilian artistic gymnastics. **Retos**, Murcia, v. 38, p. 66-70, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47197/retos.v38i38.74338>.

CAINE, D. J.; RUSSELL, K.; LIM, L. **Handbook of Sports Medicine and Science Gymnastics**. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

CANDA, A. S. Anthropometric profile of gymnast from childhood to maturity sport: report of 2 cases. **Archivos de Medicina del Deporte**, Pamplona, v. 33, n. 6, p. 375-381, 2016. Disponível em: https://archivosdemedicinadeldeporte.com/articulos/upload/or02_canda-ingles.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.

CARRARA, P. et al. The cross on rings performed by an Olympic champion. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 71-77, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100071>.

COMANECI, N. **Letter to a young gymnast**. Philadelphia: Basic Books, 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Resultados**. Aracaju, 2019. Disponível em: https://www.dropbox.com/sh/cr6iqhuuv94elx3/AAA5yQbMFd1_EVrropTC1EWa/Campeonato Brasileiro CAIXA de Ginástica Artística Adulto e Infantil - III ETAPA DO CIRCUITO CAIXA DE GINÁSTICA Categoria Adulto/Infantil/GAM?dl=0&subfolder_nav_tracking=1. Acesso em: 28 abr. 2021.

COSTA, I. P. et al. Atletismo: iniciação esportiva de acordo com atletas olímpicos brasileiros. **Retos**, Murcia, v. 39, p. 163-168, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47197/retos.v0i39.78621>.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (ed.). **Handbook of Sport Psychology**. 3rd. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2007. p. 184-202.

DE BOSSCHER, V. et al. Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 113-136, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2009.01.001>.

DE OLIVEIRA, A. V. et al. O impacto do esporte competitivo na escolha alimentar: narrativas de atletas de ginástica artística masculina. **Psico**, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. e28800, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.1.28800>.

FARROW, D.; BAKER, J.; MACMAHON, C. **Developing Sport Expertise**. 2nd. ed. London: Routledge, 2013.

FERREIRA-FILHO, R. A. et al. The impact of intensive high performance training on adult height of female artistic gymnasts: a retrospective study. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 87-95, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100087>.

FINK, H.; HOFMANN, D. **Age group development and competition program for Men's Artistic Gymnastics**. Lausanne: Fédération Internationale de Gymnastique, 2015. Disponível em: http://www.fgp-ginastica.pt/_usr/downloads/age_group_program_por_atual.pdf. Acesso em: 19 nov. 2021.

GONÇALVES, C. E. B.; RAMA, L. M. L.; FIGUEIREDO, A. B. Talent identification and specialization in sport: an overview of some unanswered questions. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, Champaign, v. 7, n. 4, p. 390-393, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1123/ijsp.7.4.390>.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative elite sport development: systems, structures and public policy**. New York: Elsevier, 2007.

KALINSKI, S. D.; JELASKA, I.; KNEZEVIĆ, N. Age effects among elite male gymnasts. **Acta Kinesiologica**, Ljubuški, v. 11, n. 2, p. 83-89, 2017.

KAUR, K.; KOLEY, S. Anthropometric Determinants of Competitive Performance in Gymnastics. **International Journal of Health Sciences and Research**, New Delhi, v. 9, n. 7, p. 249-256, 2019.

LIMA, L. B. Q. et al. Análise das condições de desenvolvimento da ginástica artística no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 133-143, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100133>.

LOPES, P. et al. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 1043-1049, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401043>.

MALINA, R. M. et al. Role of intensive training in the growth and maturation of artistic gymnasts. **Sports Medicine**, Auckland, v. 43, n. 9, p. 783-802, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40279-013-0058-5>.

MATIAS, W. B. et al. A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 95-110, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46419>.

MKAOUER, B. et al. Evaluating the physical and basic gymnastics skills assessment for talent identification in men's artistic gymnastics proposed by the International Gymnastics Federation. **Biology of Sport**, Warszawa, v. 35, n. 4, p. 383-392, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5114/biol sport.2018.78059>.

MOŽNIK, M. Age, height and weight of top-level gymnasts in 2018. In: INTERNATIONAL SCIENTIFIC CONFERENCE OF SLOVENIAN GYMNASTICS FEDERATION, 6., 2019, Ljubljana. **Annals [...]**. Ljubljana: Slovenian Gymnastics Federation, 2019. p. 67-75.

NASSIB, S. H. et al. Prediction of Gymnastics Physical Profile Through an International Program Evaluation in Women Artistic Gymnastics. **Journal of Strength and Conditioning Research**, Champaign, v. 34, n. 2, p. 577-586, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1519/JSC.0000000000001902>.

NISTA-PICCOLO, V.; SCHIAVON, L. M. A ginástica artística como proposta educacional. In: NISTA-PICCOLO, V.; TOLEDO, E. (ed.). **Abordagens pedagógicas do esporte**. Campinas: Papyrus Editora, 2014. p. 97-116.

NUNOMURA, M. et al. Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 678-689, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400006>.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; CARBINATTO, M. V. Ginástica artística competitiva: considerações sobre o desenvolvimento dos ginastas. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 503-514, 2009.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-314, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000300001>.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000200018>.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Detecção e seleção de talentos na ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 36, n. 2, p. 311-325, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892014000200003>.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Parents' support in the sports career of young gymnasts. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 5, p. 5-17, 2013.

OLIVEIRA, M. S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira**: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. 2010. 270 F. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v22i2.9986>.

OLIVEIRA, M. S.; NOÉ, F. A.; BORTOLETO, M. A. C. Reflexões sobre arbitragem na Ginástica Artística Masculina do Brasil segundo a perspectiva de seus protagonistas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 27, n. 4, p. 73-84, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbcm.v27i4.10137>.

OYAKAWA, N. Mãe do ginasta Arthur Nory relembra trajetória do atleta. **Globoplay**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2016. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5238786/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3343>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PION, J. et al. Predictive models reduce talent development costs in female gymnastics. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 35, n. 8, p. 806-811, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02640414.2016.1192669>.

REDE ÚNICA EDUCAÇÃO. **COC Ribeirão**. Ribeirão Preto, 2021. Disponível em: <https://www.cocribeirao.com.br/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

REIS, F. D. G.; CAPRARO, A. M. Judocas brasileiros: um panorama sobre os atletas contemplados pelo programa bolsa-atleta pódio entre os anos de 2013 e 2018. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e72017>.

SANTOS, M. A. M.; LEANDRO, C. G.; GUIMARÃES, F. J. S. Composição corporal e maturação somática de meninas atletas e não-atletas de natação da cidade do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 7, n. 2, p. 175-181, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292007000200008>.

SCHIAVON, L. M.; LOCCI, B. Brazilian olympic gymnasts' perspectives on their participation in the olympic games. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 437-451, 2018.

SCHIAVON, L. M.; PAES, R. R. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 757-769, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400014>.

SCHIAVON, L.; PICCOLO, V. N. A ginástica vai à escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 131-150, 2007. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3572>.

SIERRA, M. F. **A trajetória de formação de atletas de ginástica artística feminina na perspectiva de treinadores**. 2019. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SIMÕES, R. et al. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 183-198, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100183>.

SPARKES, A.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health**. London: Routledge, 2014.

STERKOWICZ-PRZYBYCIEN, K.; GUALDI-RUSSO, E. Evaluation of somatotype in artistic gymnastics competitors: a meta-analytical approach. **The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, Torino, v. 59, n. 3, p. 449-455, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23736/S0022-4707.18.08332-9>.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infânica: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, p. 159-176, 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/166>. Acesso em: 20 nov. 2021.

VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 10, p. e6969109089, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9089>.

5 ARTIGO 4

O APOIO PARENTAL NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA

5.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o apoio parental a ginastas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (GAM). Trata-se de parte de um projeto maior, o qual objetiva compreender aspectos da trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes das principais competições internacionais da modalidade entre os anos de 2013-2021.

A primeira medalha olímpica da história da GAM brasileira foi conquistada por Arthur Zanetti, em Londres 2012. Depois de tal feito, a equipe brasileira conquistou mais três medalhas nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Além disso, o país esteve representado na competição por equipes nas edições olímpicas de 2016 e 2021. Sendo assim, é possível afirmar que o Brasil tornou-se, recentemente, um país formador de atletas de elite da GAM (SCHIAVON; LOCCI, 2018). No entanto, diversos fatores exercem influência para que um atleta chegue à elite da modalidade. Farrow, Baker e MacMahon (2013) apresentam um modelo multidimensional que considera o sistema (políticas públicas, filosofia esportiva nacional, financiamento etc.), as chances (local de nascimento, lesões, oportunidades etc.), os fatores individuais (características morfológicas, psicológicas, genéticas, físicas etc.) e os fatores ambientais (treinador, clubes, equipe multidisciplinar, família etc.) de maneira interligada no processo de desenvolvimento do atleta.

Nesse sentido, é possível observar que a família, em especial os pais, é um dos componentes relevantes na análise da trajetória esportiva. O apoio parental para a formação de atletas é constantemente estudado por pesquisadores da Educação Física e da Psicologia Esportiva (AMADO et al., 2015; AMOROSE et al., 2016; CÔTÉ, 1999; DANIONI; BARNI; ROSNATI, 2017; KNIGHT, 2019; KNIGHT; BERROW; HARWOOD, 2017). Muitas vezes, os pais (entende-se aqui por aqueles que são responsáveis pela criação das crianças) são responsáveis por apresentar o esporte para a criança, por dar condições para que ela frequente as atividades esportivas, e, ainda, que forneçam os subsídios necessários para a sua manutenção no esporte. De acordo com o estudo de Burgess, Knight e Mellalieu (2016), os pais são essenciais no esporte, especialmente, quando os atletas são crianças e jovens, pois fornecem apoio emocional, formativo e financeiro.

Por isso, na ginástica artística (GA) o apoio parental é ainda mais importante para a formação de atletas de elite, afinal, trata-se de uma prática esportiva de início precoce (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; PINHEIRO et al., 2014). Com isso, os pais passam a ter papel fundamental para que as crianças e adolescentes possam se manter treinando, pois há uma dependência maior dos pais para o transporte, a alimentação e o suporte emocional (COSTA et al., 2021; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2013, 2014; SCHIAVON; SOARES, 2016).

Nunomura e Oliveira (2013) avaliaram o suporte parental de ginastas brasileiros em formação (masculino e feminino), das categorias pré-infantil (9 – 10 anos), infantil (10 – 12 anos) e juvenil (12 – 14 anos) e identificaram que o apoio dos pais, na maior parte das vezes, é positivo para os atletas em formação. Os pais desempenham diferentes papéis durante a formação dos ginastas, desde a introdução e o acesso ao esporte, a continuidade na prática, o envolvimento com a modalidade, até o bem-estar físico e emocional. Ainda assim, foram identificados fatores negativos, quando o envolvimento dos pais passa a ser entendido como cobrança pelos jovens atletas, podendo resultar em estresse, ansiedade, conflitos entre pais e filhos e desistência do esporte.

Em estudo recente, Costa et al. (2021) analisaram a influência dos pais na carreira de ginastas (feminino) da categoria infantil. O estudo que interpretou os dados a partir de entrevistas com os pais das atletas concluiu que os pais foram fundamentais para a permanência das atletas na modalidade. Os autores destacam a oferta do transporte para os locais de treino, a compra de materiais específicos para o treinamento, o custeio de despesas relacionadas à participação em competições, o apoio psicológico e, em alguns casos, a mudança de estado ou cidade.

No entanto, foi identificada uma lacuna no que tange atletas de elite da GAM no Brasil. Considerando a importância do apoio parental para a formação de atletas de elite em consonância com o protagonismo da equipe de GAM brasileira, este artigo tem por objetivo analisar a participação dos pais durante a trajetória esportiva de atletas da seleção brasileira de GAM (2013-2021).

5.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

No sentido de alcançar o objetivo exposto utilizou-se da metodologia qualitativa exploratória (SPARKES; SMITH, 2014). Para tanto, foram entrevistados¹⁹ cinco ginastas brasileiros, que participaram de Campeonatos Mundiais (CM) e Jogos Olímpicos (JO) entre os anos de 2013 e 2021. No Quadro A4.1, a seguir, estão apresentados os participantes da pesquisa, bem como o melhor resultado individual alcançado por eles nas principais competições do período.

QUADRO A4.1 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Nome/Competição	CM (2013)	CM (2014)	CM (2015)	JO (2016)	CM (2017)	CM (2018)	CM (2019)	JO (2021)
Arthur Nory	17° ind. geral	18° barra fixa	4° barra fixa	3° solo	12° barra fixa	27° solo	1° barra fixa	12° barra fixa
Arthur Zanetti	1° argolas	2° argolas	9° argolas	2° argolas	7° argolas	2° argola	5° argolas	8° argolas
Caio Souza	X	x	34° ind. geral	x	15° ind. geral	8° salto	13° ind. geral	8° salto
Francisco Barretto	22° barra fixa	37° barra fixa	32° cavalo com alças	5° barra fixa	x	11° cavalo com alças	21° cavalo com alças	22° barra fixa
Lucas Bitencourt	X	30° barra fixa	15° barra fixa	x	x	65° ind. geral	80° cavalo com alças	x

CM: Campeonato Mundial; JO: Jogos Olímpicos.

FONTE: os autores (2021).

Vale destacar que os campeonatos mundiais que ocorrem após os Jogos Olímpicos não realizam a competição por equipes. Já no Campeonato Mundial de 2015, a delegação brasileira finalizou em oitavo lugar, assegurando a primeira participação por equipes em Jogos Olímpicos no ano seguinte, quando finalizaram a competição em sexto lugar. A segunda participação olímpica da equipe brasileira de GAM se deu após a conquista da décima posição no Campeonato Mundial de 2019. A delegação brasileira terminou a competição em nono lugar por equipes, nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021).

A participação dos atletas da seleção brasileira de ginástica no presente estudo foi autorizada pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), a qual gentilmente cedeu espaço

¹⁹ O projeto de pesquisa foi autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante parecer substanciado número 3.896.312. Número de registro na CONEP: 51225615.5.0000.5540. Os ginastas foram informados dos objetivos da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades.

e tempo à pesquisadora durante a preparação dos atletas para os Jogos Pan-americanos de Lima, no mês de julho de 2019. Na ocasião, foram ouvidos os relatos dos participantes dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016): Arthur Nory, Arthur Zanetti e Francisco Barretto. Devido à pandemia de Covid-19, os outros dois ginastas (Caio Souza e Lucas Bitencourt) foram entrevistados por chamadas de vídeo, durante o mês de maio de 2020, as quais foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos atletas.

Utilizou-se de um roteiro semiestruturado, e as entrevistas foram conduzidas a partir da técnica de funil. Isto é, as perguntas foram formuladas a partir de tópicos e os entrevistados eram convidados a narrar as suas experiências. A partir das respostas, a entrevistadora formulou questões mais específicas (SPARKES; SMITH, 2014).

As entrevistas passaram pelo processo de transcrição na íntegra e, posteriormente, seguiu-se as orientações de Alberti (2013) para adequação do texto. O resultado foi analisado pelo grupo de pesquisa composto por estudantes de Pós-Graduação e o professor responsável, os quais auxiliaram na interpretação dos dados. A partir da técnica de análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006), as unidades que emergiram para esta pesquisa foram: a cultura esportiva familiar; a inserção na modalidade; o suporte para a manutenção nos treinos, incluindo a mudança de cidade; e o apoio emocional. Conforme serão apresentados e discutidos a seguir.

5.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Peres e Lovisoló (2006, p. 212), independente do estilo de vida, a família é “[...] o principal agente social que contracenam com o atleta”, afinal, ela é responsável por orientar a prática esportiva e fornecer suporte emocional e financeiro. Nessa esteira, os padrões de comportamento de uma criança estão fortemente influenciados pelas crenças, valores e cultura da família. Portanto, uma família que valoriza o esporte tende a incentivar seus filhos a praticar diferentes modalidades esportivas (COSTA et al., 2021). Tal fato foi constatado nos relatos dos ginastas entrevistados, a título de exemplo, o finalista olímpico em 2021 comentou que mesmo antes de começar a praticar ginástica, aos três anos de idade, a mãe dele “[...] *tinha na cabeça que os filhos dela iriam fazer algum tipo de esporte, pelo valor que o esporte ensina em si.*” (Caio Souza).

De acordo com Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018), existe uma relação diretamente proporcional entre as crenças dos pais na influência positiva do esporte com o divertimento da criança e gosto pelo esporte. Na mesma direção, o campeão olímpico contou: “*minha família também sempre foi de esportista! O meu pai fez atletismo, a minha mãe natação, meu irmão*

futebol.” (Arthur Zanetti). No caso de Francisco Barretto, ele e os irmãos (três homens e uma mulher) foram incentivados a praticar esportes desde cedo. Ele lembrou: “*eu fui para ginástica artística [...] um (irmão) jogava handebol, o outro jogou futebol, um foi até quase alto rendimento de judô e natação e minha irmã fez judô e natação também.*” (Francisco Barretto).

Já o campeão mundial da barra fixa, em 2019, é filho de profissionais de educação física, e, por isso, “[...] *teve toda essa influência do esporte*” (Arthur Nory). Segundo o atleta, o pai faixa preta de judô e a mãe, que foi nadadora, sempre incentivaram a prática de esportes aos filhos, especialmente o judô e a natação. Isso fez que ainda cedo o ginasta tivesse experiências esportivas distintas, as quais colaboraram para a formação esportiva do atleta (LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007).

Côté (1999), ao relatar as condições da vida familiar de jovens atletas ao longo dos períodos de tempo de formação esportiva, identificou que, inicialmente, os pais foram responsáveis por despertar o interesse dos filhos pelo esporte e permitir que experimentassem uma ampla variedade de atividades sem foco em treinamento intenso. Nesse sentido, os autores destacam que, de acordo com os valores e as crenças dos pais, todos os filhos das famílias dos atletas de elite investigados experimentaram uma variedade de atividades extracurriculares na infância. Este fato também foi constatado na presente pesquisa, afinal, os ginastas brasileiros contaram que os seus irmãos também foram incentivados a praticar esportes desde cedo e receberam, nessa primeira fase, os mesmos estímulos. Por isso, sugere-se que pais com histórico de participação esportiva tendem a incentivar os filhos a praticar esportes (COUTINHO; MESQUITA; FONSECA, 2018), especialmente na mesma modalidade que vivenciaram. No esporte brasileiro existem alguns casos emblemáticos dessa influência, dentre eles destacam-se: Bernardinho e Bruno Resende no voleibol; Torben e Martina Grael na vela; Oscar e Felipe Schmidt no basquetebol.

Schiavon e Soares (2016) pesquisaram a influência dos pais na carreira esportiva de atletas de ginástica artística feminina. A partir de entrevistas, as autoras destacaram a ampla participação dos pais, ou parentes próximos, no processo de ingresso no esporte. Tais presenças foram fundamentais para levá-las aos locais de treinamento, acompanhá-las em competições e/ou financiar os custos de treinamentos e competições. Ainda que tal pesquisa tenha se debruçado sobre o setor feminino, observou-se similaridades com as narrativas dos atletas da GAM brasileira, especialmente no que tange ao início no esporte.

Sobre isso, Arthur Zanetti contou que, no início de sua trajetória esportiva, a longa caminhada até o local de treinamento, assim como o retorno para casa, desmotivava-o a continuar. Mas, a sua avó, que o acompanhava no trajeto, sempre lhe oferecia um doce como

recompensa. Nas palavras dele: “[...] *uma bomba de chocolate! Eu pegava sempre uma para mim e uma para o meu irmão!*” (Arthur Zanetti). Nesse trecho é possível observar a importância da família para o transporte do atleta ao local de treinamento, além do incentivo. A família de Zanetti contou com o apoio da avó que, além de fazer o trajeto de ônibus e caminhada para conduzir o neto aos treinos, encontrou uma estratégia para motivar o atleta a continuar. Tal fato se mostrou essencial no início da trajetória esportiva do campeão olímpico, corroborando com Lopes et al. (2016) quanto estes identificaram que a dependência dos pais para se deslocar até o local de prática esportiva foi um dos fatores de abandono da prática da GA.

A inserção no esporte, bem como a manutenção, depende quase que exclusivamente dos pais, especialmente nas modalidades ginásticas, pois não são tão comuns no Brasil locais que ofertam a modalidade (NISTA-PICCOLO; SCHIAVON, 2014; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Por isso, a vivência da modalidade em muitos casos é restrita a locais específicos, em geral clubes e academias, em parceria ou não com entidades públicas (OLIVEIRA, 2010). Tal situação foi constatada na presente pesquisa, pois os ginastas brasileiros contaram que foram os pais os responsáveis por inseri-los no esporte, assim como conduzi-los ou providenciar transporte para os treinos, conforme relatado: “[...] *os meus pais me levaram para começar a ginástica na academia da Cláudia Delgado, em Volta Redonda.*” (Caio Souza, grifo nosso). Tal frase enfatiza a participação dos pais no processo de inserção na modalidade. De maneira símile, Francisco Barretto foi, junto com os seus irmãos, apresentado a diferentes modalidades, entre elas a GAM. Nas palavras dele: “[...] *minha mãe, quando a gente saía da escola, ela ocupava o nosso tempo no esporte, então todos fizeram esporte.*” (Francisco Barretto, grifo nosso). Já no caso de Lucas Bitencourt, os pais providenciaram o transporte para que ele pudesse experimentar a modalidade na cidade vizinha, depois de receberem a orientação do professor de capoeira dele.

Para Nory, a situação foi diferente, como ele conta: “*eu comecei no judô com seis anos e era obrigado a fazer o esporte.*” (Arthur Nory). O atleta demonstrava vontade de iniciar na GAM, porém, apenas aos 11 anos de idade teve a oportunidade, quando a mãe dele o conduziu ao local que oferecia a modalidade. Corroborando com a afirmação de Nunomura e Oliveira (2013), os quais entendem que os pais são responsáveis pela inserção das crianças no esporte e por direcioná-los para equipes esportivas.

Barreiros, Côté e Fonseca (2014) sugerem que, na medida em que o interesse da criança cresce em um determinado esporte, o envolvimento dos pais com o mesmo esporte também aumenta. Na mesma direção, os estudos de Barker-Ruchti e Schubring (2016) e Zurc (2017), os quais investigaram a trajetória esportiva de ginastas (GAF) da Suécia e da Eslovênia,

respectivamente, identificaram que na proporção em que as filhas se envolvem mais com a modalidade, os pais se esforçam para dar suporte emocional e oportunizar facilidades.

Tal fato também foi constatado na presente pesquisa, conforme é possível observar na trajetória esportiva de Arthur Zanetti. O pai do campeão olímpico contribuiu com a construção de diversos equipamentos de ginástica para ele e a equipe do SERC-Santa Maria, a qual é administrada pela Associação de Ginástica Artística Di Thiene de Pais e Mestres (AGITH). Por meio dessa associação, os pais são convidados a contribuir com as condições de treinamento e competições dos atletas. Esse fato foi reforçado: “[...] *muita aparelhagem que tinha mesmo lá em São Caetano, quem fazia, quem montava era o Marcos Goto e o pai do Arthur Zanetti. Ele trabalhava com uma fábrica de ferro, então eles montavam [os aparelhos] e davam um jeito*” (Lucas Bitencourt). A mãe de Arthur Zanetti, por sua vez, contribuiu com as questões burocráticas do esporte. Presidiu a AGITH e, atualmente, é a presidente da Federação Paulista de Ginástica²⁰.

A existência de uma associação de pais elucida a importância da participação dos genitores na trajetória esportiva dos ginastas. Tais entidades têm “por objetivo auxiliar as atividades administrativas, pedagógicas, sociais e a arrecadação de recursos para a manutenção da equipe e da estrutura do ginásio.” (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014, p. 127). As associações de pais costumam auxiliar no sentido de estabelecer comunicação entre os genitores e a equipe técnica, para, então, buscar soluções para situações cotidianas do esporte, tais como: organização de eventos, compra ou conserto de materiais, confecção de uniformes e arrecadação de renda para despesas relacionadas ao treinamento ou competições.

Tal envolvimento dos pais também foi encontrado em pesquisa similar com atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. Ao tratar do apoio parental, Nakashima et al. (2018) destacaram a eficácia parental. Dentre os fatores listados, os autores identificaram a participação das mães na confecção de *collants* e sapatilhas para treinamento e competições, além do envolvimento em ações para arrecadar renda para a associação de pais.

O envolvimento dos pais, neste caso, pode ser considerado como um fator para além do encorajamento, pois trata-se de um envolvimento ativo na trajetória esportiva do filho. Ainda assim, o estudo de Danioni, Barni e Dosnati (2017) indica que tal envolvimento pode ser benéfico na aceitação dos valores esportivos, desde que haja uma relação empática entre pais e filhos, o que é facilmente inferido no caso de Zanetti.

²⁰ Para saber mais, ver Federação Paulista de Ginástica (2021).

Ao descrever a trajetória esportiva de uma ex-ginasta sueca (Marie), Barker-Ruchti e Schubring (2016) salientaram a participação dos pais durante toda a trajetória esportiva. Os autores destacaram o apoio parental dado à atleta quando houve a necessidade de mudança de cidade para que Marie treinasse com a seleção nacional. Por diversas vezes, ela ligou para casa dividindo as suas angústias e medos. Os pais eram, então, o apoio emocional que ela teve para se manter treinando, mesmo que longe da família. Tal situação também foi identificada na trajetória de dois atletas. Lucas Bitencourt contou como foi a experiência de mudar-se de Americana (SP) para São Caetano (SP), ainda no início da adolescência:

A minha família no começo [...] sofreu bastante! Era bem difícil, porque eu era muito novo, 13 anos, e já longe de casa. Se bem que eu morava lá e vinha para a casa todo final de semana, mas mesmo assim, né? Mas deu certo! Eles iam para lá (São Caetano), eu vinha para cá (Americana), ligava todo dia! Então, eles sempre acompanharam muito mesmo eu estando longe. (Lucas Bitencourt).

Ele contou que durante esse período em que morava em república e passava a semana longe dos familiares, por algumas vezes, cogitou desistir do esporte. Nesses momentos, os pais dele ofereciam o retorno para casa, e, de certa forma, ele se sentia protegido e apoiado.

A busca de locais com condições de treinamento mais propícias para o treinamento da GA é muitas vezes o motivo de jovens atletas saírem de casa (ZURC, 2017). Francisco Barreto contou que aos 11 anos de idade a equipe de ginástica de Ribeirão Preto (SP) encerrou as suas atividades, impossibilitando a sua continuidade no esporte, tendo em vista que a cidade não oferecia outra opção. Na ocasião, ele passou a se dedicar à prática do skate, mas a mãe dele não aprovava que ficasse tanto tempo nas ruas. Por este motivo, cerca de um ano depois, ela entrou em contato com o técnico Marcos Goto oferecendo o filho como atleta para compor a equipe do SERC-Santa Maria. Na semana seguinte, Francisco Barreto mudou-se sozinho para a cidade de São Caetano (SP). Ele contou como foi a experiência de morar em alojamento de atletas:

Eu não tinha noção nenhuma de como viver sozinho! A gente começou a viver com outros atletas também, que estavam na mesma situação, vieram de outras cidades [...]. No começo tinha uma atleta e uma treinadora, aí depois veio um treinador também. [...] Foi uma rotatividade de atleta muito grande [...] a gente fez amizade, praticamente “família”, fez uma outra “família” de atletas! (Francisco Barreto).

A emoção ao falar na “família” da ginástica é também percebida em pesquisas com atletas de outras modalidades. Massa, Uezu e Böhme (2010) identificaram que atletas olímpicos de judô consideram a equipe técnica e os colegas de equipe como uma “grande família”. Na

referida pesquisa, os judocas olímpicos reforçaram que a amizade entre eles cultivou um ambiente particularmente interessante para o processo de desenvolvimento do talento.

Ainda sobre o apoio parental recebido por Francisco Barretto percebe-se que foi o que possibilitou a continuidade da prática da modalidade, mesmo que longe da família. Já Caio Souza, diante das limitações estruturais para o treinamento da GAM em sua cidade natal, Volta Redonda, mudou-se para o Rio de Janeiro, após ser aprovado para compor a equipe do Clube de Regatas do Flamengo. Na ocasião, aos sete anos de idade, a família mudou-se junto para que o ginasta pudesse dar continuidade na modalidade, nas palavras dele: “[...] *esse apoio dos meus pais foi essencial para que eu permanecesse no esporte. Nunca me faltou nada.*” (Caio Souza).

O estudo de Costa et al. (2021) salientou que quanto mais envolvida a atleta está na ginástica, maior é a demanda para os pais, tanto no sentido emocional quanto em questões organizacionais (transporte, despesas, alimentação etc.). Os autores afirmam que tais demandas podem gerar um desequilíbrio familiar, a ponto de alterar o estilo de vida das famílias. No caso da família de Caio Souza, a mudança de cidade.

Para além de fatores positivos do suporte parental, fatores negativos foram identificados em pesquisas anteriores. Entre eles: a pressão dos pais, a preocupação com questões de saúde e com a formação estudantil (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2013). Ainda assim, quando não há envolvimento dos pais, existe maior probabilidade de abandono do esporte (KNIGHT, 2019; LEDOCHOWSKI et al., 2012; LOPES et al., 2016), conforme dito: “[...] *no meu grupo de atletas apenas eu permaneci, outros desistiram. Ficaram pelo caminho por falta de apoio das famílias.*” (Caio Souza).

Arthur Nory reforçou a dificuldade que teve em receber o apoio do pai para continuar praticando a GA. Ele confessou: “[*o meu pai*] *estava me afetando nos treinos.*” (Arthur Nory). Ele sentia-se pressionado a desistir da modalidade. Situação similar foi constatada na pesquisa de Nunomura e Oliveira (2014) com as ginastas do setor feminino, os quais observaram a falta de participação dos pais na carreira esportiva de ginastas brasileiras como fator negativo. Alguns treinadores relataram a necessidade de chamar os pais para reuniões no sentido de alertá-los para a necessidade de ofertar suporte às filhas. Algo que ocorreu na carreira do campeão mundial da barra fixa, ele contou: “[*o meu treinador e a psicóloga do clube marcaram uma reunião com ele (pai)*] [...] *ai depois disso ele nunca mais me pediu para [...] não fazer ginástica.*” (Arthur Nory). Tal fato confirma os achados de Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018), os quais constataram que a relação conflituosa entre pais e filhos pode ser um fator negativo da influência parental em atletas.

Na mesma direção, a falta de incentivo dos pais para a continuidade das crianças na prática da ginástica foi identificada na pesquisa de Lopes et al. (2016). Os pesquisadores, ao ouvirem os treinadores a respeito da motivação para a prática da GA em escolas, apontaram cinco fatores extrínsecos desfavoráveis, a saber: preconceitos; excesso de atividades escolares; pouca participação em eventos; falta de incentivo dos pais e pouco material/infraestrutura oferecido pela instituição. Aqueles entrevistados apontaram para uma resistência dos pais no que tange aos padrões heterocisnormativos (IWAMOTO, 2019) e a preocupação de que seus filhos possam ter problemas de crescimento.

O campeão mundial da barra fixa, em 2019, quando perguntado a respeito da participação da família na continuidade no esporte, afirmou: “[...] *no meu caso, o esporte foi um meio de fugir de casa*” (Arthur Nory). No entanto, ele credita ao esporte a força que encontrou para não absorver os problemas familiares que passava na época, nas palavras dele: “[...] *acho que o esporte me tirou desses problemas [...] eu fazia tudo no clube, almoçava, jantava e tinha a ‘família’ na ginástica.*” (Arthur Nory).

Os pais podem influenciar de forma individual diretamente o atleta. Isso se dá especialmente a partir de questões emocionais, e, por isso, tal influência pode ser positiva ou negativa (DE BOSSCHER et al., 2015). Sobre isso, o ginasta brasileiro comentou:

A rotina de um atleta é muito difícil! Então, ele se estressa na escola, estressa no treino, volta para casa e se ele tiver um outro estresse, aí estoura. Então acho que a família faz parte nesse sentido. Na hora de acalmar! Você voltar para casa e não receber uma bucha, eu acho que isso tira um pouco a cobrança de treinar e estudar, faculdade, essas coisas. (Francisco Barretto).

A respeito das responsabilidades acadêmicas, Côté (1999) salientou a redução de cobrança dos pais de atletas de elite na fase de investimento, ou seja, quando o atleta está se dedicando integralmente ao esporte e participando de competições internacionais relevantes, os pais tendem a não exigir bom desempenho escolar/universitário. Na mesma direção, Francisco Barretto lembrou que ele foi o único filho que não parou de praticar esporte ao final do ensino médio, época em que os irmãos começaram a trabalhar e contribuir com a renda familiar.

Além disso, quando o atleta alcança a elite da modalidade, o suporte emocional advindo dos pais se destaca. Nos momentos em que os atletas apresentam baixa motivação e excesso de ansiedade, de modo geral, é nos pais que eles buscam conforto e segurança. Isso se dá especialmente por meio de *feedbacks* positivos relacionados a habilidade e capacidade que o filho apresenta (CÔTÉ, 1999). O que se concretiza no relato: “[...] *a palavra-chave para o meu sucesso é apoio! Minha família não mediu esforços para me apoiar.*” (Caio Souza).

Da mesma forma, Arthur Zanetti contou que o esporte fez e ainda faz parte dos pilares da família. A participação da família do campeão olímpico foi e ainda é intensa. Ele falou emocionado durante a entrevista: “[...] *eles sempre apoiaram bastante [...] eu posso dizer que eu estou na ginástica até hoje por causa da minha família que sempre me incentivou, que sempre estava lá do meu lado!*” (Arthur Zanetti).

Estudos com atletas de elite revelaram que os pais sacrificaram suas vidas pessoais, quando não dos outros filhos, para permitir que seu filho-atleta tenha sucesso esportivo (FURTADO; COSTA, 2020; REIS; FERREIRA; MORAES, 2016). No entanto, apesar do extremo envolvimento dos pais de Caio Souza e Arthur Zanetti, tal fato se mostrou nessa pesquisa numa perspectiva positiva. De certa forma, contrariando os achados da pesquisa de Nunomura e Oliveira (2014), os quais identificaram aspectos negativos quando tal participação é exagerada. Os autores afirmaram que pais envolvidos demasiadamente tendem a demonstrar excesso de expectativa em relação aos resultados das filhas e tal fato gerava maior ansiedade, podendo até mesmo comprometer a percepção de competência da ginasta.

Na mesma direção, Amado et al. (2015) identificaram que os pais podem ser uma fonte de pressão aos atletas, especialmente para os atletas do sexo masculino. No entanto, nenhum dos ginastas entrevistados relatou a pressão por resultados oriunda dos pais. Ainda assim, Arthur Zanetti destacou que na atualidade os pais tendem a interferir no trabalho dos treinadores, nas palavras dele: “[...] *é, hoje tudo dá problema! Hoje você não pode falar um pouquinho mais alto, não pode dar uma bronca [...] para você educar, para colocar regras, que você está errado, o pai vai lá reclamar!*” (Arthur Zanetti, grifo nosso).

Sendo assim, é possível inferir que, apesar do forte envolvimento da família do campeão olímpico, os pais não intervinham nos treinamentos. Fato que a literatura aponta como fundamental, isto é, o apoio dos pais deve ser equilibrado a ponto de fornecer suporte emocional, financeiro e facilidades aos atletas, na contramão de cobranças por resultados, o controle excessivo, as expectativas elevadas e o *feedback* negativo sobre a performance (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2014; COSTA et al., 2021; COUTINHO; MESQUITA; FONSECA, 2018; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014).

Nessa esteira percebe-se que os pais podem contribuir com a trajetória esportiva de atletas por meio de diferentes atitudes de acordo com as diversas fases de treinamento que o atleta se encontra. Inicialmente, cabe aos pais oportunizar diferentes modalidades esportivas aos filhos. Em um segundo momento, os pais são responsáveis por providenciar facilidades para a manutenção do atleta no treinamento (transporte, material, logística familiar etc.). Por fim, quando o atleta já está competindo na elite da modalidade, o maior suporte dos pais está

relacionado às questões emocionais (BURGESS; KNIGHT; MELLALIEU, 2016; COUTINHO; MESQUITA; FONSECA, 2018; FRASER-THOMAS; COTE; DEAKIN, 2008; REIS; FERREIRA; MORAES, 2016; ZURC, 2017).

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a participação dos pais durante a trajetória esportiva de atletas da seleção brasileira de GAM (2013-2021) foi possível identificar que: os ginastas entrevistados advêm de famílias que acreditam nos valores da prática de esportes, por isso eles e os irmãos foram incentivados desde cedo ao esporte, e, em alguns casos, os pais também tinham o vivenciado; a inserção na modalidade ocorreu, sobretudo, a partir dos pais; durante o período de especialização, os pais dos ginastas apresentaram maior envolvimento, incluindo a participação em associações esportivas e mudança de cidade; o apoio emocional se mostrou importante em todas as fases, especialmente quando os atletas precisaram mudar-se de cidade; quando não houve apoio dos pais, a inserção na modalidade se deu mais tarde e o atleta encontrou apoio na “família da ginástica”.

Portanto, conforme observado nos relatos dos ginastas brasileiros, as famílias que estão inseridas na cultura esportiva tendem a propiciar para as crianças maior contato com diferentes modalidades, e a inserção na modalidade, bem como a manutenção, depende fortemente dos pais. Por outro lado, quando um dos componentes familiares não apoia a prática do esporte, tal fator pode levar à desistência.

Vale destacar que nessa pesquisa o apoio parental foi centrado na visão dos atletas. Enquanto que pesquisas que buscaram triangular as informações na perspectiva de treinadores e dos próprios pais identificaram contradições (COUTINHO; MESQUITA; FONSECA, 2018). Por isso, sugere-se pesquisas futuras que privilegiem a opinião dos pais e treinadores e, se possível, que façam o cruzamento das informações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AMADO, D. et al. Incidence of Parental Support and Pressure on Their Children's Motivational Processes towards Sport Practice Regarding Gender. **Plos One**, San Francisco, v. 10, n. 6, p. e0128015, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0128015>.

AMOROSE, A. J. et al. High school athletes' self-determined motivation: The independent and interactive effects of coach, father, and mother autonomy support. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 26, p. 1-8, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.05.005>.

BARKER-RUCHTI, N.; SCHUBRING, A. Moving into and out of high-performance sport: the cultural learning of an artistic gymnast. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Oxfordshire, v. 21, n. 1, p. 69-80, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/17408989.2014.990371>.

BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, Champaign, v. 14, Suppl. 1, p. S178-S182, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/17461391.2012.671368>.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

BURGESS, N. S.; KNIGHT, C. J.; MELLALIEU, S. D. Parental stress and coping in elite youth gymnastics: an interpretative phenomenological analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, Abingdon, v. 8, n. 3, p. 237-256, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2015.1134633>.

COSTA, A. R. et al. A influência parental na carreira de jovens atletas de Ginástica Artística. **Retos**, Murcia, v. 41, p. 801-811, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.47197/retos.v41i0.79362>.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>.

COUTINHO, P.; MESQUITA, I.; FONSECA, A. M. Influencia parental en la participación deportiva del atleta: una revisión sistemática de la literatura. **Revista de Psicología del Deporte**, Palma de Mallorca, v. 27, n. 2, p. 47-58, 2018. Disponível em: <https://archives.rpd-online.com/article/view/v27-n2-coutinho-mesquita-fonseca.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

DANIONI, F.; BARNI, D.; ROSNATI, R. Transmitting sport values: The importance of parental involvement in Children's Sport Activity. **Europe's Journal of Psychology**, Bucharest, v. 13, n. 1, p. 75-92, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5964/ejop.v13i1.1265>.

DE BOSSCHER, V. et al. **Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. London: Meyer & Meyer Sports, 2015.

FARROW, D.; BAKER, J.; MACMAHON, C. **Developing Sport Expertise**. 2nd. ed. London: Routledge, 2013.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. **Sobre nós**. São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.fpginastica.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FRASER-THOMAS, J.; COTE, J.; DEAKIN, J. Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, Chapel Hill, v. 20, n. 3, p. 318-333, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/10413200802163549>.

FURTADO, R. S.; COSTA, G. H. O. Perspectiva docente sobre as “repercussões” da Base Nacional Comum Curricular na formação de professores de Educação Física. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 28, p. 681-701, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3144>. Acesso em: 21 nov. 2021.

IWAMOTO, T. C. Movimentos corporais na ginástica artística: para além da estereotipação de gênero e sexualidade. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 58-74, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/22462>. Acesso em: 21 nov. 2021.

KNIGHT, C. J. Revealing findings in youth sport parenting research. **Kinesiology Review**, Champaign, v. 8, n. 3, p. 252-259, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1123/kr.2019-0023>.

KNIGHT, C. J.; BERROW, S. R.; HARWOOD, C. G. Parenting in sport. **Current Opinion in Psychology**, Amsterdam, v. 16, p. 93-97, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.011>.

LAW, M. P.; CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Aachen, v. 5, n. 1, p. 82-103, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2008.9671814>.

LEDOCHOWSKI, L. et al. Quality of life, coach behaviour and competitive anxiety in Winter Youth Olympic Games participants. **British Journal of Sports Medicine**, Loughborough, v. 46, n. 15, p. 1044-1047, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2012-091539>.

LOPES, P. et al. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 1043-1049, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401043>.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 471-481, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000400005>.

NAKASHIMA, F. S. et al. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 40, n. 2, p. 184-196, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.016>.

NISTA-PICCOLO, V.; SCHIAVON, L. M. A ginástica artística como proposta educacional. In: NISTA-PICCOLO, V.; TOLEDO, E. (eds.). **Abordagens pedagógicas do esporte**. Campinas: Papyrus Editora, 2014. p. 97-116.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-314, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000300001>.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. DOS S. Parents' support in the sports career of young gymnasts. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 5, p. 5-17, 2013.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 125-134, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092014005000004>.

OLIVEIRA, M. S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira**: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. 2010. 270 F. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3343>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PINHEIRO, M. C. et al. Gymnastics and child abuse: an analysis of former international Portuguese female artistic gymnasts. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 19, n. 4, p. 435-450, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2012.679730>.

REIS, C. P.; FERREIRA, M. C. C.; MORAES, L. C. C. A. O apoio dos pais ao desenvolvimento da carreira de atletas masculinos de basquetebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 38, n. 2, p. 149-155, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.007>.

SCHIAVON, L. M.; LOCCI, B. Brazilian olympic gymnasts' perspectives on their participation in the olympic games. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 437-451, 2018.

SCHIAVON, L. M.; SOARES, D. B. Parental support in sports development of Brazilian gymnasts participants in the Olympic Games (1980-2004). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 109-118, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100109>.

SPARKES, A.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health**. London: Routledge, 2014.

ZURC, J. It was worth it – I would do it again!: Phenomenological perspectives on life in the elite women's artistic gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 9, n. 1, p. 41-59, 2017.

6 ARTIGO 5

A RELAÇÃO COM O TREINADOR NA TRAJETÓRIA DE ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA

6.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foca a relação interpessoal entre técnico-atleta na seleção brasileira masculina de ginástica. Trata-se de parte de um projeto maior, o qual objetiva compreender a trajetória esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica artística masculina (GAM).

A formação de um atleta de elite é um fenômeno complexo que pode ser analisado por diversas perspectivas, entre elas a relação interpessoal de treinadores e atletas (BERGERON et al., 2015; CÔTÉ; GILBERT, 2009; DE BOSSCHER et al., 2010; DORSCH et al., 2020; FARROW; BAKER; MACMAHON, 2013).

Subijana, Martin e Côté (2021) alertam que o conhecimento profissional e o comportamento dos treinadores são fatores determinantes para experiências positivas no esporte e, por isso, sugerem estudos que foquem na compreensão dessa relação e suas possíveis influências no sucesso esportivo. Isso, porque o treinador exerce importante influência na trajetória esportiva, pois tal relação pode interferir na autoconfiança e nas questões emocionais, como a ansiedade do atleta, e, conseqüentemente, na sua performance.

Além disso, o clima dentro do ginásio de treinamento é balizado por essa relação, a qual, especificamente na ginástica artística (GA), é tida tradicionalmente como hierárquica (treinador-atleta) e, em alguns casos, abusiva (BORTOLETO, 2007; BORTOLETO; SCHIAVON, 2016; CERVIN et al., 2017; FREITAS et al., 2020; MOUNTJOY et al., 2015; OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017; PINHEIRO et al., 2014).

Na ginástica artística feminina (GAF), a relação treinador-atleta foi identificada por Oliveira, Bortoleto e Nunomura (2017) como paradoxal. Isso, porque, da mesma forma em que os treinadores estão por longo tempo próximos às atletas, seja para a realização do auxílio e segurança na execução dos movimentos acrobáticos típicos da modalidade, ou para a orientação do treinamento durante cerca de quatro horas diárias, eles mantêm uma relação hierárquica de poder, em que promovem unilateralmente o seu modo de trabalho (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017). Tal manipulação foi tratada por Costa et al. (2020), os quais questionaram e criticaram a violência simbólica exercida por treinadores sobre as ginastas. Para

tanto, os autores usaram o termo “fantoques” para criticar a relação hierárquica e unilateral entre treinadores e atletas.

Vale lembrar que, apesar da histórica visibilidade nacional para a GAF, especialmente após as duas medalhas olímpicas conquistadas por Rebeca Andrade nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021), foram os meninos os primeiros medalhistas olímpicos da modalidade. O Brasil conquistou até o momento quatro medalhas na modalidade, ouro e prata com Arthur Zanetti (2012-2016), prata com Diego Hypólito (2016), e bronze com Arthur Nory (2016).

Partindo do pressuposto de que a qualidade da relação entre o treinador e o atleta é um fator determinante para otimizar resultados esportivos (FREITAS et al., 2020; OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017; REIS et al., 2014; SUBIJANA; MARTIN; CÔTÉ, 2021), e que há uma menor produção acadêmica a respeito da trajetória esportiva exclusiva sobre a modalidade masculina (VARGAS et al., 2021), o presente artigo tem por objetivo indicar, segundo a ótica de atletas componentes da seleção brasileira de GAM (2013-2021), características da relação com os seus treinadores.

6.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Partido do pressuposto de que as peculiaridades daquilo que ocorre dentro do ginásio de treinamento podem ser melhor descritas pelos próprios atletas (OLIVEIRA, 2016), a metodologia qualitativa-exploratória (SPARKES; SMITH, 2014) foi adotada para alcançar o objetivo supracitado. Para tanto, foram entrevistados cinco ginastas da seleção brasileira de GAM nos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro (2016) e para Tóquio (2021), conforme ilustrado no Quadro A5.1:

QUADRO A5.1 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E BREVE BIOGRAFIA ESPORTIVA

Atleta	Biografia
Arthur Nory	Ginasta generalista que em sua primeira participação olímpica (2016) conquistou a medalha de bronze no solo. Consagrou-se campeão mundial da barra fixa em 2019. Membro da equipe brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021).
Arthur Zanetti	Especialista nas argolas, detentor de duas medalhas olímpicas. Sendo ouro em 2012 e prata em 2016. Finalista olímpico em Tóquio (2021).
Caio Souza	Atleta generalista campeão individual geral nos Jogos Pan-americanos de Lima (2019) e integrante das equipes que conquistaram a vaga olímpica em 2015 e 2019. Finalista individual geral e no salto em Tóquio (2021).
Francisco Barretto	Ginasta 5º colocado na barra fixa nos Jogos Olímpicos do Rio (2016), campeão no cavalo com alças nos Jogos Pan-americanos de Lima (2019) e integrante das equipes que conquistaram a vaga olímpica em 2015 e 2019. Participante da equipe brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021).
Lucas Bitencourt	Atleta generalista, membro da equipe brasileira de GAM nos campeonatos mundiais de 2014, 2015, 2018 e 2019. Também integrante das equipes que conquistaram a vaga olímpica para o Rio de Janeiro (2016) e para Tóquio (2021).

FONTE: os autores, baseado na Federation Internationale de Gymnastique (FIG, 2021a).

O contato com os atletas se deu por meio da Secretaria Nacional de Alto Rendimento (SNEAR) e da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Reforça-se que o projeto de pesquisa foi autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante parecer consubstanciado número 3.896.312. Número de registro na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP): 51225615.5.0000.5540. Os ginastas foram informados dos objetivos da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e permitiram a divulgação de suas identidades.

A coleta de dados foi realizada em dois momentos distintos. Arthur Nory, Arthur Zanetti e Francisco Barretto foram entrevistados no Centro de Treinamento Olímpico, no Rio de Janeiro, no mês de julho de 2019. Os outros dois atletas, Caio Souza e Lucas Bitencourt, foram entrevistados individualmente por chamada de vídeo durante a pandemia do Covid-19, em maio de 2020.

Foi criado um roteiro semiestruturado para a condução das entrevistas, composto por eixos que tratavam da trajetória atlética, entre eles a relação treinador-atleta. Considerou-se também a biografia dos ginastas, a qual foi pesquisada no site da FIG, da CBG e nas redes sociais dos próprios atletas.

As perguntas foram conduzidas de forma que os atletas pudessem narrar a vivência esportiva desde os anos iniciais até a elite do esporte. Quando necessário, a técnica de funil (SPARKES; SMITH, 2014) foi empregada, ou seja, outras perguntas foram realizadas a fim de buscar mais informações acerca do tema.

O produto oral oriundo das entrevistas passou pelo processo de transcrição. Nessa etapa, foram realizados pequenos ajustes da passagem do oral para o escrito, sem que se alterasse o sentido e o conteúdo da fala (ALBERTI, 2013). Tais transcrições foram avaliadas por um grupo de pesquisa, no sentido de auxiliar na interpretação dos dados e evidenciar unidades temáticas (BRAUN; CLARKE, 2006), as quais, para esse artigo, foram elencadas: o abuso emocional do treinador com o atleta no passado; a mudança de comportamento dos treinadores; a “importação” de treinadores e métodos de treinamento; as ponderações acerca das mudanças; a boa relação entre treinadores e atletas; a necessidade de valorização do treinador brasileiro; e o bom relacionamento entre treinadores. Sendo assim, elas serão apresentadas e discutidas na próxima seção.

6.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A GA é um esporte conhecido pelos treinamentos exaustivos e pela rispidez dos treinadores (KERR et al., 2019). Schiavon (2009) identificou, a partir dos relatos das ginastas brasileiras da seleção olímpica, que o choro é parte marcante das sessões de treinamento. De maneira símile, Duarte, Carbinatto e Nunomura (2015) apontam a reação do treinador como uma das causas de prejuízos emocionais aos atletas da GAF brasileira. Ao ouvir as ginastas, os autores destacaram:

Muitas ginastas testemunharam atitudes extremas e, em alguns contextos, completamente fora de comportamento normal de seus treinadores. Estes comportamentos testemunhados estão relacionados aos erros cometidos pelas ginastas. Em condição normal, os treinadores devem fornecer apoio, em vez de ‘verbos violentos’ ou ‘gritando’. Algumas das ginastas entrevistadas mencionaram ‘[...] ele fica bravo comigo, quando eu cometo erros [...]’, outra disse ‘[...] ele me castiga e/ou me impede de treinar como um castigo’. (DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015, p. 14, tradução nossa).

No caso da GAM, os relatos não são diferentes. O medalhista olímpico e primeiro campeão mundial brasileiro Diego Hypólito afirma em seu livro autobiográfico ter sofrido assédio moral em sua trajetória esportiva. Nas palavras dele:

Meu grande trauma é o caixão da morte [...]. Como forma de punição, quem chegasse atrasado, cometesse algum erro na série ou desobedecesse a algum superior – fosse um treinador, preparador físico ou atleta mais velho – era obrigado a deitar dentro de um desses caixotes²¹. (HYPOLITO, 2019, p. 81).

Na obra, ele também menciona castigos físicos que eram realizados nos bastidores de competições. Segundo ele, ainda que conduzidos por ginastas mais velhos, os treinadores sabiam o que estava acontecendo (VARGAS; CAPRARO, 2020a).

O que reforça a microcultura da ginástica apontada por Oliveira (2016). O autor, ao realizar uma etnografia num ginásio de GAF, observou valores e comportamentos típicos da modalidade. Sobre o primeiro, o autor destaca a perseverança, a disciplina, a dedicação e a submissão das ginastas em relação aos treinadores. A respeito do segundo, constatou a obrigação das atletas em aceitar e tolerar a dor e o sacrifício. Ainda que Oliveira (2016) tenha identificado que os treinadores apresentaram eficiência técnica ao conduzir as sessões de treinamento de GA, eles demonstram deficiência nas habilidades humanas, pois observou-se a

²¹ Caixa de plinto: equipamento da ginástica que consiste em módulos de madeiras encaixáveis, ficando apenas uma fresta de cada lado aberta.

baixa qualidade da relação treinador-atleta, na qual o sofrimento faz parte do treinamento. Tal situação é possível ser identificada na declaração do treinador de Arthur Zanetti em sua página oficial: “eu o fazia chorar todo dia”, (ZANETTI, 2017). Ao ser questionado a respeito, o atleta apenas disse: “[...] *é... já mudou bastante.*” (Arthur Zanetti).

O ambiente do treinamento é muitas vezes descrito como intimador aos atletas, os quais passam a entender como normais as atitudes abusivas de treinadores (DIEHL et al., 2014; KUHLLIN; BARKER-RUCHTI; STEWART, 2020; OLIVEIRA, 2016; PINHEIRO et al., 2014). Diehl et al. (2014) identificaram que jovens atletas alemães de esportes olímpicos, frequentemente, se sentem pressionados pelos treinadores. Algo como “é a única maneira de se chegar lá’”, o que, de certa forma, legitima o comportamento abusivo, ou seja, os atletas entendem que se o treinador não tiver uma conduta extrema, o treinamento não terá resultados. Francisco Barretto afirmou ter vivenciado esse contexto, e explicou:

Já mudou, as coisas foram mudando, o conhecimento, hoje os treinadores têm um conhecimento diferente do que usavam antigamente. Hoje [esse tipo de treinamento abusivo] já não está funcionando mais. Mas no começo [...] o treinador era violento, fazia todo mundo fazer ginástica e ninguém abandonou a ginástica... sofria, chorava, mas aí os anos foram passando, eles viram que não era só aquilo que fazia o atleta fazer a ginástica. E as coisas foram mudando, foram mudando as leis, foram mudando algumas coisas, o modo de pensar, o conhecimento. (Francisco Barretto).

Tal mudança citada pelo atleta está relacionada com as denúncias de abuso na equipe de ginástica norte-americana. Fisher e Anders (2020) reforçam que o caso do médico Larry Nassar foi a público e comoveu a sociedade mundial, especialmente por tratar de uma grave denúncia de abuso sexual. No entanto, os autores relembram a importância de se identificar abusos de natureza emocional, segundo eles, muito comuns no meio esportivo e, por vezes, desprezados. Tal falta de atenção está relacionada a certa aceitação de uma subcultura, ou, nas palavras de Oliveira (2016), microcultura de agressão psicológica, possível falta de intencionalidade do agressor, a falta de urgência com relação à intervenção, bem como dificuldade de identificação dessa forma de violência. Tal microcultura está ancorada no contexto histórico da GA (tradição militar) bem como na centralização do poder no treinador, quase sempre baseado no empirismo e na transmissão de conhecimento oral (BORTOLETO; SCHIAVON, 2016).

Depois do referido escândalo norte-americano, os órgãos máximos esportivos, e, obviamente, os específicos das modalidades ginásticas (FIG e *USA Gymnastics*), criaram uma série de estratégias para combater a prática abusiva (sexual e moral) no esporte. Nesse sentido,

a FIG criou um comitê específico para essas questões, um canal de denúncia e um programa de capacitação para treinadores e atletas (NASSIB et al., 2020).

Obviamente que tais eventos também reverberaram no Brasil. Inclusive impulsionaram a revelação de um escândalo semelhante na equipe de GAM do país. Nas vésperas dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016), o então técnico da seleção brasileira de GAM, Fernando de Carvalho Lopes, foi acusado de conduzir conversas de conteúdo sexual e de molestar cerca de 40 atletas e ex-atletas (ASSIS, 2018). Em resposta à denúncia, a CBG passou a realizar seminários educativos e preventivos a respeito, bem como criou um canal de ética e integridade para que os casos possam ser apurados e sancionados (CBG, 2018).

O órgão máximo do esporte brasileiro, o Comitê Olímpico do Brasil (COB), também apresentou ações de combate ao assédio e abuso no esporte. Em 2018, criou a Política de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Moral e Sexual, a qual oferece ferramentas de informação, canal de denúncias e ações educacionais para os envolvidos com as delegações esportivas do país de maneira símile à CBG (CBG, 2018).

Parece, então, que foi a partir disso que iniciaram as mudanças mais significativas dentro dos ginásios brasileiros, conforme Lucas Bitencourt contou a respeito do início de sua trajetória esportiva:

Como eu cheguei lá mais novo eu passei muito por isso [treinamentos abusivos] também. Exemplo: “repete, repete, tá com dor repete, repete, repete”. Mas como eles [treinadores] foram crescendo, foram vendo que não adianta ficar fazendo dez vezes errado e acertar duas, então hoje eles já têm outra visão, os técnicos conduzem assim: “errou, está errando muito? Amanhã volta e repete!”. Não adianta ficar errando, errando, errando, porque não é todo dia que ali um movimento de maior dificuldade vai sair perfeito. (Lucas Bitencourt).

Tal discurso reforça a necessidade de aproximação entre o meio acadêmico e os treinadores (BARROS et al., 2017; SIERRA, 2019). Afinal, sabe-se que o tempo de regeneração é essencial para o desempenho dos jovens atletas. Assim, ao planejarem as sessões de treinamento, os treinadores devem considerar cuidadosamente a necessidade de recuperação do atleta (DIEHL et al., 2014), assim como a questão da hidratação, amplamente defendida pelo meio acadêmico e, por muito tempo, proibida por treinadores de ginástica (BORTOLETO; SCHIAVON, 2016).

Arthur Nory, por sua vez, não nega a existência de práticas abusivas na modalidade, mas disse que não as vivenciou. Ele contou:

Ir para fora, ver como os outros treinam ou mesmo competindo mais vezes, ver o treinamento, acho que isso ajudou bastante! Eu peguei uma fase quando eu entrei na seleção [brasileira de ginástica] que já estava tudo mudando, já estava tudo diferente. (Arthur Nory).

Algo que se mostrou diferente da modalidade masculina em relação à feminina. Marques, Nunomura e Menezes (2016), ao tratarem da contratação de treinadores estrangeiros para conduzir os treinamentos da seleção brasileira de GAF, indicaram uma “importação” de tradições contrárias aos padrões legais e éticos vigentes. Os autores ressaltaram que a distância entre pesquisadores e treinadores, bem como a excessiva cobrança dos diferentes órgãos que custeiam o esporte para resultados, colaborou para que tais práticas abusivas permanecessem intrínsecas ao treinamento ginástico.

Já no caso da GAM parece que o contato com treinadores estrangeiros teve outro efeito. Na opinião de Lucas Bitencourt, a mudança na conduta dos treinadores está relacionada a uma maior participação em competições internacionais, aos *campings* de treinamento e à troca de conhecimento com treinadores estrangeiros, mesmo aqueles de origem soviética:

Na minha opinião, teve bastante ajuda [...] de um técnico bielorrusso que veio para cá, o Vladimir Vatin [...]. Eu acho que os técnicos aprenderam muito com o trabalho dele também. Tiveram outra visão e meio que seguiram a mesma linha. Claro que teve mudanças, mas na minha opinião seguiram a mesma linha dele. (Lucas Bitencourt).

A presença de treinadores estrangeiros, advindos de países com mais tradição em determinado esporte, é vista pela literatura como positiva ao desenvolvimento esportivo de uma nação (DE BOSSCHER et al., 2009). Particularmente, tal “importação” de treinadores de GAM soviéticos já havia sido discutida por Oliveira (2010) ao entrevistar árbitros, treinadores e ginastas brasileiros. Na ocasião, os entrevistados consideraram importante para o desenvolvimento da modalidade brasileira e para a formação dos treinadores nacionais, desde que fosse possível o contato e a disseminação do conhecimento. No entanto, alguns entrevistados destacaram a necessidade de avaliar a qualidade dos treinadores, que não deveriam ser escolhidos apenas por ser de origem soviética, assim como adequar e questionar os padrões éticos e morais desses treinadores. Uma década depois, os ginastas brasileiros consideraram essencial para o desenvolvimento da modalidade tal intercâmbio, conforme explicaram os atletas:

Questões de metodologia, aprendizagem, de periodização, coisas que não entendiam o porquê de o atleta estar cansado e tinha que fazer mesmo... sabe? Então, o conhecimento do treinador acho que foi melhorando e foi ajudando alguns atletas. (Francisco Barretto).

Os intercâmbios ajudaram também bastante. (Arthur Nory).

Desde quando a gente começou, eles [treinadores] aprenderam muito, a gente foi aprendendo muito. Ao competir lá fora víamos como os outros países treinavam! Fazíamos campings com a Alemanha, que já esteve à nossa frente, hoje a gente está um pouquinho à frente deles, mas já é um país mais velho nesse esporte. Então foi uma evolução muito boa e rápida. O Brasil acho que cresceu rápido depois que gente começou a se destacar. (Lucas Bitencourt).

Diversos autores (GALATTI et al., 2019; MILISTETD et al., 2016; NUNOMURA et al., 2012; NUNOMURA; OKADE; CARRARA, 2012; REVERDITO et al., 2020) têm se debruçado a respeito da formação de treinadores, seus impactos e os diferentes programas de capacitação. No caso brasileiro, o COB criou, em 2013, a Academia Brasileira de Treinadores (ABT) com o objetivo de formar profissionais interessados em atuar com esportes de elite por meio de atividades educacionais de qualidade. As modalidades ginásticas fizeram parte da ABT desde o início (MILISTETD et al., 2016). Ainda assim, mais recentemente (2020), a CBG fundou a Comissão de Ciência e Educação (CCE), a qual tem por objetivo “fortalecer a atuação da CBG no campo educativo e sua relação com a ciência” (CBG, 2018, não paginado). Dentre os objetivos específicos da CCE, destaca-se a possibilidade de interação com os treinadores, tanto no âmbito formativo quanto no monitoramento das ações. Tal iniciativa já havia sido postulada anos antes, por alguns integrantes da atual comissão (NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013).

Internacionalmente há um programa de formação de treinadores postulado pela FIG, *The FIG Academy Programme*, com início em 2002. De acordo com a entidade máxima da ginástica, tal programa consiste em formação em três estágios, nas sete diferentes modalidades ginásticas (artística masculina; artística feminina; rítmica; trampolim; aeróbica; acrobática; e *parkour*). O principal objetivo é formar treinadores no sentido de garantir o treinamento sistemático e seguro de ginastas em todas as modalidades para o alto nível. Com isso, o *The FIG Academy Programme* oferta uma base de conhecimento comum para o desenvolvimento da Ginástica, tanto para países altamente desenvolvidos no esporte quanto para aqueles menos desenvolvidos (FIG, 2021b). Para isso, a entidade considera a experiência de boas práticas com as diferentes modalidades, bem como uma revisão e análise da literatura mundial acerca da ciência do esporte. Nesse sentido, o documento específico da GAM reforça a necessidade do treinador observar as nuances de cada fase de desenvolvimento e enfatiza os cuidados que

devem ser tomados para evitar lesões físicas, emocionais e danos psicológicos (FINK; HOFMANN, 2015). Ou seja, mais uma vez evidenciou-se a influência das entidades reguladoras para impulsionar mudanças significativas no esporte, conforme já alertavam Bortoleto e Schiavon (2016).

Quase como um contraponto, os atletas participantes da pesquisa demonstraram certa preocupação com o que eles chamaram de excesso de medidas preventivas. Sobre a nova geração de ginastas, o especialista nas argolas pondera: *“hoje tudo dá problema! Hoje você não pode falar um pouquinho mais alto, não pode dar uma bronca [...] para educar, para colocar regras”*. (Arthur Zanetti). Nesse sentido, outro atleta comenta sobre os treinos atuais: *“[...] ainda é pesado. Mas não como antigamente, nós até brincamos que essa molecada nova não sofreu o que sofremos”* (Francisco Barretto). Isso, para ele, pode ser um problema para o futuro da seleção nacional de GAM, pois, muitos atletas não persistem: *“[...] hoje você dá pancada, você dá uma forçada, o menino já fala ‘não quero mais’ e hoje tem ginásio, tem dinheiro, tem estrutura.”* (Francisco Barretto).

Ainda que não seja o objetivo da presente pesquisa, vale destacar a referência de que atualmente os atletas têm acesso a infraestrutura de qualidade e apoio financeiro. Essa informação demonstra que houve mudanças importantes no âmbito da GAM na última década (2011-2020). Afinal, estudos anteriores a respeito da modalidade no Brasil indicavam escassez de financiamento para ginastas e condições de infraestrutura precárias para o treinamento (BORTOLETO, 2007; OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009, 2012).

A fala dos ginastas da seleção brasileira de GAM, de certa forma, indica que estão ocorrendo mudanças significativas no tratamento do treinador para com o atleta, porém, ainda se acredita que a maneira rude e firme é a adequada para se conseguir bons resultados. Tais mudanças ocorreram, sobretudo, por conta das medidas de enfretamento, conforme reforçado: *“tem treinadores, que pra dar a pancada, eles já estão ‘assim’ [gesto com as mãos] para não dar, porque pode dar problema, entendeu?”* (Arthur Nory). Sobre isso, Denison, Jones e Mills (2019) problematizam o atual “excesso” de regulação que os treinadores mundiais vêm passando. Na opinião dos autores, a forma regulada e controlada dos treinamentos pode ter um efeito negativo na formação esportiva a longo prazo.

Outro ponto que merece destaque é o bom relacionamento entre treinadores e atletas. Caio Souza, ao falar do seu técnico, o qual o acompanhou recentemente (2021) em mudança de clube para o Minas Tênis Clube (MINAS TÊNIS CLUBE, 2021), emocionou-se:

Então eu já tenho uma estrada com o Ricardo Yokoyama [treinador]. Já tem muito tempo e eu acho que é fundamental porque hoje ele me conhece muito bem. Ele sabe os dias que eu estou ruim, os dias que eu estou bem, nos dias que vai dar pra fazer, nos dias que não vai dar pra fazer, eu sou muito teimoso em alguns aspectos. Quando eu estou errando muito, eu tento repetir, repetir, repetir, repetir e eu posso continuar errando e ele sabe a hora de falar: – “Olha, Caio, calma. Chega, vamos trocar de aparelho...”. Ou: – “Vamos encerrar por aqui”. Porque ele sabe que pode ser que aconteça uma lesão por eu estar [...] pensando só no erro e ele sabe a hora de me motivar, ele sabe a hora de me parar um pouco. Acho que é fundamental essa sincronia que existe entre atleta e técnico. (Caio Souza).

A boa relação entre treinadores e atletas é tida como essencial para o desenvolvimento e permanência de ginastas de elite (COSTA et al., 2020; KERR; CERVIN, 2017; NUNOMURA et al., 2012). Nesse sentido, Barker-Ruchti e Schubrig (2016) reforçam que é necessário que o treinador tenha uma relação de confiança com os atletas, para isso, indicam que haja boa comunicação com o atleta e a família, que seja flexível em relação à carga horária de treinamento e que realize constantemente a avaliação da motivação. Tal situação se mostra eficaz inclusive para potencializar a reabilitação física após uma lesão do atleta (MAURICE et al., 2021).

Ainda que alguns atletas tenham trocado de clube e treinador durante a trajetória esportiva, observou-se o cuidado destes em manter a boa relação com o antigo treinador, conforme esclareceu Lucas Bitencourt:

Eu fiquei dez anos no SERC/São Caetano, só que eu vi que eu precisava mudar mesmo, pela cabeça, sabe? Você precisa de uma mudança! Então, eu procurei um outro clube, e o Minas Tênis Clube. Eu conhecia já o Antônio Lameira de um bom tempo, de competições. Sempre via ele, conversava com ele, e gostei do trabalho dele, então eu entrei em contato com ele e foi decisão minha mesmo de querer mudar de clube. Conversei com ele, depois tive que conversar com o Marcos Goto [treinador do SERC], né? Explicar tudo certinho como foi. (Lucas Bitencourt).

Na esteira de bom relacionamento com treinadores, foi observada a preocupação dos atletas com a valorização de seus treinadores, conforme observa-se: “*tem que investir mais, principalmente em treinador*” (Arthur Zanetti). Os ginastas entrevistados reforçaram a necessidade de uma formação específica para atuar com a GAM e a baixa remuneração dos treinadores. O finalista olímpico (2016) explicou:

O problema é: não tem quem ensine as crianças, porque o professor de educação física, ele vai sair da faculdade com o básico do básico, ele não vai sair para poder chegar aqui [elite]... entendeu? Então, não adianta a gente culpar estrutura escolar, essas coisas, porque o professor de educação física, ele não vai investir a carreira dele ali [na GA] que ele não consegue sustentar a casa dele, ele vai ficar o dia inteiro dentro do ginásio e não vai conseguir sustentar a casa dele. Então eu acho que o investimento nos professores ajudaria a modalidade. (Francisco Barretto).

Esse fato já havia sido relatado pela pesquisa de Vargas e Capraro (2020b), a qual elucidou que os ginastas brasileiros repassam uma parte dos recursos advindos do Programa Bolsa Atleta aos seus treinadores. Isso, porque, segundo os entrevistados, os treinadores, muitas vezes, recebem salários que não comportam o sustento de suas famílias. O baixo retorno financeiro para os treinadores foi apontado pelo campeão mundial da barra fixa como motivo da não disseminação da GAM em cidades fora do eixo Rio-São Paulo. Ele explicou:

Pode ter bastante profissional aqui [Rio de Janeiro], mas é tudo aqui em São Paulo e no Rio de Janeiro. Eles não vão para Aracaju dar um treino de ginástica, não vão para Fortaleza onde tem uma estrutura esportiva enorme, mas está abandonada! Mas aí vai tirar alguém daqui para colocar lá por nada? (Arthur Nory).

Ainda no que tange a valorização do trabalho realizado por seus treinadores, o finalista olímpico (2021) afirmou: “*eu não cheguei aqui sozinho, sabe? Eu sou apenas a última parte, eu sou a cereja do bolo na competição, porque antes disso tem o meu técnico e a equipe multidisciplinar.*” (Caio Souza). Sobre isso, Bortoleto e Schiavon (2016) explicam que a oferta de equipe multidisciplinar (fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos etc.) para atletas no Brasil é recente e localizada apenas em clubes com condições financeiras, porém, tem se mostrado fundamental para as mudanças na conduta de treinadores.

Outro fato que se mostrou relevante na fala dos entrevistados foi o bom relacionamento entre treinadores dos diferentes clubes, conforme enfatizado: “*eles fecharam ali e estão trabalhando junto para o melhor! [...] está bem legal o trabalho deles.*” (Lucas Bitencourt). Sobre isso, o campeão Pan-Americano explicou:

Hoje a comissão técnica compartilha informação, dissemina conhecimento, inclusive com os técnicos e treinadores das equipes de base. Isso é muito importante. Inclusive neste momento de Pandemia estamos fazendo treino com vários atletas das categorias de base. É incentivo para eles. E a gente se esforça para não perder nossa vaga para eles. Se retroalimenta. Não há mais a seleção permanente. Sempre que um atleta mais novo começa a despontar, ele tem a chance de entrar. Nós, os mais velhos, temos que treinar mais para nos manter. Ninguém tem uma posição confortável ali. (Caio Souza).

A seleção permanente citada foi um projeto com início em 2003, em vista do modelo que já se tinha para o setor feminino (MOLINARI et al., 2018). O objetivo era formar um grupo de atletas de elite da modalidade, num local específico (Curitiba/PR), com a supervisão de um treinador estrangeiro (OLIVEIRA, 2010). No entanto, não houve investimento em infraestrutura específica para a GAM, e atletas e treinadores tiveram dificuldade de estabelecer no local. Com isso, a seleção permanente masculina foi encerrada em janeiro de 2007

(NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012). Ao ouvir os ginastas, foi possível identificar que a formação de atletas em diferentes locais, em especial clubes, tem se mostrado eficaz pela oportunidade de o atleta não somente escolher o local de moradia e estrutura física de treinamento, mas também optar pelo modelo de treinamento e a forma de conduta do treinador.

Por fim, a análise da relação treinador-atleta na equipe de GAM corrobora com o estudo de Denison, Jones e Mills (2019), pois se mostrou imbricada nas relações de poder e no momento da história. Além disso, a relação interpessoal é permeada de questões particulares, que fazem parte da cultura e da memória de cada um dos envolvidos. Por isso, é tão comum ainda discursos no meio esportivo que enfatizam a necessidade de o treinamento ser sofrido e que o treinador tenha uma conduta ríspida e rígida. Algo também mencionado pela campeã Olímpica Nadia Comaneci (2004), ela que foi treinada pelo romeno Béla Károlyi, o qual ficou conhecido por conquistar excelentes resultados esportivos às custas de treinamentos cruéis que naturalizaram os abusos emocionais na modalidade (VARGAS et al., 2021).

6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação da relação entre treinadores e atletas, a partir das narrativas de ginastas da seleção brasileira de GAM, identificou que: os atletas não negam o histórico de abuso moral dos treinadores com atletas no passado, no entanto, reforçam que atualmente o comportamento dos treinadores é ético, e, ao mesmo tempo, demonstram preocupação com o rendimento da nova geração, a partir desse novo padrão imposto pelos órgãos de controle (FIG, COB e CBG); a troca de conhecimento com treinadores estrangeiros se mostrou positiva e contribuiu para a mudança de comportamento dos treinadores, diferente do que apresenta a literatura do setor feminino; os atletas narram ter uma relação de respeito com seus treinadores e lamentam a desvalorização da profissão no país.

Ainda que a literatura sobre o relacionamento interpessoal entre treinadores e ginastas constantemente aponte para situações de abuso sexual, e, especificamente na GAM brasileira sabe-se que aconteceram incidentes similares, vide o escândalo que envolveu o treinador da seleção em 2016 e as denúncias feitas por Diego Hypólito, os entrevistados para essa pesquisa não relataram questões semelhantes.

Sobre abuso moral, foram constatadas mudanças de conduta dos treinadores a partir da instalação de comitês de controle e enfrentamento ao abuso em diversos órgãos esportivos. Porém, faz-se necessário lembrar que tais mudanças estão ocorrendo em todos os setores da sociedade ocidental, o que, de certa forma, indica para uma mudança de cultura global.

Trajetórias esportivas de sucesso, como as aqui apresentadas, são interessantes fontes para a identificação de fatores que contribuem para o desenvolvimento integral de atletas de elite. No entanto, esse estudo se limitou à observação da relação treinador-atleta sob a ótica dos ginastas. Por isso, sugere-se estudos futuros que possam contemplar as impressões de treinadores, árbitros e famílias de diferentes países e gerações de atletas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ASSIS, J. Escândalo na ginástica. **GE**, São Paulo, 29 abr. 2018. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BARKER-RUCHTI, N.; SCHUBRING, A. Moving into and out of high-performance sport: the cultural learning of an artistic gymnast. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Oxfordshire, v. 21, n. 1, p. 69-80, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/17408989.2014.990371>.

BARROS, T. E. S. et al. As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística. **Pensar a Prática**, Samambaia, v. 20, n. 3, p. 446-460, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.41179>.

BERGERON, M. F. et al. International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. **British Journal of Sports Medicine**, Loughborough, v. 49, n. 13, p. 843-851, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2015-094962>.

BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina (GAM) de alto rendimento: observando a cultura de treinamento desde dentro. **Motricidade**, Vila Real, v. 3, n. 1, p. 323-336, 2007. DOI: [https://doi.org/10.6063/motricidade.3\(1\).686](https://doi.org/10.6063/motricidade.3(1).686).

BORTOLETO, M. A. C.; SCHIAVON, L. M. Artistic gymnastics: why do coaches resist change? **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 198-201, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1201360>.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

CERVIN, G. et al. Growing up and speaking out: female gymnasts' rights in an ageing sport. **Annals of Leisure Research**, [Oxford], v. 20, n. 3, p. 317-330, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/11745398.2017.1310625>.

COMANEI, N. **Letter to a young gymnast**. Philadelphia: Basic Books, 2004.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL (COB). **Projetos especiais**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/sobre-o-cob/instituto-olimpico-brasileiro/projetos-especiais>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Canal de ética e integridade**. Aracajú, 2018. Disponível em: <https://canaldeetica.cbginastica.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

COSTA, V. R. et al. “Puppets” in women’s artistic gymnastics: the coach-gymnast relationship from Pierre Bourdieu’s lens. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 12, n. 3, p. 367-380, 2020.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Brentwood, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1260/174795409789623892>.

DE BOSSCHER, V. et al. Developing a method for comparing the elite sport systems and policies of nations: A mixed research methods approach. **Journal of Sport Management**, Champaign, v. 24, n. 5, p. 567-600, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1123/jsm.24.5.567>.

DE BOSSCHER, V. et al. Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 113-136, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2009.01.001>.

DENISON, J.; JONES, L.; MILLS, J. P. Becoming a good enough coach. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 8, n. 1, p. 1-6, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2018.1435361>.

DIEHL, K. et al. Possibilities to support elite adolescent athletes in improving performance: Results from a qualitative content analysis. **Science and Sports**, [Amsterdam], v. 29, n. 6, p. e115-e125, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scispo.2014.03.004>.

DORSCH, T. E. et al. Toward an Integrated Understanding of the Youth Sport System. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Washington, DC, p. 1-15. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/02701367.2020.1810847>.

DUARTE, L. H.; CARBINATTO, M. V.; NUNOMURA, M. Artistic Gymnastics and Fear: Reflections on its causes. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 7, n. 3, p. 7-21, 2015.

FARROW, D.; BAKER, J.; MACMAHON, C. **Developing sport expertise**. 2nd. ed. London: Routledge, 2013.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Results**. Lausanne, 2021a. Disponível em: https://www.gymnastics.sport/site/athletes/bio_view.php#filter. Acesso em: 4 nov. 2021.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **The FIG Academy Programme**. Lausanne, 2021b. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/education-academies.php>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FINK, H.; HOFMANN, D. **Age group development and competition program for Men's Artistic Gymnastics**. Lausanne: Fédération Internationale de Gymnastique, 2015. Disponível em: http://www.fgp-ginastica.pt/_usr/downloads/age_group_program_por_atual.pdf. Acesso em: 19 nov. 2021.

FISHER, L. A.; ANDERS, A. D. Engaging with Cultural Sport Psychology to Explore Systemic Sexual Exploitation in USA Gymnastics: A Call to Commitments. **Journal of Applied Sport Psychology**, Chapel Hill, v. 32, n. 2, p. 129-145, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/10413200.2018.1564944>.

FREITAS, A. F. L. et al. O relacionamento treinador-atleta e a esperança de atletas paranaenses de modalidades individuais. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 9, p. e770997636, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7636>.

GALATTI, L. R. et al. Excellence in Women Basketball: Sport Career Development of World Champions and Olympic Medalists Brazilian Athletes. **Revista de Psicología del Deporte**, Palma de Mallorca, v. 28, supl. 1, p. 17-23, 2019. Disponível em: <https://archives.rpd-online.com/article/download/v28-n3-galatti-marques-barros-et-al/2734-13977-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

HYPOLITO, D. **Não existe vitória sem sacrifício**. São Paulo: Benvirá, 2019.

KERR, R. et al. Coming of age: coaches transforming the pixie-style model of coaching in women's artistic gymnastics. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 8, n. 1, p. 7-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2017.1391488>.

KERR, R.; CERVIN, G. An Ironic Imbalance: Coaching Opportunities and Gender in Women's Artistic Gymnastics in Australia and New Zealand. **The International Journal of the History of Sport**, London, v. 33, n. 17, p. 2139-2152, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/09523367.2017.1283307>.

KUHLIN, F.; BARKER-RUCHTI, N.; STEWART, C. Long-term impact of the coach-athlete relationship on development, health, and wellbeing: stories from a figure skater. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 9, n. 2, p. 208-230, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2019.1620016>.

MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. Sports coaching science in Brazil. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 132-137, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1198453>.

MAURICE, S. et al. "We don't always get it right": Coaches' perspectives on supporting injured athletes. **Sports Coaching Review**, [Oxford], p. 1-30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2021.1897244>.

MILISTETD, M. et al. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 138-152, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/21640629.2016.1201356>.

MINAS TÊNIS CLUBE. **Mais forte:** Caio Souza e técnico Ricardo Yokoyama reforçam a equipe de ginástica artística do Minas. Belo Horizonte, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://minastenisclube.com.br/noticias/ga-chegada-de-caio-souza/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MOLINARI, C. I. et al. Critical analysis of the performance of women's artistic gymnastics in Brazil in the 2004-2016 Olympic cycles. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 10, n. 3, p. 453-466, 2018.

MOUNTJOY, M. et al. Safeguarding the child athlete in sport: A review, a framework and recommendations for the IOC youth athlete development model. **British Journal of Sports Medicine**, Loughborough, v. 49, n. 13, p. 883-886, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2015-094619>.

NASSIB, S. H. et al. Prediction of Gymnastics Physical Profile Through an International Program Evaluation in Women Artistic Gymnastics. **Journal of Strength and Conditioning Research**, Champaign, v. 34, n. 2, p. 577-586, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1519/JSC.0000000000001902>.

NUNOMURA, M. et al. Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 678-689, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400006>.

NUNOMURA, M.; CARBINATTO, M. V.; CARRARA, P. D. S. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. **Pensar a Prática**, Samambaia, v. 16, n. 2, p. 469-483, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i2.17345>.

NUNOMURA, M.; OKADE, Y.; CARRARA, P. How Much Artistic Gymnastics Coaches Know about their Gymnasts' Motivation. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 2, p. 27-37, 2012.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000200018>.

OLIVEIRA, M. S. DE; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 639-650, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/1807-5509201700030639>.

OLIVEIRA, M. S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira:** um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. 2010. 270 F. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OLIVEIRA, M. S. Unveiling the microculture of a high performance women's artistic gymnastics gymnasium. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 205-207, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1201362>.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 297-309, 2009.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Public Sports Policy: the Impact of the Athlete Scholarship Program on Brazilian Men's Artistic Gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 1, p. 5-19, 2012.

PINHEIRO, M. C. et al. Gymnastics and child abuse: an analysis of former international Portuguese female artistic gymnasts. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 19, n. 4, p. 435-450, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2012.679730>.

REIS, C. P. et al. Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 491-503, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300491>.

REVERDITO, R. S. et al. Coaching and continuity make a difference: competence effects in a youth sport program. **Journal of Physical Education and Sport**, Bucharest, v. 20, n. 4, p. 1964-1971, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7752/jpes.2020.04266>.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral**: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). 2009. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SIERRA, M. F. **A trajetória de formação de atletas de ginástica artística feminina na perspectiva de treinadores**. 2019. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SPARKES, A.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health**. London: Routledge, 2014.

SUBIJANA, C. L.; MARTIN, L. J.; CÔTÉ, J. Adolescent Athletes' Perceptions of Both Their Coaches' Leadership and Their Personal Motivation. **Perceptual and Motor Skills**, Louisville, v. 128, n. 2, p. 813-830, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0031512520985760>.

VARGAS, P. I. et al. The sporting trajectory of elite athletes in artistic gymnastics: a systematic review. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 13, n. 3, p. 337-355, 2021.

VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. "Não existe vitória sem sacrifício": resenha da autobiografia de Diego Hypólito. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-7, 2020a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/35501>. Acesso em: 18 nov. 2021.

VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 10, p. e6969109089, 2020b. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9089>.

ZANETTI, A. **História**. [S. l.], 2017. Disponível em: <http://www.arthurzanetti.com.br/historia/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

7 ARTIGO 6

O SUPORTE FINANCEIRO NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DOS ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA

7.1 INTRODUÇÃO

Para que um atleta possa chegar ao alto nível da sua modalidade, vários fatores são observados (DIEHL et al., 2014; FARROW; BAKER; MACMAHON, 2013). Para Warmenhoven, Weissensteiner e MacMahon (2021), além do talento, faz-se necessária uma rede de suporte para desenvolver um atleta completo. Tal rede é um sistema complexo multidimensional composto por fatores de interação, dentre eles o financiamento. A permanência no esporte, especialmente, está atrelada ao suporte financeiro (DE BOSSCHER et al., 2009; MORLEY et al., 2018).

Na ginástica artística masculina (GAM) brasileira não é diferente. O início na modalidade é considerado precoce, ou seja, os atletas assumem rotinas de treinos diários antes do início da adolescência (MALINA et al., 2013; NUNOMURA; CARRARA; CARBINATTO, 2009; OLIVEIRA, 2010). Morley et al. (2018) indicam que, nesses casos, o período de financiamento é maior em comparação com os esportes em que a especialização é considerada tardia. Por esse motivo, o financiamento torna-se um fator importante a ser analisado na trajetória esportiva dos ginastas olímpicos.

A equipe brasileira de GAM vem conquistando notoriedade internacional, sobretudo a partir dos anos 2000 (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009), chegando ao ápice nos Jogos Olímpicos de Londres, quando o atleta Arthur Zanetti se consagrou campeão nas argolas. No entanto, pesquisas realizadas com equipes de base do referido esporte brasileiro indicavam, em 2009, a baixa quantidade de atletas praticantes (NUNOMURA; CARRARA; CARBINATTO, 2009). Ainda assim, a seleção brasileira de GAM conseguiu, nos anos seguintes, alcançar visibilidade internacional²².

Entende-se que o suporte financeiro é fundamental para a construção da carreira esportiva (DE BOSSCHER et al., 2015), sendo assim, o presente artigo tem por objetivo descrever, a partir do discurso dos atletas, o suporte financeiro recebido por ginastas brasileiros durante as suas trajetórias esportivas.

²² Para saber mais, ver Comitê Olímpico do Brasil (COB, 2021).

Sabe-se que diversos pesquisadores (CAMARGO et al., 2018; STAREPRAVO; SOUZA; MARCHI JUNIOR, 2011; TEIXEIRA; MATIAS; MASCARENHAS, 2013) têm se debruçado em investigações que tratam das políticas públicas brasileiras para o esporte, numa perspectiva nacional. No entanto, a análise proposta neste estudo é focada nos aspectos individuais (HALLMANN et al., 2018), ou seja, nos diferentes suportes financeiros recebidos por atletas da seleção brasileira de ginástica. Desta forma, acredita-se que os resultados deste estudo poderão servir para auxiliar nas discussões a respeito de apoio financeiro para o esporte de rendimento brasileiro, sobretudo na GAM, no sentido de orientar e auxiliar efetivamente o esporte e seus parceiros de sistema, denominados de *stakeholders* (WHOLEY, 2015).

7.2 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo da pesquisa recorreu-se à pesquisa qualitativa. De acordo com Braun e Clarke (2006), nesse tipo de investigação os dados são coletados de forma direta em ambiente natural e são interpretados de forma indutiva. Nesse caso, optou-se por entrevistar²³ cinco atletas de GAM que representaram o Brasil nos campeonatos mundiais dos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro (2016) e para Tóquio (2021), a saber: Arthur Nory (bronze olímpico em 2016 e campeão mundial da barra fixa 2019); Arthur Zanetti (campeão olímpico 2012; vice-campeão olímpico em 2016; vice-campeão mundial em 2017); Caio Souza (campeão pan-americano individual geral em 2019 e finalista olímpico em 2021); Francisco Barretto (quinto lugar olímpico na barra fixa em 2016; campeão pan-americano na barra fixa e no cavalo com alças em 2019); e Lucas Bitencourt (integrante da equipe brasileira em campeonatos mundiais do período). Vale destacar que esses foram os atletas que conquistaram a vaga olímpica para os Jogos Olímpicos de Tóquio, ao finalizar o Campeonato Mundial de Ginástica de 2019, em décimo lugar por equipe.

A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada e seguiu-se a recomendação de Sparkes e Smith (2014). Os autores indicam a combinação da técnica de sequência de tópicos e o princípio de funil. Ou seja, as perguntas foram formuladas a partir de tópicos e os entrevistados ficam livres para narrar as suas experiências. À medida que a entrevista avança, as perguntas se concentram em questões mais específicas (princípio do funil).

²³ A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante parecer substanciado número 1.469.110. Número de registro no CONEP: 51225615.5.0000.5540.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos distintos. Os atletas olímpicos Zanetti, Nory e Barreto foram ouvidos em julho de 2019, quando estavam em preparação aos Jogos Pan-Americanos de Lima (2019), no Centro de Treinamento Olímpico, no Rio de Janeiro. Já os ginastas Caio Souza e Lucas Bitencourt prestaram entrevista por meio eletrônico no mês de maio de 2020. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorizaram a divulgação de suas identidades.

Após a transcrição na íntegra das entrevistas, os documentos escritos foram avaliados por um grupo de pesquisa, o qual contribuiu com interpretações e análise do material coletado. Feito isso, utilizou-se da técnica de análise temática como método de investigação (BRAUN; CLARKE, 2006). As unidades temáticas que emergiram para esta pesquisa foram: início da carreira; Programa Bolsa Atleta; Programa de Atletas de Alto Rendimento; Confederação Brasileira de Ginástica (CBG); e Clubes e patrocínios individuais. Os resultados obtidos, por sua vez, foram apresentados em subtópicos a seguir.

7.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.3.1 O suporte financeiro no início da carreira esportiva

Não precisar contribuir com a renda familiar e, ainda, poder utilizar de alguns recursos financeiros da família foi afirmado por Caio Souza como fundamental para a sua manutenção na ginástica. Ao ser questionado a respeito do suporte financeiro no início de sua trajetória esportiva, o campeão geral Pan-Americano recordou que diversos talentos esportivos (colegas de ginásio) deixaram a modalidade por necessitar trabalhar, para contribuir com a renda familiar. Tal fato corrobora com as afirmações de Ferreira e Moraes (2012), os quais identificaram que o suporte financeiro dos familiares, especialmente na primeira fase de desenvolvimento de atletas, é fundamental para o êxito esportivo.

Francisco Barreto lembrou a dificuldade financeira no início de sua formação esportiva. Os irmãos dele, que também eram esportistas, deixaram de praticar esportes para trabalhar e, assim, complementar a renda familiar. Ele, por sua vez, aos 13 anos de idade, mudou-se para uma república, dando continuidade aos treinamentos da GAM.

A pesquisa de Morley et al. (2018) indica que os custos para a manutenção na prática esportiva aumentam de maneira exponencial ao longo da formação do atleta. Na GAM, tais custos estão relacionados à participação em eventos internacionais, aquisição de equipamentos equivalentes aos usados em competições promovidas pela Federação Internacional de Ginástica

(FIG) e os valores destinados aos recursos humanos, tais como: técnico, fisioterapeuta, preparador físico, nutricionista, médico e psicólogo (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2012).

A dificuldade financeira para adquirir materiais adequados para o treinamento, no início de sua carreira, foi lembrada por Zanetti. Ele contou que o pai construiu materiais de GAM, para os seus treinamentos. Os aparelhos oficiais de qualidade internacional foram adquiridos apenas após a conquista olímpica do atleta.

Estudo anterior, com jovens atletas olímpicos da Alemanha, investigou as barreiras no período de formação esportiva em diversos esportes, naquele país (DIEHL et al., 2014). A pesquisa revelou diversos fatores de *stress* para os atletas, dentre eles os relacionados ao suporte financeiro foram sublinhados. Diehl et al. (2014) explicam que a falta de apoio aos jovens atletas alemães tem impacto na qualidade da estrutura do local de treinamento, no acesso à equipe multidisciplinar (nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta e médico) e no deslocamento do atleta para o local de treinamento.

Sobre o último tópico, porém, no caso brasileiro, o ginasta Lucas Bitencourt lembrou que, para dar continuidade aos treinamentos da GAM, foi necessário mudar-se para a cidade de São Caetano (SP), assim como Francisco Barretto. Lá, Bitencourt recebia uma pequena remuneração, o que ele chamou de “ajuda de custo”, advinda da prefeitura local. Após ser medalhista no cenário nacional, o atleta passou a fazer parte do Programa Bolsa Atleta, que, para ele, foi fundamental para a sua permanência no esporte.

7.3.2 O Programa Bolsa Atleta

O Bolsa-Atleta é considerado o maior Programa de incentivo a atletas do Brasil (MORAES E SILVA et al., 2015). Criado em 2004, com o objetivo de financiar diretamente atletas nacionais, de diferentes níveis, recebe, por meio do Ministério da Cidadania²⁴, cerca de R\$ 125 milhões por ano do Governo Federal. A título de exemplo, de sua criação até o ano de 2019, foram investidos mais de R\$ 13 milhões apenas em atletas da ginástica artística, sendo que mais de R\$ 5 milhões na categoria Pódio (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2020). Os valores da bolsa variam de R\$ 370,00 a R\$ 15.000,00 mensais, dependendo da categoria do atleta, ou seja, dos resultados esportivos em competições em diferentes níveis (MORAES E SILVA et al., 2015).

²⁴ Atualmente (2020), a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento é uma das secretarias do Ministério da Cidadania (ORDONHES et al., 2019).

Sobre o Programa, Arthur Zanetti afirma a sua importância, especialmente para aqueles em formação, pois nesse período são poucos os incentivos para os atletas. Caio Souza corrobora ao afirmar que: “*O Bolsa-Atleta é um programa crucial para a manutenção dos atletas no esporte*” (Caio Souza). Na fala de todos os ginastas foi possível identificar que, durante o processo de formação, antes de chegar na categoria adulta, eles tiveram o Bolsa-Atleta como principal fonte de renda. De maneira símile, o estudo de Oliveira e Bortoleto (2012) reforça a importância do referido Programa para o desenvolvimento dos atletas GAM brasileiros. Na ocasião, os autores entrevistaram atletas, técnicos, árbitros e representantes da CBG e identificaram que, apesar de necessitar de ajustes no que tange aos critérios de participação, o Programa Bolsa Atleta já vinha demonstrando ser uma importante política pública para os atletas de GAM.

Em pesquisa recente, Paz et al. (2018), ao observarem as influências do Programa Bolsa Atleta na trajetória esportiva de atletas da ginástica rítmica, afirmam que a participação no Programa proporcionou às atletas a compra de materiais esportivos de melhor qualidade, a ampliação da participação em competições internacionais e a possibilidade de dedicação exclusiva aos treinamentos.

Ao ser questionado sobre o Programa Federal, Francisco Barretto explicou que é necessário apresentar resultado em competições oficiais para concorrer ao Bolsa-Atleta, e, quanto melhor o resultado, melhor o valor do incentivo (categoria de Bolsa). Para ele, o fato de terem categorias diferentes, não somente em valores do benefício, mas também em abrangência do resultado (Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpica e Pódio), estimula o atleta a querer mudar de nível. Arthur Zanetti, da mesma forma, acredita que esse é o principal fator motivador ao atleta – a troca de categoria.

Nas palavras de Francisco Barretto, o investimento não deve ser feito apenas no atleta, na visão dele, a estrutura física e a equipe multidisciplinar são fundamentais para a formação de um atleta de alto nível e, por isso, também deveriam receber apoio federal. Ele disse:

[...] principalmente em treinador! Tem muito treinador que está indo embora do Brasil, está indo embora do esporte, atletas que poderiam virar treinadores estão indo para outras modalidades, outros ramos de trabalho. [...] quem faz os atletas? São os treinadores e aí a modalidade vai acabando. O problema é: não tem quem ensine as crianças [...] o treinador vai ficar o dia inteiro dentro do ginásio e não vai conseguir sustentar a casa dele, então eu acho que o investimento, além da estrutura, deve ser nos treinadores! (Francisco Barretto).

Nesse sentido, Arthur Zanetti cita o Centro de Treinamento de Ginástica de Fortaleza (CE). Segundo ele, o local apresenta uma estrutura física de alta qualidade, mas não há

profissional que se disponha a sair do eixo Rio-São Paulo para formar novos atletas, justamente devido à falta de incentivo financeiro para esses profissionais. Na fala dos entrevistados, fica latente a preocupação com os rendimentos financeiros dos técnicos, eles comentaram que muitos treinadores têm outra atividade para além da ginástica, tendo em vista a impossibilidade de “viver da ginástica”.

Por isso, eles sugerem que o Programa contemple a equipe multidisciplinar e não somente o atleta, conforme insistiu: “*eu acho que poderia existir um bolsa técnico [...] uma bolsa à parte.*” (Arthur Nory). Entre os atletas, parece ser convencionado repassar um valor proporcional aos técnicos, mesmo que de maneira informal. Ainda assim, os ginastas enfatizam que a CBG remunera alguns técnicos da seleção, segundo Arthur Nory, aqueles que são “os principais”.

Ao entrevistarem quatro dos principais treinadores brasileiros de ginástica artística feminina (GAF), Carbinatto, Freitas e Chaves (2016) apontaram como um problema na modalidade, no país, a falta de reconhecimento profissional, especificamente financeiro, e reforçaram que o Programa Bolsa Atleta é voltado apenas aos atletas. Da mesma forma, os autores mencionaram a necessidade de um programa federal que incentive os técnicos esportivos, evitando a migração deles para outros países.

Ao ser indagado a respeito das possíveis melhorias no Bolsa-Atleta, Lucas Bitencourt lembrou que a maior categoria do Programa (Bolsa Atleta Pódio) considera apenas os resultados individuais. Porém, ele fez parte da equipe brasileira que conquistou vaga por equipes para os Jogos Olímpicos de 2016 e 2021 e, ainda assim, não foi contemplado por tal categoria. Portanto, na opinião dele, os resultados da equipe deveriam ser considerados, tendo em vista que são relevantes para o contexto esportivo brasileiro. Algo similar foi citado pelo ginasta Caio Souza, o qual mencionou que os critérios da distribuição de bolsa poderiam ser revistos, levando em consideração a idade do atleta e outros indicadores, para além dos resultados.

Tal questão foi mencionada no estudo de Paz et al. (2018). Na opinião dos autores, o fato do Programa Bolsa Atleta privilegiar atletas com resultados expressivos nacionalmente e internacionalmente (dependendo da categoria de bolsa) cria uma lacuna²⁵ para os atletas em formação. Ainda assim, há um consenso entre os ginastas participantes dessa pesquisa em relação à importância do Programa Bolsa Atleta. Dentre eles, apenas Lucas Bitencourt não foi contemplado pela categoria máxima do Programa (categoria Pódio). No entanto, ele enaltece o

²⁵ Entende-se como fundamental a discussão a respeito do investimento financeiro estatal em atletas prontos (CASTRO; MEZZADRI, 2019; MATIAS et al., 2015) no entanto, tal discussão se apresenta enquanto possibilidade futura de investigações.

Programa e reforça que o incentivo, somado aos demais que ele recebe, é suficiente para a sua manutenção no esporte.

Reforça-se que os cinco ginastas da seleção brasileira de GAM aqui entrevistados, todos contemplados pelo Programa Bolsa Atleta, o indicaram como a fonte de renda confiável, nas palavras deles: “[...] *salva muito*” (Arthur Nory). Portanto, como mencionado por De Bosscher et al. (2009), o sucesso de um atleta depende, em grande parte, do suporte financeiro estatal, no caso da GAM brasileira, o Programa Bolsa Atleta é uma das principais políticas públicas de apoio ao atleta. Ainda assim, os ginastas entrevistados evidenciaram outros programas federais de apoio ao atleta, como o Programa de Atletas de Alto Rendimento, detalhado a seguir.

7.3.3 Programa de Atletas de Alto Rendimento

Tendo por objetivo “representar o Exército Brasileiro em competições nacionais e internacionais, motivar e transferir conhecimento, reforçar a imagem da Força no país e no exterior, e contribuir para o desenvolvimento do esporte nacional” (COMISSÃO DE DESPORTOS DO EXÉRCITO, 2017), o Programa de Atletas de Alto Rendimento (PAAR), criado em 2008, possibilitou a contratação de atletas civis de alto nível pelas Forças Armadas nacionais. Costa (2020) explica que tal contratação se dá por meio de processo seletivo voluntário, a partir de editais específicos, para suprir a ausência de atletas da corporação.

De acordo com os resultados esportivos no âmbito nacional e internacional, o atleta selecionado recebe remuneração entre R\$ 1.500,00 e R\$ 4.500,00 mensais, além de outros incentivos, tais como: assistência médica; equipe multidisciplinar; e estrutura física para treinamento. Em contrapartida, os atletas militares devem representar o país nos Jogos Mundiais Militares e nas principais competições da sua modalidade. Além disso, o programa exige que os atletas passem por duas semanas de ambientação militar, nas quais eles recebem orientações específicas da corporação (ANTONELLI, 2020; COSTA, 2020).

Mesmo que por meio da contratação temporária, os atletas brasileiros participantes do PAAR foram facilmente identificados, especialmente durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, por prestar continência e pelo uso de símbolos que representam as Forças Armadas nacionais em uniformes e no corpo (COSTA, 2020).

A título de exemplo, o ginasta Francisco Barreto, ao receber o prêmio de melhor atleta dos Jogos Pan-Americanos de 2019, apresentou-se fardado na cerimônia (FRANCISCO...,

2019). De maneira símile, Arthur Nory recebeu o Prêmio Brasil Olímpico 2019 com o uniforme da Força Aérea Brasileira (CAMPEÕES..., 2019).

Vale ressaltar que os atletas da seleção brasileira de GAM entrevistados para essa pesquisa fazem parte das Forças Armadas Nacionais, dentre eles, quatro²⁶ participaram dos Jogos Mundiais Militares de 2019, e consagraram-se vice-campeões, ficando atrás apenas da equipe da China.

Para os ginastas, participar do PAAR vai além de representar o país nos Jogos Militares. Nas palavras do campeão mundial da barra fixa: “*ser militar é uma responsabilidade [...] precisei de uns dois anos após os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro para me adaptar, entender, saber que é importante fazer os eventos*” (Arthur Nory). A participação no PAAR exigiu dos técnicos uma flexibilização, pois, segundo os atletas, eles precisam participar de determinados eventos, e, para isso, os técnicos precisam autorizar a quebra de rotina nos treinos.

É possível perceber que ser atleta militar para os ginastas brasileiros exigiu adaptações, não somente do ponto de vista de prestar continência e usar uniformes. Quando questionado a respeito da participação no PAAR, Francisco Barretto respondeu suspirando: “*ser militar é coisa séria!*”.

Assim como o Bolsa-Atleta, o PAAR foi citado por todos os atletas participantes da pesquisa como um dos principais incentivos financeiros para a manutenção no esporte de alto nível. Caio Souza fez questão de enfatizar a importância do programa, não apenas para ele, mas para a continuidade de outros ginastas na modalidade.

O PAAR é viabilizado financeiramente pelo Ministério da Defesa, a partir de previsões orçamentárias para o pagamento dos atletas militares. Sendo assim, sublinha-se a informação de que se trata de recursos Federais que subsidiam o Programa (COSTA, 2020), ou seja, é mais uma ação de incentivo ao esporte brasileiro. Com isso, tem-se uma sobreposição de ações advindas do governo, porém, orientadas por Ministérios diferentes.

Ao ser questionado a respeito da capacidade de se manter no esporte de alto nível, o ginasta Lucas Bitencourt citou as diferentes fontes de renda: “*Hoje eu recebo da seleção brasileira de ginástica (CBG), do Minas Tênis Clube, tenho o PAAR e o Bolsa-Atleta*” (Lucas Bitencourt). Sendo assim, o suporte financeiro para ginastas brasileiros, advindo da CBG e dos Clubes, será tratado a seguir.

²⁶ Arthur Nory não participou devido à lesão, para saber mais, ver Brasil... (2019).

7.3.4 A Confederação Brasileira de Ginástica e os clubes

A CBG é a entidade brasileira responsável por fomentar, administrar e expandir a prática das diferentes modalidades ginástica no país. Patrocinada pela Caixa Econômica Federal (CEF), desde 2006, a CBG é apontada pelos participantes dessa pesquisa como mais um dos incentivadores do esporte nacional. Ao realizar uma busca eletrônica, foi possível identificar que todos os atletas das diferentes seleções de ginástica brasileira, quando participam de eventos oficiais, utilizam em seus uniformes o símbolo da instituição financeira.

A CBG divulga em seu site oficial o demonstrativo contábil da instituição (período de 2012 a 2019), em que é possível identificar as maiores fontes de arrecadação, assim como os maiores investimentos realizados no período. A seguir, a Tabela A6.1 ilustra os valores recebidos pela instituição.

TABELA A6.1 – RECEITAS DA CBG ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2019 (VALORES EM MILHARES DE REAIS)

Fonte/Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
CEF	5.064	4.435	6.480	5.072	5.222	3.583	3.700	6.800
Lei Agnelo Piva	3.474	3.396	3.344	4.730	3.956	3.672	4.292	4.782
Rede Globo	1.371	1.446	1.531	1.641	1.759	zero	zero	zero
Sadia	1.000	937	zero	zero	zero	zero	zero	zero
Gymnaestrada	31	39	641	553	zero	4	1.127	979
Aluguéis	14	15	2	zero	zero	zero	5	zero
Banco do Brasil	5	53	zero	zero	zero	zero	zero	zero
Outras receitas	532	1.095	1.285	1.543	2.235	1.522	1.522	2.264
Trabalho voluntário	252	265	267	133	146	152	160	152
Min. Dos Transportes	zero	zero	7.502	zero	zero	zero	zero	zero
Min. Do Esporte – GR	zero	zero	183	803	1.560	zero	zero	zero
Plano Brasil Medalha	zero	zero	zero	715	3.500	zero	zero	zero

FONTE: os autores, adaptado de CBG (2020).

A análise dos documentos on-line evidenciou que a maior fonte de renda da instituição em todo o período advém da CEF, seguida da Lei Agnelo Piva. Vale destacar que a Lei Agnelo Piva é considerada uma das principais fontes de renda das confederações de modalidades esportivas, inclusive da entidade máxima nacional, o Comitê Olímpico do Brasil (COB)

(ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2012; MATIAS et al., 2015; TEIXEIRA; MATIAS; MASCARENHAS, 2013).

Ainda assim, a partir dos demonstrativos financeiros da entidade máxima da ginástica do Brasil, e da fala dos entrevistados, é possível afirmar que a CEF é a maior fonte de renda da CBG. Castro e Mezzadri (2019) explicam que a aproximação das entidades estatais com as entidades esportivas ajuda a consolidar a marca das instituições entre os espectadores, além disso, é um importante incremento para esporte olímpico nacional.

De acordo com os ginastas, o apoio da instituição financeira é fundamental para o desenvolvimento da ginástica no país. Caio Souza destacou o investimento do convênio não somente em atletas prontos, mas sim em infraestrutura, por meio dos *Centros de Excelência Caixa – Jovens Promessas da Ginástica*. De acordo com a CBG (2018), o referido projeto, criado em 2008, objetiva democratizar a prática da ginástica oportunizando a participação e a detecção de talentos esportivos para o futuro da ginástica brasileira. Segundo a entidade, são 15 unidades distribuídas pelo país, que ofertam especialmente as modalidades de ginástica rítmica e ginástica artística, atingindo quase 2000 alunos.

Ainda sobre o apoio financeiro da CEF, Caio Souza lembrou que o convênio permitiu o intercâmbio para países mais desenvolvidos no esporte, possibilitando aprimoramento técnico de atletas e técnicos. Esse fato também foi frisado por outros atletas da seleção brasileira, segundo Barretto, o intercâmbio fez com que os técnicos mudassem a metodologia do treinamento, revissem a periodização do treinamento e a necessidade de parar quando o atleta está fadigado.

De acordo com Lucas Bitencourt, os ginastas que fazem parte da seleção recebem salário específico da CBG, por meio do incentivo da CEF. Tal apoio financeiro também foi afirmado como importante para a manutenção do atleta por Arthur Nory.

O demonstrativo contábil da CBG indica as despesas da instituição, entre os anos de 2012 e 2019. Tais dados foram organizados na Tabela A6.2:

TABELA A6.2 – DESPESAS DA CBG ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2019 (VALORES EM MILHARES DE REAIS)

Despesas/Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Pessoal	447	425	888	381	87	179	197	344
Viagens	3.214	3.733	3.900	3.737	3.963	1.940	1.464	3.688
Administrativas	3.986	2.928	6.688	6.460	8.921	2.750	3.687	3.872
Depreciação	104	120	491	846	892	914	877	853

FONTE: os autores, adaptado de CBG (2020).

Infelizmente, não é possível identificar os investimentos da instituição por modalidade. No entanto, percebe-se que as despesas com pessoal não são as mais representativas da instituição. Ainda que faltem informações específicas sobre a que se refere cada despesa, é possível verificar que a entidade investiu boa parte do capital em viagens, possivelmente para competições e treinamentos fora do país. Tal despesa foi a mais significativa até o ano de 2016 e voltou a crescer, no ano de 2019, acompanhando as receitas da instituição. Provavelmente tais receitas e, por conseguinte, despesas sofreram influência do ciclo olímpico. Conforme o campeão olímpico (2012) afirmou: “*depois que acabaram as olimpíadas (2016), acabaram quase todos os patrocínios*”. (Arthur Zanetti).

A respeito do suporte financeiro advindo de clubes, Caio Souza lembrou que a primeira vez que recebeu remuneração de um clube, como atleta, foi na sua segunda passagem pelo Clube de Regatas do Flamengo. O convite para representar o clube carioca ocorreu após ser campeão brasileiro de ginástica.

Assim como o Clube de Regatas do Flamengo, o Esporte Clube Pinheiros e o Minas Tênis Clube foram citados pelos entrevistados por oferecerem remuneração aos atletas. Lucas Bitencourt treinou boa parte de sua formação esportiva (dez anos) com Marcos Goto, no SERC Santa Maria²⁷ (São Paulo). Depois disso, ele foi para o Minas Tênis Clube, recebendo remuneração para representar o clube nas competições nacionais. Ainda assim, o ginasta revela que não foi esse o principal motivo para a mudança, mas sim a necessidade de mudar de ambiente.

Sabe-se que os clubes brasileiros citados pelos entrevistados recebem incentivo financeiro que advém do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC). Tal recurso é repassado aos clubes por meio de editais para a compra de materiais esportivos, remuneração de técnicos e participação em competições. O CBC, assim como o COB, é uma das entidades que recebe recursos federais para o incentivo ao esporte no país. Tais recursos são originários das loterias federais, por meio da Lei Agnelo Piva (SILVA CARNEIRO; AVALONE ATHAYDE; MASCARENHAS, 2020).

Como é possível identificar, há uma sobreposição de ações que utilizam o financiamento do Governo Federal para o esporte de alto rendimento brasileiro, neste estudo, especialmente, a GAM. Tal fato fica evidente na fala dos entrevistados quando listam os seus apoiadores. No entanto, os ginastas brasileiros comentaram a presença, em menor de escala, de patrocínios de empresas privadas, os quais serão comentados no tópico a seguir.

²⁷ Equipe do campeão olímpico Arthur Zanetti.

7.3.5 Os patrocínios privados

É consenso entre os ginastas entrevistados que o melhor período relacionado a investimentos no esporte brasileiro (até o momento das entrevistas) diz respeito ao período pré-olímpico dos Jogos do Rio de Janeiro (2016). Os atletas destacaram os patrocínios que receberam durante o período, especialmente nos anos de 2015 e 2016, mas que se findaram logo após ao megaevento. Algo previsto em contrato, porém tratado com muito pesar pelos atletas. O plano de saúde, com cobertura total, de um banco privado, foi lembrado por Francisco Barretto. Para ele, a possibilidade de realizar exames, ter acesso aos médicos e a realização de intervenções cirúrgicas sem custos foi de grande valia para melhora de suas condições físicas.

Arthur Zanetti revelou que após ser campeão olímpico, em 2012, disseram-lhe que receberia diversos patrocínios, contudo, isso não ocorreu de forma imediata. Nas palavras dele:

Quando eu voltei para o Brasil [dos Jogos Olímpicos de Londres] eu vi que uma parte mudou, eu comecei a ser um pouco mais conhecido, mas essa parte de patrocínio, não. Ficou bem fraco, não tive nenhum patrocínio depois das Olimpíadas, que todo mundo falou que “vai chover patrocinador”, mentira. Fui começar a ter patrocinador em 2013 e aí quando você tem uma empresa forte acaba atraindo outras, depois disso as coisas andaram legal, comecei a ter alguns patrocinadores, mas a época que teve mais, foi no final de 2015, começo de 2016, visando as olimpíadas. Então, poxa 2016 eu estava...vou te falar que estava bem, estava tranquilo, estava com muito patrocinador, muitos apoiadores, plano de saúde, mas depois que acabou a olimpíada acabou tudo, praticamente. (Arthur Zanetti).

Já o estreante olímpico (2016) compartilhou uma visão diferente a respeito do assunto. Segundo ele, a participação olímpica (que rendeu a medalha de bronze) “mudou tudo” (Arthur Nory). O ginasta afirma que a visibilidade o auxiliou atraindo patrocinadores. Ele disse especificamente:

Depois que você compete nos Jogos Olímpicos, depois que você ganha uma medalha, você passa a ser uma referência no esporte, você passa a ser conhecido dentro do seu esporte, então tudo muda. [...] Isso que foi de diferente para mim. Antes eu não tinha patrocínio e depois passei a ter. (Arthur Nory).

Na fala dos entrevistados fica evidente que há uma preocupação com o futuro financeiro, ou seja, o pós-carreira. Arthur Zanetti deixa claro que o esporte olímpico é amador, e reforça que não é possível comparar a remuneração e o pós-carreira com os jogadores de futebol. Ainda assim, entende-se que o futebol, sobretudo no Brasil, é um caso isolado. Além disso, o financiamento do futebol brasileiro se dá especialmente pela iniciativa privada, diferente do que ocorre nos demais esportes (SÁ; STAREPRAVO, 2020).

Sobre isso, Francisco Barretto lembra que ex-atletas, depois que encerram a carreira esportiva, deixam de receber os incentivos financeiros do estado, em especial o Bolsa-Atleta. Esse fato já foi motivo para o ex-ginasta brasileiro Diego Hypólito manifestar-se publicamente após não ter sido contemplado pela categoria máxima do Programa, a qual recebeu até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, questionando o incentivo aos atletas no país. Para ele, as políticas públicas para o esporte do Brasil deveriam considerar a fase de transição dos atletas (VARGAS; OLIVEIRA; CAPRARO, 2019).

Por isso, Arthur Zanetti reforça que é necessário ter cautela, mesmo quando o ginasta recebe patrocínio de maior valor. Pois, segundo ele, são efêmeros, sujeitos aos resultados e à disponibilidade do patrocinador.

7.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange ao suporte financeiro de atletas da seleção brasileira de GAM, foi possível identificar que há uma sobreposição de ações para o financiamento do atleta de alto rendimento no país. Diz-se isso tendo em vista que, dentre as unidades temáticas elencadas, a partir da escuta dos ginastas, foi possível observar que a maior parte da fonte de renda dos atletas advém, de uma forma ou de outra, do Governo Federal (CEF, CBG, Bolsa-Atleta, PAAR e CBC).

Contudo, o início da carreira dos ginastas foi permeado por dificuldades financeiras, treinamento com aparelhos improvisados e escassez de recursos mínimos, inclusive fazendo com que alguns ginastas deixassem o esporte. Por esse motivo, o apoio financeiro familiar demonstrou-se essencial para a permanência dos atletas na modalidade, bem como o Programa Bolsa Atleta e algumas iniciativas locais.

Embora tenha sido evidenciada a sobreposição de ações que financiam os ginastas da seleção brasileira, as narrativas dos ginastas brasileiros sublinham a importância do suporte financeiro para a continuidade de suas carreiras, sendo que os recursos são utilizados para custear despesas com viagens, equipe multidisciplinar e aquisição de materiais/aparelhos. Os ginastas demonstraram preocupação com a remuneração dos técnicos e com o período de transição de carreira.

É necessário lembrar que os ginastas foram entrevistados quando estavam recebendo apoio financeiro do Programa Bolsa Atleta, da CEF e da CBG. Sendo assim, acredita-se que os discursos dos atletas possam ter sido influenciados pelo momento.

Pesquisas futuras, que privilegiem a escuta de atletas que tenham encerrado a carreira, ou que estejam buscando o seu espaço entre os melhores do país, são recomendadas, a fim de apresentar novos olhares a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. S. DE; MARCHI JÚNIOR, W. A relação Governo Federal e Comitê Olímpico Brasileiro sob análise da lei 10.264/2001 (Agnelo-Piva) no Período de 2005 a 2008. **Pensar a Prática**, Samambaia, v. 15, n. 3, p. 551-820, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v15i3.15238>.

ANTONELLI, M. **Gestão no esporte**: os sistemas esportivos e o alto rendimento na ótica de gestores dos cenários olímpico, paralímpico e militar. 2020. 212 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2020.

BRASIL só é superado pela China e fica com a prata por equipes na ginástica artística nos Jogos Mundiais Militares. **Rede do Esporte**, Brasília, DF, 13 out. 2019. Disponível em: <http://www.rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/brasil-so-e-superado-pela-china-e-fica-com-a-prata-por-equipes-na-ginastica-artistica-nos-jogos-mundiais-militares>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

CAMARGO, P. R. et al. As características de distribuição de bolsas no programa bolsa-atleta referentes à idade e ao sexo dos atletas olímpicos e paralímpicos. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 18-35, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v8i2.59190>.

CAMPEÕES mundiais e pan-americanos, Arthur Nory e Beatriz Ferreira vencem o Prêmio Brasil Olímpico 2019. **Comitê Olímpico do Brasil (COB)**. Rio de Janeiro, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/campeoes-mundiais-e-panamericanos-arthur-nory-e-beatriz-ferreira-vencem-o-premio-brasil-olimpico-2019/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CARBINATTO, M. V.; FREITAS, E. G.; CHAVES, A. D. Women's artistic gymnastics coaches in Brazil: from opportunity to Olympic games. **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 163-173, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/21640629.2016.1201358>.

CASTRO, S. B. E.; MEZZADRI, F. M. Panorama das principais fontes de financiamento público para o esporte brasileiro. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 33-52, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v10i1.59965>.

COMISSÃO DE DESPORTOS DO EXÉRCITO. **Histórico do Programa Atletas de Alto Rendimento**. Brasília, DF, 24 nov. 2017. Disponível em: <http://www.cde.eb.mil.br/hist-paar>. Acesso em: 20 nov. 2021.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL (COB). **Atletas**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas?modalidades=1021|&>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Demonstrações contábeis**. Aracajú, 2020. Disponível em: <https://www.cbginastica.com.br/demonstracaocontabeis>. Acesso em: 21 nov. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Revelações dos centros de excelência Caixa Jovem Promessa fazem apresentação durante o brasileiro**. Aracajú, 24 nov. 2018. Disponível em: <https://www.cbginastica.com.br/noticia/1235/revelacoes-dos-centros-de-excelencia-caixa-jovem-promessa-fazem-apresentacao-durante-o-brasileir>. Acesso em: 20 nov. 2021.

COSTA, C. **Exército e o PAAR: processo de militarização no esporte nacional**. 2020. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, 2020.

DE BOSSCHER, V. et al. Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 113-136, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2009.01.001>.

DE BOSSCHER, V. et al. **Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. London: Meyer & Meyer Sports, 2015.

DIEHL, K. et al. Possibilities to support elite adolescent athletes in improving performance: Results from a qualitative content analysis. **Science and Sports**, [Amsterdam], v. 29, n. 6, p. e115-e125, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scispo.2014.03.004>.

FARROW, D.; BAKER, J.; MACMAHON, C. **Developing sport expertise**. 2nd. ed. London: Routledge, 2013.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. D. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, Vila Real, v. 8, n. 2, p. 42-51, 2012.

FRANCISCO Barretto é eleito melhor atleta dos Jogos Pan-Americanos de Lima. **Rede do Esporte**, Brasília, DF, 16 dez. 2019. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/francisco-barreto-e-eleito-melhor-atleta-dos-jogos-pan-americanos-de-lima>. Acesso em: 20 nov. 2021.

HALLMANN, K. et al. Determinants of elite athletes' extrinsic and intrinsic career success. **Sport, Business and Management**, [Bingley], v. 8, n. 4, p. 375-392, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1108/SBM-11-2017-0072>.

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA. **O projeto**. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/index.php/sobre/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MALINA, R. M. et al. Role of intensive training in the growth and maturation of artistic gymnasts. **Sports Medicine**, Auckland, v. 43, n. 9, p. 783-802, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40279-013-0058-5>.

MATIAS, W. B. et al. A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 95-110, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46419>.

MORAES E SILVA, M. et al. A configuração do ordenamento jurídico relativo ao financiamento do governo brasileiro ao esporte de rendimento : uma análise a partir da teoria dos jogos de Norbert Elias. **Lúdica Pedagógica**, Curitiba, v. 1, n. 21, p. 77-89, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17227/01214128.21ludica77.89>.

MORLEY, D. et al. Can't pay, can't play? Talent lead's perspectives on the financial constraints experienced by athletes on the England Talent Pathway. **High Ability Studies**, Oxfordshire, v. 29, n. 1, p. 51-64, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/13598139.2017.1341389>.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; CARBINATTO, M. V. Ginástica artística competitiva: considerações sobre o desenvolvimento dos ginastas. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 503-514, 2009.

OLIVEIRA, M. S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira**: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. 2010. 270 F. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 297-309, 2009.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Public Sports Policy: the Impact of the Athlete Scholarship Program on Brazilian Men's Artistic Gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 1, p. 5-19, 2012.

ORDONHES, M. T. et al. A inserção do esporte no ministério da cidadania : análise das opiniões sobre o “ fim ” do ministério do esporte. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e66972>.

PAZ, B. et al. A influência do programa bolsa-atleta na trajetória profissional e pessoal de atletas de ginástica rítmica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 127-142, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p127>.

SÁ, A. B. S.; STAREPRAVO, F. A. Copa do Mundo “Brasil 2014”: o uso político-ideológico do futebol em propagandas governamentais. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 7, p. 1-22, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3804>.

SILVA CARNEIRO, F. H.; AVALONE ATHAYDE, P. F.; MASCARENHAS, F. O. financiamento público do esporte brasileiro por loterias federais nos governos Lula e Dilma. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, Niterói, v. 10, n. 2, p. e10016, 2020.

Disponível em:

<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=8429>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SPARKES, A.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health**. London: Routledge, 2014.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma proposta teórico-metodológica de análise. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 233-251, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.18420>.

TEIXEIRA, M. R.; MATIAS, W. B.; MASCARENHAS, F. O financiamento do esporte olímpico na Brasil: uma análise do ciclo de Londres (2009-2012). **Revista de Ciências Sociais**, Tarapacá, v. 31, p. 86-110, 2013. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/708/70829847006.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

VARGAS, P. I.; OLIVEIRA, M. E.; CAPRARO, A. M. Programa Bolsa-Atleta: o caso de Dyego Hypolito. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE, 4., 2019, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR, 2019. Disponível em:

<https://eventos.ufpr.br/SIGPE/SIGPE2019/paper/view/1507/650>. Acesso em: 21 nov. 2021.

WARMENHOVEN, J.; WEISSENSTEINER, J. R.; MACMAHON, C. “It takes a village”: the sources and types of support in development of male cricket players. **Journal of Science and Medicine in Sport**, Belconnen, v. 24, n. 2, p. 164-170, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.1016/j.jsams.2020.07.010>.

WHOLEY, J. Exploratory Evaluation. In: HANDBOOK of Practical Program Evaluation. Chichester: John Wiley & Sons, 2015. p. 88-107.

8 ARTIGO 7

RESULTADOS DOS ATLETAS BRASILEIROS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA PÓDIO

8.1 INTRODUÇÃO

Uma das principais ações das políticas públicas para o desenvolvimento do esporte no Brasil, o Programa Bolsa Atleta (PBA), desde sua criação, em 2005, vem beneficiando atletas brasileiros com recursos federais (MEZZADRI et al., 2015; MORAES E SILVA et al., 2015). Um dos principais diferenciais do PBA é o direcionamento do recurso diretamente ao atleta, sem intermediários, com a intenção de assegurar condições mínimas para o atleta treinar e competir (CAMARGO et al., 2018; TEIXEIRA et al., 2017). Inicialmente, foram constituídas quatro categorias de bolsas, a saber: Olímpica/Paraolímpica; Internacional; Nacional; e Estudantil (CORRÊA et al., 2014). Em 2013, especificamente a partir da Lei 12.395/2011, foram incluídas as categorias Base e Pódio. Essa última trata-se da mais alta categoria do PBA, a qual atualmente oferece bolsas de R\$ 5.000,00 a R\$ 15.000,00 mensais aos contemplados, a depender de sua posição no *ranking* mundial.

A categoria Pódio, como bem alerta Silva, Silvestre e Amaral (2020), foi resultado das ações do Programa Brasil Medalha (PBM), o qual tinha por objetivo impulsionar o país para estar entre os dez mais bem colocados no quadro geral de medalhas nos Jogos Olímpicos e quinto lugar nos Jogos Paralímpicos, ambos realizados em território nacional (Rio 2016). Por isso, é destinada aos atletas de modalidades individuais olímpicas e paralímpicas que estejam ranqueados entre os 20 primeiros na respectiva federação internacional, seja em prova específica ou não. No entanto, tal fato não garante o recebimento da bolsa. Os critérios para o recebimento são definidos em conjunto pelo então Ministério do Esporte²⁸, Comitê Olímpico do Brasil (COB) ou Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e a respectiva entidade esportiva nacional (BRASIL, 2011). A referida lei esclarece que o Programa Bolsa Atleta Pódio²⁹ (PBAP) é destinado a “melhorar o resultado esportivo de atletas brasileiros em competições internacionais”. Para tanto, o texto reforça critérios para que o atleta esteja apto a pleitear a categoria Pódio, dentro do PBA, são eles: estar em plena atividade esportiva; ser vinculado a

²⁸ Atualmente Secretaria Especial do Esporte, Ministério da Cidadania.

²⁹ Nas leis e documentos relacionados à Bolsa-Atleta, o termo se escreve com hífen. Todavia, ao se referir à categoria Bolsa Atleta Pódio, esta é escrita sem hífen. Optou-se por manter a grafia original.

entidade nacional responsável pelo esporte; declarar patrocínios provenientes de instituições públicas ou privadas; ser indicado a partir do encontro entre COB/CPB em conjunto com a entidade mantedora do esporte nacional; e encaminhar o plano esportivo individual para o órgão nacional (BRASIL, 2011).

Dentre as modalidades contempladas pelo PBAP destaca-se a ginástica artística masculina (GAM). O estudo de Oliveira e Bortoleto (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2012) indicou o crescimento da modalidade no país a partir do PBA. A pesquisa dos referidos autores observou dados da modalidade até o ano de 2011 e já apontava para o protagonismo dos ginastas brasileiros. Em estudo mais recente, Teixeira et al. (2017) apresentaram os resultados do Brasil nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). É perceptível que a GAM apresentou significativo desenvolvimento, visto que até o ano de 2008 não havia conquistado medalha olímpica. Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, a modalidade alcançou a inédita medalha de ouro nas argolas com Arthur Zanetti. Nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016, os ginastas obtiveram três medalhas, sendo: duas de prata, uma com Arthur Zanetti nas argolas, e outra com Diego Hypólito no solo, além de uma de bronze, com Arthur Nory na prova de solo.

Tendo em vista as conquistas dos ginastas brasileiros, em especial nas duas últimas edições de Jogos Olímpicos, nos anos de 2012 e 2016, assim como o potencial do PBA, que, de certa forma, vários autores (CORRÊA et al., 2014; MORAES E SILVA et al., 2015; ORDONHES; LUZ; CAVICHIOLLI, 2016; REIS; CAPRARO, 2020) vêm destacando sobre a sua importância para a formação de atletas em âmbito nacional, o presente estudo tem por objetivo apresentar os resultados internacionais dos atletas da GAM contemplados pelo PBAP e buscar relações com as categorias de bolsa por eles recebidas ao longo da carreira esportiva; para, então, definir questões e hipóteses que auxiliem na avaliação do PBA.

Tal inquietação surgiu não apenas pelo crescimento da modalidade em questão, como também no que se refere à perenidade dos atletas beneficiados pelo PBA. Isto é, com base nos resultados esportivos ao longo da carreira, os atletas da GAM melhoraram o desempenho concomitantemente a uma escalada nas categorias de bolsa? Ou se tornaram beneficiários apenas ao atingir as condições exigidas pelo PBAP?

A hipótese desta pesquisa foi a de que há uma perenidade dos atletas de alto rendimento no PBA. Tal possibilidade repousa na escassa presença de valor mercadológico das modalidades esportivas no Brasil; o que demanda intervenção Estatal, salvos um ou outro patrocínio, que variam entre os diferentes esportes.

Embora a produção científica acerca de políticas públicas para o esporte esteja em crescimento, tanto de forma qualitativa quanto quantitativa, ainda são poucas as investigações que buscam avaliar as políticas esportivas (REIS; CAPRARO, 2020; SILVA; SILVESTRE; AMARAL, 2020), especialmente no que tange ao principal programa federal de incentivo aos atletas brasileiros – o PBA. Sendo essa avaliação fundamental no sentido de contribuir não apenas para o aprimoramento da política pública esportiva, mas também para nortear as tomadas de decisões do governo federal, portanto de grande valia para o Estado e, por conseguinte, para a sociedade (SILVA; SILVESTRE; AMARAL, 2020).

No que se refere às políticas públicas de esporte e lazer, conta-se já com alguns trabalhos que abarcam um profícuo levantamento bibliográfico, como as pesquisas de Starepravo (2011) e Godoy (2012), por exemplo. A partir das constatações apresentadas nos referidos trabalhos, bem como na busca de produções específicas da avaliação das políticas públicas de esporte, poucos são os trabalhos que se propõem a este fim, como os textos de Silva, Silvestre e Amaral (2020) e Camargo (2020). Por este motivo, apresenta-se a seguir o referencial teórico que ancorou a investigação proposta, pautada no enquadramento teórico específico da avaliação das ações esportivas.

8.2 ESTUDO DE CASO EXPLORATÓRIO COM BASE EM EVIDÊNCIAS

A partir da relação entre as categorias do PBA, buscou-se respaldo teórico nos referenciais de avaliação da política pública a fim de investigar a existência de uma perenidade. A avaliação tem sido considerada por muitos estudos (BROUWERS; SOTIRIADOU; DE BOSSCHER, 2015; CAVILL et al., 2006; CHEN, 2018; COALTER, 2017; LINDSEY; BACON, 2016) uma fase imprescindível no ciclo político (DYE, 1972; FREY, 2009), sobretudo no momento de tomada de decisão, por possibilitar aos *policy-makers* uma perspectiva mais direcionada quanto ao impacto de determinada ação. Junto a tal aspecto, tem-se revelado – já desde a década de 1990 – a emergência de políticas baseadas em evidências, as quais permitem que os *policy-makers* construam intervenções pertinentes a um público-alvo específico.

Segundo Chen (2018), até o ano de 2014 foram levantadas 23 abordagens sobre avaliação da gestão pública. O ponto crucial, que, inclusive, é o foco de Chen (2018), se refere a qual a abordagem de escolha no momento de avaliar uma política ou programa esportivos.

Optou-se por centralizar esforços, especificamente, na análise do PBA, que consiste na maior política esportiva brasileira no contexto atual (CAMARGO et al., 2020). Ao consultar

os sítios de internet (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2021), observou-se apenas a existência de prestações de contas que contemplam o número de bolsas, o montante financeiro e a quantidade de atletas beneficiados. É perceptível a escassez de uma avaliação acerca do impacto que essas bolsas podem gerar no meio esportivo do país, principalmente, ao longo do período de sua implementação (REIS; CAPRARO, 2020).

Diante dessa lacuna observada na avaliação das políticas públicas de esporte no Brasil, intenta-se, aqui, utilizar um referencial metodológico (FUNNELL; ROGERS, 2011), a fim de definir questões e hipóteses que possam conduzir a uma posterior construção de uma teoria da mudança, aplicada ao PBA.

A referida conjunção se pauta em três combinações teóricas, entendidas como complementares para uma compreensão prévia do funcionamento da política em questão. Primeiramente, buscou-se amparar os instrumentos de coleta de dados (o “road map”), sob a perspectiva de um estudo de caso exploratório e descritivo (MARTINSON; O’BIEN, 2015), cujo propósito é, essencialmente, definir questões e hipóteses para estudos subsequentes. A partir de revisão de documentos, apresentar considerações preliminares da política estudada. Assim, a delimitação centrou-se na análise dos contemplados pelo PBAP, na GAM, entre os anos de 2014 e 2020, buscando dados quanto a outras bolsas recebidas por esses atletas ao longo de sua trajetória, bem como seus respectivos resultados esportivos.

Somadas a esses elementos, estão algumas prerrogativas da avaliação exploratória (WHOLEY, 2015), a qual se direciona, via de regra, a programas amplos, descentralizados, e com critérios de avaliação pouco claros. Ora, embora o PBAP faça parte de um Programa que, apesar de bastante amplo, é extremamente centralizado na figura do governo federal brasileiro (Secretaria Especial do Esporte), os parâmetros de avaliação se apresentam de forma subjetiva, coadunados a intenções e metas pouco claras. Assim, o prisma da avaliação exploratória se torna útil na medida em que permite pensar o *design* do Programa. O PBA está em andamento desde 2005, todavia, não houve um estudo exploratório antes da definição de como atuaria tal política. Wholey (2015, p. 88, tradução nossa) aponta que este tipo de investigação “[...] produzirá os resultados da avaliação e ajudará o avaliador e os demais a identificar as prioridades para os futuros estudos de avaliação [...]”. Nesse sentido, a presente pesquisa faz parte de um estudo maior, buscando lançar questões, inferências não generalizantes e hipóteses para se pensar a construção de um modelo lógico, que auxilie na teoria da mudança do PBA. Portanto, dentro da avaliação exploratória, identificou-se a *evaluability assessment*, que se aproxima em muito desta perspectiva, já que este tipo de análise aponta a extensão com que os programas estão (ou não) prontos para futura avaliação “útil”, que possa ser utilizada pelos

stakeholders centrais (no caso, os coordenadores do PBA, o secretário de alto rendimento, e mesmo o atleta beneficiado).

Por fim, junto às noções de estudo de caso e de avaliação exploratória, buscou-se trazer a revisão sistemática como condutora da evidência à política (PAWSON, 2006). A chave da revisão sistemática está no *feedback loop*, isto é, com base em evidências é possível analisar o andamento do programa para, então, retomar e corrigir problemas (inclusive critérios de avaliação), que estão relacionados à implementação da política. No caso, o PBAP já está em execução e as evidências utilizadas aqui se referem à GAM, enfatizando-se resultados esportivos.

8.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Tomando os parâmetros acima elencados como pressupostos da pesquisa, foi realizado o levantamento dos atletas da modalidade de GAM contemplados pelo PBAP em todas as portarias desde seu início (2014-2020), por meio das listas de atletas contemplados divulgadas pelo governo federal e publicadas no Diário Oficial da União (2021).

Portanto, a análise documental observou os seguintes documentos: Portaria nº 237, de 9 de setembro de 2013; Portaria nº 130, de 4 de junho de 2014; Portaria nº 281, de 21 de novembro de 2014; Portaria nº 268, de 21 de setembro de 2015; Portaria nº 56, de 4 de março de 2016; Portaria nº 157, de 25 de maio de 2017; Portaria nº 01 de 03 de abril de 2018; Portaria nº 250, de 9 de agosto de 2018; Portaria nº 380 de 28 de dezembro de 2018; Portaria nº 2.257, de 29 de novembro de 2019; nº 01, de 12 de julho de 2019; portaria nº 505, de 09 de outubro de 2020.

Sendo assim, foram catalogados em planilha eletrônica todos os atletas de GAM contemplados nas portarias supracitadas, e, posteriormente, foram inseridas as demais bolsas do PBA recebidas por eles. Tais dados foram coletados a partir do banco de dados do Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva³⁰, o qual apresenta informações sobre as bolsas, seus respectivos valores e os atletas brasileiros contemplados, desde o ano de 2005.

Para realizar a análise retrospectiva dos resultados obtidos pelos atletas da modalidade, realizou-se a busca das melhores colocações dos ginastas nas principais competições internacionais por meio do site da entidade mantenedora da modalidade, Federação Internacional de Ginástica (FIG)³¹, a qual apresenta os dados individualmente. Anualmente, a

³⁰ Para saber mais, ver Inteligência Esportiva (2020).

³¹ Para saber mais, ver FIG (2021).

FIG promove o Campeonato Mundial (CM), exceto nos anos em que ocorrem os Jogos Olímpicos (JO), além de etapas de Copa do Mundo (SCHIAVON, 2009).

Para a atribuição das bolsas da categoria Pódio, apenas os resultados conquistados em CM e JO são analisados no momento do pleito. Pois, de acordo com a Portaria nº 76 de 15 de março de 2017, eventos equivalentes a CM e JO somente serão considerados em caso de não acontecer nenhum destes no referido ano (BRASIL, 2017). Portanto, nesta análise foram considerados apenas os resultados em CM e JO disponibilizados pela FIG. Vale destacar que foram considerados os melhores resultados em provas individuais, ou seja, nos aparelhos específicos da GAM (solo; cavalo com alças; argolas; salto; paralela; e barra fixa) e na competição individual geral (somatória de todas as provas). Tais dados foram inseridos na planilha eletrônica, os quais serão apresentados na próxima seção.

Por fim, a análise de dados se deu de maneira descritiva, objetivando uma avaliação exploratória (WHOLEY, 2015) dos dados obtidos, referentes aos bolsistas em questão. Conforme apontado no subitem anterior, optou-se por essa descrição de cunho mais exploratório, tendo em vista que se trata de um programa amplo, sem critérios de avaliação definidos. Entende-se que essa descrição dos dados é fundamental para uma análise mais profunda do PBAP.

8.4 RESULTADOS

O PBAP teve sua primeira portaria publicada em 2013, mas somente a partir de 2014 atletas de GAM foram contemplados por esta categoria de bolsa. Desta forma, dentre os anos de 2014 e 2020, constataram-se que nove atletas da modalidade receberam a bolsa do PBAP, sendo que todos foram contemplados com outras categorias de bolsa em anos anteriores, conforme elucidado no Quadro A7.1 a seguir:

QUADRO A7.1 – ATLETAS DE GAM CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA PÓDIO (2014-2020) E PRINCIPAIS RESULTADOS

(continua)

Nome do atleta	Ano	Modalidades de bolsa	Principal resultado em JO e CM
Ângelo Assumpção	2011	Bolsa-A atleta Internacional	
	2012	Bolsa-A atleta Internacional	
	2014	Bolsa-A atleta Internacional	
	2015	Bolsa-A atleta Internacional	
	2016	Bolsa-A atleta Pódio	
	2018	Bolsa-A atleta Nacional	

QUADRO A7.1 – ATLETAS DE GAM CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA PÓDIO (2014-2020) E PRINCIPAIS RESULTADOS

(continuação)

Nome do atleta	Ano	Modalidades de bolsa	Principal resultado em JO e CM
Arthur Zanetti	2008	Bolsa-Atleta Internacional	
	2009	Bolsa-Atleta Internacional	4º lugar - CM
	2011	Bolsa-Atleta Internacional	2º lugar - CM
	2012	Bolsa-Atleta Internacional	1º lugar - JO
	2013	Bolsa-Atleta Olímpica	1º lugar - CM
	2014	Bolsa-Atleta Pódio	2º lugar - CM
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	9º lugar - CM
	2016	Bolsa-Atleta Pódio	2º lugar - JO
	2017	Bolsa-Atleta Pódio	7º lugar - CM
	2018	Bolsa-Atleta Pódio	2º lugar - CM
	2019	Bolsa-Atleta Pódio	5º lugar - CM
2020	Bolsa-Atleta Pódio		
Arthur Nory	2009	Bolsa-Atleta Internacional	
	2011	Bolsa-Atleta Internacional	
	2012	Bolsa-Atleta Internacional	
	2013		17º lugar - CM
	2014	Bolsa-Atleta Pódio	18º lugar - CM
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	4º lugar - CM
	2016	Bolsa-Atleta Pódio	3º lugar - JO
	2017	Bolsa-Atleta Pódio	12º lugar - CM
	2018	Bolsa-Atleta Pódio	27º lugar - CM
	2019	Bolsa-Atleta Pódio	1º lugar - CM
	2020	Bolsa-Atleta Pódio	
Caio Souza	2008	Bolsa-Atleta Nacional	
	2009	Bolsa-Atleta Nacional	
	2011	Bolsa-Atleta Nacional	
	2012	Bolsa-Atleta Nacional	
	2013	Bolsa-Atleta Internacional	
	2015	Bolsa-Atleta Internacional	34º lugar - CM
	2016	Bolsa-Atleta Pódio	
	2017	Bolsa-Atleta Internacional	15º geral - CM
	2018	Bolsa-Atleta Pódio	8º lugar - CM
	2019	Bolsa-Atleta Pódio	13º lugar - CM
	2020	Bolsa-Atleta Pódio	
Diego Hypólito	2002		5º lugar - CM
	2003		4º lugar - CM
	2005		1º lugar - CM
	2006		2º lugar - CM
	2007		1º lugar - CM
	2008		6º lugar - JO

QUADRO A7.1 – ATLETAS DE GAM CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA PÓDIO (2014-2020) E PRINCIPAIS RESULTADOS

(continuação)

Nome do atleta	Ano	Modalidades de bolsa	Principal resultado em JO e CM
Diego Hypólito	2009		9º lugar - CM
	2011	Bolsa-Atleta Olímpica	3º lugar - CM
	2012	Bolsa-Atleta Olímpica	59º lugar - JO
	2013	Bolsa-Atleta Olímpica	5º lugar - CM
	2014	Bolsa-Atleta Pódio	3º lugar - CM
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	
	2016		2º lugar - JO
	2017	Bolsa-Atleta Pódio	
	2018	Bolsa-Atleta Olímpica	
Francisco Barretto	2007	Bolsa-Atleta Internacional	
	2010		69º lugar - CM
	2011	Bolsa-Atleta Internacional	39º lugar - CM
	2012	Bolsa-Atleta Internacional	
	2013		22º lugar - CM
	2014		37º lugar - CM
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	32º lugar - CM
	2016		5º lugar - JO
	2017	Bolsa-Atleta Pódio	
	2018	Bolsa-Atleta Pódio	11º lugar - CM
	2019	Bolsa-Atleta Pódio	21º lugar - CM
2020	Bolsa-Atleta Pódio		
Henrique Flores	2013	Bolsa-Atleta Internacional	
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	
	2017	Bolsa-Atleta Pódio	
Petrix Barbosa	2005	Bolsa-Atleta Estudantil	
	2006	Bolsa-Atleta Nacional	
	2007	Bolsa-Atleta Nacional	
	2008	Bolsa-Atleta Internacional	
	2009	Bolsa-Atleta Internacional	
	2010	Bolsa-Atleta Internacional	
	2011	Bolsa-Atleta Nacional	52º lugar - CM
	2012	Bolsa-Atleta Internacional	
	2013	Bolsa-Atleta Internacional	
	2014	Bolsa-Atleta Internacional	
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	
Sérgio Sasaki	2008	Bolsa-Atleta Nacional	
	2009		19º lugar - CM
	2010		23º lugar - CM
	2011	Bolsa-Atleta Internacional	37º lugar - CM
	2012		10º lugar - JO
	2013	Bolsa-Atleta Olímpica	5º lugar - CM

QUADRO A7.1 – ATLETAS DE GAM CONTEMPLADOS PELA BOLSA-ATLETA PÓDIO (2014-2020) E PRINCIPAIS RESULTADOS

(conclusão)

Nome do atleta	Ano	Modalidades de bolsa	Principal resultado em JO e CM
	2014	Bolsa-Atleta Pódio	5º lugar - CM
	2015	Bolsa-Atleta Pódio	
	2016		9º lugar - JO

CM: Campeonato Mundial; JO: Jogos Olímpicos.

FONTE: os autores (2021).

A seguir, foram descritos os resultados individuais dos ginastas, assim como a categoria de bolsa recebida ao longo da carreira esportiva. Os atletas foram apresentados em ordem alfabética.

Ao analisar as participações internacionais do atleta Ângelo Assumpção, constata-se que, apesar de ter sido contemplado pelo PBAP, no ano de 2016, o atleta não participou de JO ou CM da modalidade. Por esse motivo, os seus resultados não foram apresentados no Quadro 1. Possivelmente, os resultados em duas etapas de Copa do Mundo, nos anos de 2015 e 2016, foram usados para qualificá-lo ao recebimento da principal bolsa do PBA. Em especial, destaca-se que Ângelo Assumpção foi campeão da prova de salto na Copa do Mundo de São Paulo (SP) em 2015. No entanto, naquele ano, os atletas brasileiros participaram do CM³² da modalidade. No ano seguinte, o atleta participou de outras duas etapas de Copa do Mundo e esteve presente em três finais por aparelho na etapa de *Cottbus* (Alemanha). Desde então, não registrou mais participações nos principais eventos internacionais da modalidade. Vale lembrar que Ângelo Assumpção foi contemplado anteriormente pela categoria Internacional do PBA, nos anos de 2011, 2012, 2014 e 2015.

O campeão olímpico nas argolas (2012) Arthur Zanetti recebeu a categoria Internacional do PBA desde 2008 até o ano de 2013, quando foi contemplado com a categoria Olímpica. Depois disso, o atleta passou a ser contemplado pelo PBAP. O único ano em que não participou do PBA, 2010, foi o mesmo em que ficou de fora do CM da modalidade. Arthur Zanetti foi quarto lugar no CM de 2009 nas argolas, aparelho em que é especialista. Em 2011, foi vice-campeão mundial nessa prova, e, no ano seguinte, o atleta consagrou-se campeão nos JO de Londres. Após essa grande conquista para a GAM do Brasil, o atleta manteve o excelente desempenho no CM de 2013 com a conquista do título das argolas. No CM de 2014, Arthur Zanetti foi vice-campeão na prova de argolas. No ano subsequente, o atleta passou da segunda

³² Em 2015, o Brasil participou da competição representado por: Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto, Lucas Bitencourt e Péricles Silva (FIG, 2021).

colocação para o nono lugar na disputa de argolas no mundial. Nos JO do Rio de Janeiro, em 2016, o atleta voltou a comparecer no pódio, ao conquistar a prata na sua especialidade. Após os JO do Rio de Janeiro, os resultados de Arthur Zanetti oscilaram na prova de sua especialidade, mas sempre entre os finalistas do aparelho nos CMs, a saber: sétimo lugar; vice-campeão; e quinto lugar nos anos de 2017, 2018 e 2019, respectivamente. Desta forma, o ginasta vem recebendo a bolsa de acordo com a sua posição internacional.

O atleta Arthur Nory recebeu a categoria Internacional do PBA nos anos de 2009, 2011 e 2012. No Evento Teste para os JO de Londres (GBR), em 2012, obteve a sua melhor colocação até então, o 12º lugar no solo. Ainda em 2012, o atleta participou dos JO da Juventude, no qual conquistou o quarto lugar no aparelho salto. A partir de 2014, Arthur Nory recebeu de maneira interrompida a bolsa do PBAP, sendo que no ano anterior teve a sua primeira participação em CM. Na ocasião, o 17º lugar individual geral garantiu a possibilidade do pleito ao PBAP. No ano seguinte, o 18º lugar na barra fixa foi a melhor posição obtida. Já em 2015, o ginasta apresentou um salto em seus resultados ao finalizar o CM em quarto lugar na barra fixa, décimo lugar no solo e 12º lugar individual geral. Como já dito anteriormente, o atleta alcançou a medalha olímpica em 2016, bronze na prova de solo, logo após ter sido contemplado pelo PBAP. Durante o ciclo olímpico 2017-2020, os melhores resultados de Arthur Nory em CMs foram: 12º lugar na prova de barra fixa (2017), 27º lugar no solo (2018), e campeão da barra fixa (2019).

Já o atleta Caio Souza foi contemplado pelo PBA desde 2008, sendo beneficiado com a bolsa da categoria nacional. A primeira participação do atleta em CM foi em 2014³³. No ano seguinte, quando contemplado pela categoria Internacional, a sua melhor posição no referido campeonato foi o 34º lugar individual geral. No ano de 2016, quando passou a receber a bolsa do PBAP, Caio Souza não representou a equipe brasileira nos JO do Rio de Janeiro (2016). Porém, o atleta esteve no principal campeonato do ano seguinte, no qual logrou as melhores posições na competição individual geral (15º lugar) e nas barras paralelas simétricas (19º lugar). Tais resultados o qualificaram para o PBAP. Em 2018 e 2019, Caio Souza se manteve entre os 20 melhores ginastas do mundo na modalidade no individual geral e obteve as seguintes melhores colocações nos respectivos CMs: 8º lugar no aparelho salto e 13º lugar individual geral.

O primeiro sul-americano medalhista mundial da GAM, Diego Hypólito, inaugurou sua participação em CMs em 2002, que finalizou em quinto lugar no solo a prova de sua especialidade. No ano seguinte, no CM de *Anaheim* (EUA) em 2003, subiu uma posição no

³³ Apesar de Caio Souza ter participado da equipe brasileira, a FIG não apresenta os resultados individuais do atleta.

mesmo aparelho, porém não foi o representante brasileiro nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004 (HYPOLITO, 2019). Na ocasião foi Mosiah Rodrigues quem representou o Brasil, atleta que conquistou a vaga individual no CM anterior. Em 2005, Diego Hypólito foi campeão mundial na disputa do solo e manteve-se no pódio no ano seguinte quando foi vice-campeão, e, mais uma vez, campeão em 2007. Nos JO de Pequim, no ano de 2008, o ginasta teve uma queda na final olímpica e encerrou a competição em sexto lugar. Mantendo-se ativo no cenário internacional da GAM, Diego Hypólito retornou ao pódio em 2011 com a conquista do bronze no solo e 11º no salto. Na segunda edição olímpica da sua carreira, na cidade de Londres, em 2012, uma queda na etapa classificatória o deixou de fora da final olímpica de solo (59º lugar). Já no ano seguinte, o ginasta voltou a disputar a final do CM e conquistou o quinto lugar no solo e sexto no salto. A partir de 2011, Diego Hypólito passou a ser beneficiado pelo PBA. Vale destacar que anteriormente o PBA era destinado exclusivamente para atletas que não recebessem patrocínios privados, e, por isso, alguns atletas não recebiam o benefício. Inicialmente, ele recebeu por três anos consecutivos a categoria Olímpica. Em 2014, quando passou a receber o PBAP, o atleta conquistou a medalha de bronze no solo e terminou em 11º lugar o salto no CM. No ano seguinte, Diego Hypólito não participou da principal competição daquele ano. Finalmente, em 2016, o atleta conquistou a então inédita medalha brasileira na prova de solo ao ficar com a prata. Entre os anos de 2017 e 2018, Diego Hypólito não participou de competições da FIG, no entanto, recebeu a categoria Olímpica do PBA em 2018. Já em 2019, o ginasta esteve presente em duas etapas de Copa do Mundo.

Em 2007, observou-se a primeira vez em que Francisco Barretto foi contemplado pelo PBA, no qual ingressou na categoria Internacional. A primeira participação do ginasta em CM ocorreu em 2010, quando obteve como melhor resultado naquele evento o 69º lugar na barra fixa. O atleta voltou a participar do PBA, sendo contemplado na categoria Internacional no período de 2011 e 2012. Em 2011, o atleta melhorou a sua posição no CM, na prova da barra fixa, ao finalizar em 39º lugar. Tendo em vista que o Brasil não conquistou a vaga por equipes para os JO de Londres, em 2012, e os resultados individuais do ginasta estavam aquém para a sua classificação, Francisco Barreto teve que postergar a sua aparição nesse megaevento esportivo. Nos três campeonatos mundiais seguintes, o ginasta oscilou entre o 22º e 37º lugar. Observa-se que, no contexto das competições analisadas nesse estudo, o melhor resultado do atleta foi no ano seguinte ao recebimento da bolsa do PBAP, nos JO do Rio de Janeiro, quando obteve o quinto lugar na barra fixa. No ano seguinte, o atleta participou de três etapas da Copa do Mundo. Na última etapa, realizada em Varna (Bulgária), Francisco Barretto sofreu uma lesão que o deixou fora do CM de 2017. Ainda assim, ressalta-se que o ginasta obteve resultados

expressivos nas etapas de Copa do Mundo de 2017 e, naquele mesmo ano, retornou ao PBAP, bolsa que recebe até então. Francisco Barreto retornou ao CM em 2018, quando obteve o 11º lugar na prova de cavalo com alças e 15º lugar na barra fixa. No ano seguinte, finalizou a principal competição em 21º lugar no cavalo com alças e contribui com a classificação olímpica da equipe brasileira.

O ginasta Henrique Flores não competiu em JO e/ou CM da modalidade. O atleta, especialista nas argolas, foi contemplado pelo PBA na categoria Internacional em 2013, e, na categoria Pódio, nos anos de 2015 e 2017. Entre os anos de 2015 e 2016, o atleta participou de três etapas da Copa do Mundo. Em 2015, Henrique Flores foi vice-campeão da etapa de São Paulo (Brasil), um feito que se repetiu na etapa de *Cottbus* (Alemanha) no ano seguinte, resultado que possivelmente tenha sido utilizado para pleitear o PBAP.

O atleta Petrix Barbosa recebeu a primeira bolsa do PBA em 2005 na categoria Estudantil. Durante os anos de 2006, 2007 e 2011, o atleta foi contemplado na categoria Nacional. Já nos anos de 2008 a 2014, exceto em 2011, o ginasta recebeu a bolsa Internacional.

Em 2012, participou do Evento Teste dos JO de Londres e a sua melhor posição individual foi o 25º lugar no cavalo com alças. No entanto, a única participação de Petrix Barbosa em CM representando o Brasil ocorreu na cidade de Tóquio, em 2011, quando o atleta obteve como melhores resultados o 52º lugar no individual geral e na barra fixa. Nos anos de 2014 e 2015, o atleta participou de etapas da Copa do Mundo tendo como melhores resultados, respectivamente, segundo lugar na barra fixa e quarto lugar na prova de cavalo com alças. Em 2015, o ginasta foi contemplado pelo PBAP, possivelmente, amparado por tais resultados. Desde 2018, Petrix Barbosa representa a seleção portuguesa de GAM, inclusive participou dos CMs de 2018 e 2019, conquistando como melhor posição o 85º lugar individual geral e o 56º lugar nas argolas.

Desde o início de sua carreira, Sérgio Sasaki foi contemplado cinco vezes pelo PBA. No ano de 2008, pela primeira vez foi apreciado com a bolsa Nacional. No ano seguinte, teve sua primeira participação em CM, quando obteve o seu melhor resultado na competição individual geral com o 19º lugar. Em 2010, a sua melhor colocação na mesma competição foi o 23º lugar na prova de salto. Em 2011, quando passou a receber a bolsa Internacional e o melhor resultado do ginasta na mesma competição foi o 37º lugar no individual geral. Nos JO de Londres (2012), Sérgio Sasaki finalizou a competição em décimo lugar no individual geral, a melhor colocação conquistada por brasileiros na prova. No CM do ano seguinte, com a bolsa Olímpica, o ginasta foi quinto lugar individual geral mundial e, também, repetiu a colocação no CM de 2014 na prova de salto. Desta forma, garantiu o recebimento do PBAP, o qual ocorreu

nos anos de 2014 e 2015. Apesar de não ter participado do CM de 2015, o ginasta participou dos JO do Rio de Janeiro (2016), no qual finalizou em nono lugar na competição do individual geral. Desde então, Sérgio Sasaki não participou de competições internacionais, pois se aposentou.

8.5 DISCUSSÃO

Partindo da hipótese inicial de que haveria certa perenidade dos atletas da GAM no PBA, buscou-se identificar, com base nos resultados esportivos desses atletas, se houve melhora no desempenho concomitantemente a uma escalada nas categorias de bolsa; ou se tornaram beneficiários apenas ao atingir as condições exigidas pelo PBAP.

Como foi possível observar, todos os ginastas brasileiros contemplados pelo PBAP (2014 – 2020) já haviam sido beneficiados por outra categoria do PBA. O que, de certa forma, afirma o êxito do PBA, afinal, demonstra que os ginastas já estavam sendo contemplados antes de chegarem ao alto rendimento. Ainda assim, é necessário lembrar que o PBA, como dito por Malagutti, Canan e Starepravo (2015), segue preceitos da meritocracia, ou seja, o atleta recebe a bolsa de acordo com os resultados por ele conquistados, seja em âmbito nacional ou internacional. Quanto melhor o resultado, maior o valor da bolsa concedida ao esportista. Tal fato foi constatado a partir dos dados aqui apresentados e corrobora com os achados de Vargas e Capraro (2020). Os autores destacaram que os atletas da seleção brasileira de GAM entendem esse processo como um estímulo ao atleta, ou seja, ele se dedica mais aos treinos e competições para manter ou, até mesmo, subir de categoria dentro do PBA.

Ainda assim, em alguns casos, os atletas apresentaram oscilações da categoria de bolsa recebida, certamente acompanhando os resultados alcançados no período anterior, inclusive após o recebimento da categoria mais alta do PBA. De maneira símile, Oliveira, Vargas e Capraro (2020), ao analisarem as atletas de ginástica artística feminina contempladas pelo PBAP, identificaram variação nas categorias de bolsa recebidas por elas. Tal oscilação deve ser observada pois indica lacunas no PBA. Não deveria o atleta manter a categoria de bolsa ou, ainda, subir de categoria ao longo dos anos de treinamento, assim como observou-se no histórico de Caio Souza? Oliveira e Bortoleto (2012) explicam que tal descontinuidade pode ser atribuída à falta de resultados satisfatórios, ou, ainda, a não participação em competições.

No entanto, é necessário refletir que atletas de elite estão sujeitos a lesões e a outras intercorrências que os fazem, por vezes, não conquistarem os melhores resultados em competições, ou, ainda, não participarem de eventos. Fato este que foi evidenciado pelo estudo

de Vargas e Capraro (2020). Os ginastas entrevistados pelos autores indicaram a necessidade de o PBA usar outros indicadores para avaliar a elegibilidade do atleta. Nessa esteira, os autores destacaram que, ao considerar apenas os resultados individuais, o PBA menospreza atletas importantes da seleção nacional. Ginastas que completam a equipe desempenham um papel primordial para o resultado da equipe, pois, no caso da GAM, são formadas por cinco atletas e as três melhores notas por aparelho são consideradas. A GAM brasileira, por exemplo, conquistou nos últimos anos resultados expressivos nas disputas por equipes, a saber: sexto lugar nos JO do Rio de Janeiro (2016); sétimo lugar por equipe no CM de 2018; e décimo lugar na mesma competição de 2019. Sendo que esse último resultado garantiu a vaga por equipes da GAM brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio (VARGAS; CAPRARO, 2020). Nesse sentido, pondera-se a necessidade de discutir os critérios de distribuição do PBA, considerando, inclusive, as especificidades dos esportes. Afinal, se é intento conquistar o maior número de medalhas olímpicas, seria necessário avaliar as reais chances de cada modalidade. Todavia, não é exatamente desta forma que o PBA funciona, o que é refletido nos dados utilizados nesta pesquisa.

Ainda assim, observou-se na presente pesquisa casos em que os atletas não haviam participado do campeonato principal da modalidade, mas foram contemplados pelo PBAP. Possivelmente, os ginastas respaldaram-se em resultados de copas do mundo e justificaram a não participação nas principais competições. Situação essa que é prevista pelo texto da lei, pois cabe à confederação esportiva indicar as competições válidas (CAMARGO; MEZZADRI, 2017), de certa forma, garantindo uma abertura para os casos omissos. A falta de documentos que possam esclarecer tais situações, como a não publicação das atas de reuniões que definem os contemplados, abre espaço para especulações. Por exemplo, quais os motivos da não participação no principal evento internacional da modalidade? O atleta sofreu alguma lesão no período? Foi uma decisão estratégica da comissão técnica? Tal dificuldade de acessar outras informações a respeito do PBA, para além das portarias e editais publicados na *homepage* do governo federal, também foi citada por Malagutti, Canan e Starepravo (2015). Os autores questionam inclusive a confiabilidade dos dados publicados.

Ao contrário desses casos em que os atletas contemplados não teriam participado da competição principal da modalidade, o atleta Diego Hypólito foi um dos ginastas brasileiros de grandes feitos internacionais que teve início tardio no PBA. Campeão mundial em 2005 e 2007, ingressou no PBA em 2011, possivelmente, conforme supracitado, pela impossibilidade de atletas patrocinados o pleitearem antes disso. Teixeira et al. (2017) indicam que mudanças ocorridas no PBA, por meio da Lei 12.395/2011, se deram para focalizar os investimentos no

esporte de alto rendimento do país, direcionando maiores recursos para as modalidades olímpicas e paralímpicas, na tentativa de melhorar a posição do país no quadro de medalhas nas próximas edições do JO. Além disso, a realização dos JO em território nacional (2016) impulsionou ações com a intenção de projetar o esporte nacional (DIAS et al., 2016; SILVA; SILVESTRE; AMARAL, 2020). Pondera-se, ainda, que, apesar da edição do Rio (2016) ter sido o melhor resultado brasileiro no quadro de medalhas, 13º lugar geral, o país não alcançou o objetivo traçado (SILVA; SILVESTRE; AMARAL, 2020).

Todavia, apenas dois entre os nove atletas analisados se destacam por se manter recebendo bolsas do PBAP por sete anos. São eles: Arthur Zanetti (2014 a 2020) e Arthur Nory (2014 a 2020). Ambos os ginastas fazem parte do seletivo grupo de atletas contemplado pelo PBAP que alcançaram o objetivo primário: a medalha olímpica. Teixeira et al. (2017) indicam que somente 0,11% dos 46.246 atletas brasileiros bolsistas, no período por eles pesquisados, conquistaram medalhas nas edições olímpicas de Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). Sendo que Arthur Zanetti conquistou 2 medalhas, do total de 51 conquistadas por brasileiros. É importante destacar que os outros sete atletas listados nesta pesquisa não apresentaram perenidade na categoria do PBAP, todavia, apresentaram uma considerável constância como bolsistas do PBA, em outras categorias – como a Internacional e a Olímpica.

Posto isto, o financiamento do governo federal brasileiro possivelmente interferiu na performance esportiva desses ginastas. Conforme explica Oliveira e Bortoleto (2009), os recursos advindos da bolsa possibilitam o atleta permanecer mais tempo em treinamento, participar de treinamentos em outros países, ter acesso a aparelhagem moderna para os treinamentos e, também, viabilizam a participação em mais competições internacionais. Por se tratar de uma modalidade em que a avaliação é em parte subjetiva, quanto mais o ginasta participar de competições e treinamentos internacionais, maior será a visibilidade dele, podendo influenciar diretamente em sua nota na competição (OLIVEIRA; NOÉ; BORTOLETO, 2019). Além disso, Oliveira e Bortoleto (2012) identificaram que os bolsistas conseguem permanecer mais tempo treinando, tendo em vista que a bolsa supre, de certa forma, a necessidade de contribuir com a renda familiar.

Embora abordem a ginástica rítmica, Paz et al. (2018) constataram que o PBA contribui diretamente na manutenção e aprimoramento de ginastas da seleção da modalidade. As ginastas entrevistadas naquela pesquisa indicaram contribuições em dois aspectos: profissional e pessoal. No primeiro, elas indicaram a compra de materiais específicos da modalidade (collants, sapatilhas, aparelhos), suplementos alimentares e despesas em competições. No segundo, elas destacaram a estabilidade financeira, que possibilita a dedicação

integral aos treinamentos. Na mesma direção, Oliveira e Bortoleto (2012) inferiram que o PBA é um fator de motivação para a manutenção do atleta em atividade, para além de auxiliar nos custos de insumos da modalidade, os entrevistados indicaram que a bolsa muitas vezes é a maior fonte de renda de ginastas brasileiros. Por outro lado, Vargas e Capraro (2020) identificaram que os atletas da seleção brasileira de GAM recebem outros incentivos financeiros, especialmente depois de chegar ao alto rendimento da modalidade, chamando a atenção para a sobreposição de ações de incentivo ao esporte no Brasil³⁴.

Vale destacar que o principal objetivo do PBAP é investir em atletas com reais chances de medalha olímpica. Neste sentido, destaca-se que Arthur Nory, Arthur Zanetti e Diego Hypolito, os três medalhistas olímpicos da GAM em 2016, estavam recebendo o benefício do PBAP na ocasião. Desta forma, corroborando com os achados de Costa et al. (2021), os quais identificaram que todos os medalhistas brasileiros nos JO do Rio de Janeiro estavam sendo apoiados pelo PBA. Além disso, os colegas representantes da equipe nacional, Francisco Barretto e Sérgio Sasaki, os quais juntos conquistaram o inédito sexto lugar por equipe (FIG, 2021), também estavam recebendo o benefício do PBAP. Ao comparar com as ginastas do setor feminino, apenas três atletas da seleção brasileira recebiam bolsa do PBAP na ocasião, no entanto, tal fato foi justificado pelos critérios para o pleito (OLIVEIRA; VARGAS; CAPRARO, 2020).

Acentua-se que a GAM foi a 19ª modalidade masculina, entre os anos de 2005 e 2011, na quantidade de distribuição das diferentes bolsas do PBA (CORRÊA et al., 2014). Porém, conforme é possível constatar no estudo de Teixeira et al. (2017), a modalidade foi a quinta que mais medalhou nos JO de Londres dentre os esportes individuais, ficando apenas atrás do judô (quatro medalhas), do boxe (três medalhas), da natação (duas medalhas) e do vôlei de praia (duas medalhas). Já nos JO do Rio de Janeiro, das 19 medalhas conquistadas por brasileiros, três foram da GAM (SILVA; SILVESTRE; AMARAL, 2020). Tal comparação levanta indícios para questionar a efetividade da distribuição dos recursos do governo brasileiro para o esporte, a partir de seus objetivos já expostos. Afinal, tal modalidade parece ser mais rentável ao governo federal quando comparada com outras modalidades com número maior de beneficiados e menos medalhas conquistadas (COSTA et al., 2021).

Outro ponto que se destaca é o fato de o PBAP se constituir como um benefício para o atleta que já está na etapa dos grandes resultados. Isso é evidenciado com base nos resultados

³⁴ Na pesquisa de Santos (2018), ao tratar do caso específico dos atletas do boxe, identifica-se, por exemplo, que alguns atletas receberam bolsas do governo federal, do estadual e do municipal. Isso pode ser pensado como uma dessas sobreposições de ações; ou seja, o governo, em diferentes níveis, direcionando recursos públicos para a mesma finalidade.

apresentados por essa pesquisa, nos quais é possível perceber que, à exceção de Francisco Barreto, os demais atletas entraram no PBAP após já apresentarem bons resultados em eventos proeminentes da modalidade. Isso permite entender que, ao ser contemplado na referida categoria, o esportista já atingiu a etapa de resultados superiores (SCHIAVON et al., 2011). Ou seja, por meio de avaliação e da construção de um modelo lógico do PBA, pode-se hipotetizar que o PBAP auxilia o atleta a se manter entre os melhores do mundo.

8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar os resultados internacionais dos ginastas brasileiros contemplados pelo PBAP, bem como o histórico do recebimento de bolsas de outras categorias do PBA recebidas ao longo da carreira esportiva, pode-se identificar que os atletas mantiveram certa perenidade enquanto beneficiários do PBA, em suas diferentes categorias, o que sinaliza uma regularidade de resultados satisfatórios para pleitear o benefício. No entanto, foi perceptível que, no caso de alguns ginastas, houve variações nas categorias da bolsa, o que indica inconstâncias nos resultados competitivos e, em alguns casos, a não participação em eventos competitivos que eram requisitos para se manter ou melhorar a categoria do auxílio recebido.

Apesar disso, os dados do estudo confirmam a plausibilidade da hipótese lançada no início do estudo de que esses auxílios financeiros são essenciais para o atleta permanecer no treinamento e nas competições, muito possivelmente, devido a questões de mercado. Tendo em vista a tendência da falta de lucratividade em torno de grande parte das modalidades no Brasil, tidas como não tradicionais (NISTA-PICCOLO; SCHIAVON, 2014) e, portanto, não populares, conta-se com um baixo número de consumidores em potencial. Nesse sentido, destaca-se a centralidade dos recursos financeiros públicos para a manutenção desses atletas, por meio, sobretudo, do PBA. Ainda assim, é importante ressaltar que o recebimento do PBAP ocorre a partir da lógica meritocrática, pois é necessário que o atleta obtenha resultado expressivo para que seja contemplado com o benefício.

Ao finalizar a análise, destaca-se a necessidade de produzir pesquisas a partir de novas fontes que possam auxiliar nas reflexões a respeito das políticas públicas para o esporte no Brasil, tendo em vista que o referido PBA é o mais representativo no país. Desse modo, sugerem-se estudos futuros que utilizem de questionários e/ou entrevistas com os atletas e treinadores de diferentes modalidades no sentido de compreender as possíveis influências desta importante política pública para o esporte brasileiro na formação esportiva.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011**. Altera as Leis nº s 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BRASIL. **Portaria nº 76, de 15 de março de 2017**. Altera a Portaria no 67, de 4 de abril de 2013, que estabelece procedimentos para seleção de atletas no âmbito do Programa Atleta Pódio, assim como estabelece modelos e critérios gerais para a elaboração do Plano Esportivo, ambos instituídos pela Lei no 12.395, de 2011. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-76-de-15-de-marco-de-2017-20832789>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BROUWERS, J.; SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. Sport-specific policies and factors that influence international success: the case of tennis. **Sport Management Review**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 343-358, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2014.10.003>.
- CAMARGO, P. R. et al. As características de distribuição de bolsas no programa bolsa-atleta referentes à idade e ao sexo dos atletas olímpicos e paralímpicos. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 18-35, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/jlass.v8i2.59190>.
- CAMARGO, P. R. et al. O financiamento público ao atleta paralímpico no Brasil: o Programa Bolsa-Atleta estimula a permanência e a melhoria dos resultados esportivos?. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 12, p. e18691210970, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10970>.
- CAMARGO, P. R. **O programa Bolsa-atleta: desenvolvimento da performance esportiva e política de Welfare State**. 2020. 190 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, 2020.
- CAMARGO, P. R.; MEZZADRI, F. M. Políticas públicas para o esporte: o programa bolsa-atleta e sua abrangência na base do handebol no Brasil. **Pensar a Prática**, Samambaia, v. 20, n. 1, p. 39-52, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i1.39927>.
- CAVILL, N. et al. An evidence-based approach to physical activity promotion and policy development in Europe: contrasting case studies. **Promotion & Education**, Paris, v. 13, n. 2, p. 104-111, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1177/10253823060130020104>.
- CHEN, S. Sport policy evaluation: what do we know and how might we move forward? **International Journal of Sport Policy and Politics**, London, v. 10, n. 4, p. 741-759, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2018.1488759>.
- COALTER, F. Sport and Social Inclusion: Evidence-Based Policy and Practice. **Social Inclusion**, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 141-149, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17645/si.v5i2.852>.

CORRÊA, A. J. et al. O Esporte brasileiro entre dilemas epistemológicos: da acusação à busca por absolvição. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 22, n. 3, p. 118-125, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v22i3.4802>.

COSTA, I. P. et al. O programa brasileiro Bolsa-Atleta: relações entre o investimento e os resultados esportivos entre 2005-2016. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 3, p. e10910312699, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.12699>.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Pesquisa**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <http://www.in.gov.br/consulta>. Acesso em: 5 nov. 2021.

DIAS, Y. R. et al. O panorama do judô no programa “Bolsa-Atleta”: uma análise entre os anos de 2011 a 2013. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 82-98, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n49p82>.

DYE, T. **Understanding public policy**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1972.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Results**. Lausanne, 2021. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/events/searchresults.php>. Acesso em: 4 nov. 2021.

FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, DF, n. 21, p. 212-259, 2009. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/89>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FUNNELL, S.; ROGERS, P. **Purposeful program theory: Effective use of theories of change and logic models**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011.

GODOY, L. **O sistema nacional de esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos**. 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

HYPOLITO, D. **Não existe vitória sem sacrifício**. São Paulo: Benvirá, 2019.

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA. **O projeto**. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/index.php/sobre/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

LINDSEY, I.; BACON, D. In pursuit of evidence-based policy and practice: a realist synthesis-inspired examination of youth sport and physical activity initiatives in England (2002–2010). **International Journal of Sport Policy and Politics**, London, v. 8, n. 1, p. 67-90, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2015.1063528>.

MALAGUTTI, J. P. M.; CANAN, F.; STAREPRAVO, F. A. La bolsa de atletas y el desenvolvimiento del deporte olímpico brasileño. **Impetus**, Villavicencio, v. 9, n. 1, p. 89-95, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.22579/20114680.133>.

MARTINSON, K.; O'BRIEN, C. Conducting Case Studies. In: **HANDBOOK of practical program evaluation**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2015. p. 177-196.

MEZZADRI, F. M. et al. Sport Policies in Brazil. **International Journal of Sport Policy and Politics**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 655-666, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2014.937737>.

MORAES E SILVA, M. et al. A configuração do ordenamento jurídico relativo ao financiamento do governo brasileiro ao esporte de rendimento : uma análise a partir da teoria dos jogos de Norbert Elias. **Lúdica Pedagógica**, Curitiba, v. 1, n. 21, p. 77-89, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17227/01214128.21ludica77.89>.

NISTA-PICCOLO, V.; SCHIAVON, L. M. A ginástica artística como proposta educacional. In: NISTA-PICCOLO, V.; TOLEDO, E. (ed.). **Abordagens pedagógicas do esporte**. Campinas: Papirus Editora, 2014. p. 97-116.

OLIVEIRA, M. E.; VARGAS, P. P. I.; CAPRARO, A. M. Análise da carreira esportiva das atletas contempladas pela Bolsa Atleta Pódio na ginástica artística feminina. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Ayres, v. 25, n. 269, p. 60-78, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v25i269.1822>.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 297-309, 2009.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Public sports policy: the impact of the athlete scholarship program on brazilian men's artistic gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 1, p. 5-19, 2012.

OLIVEIRA, M. S.; NOÉ, F. A.; BORTOLETO, M. A. C. Reflexões sobre arbitragem na Ginástica Artística Masculina do Brasil segundo a perspectiva de seus protagonistas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 27, n. 4, p. 73-84, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbcm.v27i4.10137>.

ORDONHES, M. T.; LUZ, W. R. S. DA; CAVICHIOILLI, F. R. Possíveis relações entre investimentos públicos e obtenção de resultados: o caso da natação brasileira. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 82-95, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n47p82>.

PAWSON, R. **Evidence-based policy: a realist perspective**. London: Sage, 2006.

PAZ, B. et al. A influência do programa bolsa-atleta na trajetória profissional e pessoal de atletas de ginástica rítmica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 127-142, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p127>.

REIS, F. D. G.; CAPRARO, A. M. Judocas brasileiros: um panorama sobre os atletas contemplados pelo programa bolsa-atleta pódio entre os anos de 2013 e 2018. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e72017>

SANTOS, S. C. **Lutando dentro e fora do ringue**: a perspectiva dos atletas e gestores do boxe olímpico sobre o Programa Bolsa-Atleta no ciclo olímpico Rio 2016. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SCHIAVON, L. M. et al. Etapas e volume de treinamento das ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). **Motricidade**, Vila Real, v. 7, n. 4, p. 15-26, 2011. DOI: [https://doi.org/10.6063/motricidade.7\(4\).81](https://doi.org/10.6063/motricidade.7(4).81).

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral**: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). 2009. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, D. S.; SILVESTRE, B. M.; AMARAL, S. C. F. Assessing the Timemania lottery as a sports public policy. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, p. e3131, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3131>.

STAREPRAVO, F. A. **Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil**: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico. 2011. 422 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

TEIXEIRA, M. R. et al. O programa bolsa atleta no contexto esportivo nacional. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, p. 92-109, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29nespp92>.

VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 10, p. e6969109089, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9089>.

WHOLEY, J. Exploratory Evaluation. In: HANDBOOK of Practical Program Evaluation. Chichester: John Wiley & Sons, 2015. p. 88-107.

9 CONCLUSÃO

No contexto internacional, a GAM brasileira tem conquistado resultados expressivos, acumulando, entre 2012 e 2021, quatro medalhas olímpicas e quatro em CMs. A título de exemplo, os Estados Unidos da América acumularam, no mesmo período, a mesma quantidade de medalhas que o Brasil nas competições individuais em JOs. Tal número somente foi superado pelos países que dominam a modalidade mundialmente: China (nove); Grã-Bretanha e Rússia (oito); Japão (sete); e Alemanha (cinco). Além disso, a seleção brasileira de GAM esteve representada na disputa por equipes dos JO de 2016 e 2021. Isso demonstra que o país tem obtido sucesso na modalidade.

No entanto, num país em que o futebol ocupa lugar de destaque nas mídias, na oferta de infraestrutura, no salário dos atletas e na disseminação da prática (CAVALCANTI; CAPRARO, 2016), optar por praticar uma modalidade ainda dita não convencional (NISTA-PICCOLO; SCHIAVON, 2014) é o primeiro grande obstáculo enfrentado por atletas e treinadores. Ainda que seja possível notar avanços significativos em relação à reduzida visibilidade da GAM (OLIVEIRA, 2010), sabe-se que a modalidade carece de atenção dos diversos setores da sociedade, inclusive do meio acadêmico. Além disso, há claramente um preconceito em relação a prática da ginástica por homens, o que dificulta ainda mais a sua disseminação pelo país.

Por isso, estudar a geração de sucesso da GAM brasileira se tornou alvo dessa tese, escrita em formato *multipaper*. Conforme o método preconiza, foi estabelecido um objetivo geral; nesse caso foi compreender aspectos trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes das principais competições internacionais (CM e JO) da modalidade nos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro e para Tóquio (2013-2021). Para atingir esse objetivo, foram traçados sete objetivos específicos, os quais tornaram-se artigos da coletânea.

No que tange ao formato da tese, faz-se necessário dizer que este possibilitou a publicação dos resultados parciais em tempo real e, com isso, atingir os requisitos de produção acadêmica para a defesa de doutorado impostos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR. Além disso, o trabalho dividido em artigos será divulgado para um público mais amplo, ao invés de uma longa tese, a qual, via de regra, é menos acessada para consulta (BADLEY, 2009). Por outro lado, a escrita amadureceu ao longo da pesquisa, e isso é notável na leitura dos diferentes artigos que compõem a tese. Da mesma forma, a busca constante pelo fio condutor e os ajustes nos textos submetidos após as sugestões do pareceristas tornaram-se um desafio do modelo.

Para a elaboração da pesquisa, inicialmente, observou-se a necessidade de conhecer a produção acadêmica acerca da GAM. A bibliometria indicou um aumento recente de artigos científicos que tematizam especificamente a GAM, com destaque para os anos entre 2014 e 2018. Foi possível perceber que há um grupo de autores que se debruçam acerca do tema, dentre eles destacam-se: Maurice Yeadon; Michael Hiley; Marco Bortoleto; e Ivan Čuk. Ainda no que tange a análise bibliométrica, ela se mostrou interessante por revelar as revistas com maior aceitação do tema, inclusive a única revista específica, *Science of Gymnastics Journal*. Ao analisar os temas abordados, foi possível identificar uma menor produção acerca dos aspectos sociais, históricos e políticos (13%), quando comparados aos estudos que tratam da biomecânica dos movimentos ginásticos (34%) e da arbitragem (19%). Sendo assim, o estudo revelou que existem lacunas a serem exploradas por pesquisadores da GAM.

Tendo em vista que a trajetória esportiva foi escolhida como fio condutor dessa tese, num segundo momento foi necessário realizar uma revisão, no sentido de sistematizar os principais achados sobre trajetória esportiva de ginastas. No entanto, como a bibliometria revelou parca produção específica sobre a GAM, optou-se por conduzir a revisão a respeito da GA. Dentre os pontos revelados, destaca-se o apoio dos pais como essencial para a inserção e manutenção no esporte, tanto por questões logísticas (financiamento, transporte, organização das atividades escolares) como emocionais. E o suporte financeiro e a estrutura física para o treinamento como fatores que influenciam o sucesso da GA. A boa relação entre treinador e atleta se mostrou essencial, porém, muitas vezes relatada como autoritária e abusiva. O pós-carreira foi evidenciado como uma fase conturbada em que é necessário planejamento para que ocorra de forma gradual.

Os quatro artigos seguintes da presente tese analisaram questões específicas da trajetória esportiva dos atletas, a saber: a iniciação esportiva; o apoio parental; a relação parental; e o financiamento esportivo. A elaboração dos artigos foi baseada na revisão anteriormente apresentada e o material coletado a partir das narrativas de Arthur Nory, Arthur Zanetti, Caio Souza, Francisco Barretto e Lucas Bitencourt. Inclusive, por serem ginastas de destaque internacional, houve uma certa dificuldade em acessá-los, fato esse que teria sido sobremaneira moroso se não houvesse a intermediação da SNEAR na CBG, por meio do Inteligência Esportiva.

Dessa forma, foi possível identificar questões relativas à primeira fase da trajetória esportiva. Sobre isso, evidenciou-se o papel do profissional de educação física no sentido de identificar talentos, apresentar o esporte, despertar o interesse e, ainda, encaminhar os talentos esportivos. Ainda que a literatura indique que se trata de uma modalidade precoce, a idade de

início na modalidade não se mostrou relevante na trajetória esportiva do campeão mundial da barra fixa em 2019. Por outro lado, o apoio dos pais se mostrou como fundamental para que esses atletas ingressassem e permanecessem treinando, inclusive em relação à viabilização financeira, afinal, o apoio financeiro (patrocínios e bolsas) no início da trajetória era escasso.

Na medida em que os atletas aumentaram o tempo de dedicação ao esporte, o que Cotê (1999) chamaria de fase de especialização, eles passaram a ter mais condições de treinamento e acesso a recursos financeiros. O apoio parental nessa fase se manteve importante, e o envolvimento incluiu a participação em associações esportivas e a mudança de cidade. No caso de Caio Souza, a família se mudou de Volta Redonda para o Rio de Janeiro para que ele pudesse dar continuidade aos treinamentos. Já para Francisco Barretto e Lucas Bitencourt, a família manteve-se na cidade natal, e os pais passaram a exercer uma importante função de apoio emocional.

O desenvolvimento da modalidade no país parece estar centrado em alguns clubes e associações, especificamente na região Sudeste do país, os quais tiveram uma reestruturação na infraestrutura após as primeiras conquistas internacionais dos ginastas brasileiros. Portanto, foi possível perceber os impactos do maior investimento na modalidade no país, conforme Oliveira (2010) especulou em sua dissertação. Naquele período, o autor ressaltou a dificuldade em relação à infraestrutura para os treinamentos da GAM, no entanto, o problema parece ter sido amenizado, ao menos para os atletas de elite aqui entrevistados.

Também se observou que tal centralidade está associada aos poucos treinadores, e, por isso, os entrevistados reivindicavam maior apoio financeiro aos técnicos brasileiros. Sobre a relação interpessoal com o treinador, a qual é constantemente criticada pela literatura (BORTOLETO; SCHIAVON, 2016; NUNOMURA et al., 2012), identificou-se uma mudança recente de comportamento a partir de novos padrões impostos pelos órgãos máximos vinculados ao esporte, impulsionados pelas mudanças sociais no mundo ocidental e por denúncias de abuso no esporte. Diferente do que apresenta a literatura do setor feminino (BARKER-RUCHTI et al., 2017; COSTA et al., 2020), a troca de conhecimento com treinadores estrangeiros se mostrou positiva e contribuiu para a mudança de comportamento dos treinadores brasileiros. A relação de respeito se sobressaiu, bem como o lamento pela desvalorização profissional no país.

O financiamento é tido como o principal fator de desenvolvimento esportivo de uma nação (DE BOSSCHER et al., 2015), e a presente tese foi construída dentro de uma abordagem ramificada, a qual, conforme anunciado anteriormente, tem como um dos objetivos realizar diagnósticos das principais políticas públicas para o esporte brasileiro. Sendo assim, os dois

últimos artigos se debruçaram nas questões relativas ao financiamento. Com base nas fontes orais, identificou-se que o Programa Bolsa Atleta e o Programa de Atletas de Alto Rendimento são as principais ações do governo federal brasileiro que financiam o esporte. Ainda assim, a CBG viabiliza os custos com viagens e paga salários aos principais atletas, a partir de patrocínios, entre eles o principal é o da Caixa Econômica Federal. O Clube Pinheiros e o Minas Tênis Clube, especialmente por meio do Comitê Brasileiro de Clubes, ofertam salário aos atletas de elite. Inclusive o atleta Caio Souza e o seu técnico foram contratados recentemente para representar o clube da capital mineira. Por outro lado, a iniciativa privada investe de forma individual e pontual nos ginastas brasileiros, especialmente em períodos pré-olímpicos.

Vale ressaltar que os atletas aqui estudados fazem parte do seletivo grupo de ginastas que compõem a seleção brasileira, os quais, ao menos no momento das entrevistas, estavam vinculados aos órgãos máximos da modalidade no Brasil (CBG e COB) e recebendo auxílios financeiros do Bolsa Atleta e do PAAR. Por isso, faz-se necessária a ponderação de que os discursos por eles produzidos estão diretamente relacionados com a posição ocupada por eles naquele momento.

Além de ter sido citado pelos atletas como a principal fonte de renda, o Programa Bolsa Atleta se estabelece como a principal política pública de financiamento direto ao atleta do país. Por isso, o último artigo apresentou os resultados internacionais dos atletas da GAM contemplados pela categoria Pódio do Programa Bolsa Atleta, e buscou relações com as categorias de bolsa por eles recebidas ao longo da carreira esportiva. A análise documental evidenciou que os ginastas brasileiros mantiveram certa perenidade enquanto beneficiários do Programa. Em específico a categoria Pódio se estabelece como uma espécie de gratificação ao atleta, no entanto, pode auxiliar na conquista de bons resultados em competições internacionais. Ainda assim, tendo em vista que o objetivo maior do Bolsa Atleta Pódio é conquistar medalhas olímpicas, aparentemente optar por investir em um ou outro atleta é uma tarefa difícil e, por isso, seria importante que o Governo Federal realizasse parcerias com pesquisadores específicos das modalidades.

Após as impressões gerais apresentadas, cabe nesse momento comentar que os resultados da equipe de GAM nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021) foram aquém das expectativas, especialmente por não ter convertido em medalhas. Afinal, após os JO do Rio de Janeiro, em que a modalidade faturou três medalhas e duas medalhas em CM no ciclo para Tóquio, esperava-se que Arthur Nory disputasse medalha na barra fixa e que Zanetti conquistasse a sua terceira medalha olímpica. Ainda assim, diversos fatores positivos puderam ser observados nessa participação olímpica. O resultado por equipe indicou que o Brasil tem

condições de estar entre as oito melhores do mundo, ainda que com distância significativa dos tradicionais países (Japão, China e Rússia). A participação na final individual geral do atleta estreante Diogo Soares (nascido em 2002) mostrou que há uma nova geração com condições de competitividade internacional. Além disso, o atleta natural de Piracicaba (SP) já acumula diversos resultados positivos, além de ter sido dez vezes campeão nacional; desde as categorias de base (PINHEIRO, 2020), foi terceiro lugar individual geral e segundo lugar na barra fixa dos Jogos Olímpicos da Juventude em 2018.

Ao chegar ao final da pesquisa tem-se a certeza de ter preenchido apenas algumas dentre as inúmeras lacunas a respeito da GAM. É necessário que o meio acadêmico observe a modalidade com a singularidade que merece. Ainda que seja uma modalidade “irmã” da GAF, ela guarda particularidades, que vão além da diferença dos aparelhos, conforme observou-se nos artigos apresentados. Por isso, registra-se o incentivo para que pesquisadores conduzam estudos a respeito dessa modalidade ainda pouco praticada no Brasil, a qual distribui proporcionalmente grande quantidade de medalhas em Jogos Olímpicos, a saber: seis por aparelho, uma no individual geral, e mais uma na soma por equipes, portanto, são oito chances de pódio em JO. Seria importante, por exemplo, ouvir atletas que não chegaram à elite do esporte; entrevistar treinadores de categorias de base e da seleção brasileira também poderia ser um terreno fértil para a compreensão do fenômeno; familiares de atletas certamente ajudariam na compreensão das barreiras e facilitadores encontrados para o desenvolvimento de ginastas no país. Além do mais, a análise e interpretação de dados acerca da governança, recursos humanos, instalações e cultura esportiva municipais para o esporte brasileiro, como se tem na plataforma do Inteligência Esportiva, seria de grande valia para a compreensão de diversos aspectos que circundam o desenvolvimento do esporte.

Com base nos resultados dessa tese, sugere-se para aqueles que estão interessados em desenvolver a GAM: as crianças devem ter contato com diferentes práticas esportivas, seja na escola ou fora dela, para assim poder primeiro vivenciar e depois definir o esporte; a cultura esportiva nacional deve ser priorizada, já que os pais que acreditam nos valores do esporte tendem a oferecer e viabilizar condições para a manutenção no treinamento; é importante que haja uma valorização dos heróis olímpicos, eles incentivam a busca pela modalidade, especialmente no caso de modalidades menos conhecidas, como a GAM; os professores/profissionais de educação física são importantes agentes na identificação e desenvolvimento de talento e condutores de um atleta para a elite, por isso, é necessário investir na formação e no retorno financeiro desses profissionais; os incentivos financeiros aos atletas estão centralizados na elite, onde parece haver uma sobreposição de ações, invertendo a

pirâmide esportiva, diante disso, recomenda-se o cruzamento de informações, a divisão da responsabilidade entre governos federal, estadual e municipal, e a maior oferta de recursos para a base esportiva; a necessidade de mudança de cidade para treinar em estrutura física adequada pode ser um fator limitante na GAM, então, a criação de centros de excelência com profissionais capacitados poderá ser uma alternativa para a popularização da modalidade; a participação em treinamentos e competições internacionais é fundamental para o aperfeiçoamento dos treinadores e o desenvolvimento dos atletas, sendo assim, a viabilização de tais intercâmbios é fortemente recomendada.

De volta ao objetivo geral da pesquisa é possível afirmar que a trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes das principais competições internacionais nos ciclos olímpicos para o Rio de Janeiro e para Tóquio (2013-2021), é um fenômeno complexo e multidimensional. Isso porque claramente não há um modelo de formação esportiva para a GAM no país, mas os aspectos das trajetórias esportivas analisadas se relacionam e, ao mesmo tempo, são fortemente influenciados pelo passado, presente e futuro dos atletas (HENRIKSEN, 2015). Além disso, os domínios da vida privada, do estudo e do esporte, tanto em micro, meso ou macro nível se mostraram relevantes para a construção da carreira esportiva de sucesso (DE BOSSCHER et al., 2015). Portanto, mais do que ancorar-se em uma teoria específica sobre o tema, mostrou-se aqui aspectos comuns das diferentes abordagens que convergem para a análise da carreira dos ginastas brasileiros.

Por fim, durante a investigação do processo de iniciação esportiva, abordar as questões emocionais, especialmente no que tange ao apoio familiar e ao relacionamento com o treinador, e considerar os fatores financeiros, propicia o entendimento da complexidade individual dos atletas, que, assim como qualquer outro ser humano, no sentido social, são fortemente influenciados pelo ambiente, pelo sistema e pelas oportunidades.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. Equipe masculina de ginástica garante vaga nas Olimpíadas de Tóquio. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 7 out. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/equipe-masculina-de-ginastica-garante-vaga-nas-olimpiadas-de-toquio-1.370922>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- BADLEY, G. Publish and be doctor-rated: the PhD by published work. **Quality Assurance in Education**, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 331-342, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1108/09684880910992313>.
- BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Learning from the experts: Practice activities of expert decision makers in sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Washington, DC, v. 74, n. 3, p. 342-347, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1080/02701367.2003.10609101>.
- BAKER, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Patterns of early involvement in expert and nonexpert masters triathletes. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Washington, DC, v. 77, n. 3, p. 401-407, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/02701367.2006.10599375>.
- BARKER-RUCHTI, N. et al. "Gymnasts Are Like Wine, They Get Better With Age": Becoming and Developing Adult Women's Artistic Gymnasts. **Quest**, Champaign, v. 69, n. 3, p. 348-365, 2017. DOI: [10.1080/00336297.2016.1230504](https://doi.org/10.1080/00336297.2016.1230504).
- BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, Champaign, v. 14, Suppl. 1, p. S178-S182, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/17461391.2012.671368>.
- BARROS, T. E. S. et al. Análise das publicações científicas sobre ginástica artística. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 67-81, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n47p67>.
- BITENCOURT, L. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://m.facebook.com/pg/bitencourt oficial/posts/>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- BLACKWELL, R. In: CRISTINE, M. Ginasta Francisco Barretto aumenta número de seguidores e se impressiona: 'É muito louco isso'. **Extra**. Rio de Janeiro, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/rio-2016/ginasta-francisco-barretto-aumenta-numero-de-seguidores-se-impressiona-muito-louco-isso-19936310.html>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- BORTOLETO, M. A. C.; SCHIAVON, L. M. Artistic gymnastics - why do coaches resist change? **Sports Coaching Review**, [Oxford], v. 5, n. 2, p. 198-201, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1201360>.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

CAIO Souza conquista três ouros, e Brasil leva 11 medalhas no último dia do Pan de Ginástica. **GE**. São Paulo, 6 jun. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/caio-souza-conquista-tres-ouros-e-brasil-leva-10-medalhas-no-ultimo-dia-do-pan-de-ginastica.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2021.

CARBINATTO, M. V. et al. Campos de atuação em ginástica: Estado da arte nos periódicos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 917-928, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.61648>.

CARRARA, P. et al. The cross on rings performed by an Olympic champion. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 71-77, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100071>.

CAVALCANTI, E. DE A.; CAPRARO, A. M. O mito do herói: uma análise a partir do discurso da Folha de S.Paulo acerca do caso Ronaldo na Copa do Brasil de 2009. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 611-618, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000300611>.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Catálogo de teses e dissertações**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

COSTA, V. R. et al. “Puppets” in women’s artistic gymnastics: the coach-gymnast relationship from Pierre Bourdieu’s lens. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 12, n. 3, p. 367-380, 2020.

COSTA, W. N. G. Dissertações e teses Multipaper: uma breve revisão bibliográfica. **SESEMAT**, Campo Grande, v. 8, n. 1, p. 1-10, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/3086>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy**, London, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2014.919338>.

DE BOSSCHER, V. et al. A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly**, Köln, v. 6, n. 2, p. 185-215, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/16184740600955087>.

DE BOSSCHER, V. et al. Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 113-136, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2009.01.001>.

DE BOSSCHER, V. et al. **Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. London: Meyer & Meyer Sports, 2015.

DUFFY, P. J. et al. How we got here: Perceived influences on the development and success of International athletes. **Irish Journal of Psychology**, Dublin, v. 27, n. 3/4, p. 150-167, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/03033910.2006.10446238>.

FARROW, D.; BAKER, J.; MACMAHON, C. **Developing sport expertise**. 2nd. ed. London: Routledge, 2013.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Results**. Lausanne, 2021. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/events/searchresults.php>. Acesso em: 4 nov. 2021.

HENRIKSEN, K. Developing a High-Performance Culture: A Sport Psychology Intervention From an Ecological Perspective in Elite Orienteering. **Journal of Sport Psychology in Action**, Philadelphia, v. 6, n. 3, p. 141-153, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/21520704.2015.1084961>.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Successful talent development in track and field: considering the role of environment. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, Copenhagen, v. 20, suppl. 2, p. 122-132, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2010.01187.x>.

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA. **O projeto**. Curitiba, 2021. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/index.php/sobre/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Frequently Asked Questions about the Olympic Games Tokyo 2020**. Lausanne, 8 May 2020. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/ioc/tokyo-2020-q-a>. Acesso em: 21 nov. 2021.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic movement**. Lausanne, 2021. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/olympic-movement>. Acesso em: 18 nov. 2021.

LAW, M. P.; CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Aachen, v. 5, n. 1, p. 82-103, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2008.9671814>.

LIMA, G. Caio Souza briga por medalhas no individual geral em Stuttgart. **Agência Olímpica**. [S. l.], 10 out. 2019. Disponível em: <https://agenciaolimpica.com.br/ginastica/ginastica-artistica/15480/caio-souza-briga-por-medalhas-no-individual-geral-em-stuttgart/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MACNICOL, I. In: ADAMI, M. Ginasta Arthur Nory teve de superar 'birra' do pai judoca para mudar de esporte. **Torcedores.com**. [São Paulo], 12 dez. 2015. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2015/12/ginasta-arthur-nory-teve-de-superar-birra-do-pai-judoca-para-mudar-de-esporte>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MATHEUS, T. Militar da FAB é eleito melhor atleta Pan-Americano de 2019. **Força Aérea Brasileira (FAB)**. Brasília, DF, 23 dez. 2019. Disponível em: <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/35205/ESPORTE - Militar da FAB é eleito melhor atleta Pan-Americano de 2019>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MEZZADRI, F. M. et al. Sport Policies in Brazil. **International Journal of Sport Policy and Politics**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 655-666, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2014.937737>.

MORAES E SILVA, M. et al. A configuração do ordenamento jurídico relativo ao financiamento do governo brasileiro ao esporte de rendimento : uma análise a partir da teoria dos jogos de Norbert Elias. **Lúdica Pedagógica**, Curitiba, v. 1, n. 21, p. 77-89, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17227/01214128.21ludica77.89>.

NISTA-PICCOLO, V.; SCHIAVON, L. M. A ginástica artística como proposta educacional. In: NISTA-PICCOLO, V.; TOLEDO, E. (ed.). **Abordagens pedagógicas do esporte**. Campinas: Papirus Editora, 2014. p. 97-116.

NUNOMURA, M. et al. Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 678-689, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000400006>.

OLIVEIRA, L. M. et al. A ginástica como tema de investigação nos programas de pós-graduação em educação física no Brasil (1980-2020). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e009321>

OLIVEIRA, M. S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008**. 2010. 270 F. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 297-309, 2009.

PAZ, B. et al. A influência do programa bolsa-atleta na trajetória profissional e pessoal de atletas de ginástica rítmica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 127-142, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p127>.

PEACOCK, S. The PhD by publication. **International Journal of Doctoral Studies**, Santa Rosa, v. 12, p. 123-134, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.28945/3781>.

PINHEIRO, G. Atrás da medalha, Zanetti arrisca nas argolas, mas cai na saída e fica em 8°. **Olimpiada Todo Dia**. São Paulo, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/toquio-2020/360417-arthur-zanetti-arrisca-para-a-medalha-mas-cai-na-saida-e-fica-fora-do-podio/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

PINHEIRO, G. Quem é Diogo Soares? Conheça a promessa do Brasil. **Olimpiada Todo Dia**. São Paulo, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/ginasticaartistica/211359-quem-e-diogo-soares-conheca-a-promessa-do-brasil/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium>. Acesso em: 18 nov. 2021.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU-SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA (PPGEF). **Instrução Normativa nº 01/2017-Pef - Modelo Escandinavo**. Maringá: UEM; Londrina: UEL, 2017. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/ppgef/portal/pages/arquivos/Arquivos UEL/MODELO ESCANDINAVO 31-01-17.pdf](http://www.uel.br/pos/ppgef/portal/pages/arquivos/Arquivos%20UEL/MODELO%20ESCANDINAVO%2031-01-17.pdf). Acesso em: 18 nov. 2021.

PUBLIO, N. S. Ginástica Artística (GA). In: DACOSTA, L. (org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 8224-8225.

REBELLO, H.; GUERRA, M. Arthur Nory voa na barra fixa, crava série e fatura o ouro no Mundial de Ginástica. **GE**. São Paulo, 13 out. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/ginastica-artistica/noticia/arthur-nory-voa-na-barra-fixa-crava-serie-e-fatura-o-ouro-no-mundial-de-ginastica.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2021.

RETOS. Murcia, 2021. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/index>. Acesso em: 18 nov. 2021.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe>. Acesso em: 18 nov. 2021.

ROBAYO, L. In: TORRALBA, K. Astro nas argolas, Zanetti pode ganhar 1ª medalha em outro aparelho no Pan. **Uol**. São Paulo, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2019/07/29/astro-nas-argolas-zanetti-pode-ganhar-1-medalha-em-outro-aparelho-no-pan.htm>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)**. 2009. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SCIENCE OF GYMNASTICS JOURNAL. Ljubljana, 2021. Disponível em: <https://www.fsp.uni-lj.si/en/research/scientific-magazines/science-of-gymnastics/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SIERRA, M. F. **A trajetória de formação de atletas de ginástica artística feminina na perspectiva de treinadores**. 2019. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SIMÕES, R. et al. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 183-198, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100183>.

SPORTS COACHING REVIEW. [Oxford], 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/rspc20/current>. Acesso em: 18 nov. 2021.

STAMBULOVA, N. B.; RYBA, T. V.; HENRIKSEN, K. Career development and transitions of athletes: the International Society of Sport Psychology Position Stand Revisited. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Aachen, v. 19, n. 4, p. 524-550, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2020.1737836>.

TEIXEIRA, M. R.; MATIAS, W. B.; MASCARENHAS, F. O esporte olímpico no Brasil: recursos financeiros disponibilizados para Olimpíadas Londres 2012. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 284-290, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.004>.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infânica: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, p. 159-176, 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/166>. Acesso em: 20 nov. 2021.

VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. "Não existe vitória sem sacrifício": resenha da autobiografia de Diego Hypólito. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/35501>. Acesso em: 18 nov. 2021.

ANEXO I – Comprovante de publicação - Artigo 1

Vargas P.I., Capraro A.M.: THE PROFILE OF THE ACADEMIC PRODUCTION ON MEN'S ... Vol. 12 Issue 3: 419 - 430

THE PROFILE OF THE ACADEMIC PRODUCTION ON MEN'S ARTISTIC GYMNASTICS FROM THE WEB OF SCIENCE AND SCOPUS

Pauline Iglesias Vargas, André Mendes Capraro

Faculty of Physical Education, Federal University of Paraná, Brazil

Original article

Abstract

The objective of this study was to describe the scientific production on men's artistic gymnastics (MAG) in journals indexed on the Scopus and Web of Science platforms. To this end, we searched on both platforms for the keywords "men's artistic gymnastics" and "male artistic gymnastics", with a non-specified date range. After applying the exclusion criteria, 52 scientific articles were found, distributed between 1994 and 2019. The year with the highest number of publications so far is 2018, with emphasis on the period between 2014 and 2018. The authors who contributed the most were Maurice Yeadon and Michael Hiley (both from British universities), Marco Bortoleto (from Brazil), and Ivan Čuk (from Slovenia). There is a predominance of MAG-related articles in the Science of Gymnastics Journal (21%), followed by the Journal of Biomechanics (7%). The articles deal with the biomechanics of gymnastics (34%), the rules of the sport and its judging (19%), the social, historical and political aspects of gymnastics (14%), morphological characteristics of athletes (10%), athletes' health (10%), gymnastics training aspects (8%), and finally, analyses of athletes' age over the years (6%).

Keywords: *scientific production, bibliometric, web of science, scopus.*

ANEXO II – Comprovante de publicação - Artigo 2

THE SPORTING TRAJECTORY OF ELITE ATHLETES IN ARTISTIC GYMNASTICS: A SYSTEMATIC REVIEW

**Pauline Iglesias Vargas, Fabiana Della Giustina dos Reis, Neiva Leite,
André Mendes Capraro**

Federal University of Paraná, Faculty of Physical Education, Brazil

Review article

DOI:10.52165/sgj.13.3.337-355

Abstract

Sporting success may be influenced by several factors, the magnitudes of which are revealed throughout the athletes' training process. This study sought to systematically review research that deals qualitatively with the sporting trajectory of elite athletes in artistic gymnastics (AG). The searches were conducted in the Web of Science and Scopus databases, contemplating studies published before July 2020. Data extraction was organized according to the focus and location of the study (context), participants, and methodology used, whereby we analyzed the variables associated with the athletes' trajectory. We located 318 articles and, after applying the inclusion and exclusion criteria, 15 original studies were selected for the review. The articles used semi-structured interviews with athletes, former athletes, coaches, referees, and managers. In two studies, the authors used methodological assumptions of oral history: one of them documental analysis, and the other ethnography. The systematic review revealed that parental support is essential for insertion and retention in the sport, both for logistical (financing, transportation, organization of school activities) and emotional reasons. Financial support and good training facilities are factors that positively influence success in AG. A healthy relationship between the coach and the athlete is essential, but this relationship is often reported as authoritarian. The post-career phase must be planned and guided so that the transition happens gradually and the athlete is able to seek a new identity.

Keywords: *gymnastics, career, athletes, review.*

ANEXO III – Comprovante de publicação - Artigo 6

Research, Society and Development, v. 9, n. 10, e6969109089, 2020
(CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9089>

O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística

Financial support in the sports trajectory of athletes of the Brazilian selection of artistic gymnastics

Apoyo financiero en la trayectoria deportiva de atletas de la selección brasileña de gimnasia artística

Recebido: 06/10/2020 | Revisado: 09/10/2020 | Aceito: 13/10/2020 | Publicado: 15/10/2020

Pauline Iglesias Vargas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6756-4674>

Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: piglesiasvargas@gmail.com

André Mendes Capraro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3496-3131>

Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: andrecapraro@gmail.com

Resumo

A equipe de ginástica artística masculina do Brasil conquistou resultados expressivos em eventos internacionais nos últimos anos. Partindo do pressuposto que o financiamento é um dos principais pilares para o desenvolvimento esportivo de uma nação, o presente artigo buscou descrever, a partir do discurso dos atletas, o suporte financeiro recebido por ginastas brasileiros durante as suas trajetórias esportivas. Para tanto, foram entrevistados os cinco ginastas que representaram o Brasil nos campeonatos mundiais do ciclo olímpico para os Jogos de Tóquio. A análise de conteúdo revelou que o início da carreira foi permeado por dificuldades financeiras; o Programa Bolsa-Atleta e o Programa de Atletas de Alto Rendimento são as principais ações do governo federal que financiam o esporte; a Confederação Brasileira de Ginástica viabiliza os custos com viagens e salários aos principais atletas, a partir de algumas parcerias; alguns clubes ofertam salário aos atletas já prontos; a iniciativa privada investe de forma individual e pontual. Foi possível identificar que há uma sobreposição de ações para o financiamento do atleta de alto rendimento no país.

Palavras-chave: Apoio financeiro; Esportes; Entrevista.

ANEXO IV – Comprovante de publicação - Artigo 7



RESULTADOS DOS ATLETAS BRASILEIROS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA CONTEMPLADOS PELA BOLSA ATLETA PÓDIO

 **Pauline Peixoto Iglesias Vargas**
Doutoranda em Educação Física
Universidade Federal do Paraná
piglesiasvargas@gmail.com

 **Natasha Santos-Lise**
Doutora em Educação Física
Universidade Estadual de Ponta Grossa
natashalise@uepg.br

 **Fernando Marinho Mezzadri**
Doutor em Educação Física
Universidade Federal do Paraná
mezzadri@ufpr.br

 **André Mendes Capraro**
Doutor em História
Universidade Federal do Paraná
andrecapraro@gmail.com

Resumo

Objetivo do estudo: Trata-se de um estudo¹ de caso com base em evidências que apresentou os resultados internacionais dos atletas de ginástica artística masculina contemplados pelo Bolsa Atleta Pódio e buscou relações com as categorias de bolsa por eles recebidas ao longo da carreira esportiva; para definir questões e hipóteses que auxiliem na avaliação do referido Programa.

Metodologia/Abordagem: A partir da análise documental identificou-se nove ginastas contemplados entre os anos de 2014 e 2020. Para realizar a coleta de dados dos resultados dos atletas, buscou-se as melhores colocações deles nas principais competições internacionais.

Originalidade/Relevância: O Programa Bolsa-Atleta é a principal política pública nacional de financiamento direto ao atleta, porém é escasso a produção científica que avalia, baseado em evidências, os resultados do Programa.

Principais resultados: Pode-se inferir que: dentre o total de nove atletas, dois não participaram de Jogos Olímpicos e/ou Campeonatos Mundiais; os resultados internacionais dos ginastas, assim como as categorias de bolsa por eles recebidas sofrem oscilações; os medalhistas olímpicos (Diego Hypólito, Arthur Zanetti e Arthur Nory) estavam recebendo o benefício da Bolsa Pódio na ocasião.

Contribuições teórico-metodológicas: Evidencia-se que os atletas da ginástica artística masculina mantiveram certa perenidade enquanto beneficiários do Programa Bolsa-Atleta. Em específico a categoria Pódio se estabelece como uma espécie de gratificação ao atleta, no entanto, pode auxiliar o atleta na conquista de bons resultados em competições internacionais.

Palavras-chave: Bolsa-atleta. Ginástica artística masculina. Governo federal. Políticas públicas. Carreira esportiva.

Cite como

American Psychological Association (APA)

Vargas, P. P. I., Santos-Lise, N., Mezzadri, F. M., & Capraro, A. M. (2022, jan./abr.). Resultados dos atletas brasileiros de ginástica artística masculina contemplados pela bolsa atleta pódio. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, São Paulo, 11(1), 121-144. <https://doi.org/10.5585/podium.v11i1.19564>.